ESPECIAL

Quem é quem PLACAR

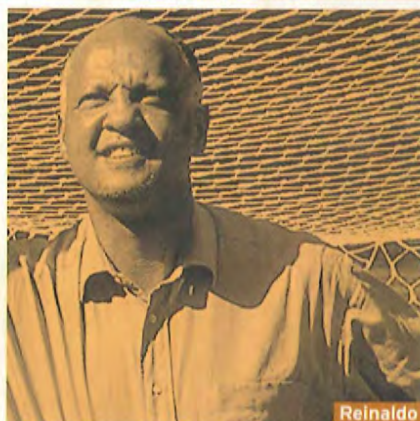
Abril 50 anos

www.placar.com.br

Zico

Pelé

Guilherme

Ronaldinho

Reinaldo

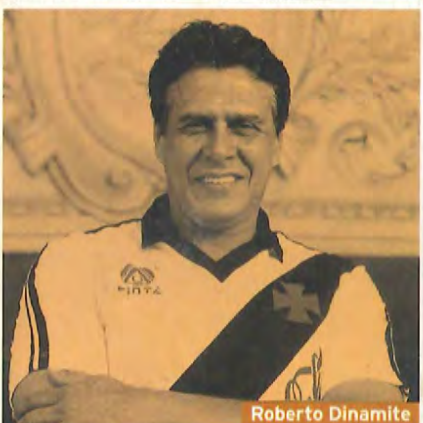
Raí

Ademir da Guia

Luisinho

Bobô

Tostão

Alex

Sicupira

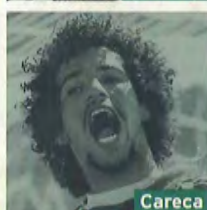
Romário

Roberto Dinamite

Sócrates

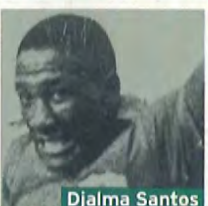
Renato

Dida

Nílton Santos

Careca

581 craques do Brasil

R$ 3,90

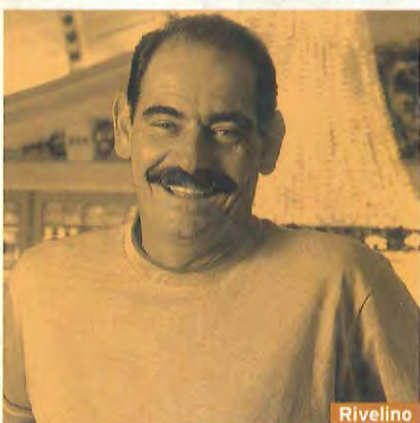
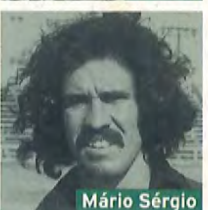
PLACAR ELEGE OS MAIORES DA HISTÓRIA DO SEU CLUBE: PERFIS, CURIOSIDADES E ESTATÍSTICAS

ISSN 14152401
9 771415 240008 00032
5684/1 ed. 1165

Bita

Dicá

Falcão

Djalma Santos

Fedato

Tará

Mário Sérgio

Rivelino

Fundador
VICTOR CIVITA
(1907 - 1990)

PRESIDENTE E EDITOR: Roberto Civita
VICE-PRESIDENTE E DIRETOR EDITORIAL: Thomaz Souto Corrêa
VICE-PRESIDENTE EXECUTIVO: Luiz Gabriel Rico
VICE-PRESIDENTE DE OPERAÇÕES: Gilberto Fischel

DIRETOR DE PUBLICIDADE: Celso Marche
DIRETOR DE DESENVOLVIMENTO EDITORIAL: Celso Nucci Filho
SECRETÁRIO EDITORIAL: Eugênio Bucci
DIRETOR DE SERVIÇOS EDITORIAIS: Henri Kobata
DIRETOR DE RECURSOS HUMANOS: Marcel Caig
DIRETOR DE PLANEJAMENTO E CONTROLE DE GESTÃO: Maurício Dabul

PLACAR
Especial

DIRETOR EDITORIAL: Paulo Nogueira

DIRETOR SUPERINTENDENTE: Nicolino Spina

DIRETOR DE REDAÇÃO: Sérgio Xavier Filho

DIRETORA DE ARTE: Cristina Veit
REDATOR-CHEFE: André Fontenelle
EDITOR DE FOTOGRAFIA: Ricardo Corrêa Ayres
EDITOR SÊNIOR: Celso Unzelte e Paulo Vinícius Coelho
EDITORES ESPECIAIS: Fabio Volpe e Arnaldo Ribeiro
REPÓRTER: Rodolfo Rodrigues e Manoel Coelho
SUBEDITOR DE FOTOGRAFIA: Alexandre Battibugli
CHEFE DE ARTE: Fábio Bosquê Ruy
DIAGRAMADORES: André Koguti e Vanina Binda Batista
ATENDIMENTO AO LEITOR: Silvana Ribeiro
COLABORADORES: Eduardo Cordeiro, Edson Cruz, Lédio Carmona, Marcelo Costa, Nico Noronha (Texto), Fernando Morra (Diagramação)

PRESIDÊNCIA: Roberto Civita, *Presidente e Editor*, José Augusto Pinto Moreira e Thomaz Souto Corrêa, *Vice-Presidentes Executivos*
VICE-PRESIDENTES: Geraldo Nogueira de Aguiar, Giancarlo Civita, José Wilson Armani Paschoal, Luiz Gabriel Rico, Peter Rosenwald

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Paulo Vinícius: noites e noites de trabalho

ROGÉRIO PALLATTA

A equipe que pariu 581 biografias

Quem fez história

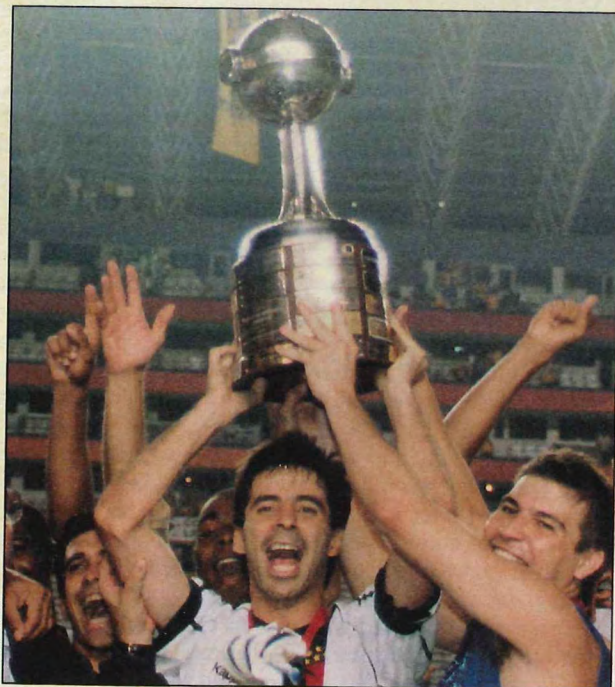
Já sabíamos que o Brasil tinha uma penca de técnicos. Agora descobrimos que temos também milhões de historiadores. Bastava os amigos, conhecidos (e desconhecidos) saberem que estávamos preparando uma edição especial com os 50 craques da história dos grandes clubes do Brasil que choviam listas para a redação. E protestos: "O que, o Nardela não consta na lista dos 50 do Grêmio? Que absurdo!" Ou o fã-clube do Careca, que não abria mão de vê-lo número 1 do São Paulo.

Confusões à parte, a discussão é apaixonante, contagiante. Eleger os craques que construíram a história dos clubes sempre dá pano para manga. Quando esta edição nasceu de nossas discussões de bar já desconfiávamos que a coisa prometia. O plano era eleger os 50 jogadores de Flamengo, Fluminense, Vasco, Botafogo, Atlético-MG, Cruzeiro, Corinthians, Palmeiras, São Paulo, Internacional e Grêmio. E os dez mais de Bahia, Vitória, Sport, Santa Cruz, Náutico, Coritiba, Atlético-PR, Guarani, Ponte Preta, Portuguesa e América-RJ. O critério passava mais pelo que cada boleiro fez pelo clube em questão, não pelo conjunto da obra em sua carreira. Rivaldo, por exemplo, começou no Santa Cruz, mas só foi brilhar mesmo no Palmeiras. E assim escrevemos as 710 biografias — epa, não são 581 craques, como promete a capa? Pois é, vários jogadores aparecem em mais de um clube. Paulo César Caju está no Flamengo, Fluminense, Botafogo e Grêmio, por exemplo.

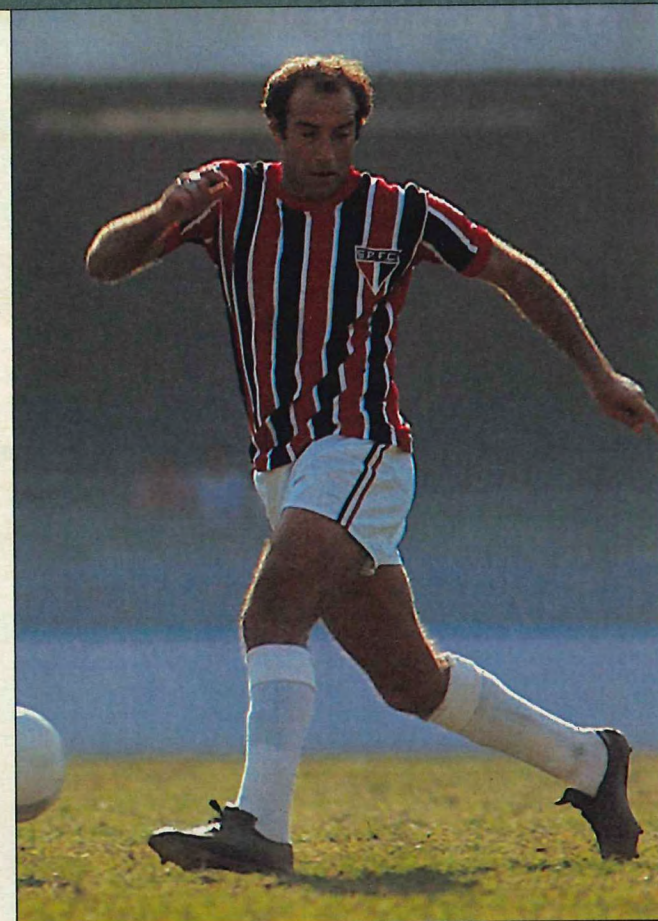
Se escolher os jogadores já foi um parto, o que dizer então da execução do trabalho? Não bastava contar a história de cada um, precisávamos deixar bem claro porque diabos ele foi fundamental na vida do clube. O editor-sênior Paulo Vinícius Coelho virou noites à procura de histórias originais e tirou o sono do colaborador Fernando Morra, que precisava mudar as páginas a cada nova descoberta. A busca de dados que faltavam consumiu a juventude do repórter Eduardo Cordeiro. Para saber em que dia nasceu Gena, oitavo na lista do Náutico, Edu desobedeceu ordens médicas. O ex-jogador estava saindo da UTI do Hospital Oswaldo Cruz, em Recife, após um transplante de rim, e precisávamos fechar a edição. O jeito foi convencer um enfermeiro a interrogar Gena. Para fotografar o primeiro da lista de cada um dos 12 clubes de maior torcida, o esmero foi igual. Chegamos ao requinte de levar Rivelino ao Rio, apenas para fotografá-lo nas Laranjeiras que o consagraram.

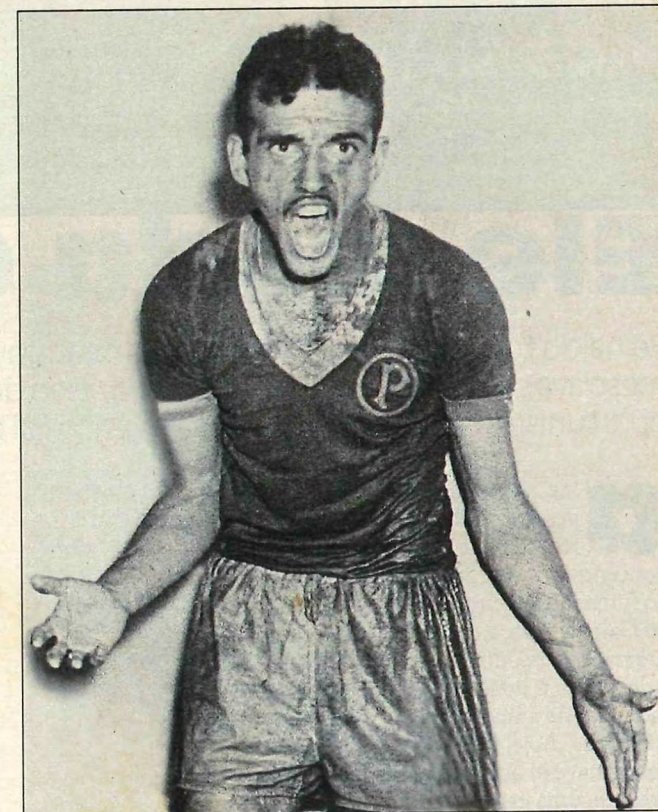
O resultado de tudo isso está nas próximas páginas. Não deixe de ler o texto do redator-chefe André Fontenelle sobre Dinamite no Vasco, carregado de recordações da infância. Também vale prestar a atenção nas linhas sobre Ademir da Guia no Palmeiras, o craque esquecido. Melhor, leia tudo. Vale a pena.

SÉRGIO XAVIER FILHO, DIRETOR DE REDAÇÃO

RICARDO CORRÊA

RENATO É UM DOS RAROS JOGADORES QUE FIGURAM NAS LISTAS DE QUATRO CLUBES DIFERENTES: FLU (ACIMA), FLA, GRÊMIO E CRUZEIRO. MAURO GALVÃO (AO LADO, À ESQUERDA) E PAULO CÉSAR CAJU (À DIREITA) TAMBÉM EMPLACAM QUATRO

ÉDISON VARA

RODOLPHO MACHADO

GÉRSON (AO LADO) FOI ÍDOLO POR ONDE PASSOU. POR ISSO ESTÁ ENTRE OS 50 MELHORES DE FLAMENGO, BOTAFOGO, SÃO PAULO E FLUMINENSE. MESMO CASO DE JAIR ROSA PINTO (ABAIXO), HERÓI DE FLAMENGO, VASCO, SANTOS E PALMEIRAS

EUGÊNIO SÁVIO

Ele ainda é o rei

Reinaldo foi uma síntese dos grandes centroavantes da história atleticana: mesclava a classe de Mário de Castro, a visão de Carlyle, a magia de Ubaldo e o oportunismo de Dario. Com ele, o Atlético foi oito vezes campeão mineiro

Ah... Se a medicina esportiva fosse tão desenvolvida naquela época... José Reinaldo de Lima, o Reinaldo, foi um dos centroavantes mais completos da história do futebol brasileiro e o maior ídolo da torcida do Galo de Guará, Zé do Monte, Kafunga, Cerezzo, entre outros. Mas os seus joelhos não o deixaram ir mais longe. Teve de extrair os meniscos de ambos e quatro cirurgias malsucedidas (hoje, problemas perfeitamente contornáveis) acabaram abreviando, de forma precoce, uma carreira de gols e dores.

O GRITO DA TORCIDA ATLETICANA TORNOU-SE CÉLEBRE: "REI, REI, REI, REINALDO É NOSSO REI"

Para ofender o jogador e os atleticanos, os adversários, principalmente os cruzeirenses, chamavam o craque de "bichado" quando o problema clínico tornou-se crônico e as pernas, cansadas de apanhar dos zagueiros, já não acompanhavam a rapidez de seu raciocínio.

Mas Reinaldo tornou-se célebre por outro grito de guerra, que ecoava invariavelmente nas tardes de domingo, no Mineirão. "Rei, rei, rei! Reinaldo é o nosso rei", cantava a massa atleticana. O apelido caía sob medida para o futebol majestoso do artilheiro dos gols bonitos. Ele foi o Tostão do Atlético-MG e seus gols fizeram com que o Galo recuperasse a hegemonia no futebol mineiro, para desespero dos cruzeirenses.

Reinaldo chegou menino ao Atlético, aos 14 anos, vindo de Ponta Nova, onde defendeu o Primeiro de Maio e o Pontenovense. Cercado por recomendações, o garoto fez o seu teste num treino dos adultos. O técnico Barbatana queria conferir se ele era mesmo um fenômeno. E era. Barbatana não se decepcionou. Reinaldo acabou com os beques titulares e marcou três gols, mostrando a que veio. Acabado o treino, Barbatana pegou-o pela mão e levou-o até a diretoria para acertarem o seu primeiro contrato: 100 cruzeiros por mês, comida e cama. Não poderia deixar aquela pérola escapar.

Aos 16 anos, já disputava o Campeonato Brasileiro de 1973 pelo clube, marcando sete dos 288 gols que fez pelo Galo, recorde absoluto na história do clube. Ficou para a história seu gesto característico de comemoração: braço direito erguido, punho cerrado, saltitante. Não importa se o gol era de pênalti ou de placa. A celebração era sempre a mesma.

Com ele comandando o ataque, o Atlético foi oito vezes campeão mineiro, com seis títulos consecutivos (entre 1978 e 1983), deixando o Cruzeiro num jejum interminável.

Foi o artilheiro do Campeonato Brasileiro de 1977, com 28 gols, um recorde só batido por Edmundo, do Vasco, 20 anos depois. Mas Reinaldo não guarda boas lembranças daquela competição. Suspenso às vésperas da final com o São Paulo, por agressão a um zagueiro do Fast Club, de Manaus, ele teve de assistir o seu time ficar num modorrento 0 x 0 e perder o caneco nos pênaltis. Com Reinaldo, a história, com certeza, seria outra.

Era o centroavante preferido pelo também mineiro técnico Telê Santana, mas não conseguiu firmar-se na Seleção pelas seguidas contusões. Antes, em 1978, chegou a disputar a Copa do Mundo da Argentina, fez um gol contra a Suécia, mas acabou perdendo a posição para Roberto Dinamite e retornou debaixo de críticas. Não era fácil se firmar na Seleção jogando em um clube mineiro. De volta ao Atlético, continuou brilhando, sem deixar-se abater.

Os atleticanos mais tradicionais entendem que Reinaldo foi a síntese dos outros grandes centroavantes que o time teve na história. Ele tinha a classe de Mário de Castro, a visão de Carlyle, a magia de Ubaldo e o oportunismo de Dario, a quem substituiu no coração da torcida. Deixou o Atlético-MG, em 1985, quando todos pensaram que encerraria de uma vez por todas a carreira.

Como qualquer jogador que fica mais de dez anos no mesmo clube, a saída foi conturbada, pelo desgaste com os dirigentes. Reinaldo ainda se arriscou em outros clubes, mas não foi nem sombra do jogador do Atlético. Foi contratado com alarde pelo Palmeiras, mas não fez praticamente nada. Passou também pelo futebol amazonense e holandês. Teve a incrível ousadia de jogar no arqui-rival Cruzeiro, só por despeito, mas nunca conseguiu se desvencilhar da imagem de jogador de um clube só: o seu Galo.

Polêmico, sem papas na língua, politizado, decidiu concorrer a deputado estadual, nas eleições de 1990. Elegeu-se, mas esteve longe de repetir o desempenho que teve nos gramados ou nas entrevistas de grande repercussão.

Perna-de-pau na política, Reinaldo sofreria um outro revés. A polícia apreendeu num carro de sua propriedade, dirigido por um amigo, era ponta do iceberg. Reinaldo dependia das drogas em especial, da cocaína. As drogas se tornaram um inferno em sua vida.

Decidida a volta ao mundo do futebol, como tábua de salvação, enfim aventurou-se na carreira de treinador. Passou pelo Valeriodoce, mas logo concluiu que deveria formar o próprio time e comandá-lo à sua maneira. Fundou então o Belo Horizonte F.C. — o F, é claro, é a sigla de futebol, mas o C é de cultura e não de clube. O Belo Horizonte Futebol e Cultura é bancado por uma universidade da cidade e está calcado no dueto educação-esporte. Por enquanto, está satisfeito, mas não esconde de ninguém o desejo de dirigir um dia o time do coração e voltar a ouvir o grito que ainda embala os seus sonhos: "Rei, rei, rei! Reinaldo é o nosso rei!"

ARNALDO RIBEIRO

REINALDO (À ESQUERDA, NO MINEIRÃO, ONDE SE CONSAGROU) ERA O PREFERIDO DE TELÊ PARA A SELEÇÃO NA COPA DE 1982

ARMÊNIO ABASCAL

1º Reinaldo
Atacante (1975-85)
José Reinaldo de Lima
★Nova Lima (MG), 11/1/1957
Títulos: mineiro (1976, 1978/79/80/81/82/83, 1985)
Outros clubes: Palmeiras, Rio Negro-AM, Cruzeiro, Telstar-HOL
Por que está em primeiro: Lavou a alma da torcida atleticana, compensando tudo o que o Cruzeiro de Tostão a fez sofrer nos primeiros anos da Era Mineirão; impôs seu estilo técnico numa época de zagueiros assassinos e centroavantes trombadores; estabeleceu um recorde de gols em Campeonatos Brasileiros que durou 20 anos

2º Mário de Castro

Centroavante (1926-31)
Mário de Castro
★Formiga (MG), 30/6/1905

O América era o papão de títulos em Minas Gerais nos anos 20, até que surgiu Mário de Castro. O garoto não decidia se queria jogar basquete, vôlei ou futebol, mas logo ao se decidir pelo futebol estreou detonando os americanos. No primeiro jogo, três gols numa histórica goleada por 6 x 3. Mário de Castro era famoso por fazer muitos gols em jogos importantes. Numa partida contra o Villa Nova, outro papão, no início dos anos 30, o Atlético virou perdendo por 3 x 0. Mário de Castro virou no segundo tempo. O time do Atlético nos anos 30 não era genial, mas o centroavante livrava a cara.

Títulos: mineiro (1926/27, 1931/32, 1936)
Outros clubes: nenhum

3º Toninho Cerezzo

Volante (1973-83)
Antônio Carlos Cerezzo
★Belo Horizonte (MG), 21/4/1956

Os atleticanos demoraram para se convencer de que Cerezzo era bom de verdade. Os dirigentes, na dúvida, até o emprestaram ao Nacional-AM para a disputa de um Campeonato Brasileiro. Cerezzo foi bem e voltou à Vila Olímpica, mas nem assim os atleticanos se convenciam. Chamavam-no de peladeiro, apelido que rapidamente tomou o Brasil. Cerezzo só jogava sua bola, o que servia para produzir títulos. Em 1976, junto com Reinaldo, foi um dos ícones do título mineiro que acabou com a hegemonia de quatro anos do Cruzeiro. Em 1978, depois de disputar a Copa do Mundo da Argentina, inaugurou uma fase dourada na história atleticana, que culminaria com o hexacampeonato estadual. Terminada essa era, Cerezzo arrumou as malas e viajou para a Itália. Já havia feito o bastante. No final da carreira, Cerezzo voltaria para se despedir gloriosamente, jogando o Torneio do Centenário de Belo Horizonte, disputado no Mineirão em 1997.

Títulos: mineiro (1976, 1978/79/80/81/82/83)
Outros clubes: Nacional-AM, Roma-ITA, Sampdoria-ITA, São Paulo, Cruzeiro

B. SCALCO

3º: Cerezzo foi o maior dos peladeiros

CÉLIO APOLINÁRIO

4º: Dario deu o primeiro título brasileiro

4º Dario

Centroavante (1968-72 e 1978)
Dario José dos Santos
★Rio de Janeiro (RJ), 4/3/1946

Dario não foi o melhor jogador da história do futebol brasileiro, mas é certamente o que teve o maior repertório de frases. "Só Dadá, helicóptero e Beija-Flor param no ar" era uma de suas preferidas. Quase tão amada quanto a própria proeza de esperar a bola pelo alto, como se estivesse de fato flutuando em frente aos zagueiros. Foi assim, num lance desse tipo, que Dario marcou o gol mais importante da história do Atlético. O cruzamento de Humberto Ramos, no Maracanã, chegou limpo. A cabeçada, certeira. Dario já estava na história atleticana pelos 208 gols que marcou — em nenhum outro time ele balançou tanto as redes. Mas nem precisava tanto.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970, 1978)
Outros clubes: Campo Grande, Flamengo, Internacional, Sport, Goiás, Bahia, Ponte Preta, Paysandu, Náutico, Santa Cruz, Coritiba, América-MG, Nacional-AM, XV de Piracicaba, Douradense

5º Guará

Centroavante (1936-41)
Guaracy Januzzi
★Belo Horizonte (MG), 3/12/1914 †Belo Horizonte (MG), 1978

O Perigo Louro era famoso pela velocidade em um tempo em que os centroavantes eram mais fixos na grande área. E pelos gols. Em seis anos, Guará marcou 163 gols. Poderia ter sido melhor e conquistado mais títulos, não fosse uma fatalidade que entrou para a história do futebol mineiro. Em 1939, subiu para uma dividida pelo alto com o zagueiro Caieira, do Palestra Itália. Bateu a cabeça e foi levado ao hospital, com traumatismo craniano. Ficou 23 dias lutando contra a morte e só voltou ao futebol para alguns jogos. Em 1941, ainda fez seis gols em quatro jogos pelo Campeonato Mineiro. Mas já não tinha condição física para atuar. Disputou sua última partida em maio daquele ano.

Títulos: mineiro (1936, 1938/39, 1941)
Outros clubes: nenhum

6º Zé do Monte

Volante (1945-55)
José do Monte Furtado Sobrinho
★Abaeté (MG), 3/8/1928 †Belo Horizonte (MG), 27/6/1990

Se vivesse nos dias de hoje, Zé do Monte seria chamado de milhares de adjetivos. Boêmio seria o mais ameno. Vivia de moto Harley Davidson pelas ruas de Belo Horizonte, uma cidade provinciana dos anos 40 e 50. Por conta disso, havia muitas atleticanas naquele tempo. Os atleticanos preferiam ir ao estádio para ver seus dotes de craque. Lançamentos longos, precisos, e liderava os colegas. A liderança valeu até uma desavença com o técnico Yustrich, por ter barrado o ponta Lucas. Se o Atlético era pequeno demais para Zé do Monte e Yustrich, que fosse embora o treinador.

Títulos: mineiro (1946/47, 1949/50, 1952/53/54/55)
Outros clubes: nenhum

7º Éder

Ponta-esquerda (1980-86, 1989 e 1994)
Éder Aleixo de Assis
★Vespasiano (MG), 25/5/1957

Sem dar nome aos bois, o ex-lateral-direito Nelinho escreveu um artigo para PLACAR, em 1996, falando sobre a perseguição da imprensa a jogadores que freqüentam bares e boates, à noite. Lembrou o caso de um companheiro de equipe com quem atuou e que saía dos treinos diretamente para a noite. Corria em questão de horas todas as boates de Belo Horizonte, mas ninguém o incomodava, porque no dia seguinte era o primeiro a chegar aos treinos e, nos jogos, invariavelmente arrebentava. "Jogou até os 28 anos. Jogou. Porque enganando, ficou até os 40", concluía Nelinho. Pode até não ser, mas a história se enquadra perfeitamente no perfil de Éder. Durante seis anos na Vila Olímpica, ele foi o xodó das meninas e o terror dos goleiros, com seus chutes fortes que fizeram fama. O tempo de clube valeu sua presença na lista histórica.

Títulos: mineiro (1980/81/82/83, 1989, 1994)
Outros clubes: América-MG, Grêmio, Inter de Limeira, Palmeiras, União São João

8º Kafunga

Goleiro (1935-55)
Olavo Leite de Barros
★Niterói (RJ), 7/8/1914

Kafunga jogou tanto pelo Atlético, mas tanto, que passou anos contando histórias a respeito de si próprio. Numa delas, garantia para quem quisesse ouvir que jamais tomou um único frango. Animal com penas em sua carreira, só o galo, que defendeu por 20 anos. Quem o viu em ação jura que os 667 jogos que fez pelo Atlético transformaram-no no maior goleiro da história de Minas Gerais. Do Atlético, não há dúvida. Kafunga virou comentarista e deputado respaldado apenas pelas defesas que executou na carreira de goleiro.

Títulos: mineiro (1936, 1938/39, 1941/42, 1946/47, 1949/50, 1954)
Outros clubes: nenhum

9º Luizinho

Zagueiro (1978-88)
Luiz Carlos Ferreira
★Nova Lima (MG), 23/10/1958

A torcida brasileira que assistiu à Copa do Mundo de 1982 tem calafrios ao se lembrar de Luizinho. Foi ele, afinal, quem cometeu dois pênaltis não marcados na partida contra a União Soviética. Os atleticanos, no entanto, têm outra lembrança do zagueiro e justificam o amor do técnico Telê Santana, que o preferia a Edinho, pela categoria com que fazia a bola sair da defesa para o ataque. Na época, Luizinho chegou a ser considerado pela crítica (brasileira) o "melhor quarto-zagueiro do mundo", elogio que rareou depois da partida contra a União Soviética. Exatamente por isso, era criticado por alguns. "Clássico demais!", dizia parte dos torcedores da Seleção. Em 1987, já no final de sua carreira atleticana, mudou o estilo. Aí, passou a ser criticado pela violência. Nem oito, nem oitenta. Luizinho era bom ao seu jeito, ganhou uma impressionante quantidade de títulos pelo Galo e garantiu sua vaga na lista histórica justamente por isso.

Títulos: mineiro (1978/79/80/81/82/83, 1985, 1987)
Outros clubes: Cruzeiro, Sporting-POR

10º Paulo Isidoro

Meia (1973 e 1975-79)
Paulo Isidoro de Jesus
★Matosinhos (MG), 3/7/1953

Paulo Isidoro fez o mesmo caminho de Toninho Cerezzo para convencer a torcida atleticana de que era craque. Antes de emplacar, fez um estágio de um ano no Nacional-AM, disputou um Campeonato Brasileiro e deixou a todos na Vila Olímpica com água na boca. No retorno, o primeiro sinal de que o Atlético tinha bons motivos para investir nele: o título mineiro de 1976, quebrando a hegemonia de quatro anos do Cruzeiro. Isidoro trouxe o toque que faltava ao meio-campo atleticano para começar a melhor fase da história do clube. Pena que Paulo Isidoro passou pouco tempo no Galo. Em 1980, o Grêmio sugeriu uma troca por Éder, ponta-esquerda que também fez história na Vila Olímpica. Ficou difícil recusar. Melhor para o Galo seria ter ficado com os dois. Mesmo assim, Paulo Isidoro aparece em décimo lugar na lista, graças às grandes atuações nos títulos mineiros de 1976, 1978 e 1979.

Títulos: mineiro (1976, 1978/79)
Outros clubes: Grêmio, Santos, XV de Jaú, Guarani, Cruzeiro, Internacional-SP

11º Nílson

Ponta-esquerda
Nílson Batista Cardoso (1960-66)
★Itabirito (MG), 24/6/1939

Dono de invejável faro de gol, Nílson escreveu seu nome no Atlético como principal artilheiro do time na primeira metade dos anos 60 e o oitavo dos 92 anos de história do clube. Títulos, na época, eram poucos para o Atlético. Mesmo assim, deixava suas marcas nas redes adversárias. Durante as temporadas de 1960, 1961 e 1962, nenhum jogador fez tantos gols com a camisa alvinegra quanto ele. Em 1962, foi o maior goleador da conquista do título mineiro, com nove gols. Fez 125 gols pelo Atlético em 357 jogos. Por isso foi um dos grandes ídolos atleticanos de sua geração.

Títulos: mineiro (1962/63)
Outros clubes: Siderúrgica (MG)

12º Nariz

Zagueiro (1931/32)
Álvaro Lopes Cançado
★Uberaba (MG), 8/12/1912 †Uberaba (MG), 19/9/1984

Nariz só jogou dois anos no Atlético, mas o suficiente para deixar o nome na história do clube. Com um excelente senso de antecipação e cobertura, destacou-se na campanha do primeiro bicampeonato da história do clube (1931/32). Com a oficialização do profissionalismo no futebol brasileiro, em 1933, o Fluminense correu a Belo Horizonte para contratá-lo. No futebol carioca, atuando pelo Flu e pelo Botafogo, ele se consagraria. Jogou a Copa de 38, na Itália, em que era também o médico do time. Nariz é considerado o pai da medicina esportiva no Brasil e fundou, no Botafogo, o primeiro departamento médico de um clube de futebol. Em Uberaba, fundou a faculdade de medicina.

Títulos: mineiro (1931/32)
Outros clubes: Fluminense, Botafogo

13º João Leite

Goleiro (1976-89)
João Leite da Silva Neto
★Belo Horizonte (MG), 13/10/1955

Se não era preciso saltar para fazer uma grande defesa, João Leite não saltava. Era um goleiro sem excessos. Tanto em campo, quanto na vida pessoal, onde inaugurou a legião de Atletas de Cristo que tomou conta do país nos anos 80 e 90. Talvez por não cometer exageros, nunca tenha chamado muito a atenção. Mas também não comprometia. Como Kafunga, não tomava frangos. Só que também não fazia alarde a esse respeito. O goleiro antimarketing foi titular do Galo durante 13 anos, chegando também à Seleção Brasileira. Sem falar de si, nem fazer lobby pessoal, o feito é ainda mais relevante. Tão popular João Leite se tornou que até hoje colhe frutos na política mineira. A cada eleição os atleticanos mostram seu amor.

Títulos: mineiro (1976, 1978/79/80/81/82/83, 1985/86, 1989)
Outros clubes: Vitória de Guimarães-POR, América-MG

AMANCIO CHIODI

9º: Luizinho era clássico até demais

CÉLIO APLINÁRIO

10º: Paulo Isidoro ficou pouco tempo

14º Carlyle

Centroavante (1943-50)
Carlyle Guimarães Cardoso
★Almenara (MG), 15/6/1926 †Belo Horizonte (MG), 23/11/1982

Sabe aquele cara que sempre dá um toque a mais, quer entrar com bola e tudo e acaba se complicando? Pois é. Carlyle era um pouco assim, com uma diferença: raramente se complicava. Por isso, ficou famoso por marcar gols antológicos, inesquecíveis. Um dos que sofreram com ele foi Barbosa, titular do Vasco e da Seleção de 50. Em 1948, Barbosa estava invicto havia 15 partidas. Tomou três de uma vez, todos de Carlyle. Pelo Galo, ele jogou 131 partidas e fez 56 gols. Há quem diga que poderia ter feito mais, não fosse tão perfeccionista. Mas os atleticanos que o viram juram que todos foram lindíssimos.

Títulos: mineiro (1947, 1949/50)
Outros clubes: Fluminense, Santos, Palmeiras, Botafogo

15º: Ubaldo era especialista em gols espíritas

15º Ubaldo

Centroavante (1950-56)
Ubaldo Miranda
★Divinópolis (MG), 19/7/1931

Hoje certamente alguém o chamaria de macumbeiro. Se desse certo, Ubaldo poderia até criar uma legião de seguidores, uma coisa na linha Atletas de Cristo às avessas. O fato é que ele sempre dava um jeito de passar na casa de uma certa Dona Nina, antes dos jogos importantes. Se ela dizia que aquele era o dia, nunca falhava. Ubaldo ficou famoso por ter feito mais de 20 gols da linha de fundo, chamados gols espíritas. Ao todo, marcou 52 gols em 80 jogos pelo Galo, o mais importante deles na final do Campeonato Mineiro de 1954, numa vitória por 3 x 0 do Atlético sobre o Cruzeiro.

Títulos: mineiro (1950, 1954)
Outro clube: Bangu

19º: Mazurka chegou já como ídolo

16º Lucas

Ponta-direita (1946-53)
Lucas Miranda
★Curitiba (PR), 10/9/1921

Fazer gols nunca foi uma atribuição essencial para um ponta. Mas não era assim com Lucas. Pelo Atlético, ele marcou 158 gols em 179 partidas, o que equivale a quase um por jogo. Ainda encheu sua sala de troféus particular com títulos e mais títulos. Por isso, foi eleito o maior ponta da história do Galo. Mas o melhor da carreira de Lucas é que os gols vinham sempre nos minutos finais, quando o lateral cochilava. Deu para fazer muito cruzeirense chorar.

Títulos: mineiro (1946/47, 1949/50, 1952/53)
Outros clubes: nenhum

17º Murilo

Zagueiro (1944-57)
Murilo Silva
★Paraopeba (MG), 17/4/1921

Zagueiro que se preza não ganha prêmio Belfort Duarte. A frase foi dita por João Saldanha e poderia valer como verdade absoluta, não fosse um grande zagueiro que raramente dava pontapés: Murilo. Esse ganhou Belfort Duarte, encheu a sala de troféus do Atlético e marcou época por um futebol de alta classe. Tanto que foi descoberto pelo Corinthians, onde passou um período de sua carreira, num tempo em que o futebol mineiro parecia escondido pelas montanhas de Minas Gerais.

Títulos: mineiro (1946/47, 1949, 1955/56)
Outro clube: Corinthians

18º Cincunegui

Lateral-esquerdo (1968-73)
Héctor Carlos Cincunegui de los Santos
★Montevidéu (Uruguai), 28/7/1940

A lateral-esquerda do Galo do final dos anos 60 e final dos 70 tinha sotaque uruguaio. Não só na fala como no futebol. Cincunegui jogava como um autêntico caudilho, cheio de raça e determinação em busca da vitória. Mas não foi titular durante toda a sua passagem.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outros clubes: Nacional-URU, Náutico

19º Mazurkiewicz

Goleiro (1971-74)
Ladislao Mazurkiewicz
★Piriapolis (Uruguai), 14/2/1945

Foi ele o homem que levou o drible mais desconcertante da carreira de Pelé. Sem tocar na bola, o Rei deixou o goleiro uruguaio para trás e chutou a gol. A bola, caprichosa, raspou a trave direita e saiu pela linha de fundo. Mas se deram mal. Mazurkiewicz estava no fim de carreira e passou só dois anos na Vila Olímpica. Mas seu talento foi grande o suficiente para atrair o interesse do Galo, que o contratou logo depois da Copa de 70.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Peñarol-URU, Granada-ESP

20º Brant

Zagueiro (1926 a 1932)
Carlos Brant
★Diamantina (MG), 19/11/1905

Jogava na zaga e no meio de - campo e era o símbolo da raça atleticana. Num tempo que, pelo que se dizia, o talento não era a característica fundamental para se jogar em Minas Gerais. Mas Brant misturava as duas coisas. Além da garra, jogava de cabeça erguida. Tanto que encheu os olhos do poeta Carlos Drummond de Andrade, que dedicou uma crônica a Brant em dois livros. Brant caminhava 40 quilômetros por dia para treinar no Galo. Diziam os românticos que era outro sinal de seu amor.

Títulos: mineiro (1926/27, 1931/32)
Outro clube: Fluminense

21º Marcial

Goleiro (1960-62)
Marcial de Mello Castroz
★Tupacicoara (MG), 3/6/1941

Até hoje, o goleiro Marcial se gaba de ter jogado nas três grandes torcidas do Brasil. No Flamengo, no Corinthians e no Atlético. As grandes torcidas do Rio, de São Paulo e de Minas Gerais. Na verdade, ele teve pouco sucesso no Flamengo e no Corinthians, mas, no Galo, tomou conta do gol durante dois anos. Só por isso chamou a atenção dos dirigentes corintianos e flamenguistas.

Títulos: mineiro (1962)
Outros clubes: Flamengo, Corinthians

22º Procópio

Zagueiro (1959)
Procópio Cardoso Neto
★Salinas (MG), 21/3/1939

No duro, no duro, Procópio jogou mesmo no Cruzeiro. Foi lá que teve seus melhores momentos e que ganhou a Taça Brasil. No Atlético, jogou pouco tempo e sem o mesmo brilho. Mas, depois de encerrar a carreira, Procópio deu tanta alegria ao Atlético como treinador — e conseqüentemente tanta tristeza aos cruzeirenses — que merece um lugar na galeria dos maiores atleticanos da história.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras, Cruzeiro

23º Taffarel

Goleiro (1994-98)
Cláudio André Mergen Taffarel
★Santa Rosa (RS), 8/5/1966

Já consagrado como campeão do mundo de 1994, Taffarel só queria uma coisa para sua vida: poder voltar a jogar no Brasil, longe da Itália, onde precisou até treinar na linha para não ocupar uma vaga de estrangeiro no Parma. Pensou no Inter, seu clube do passado. Não havia dinheiro suficiente para contratá-lo. Que clube poderia lhe dar abrigo? O Galo, claro. No Atlético, Taffarel deixou de ser um gaúcho da fronteira para virar um mineiro convertido. E ganhou títulos, o mineiro de 1995 e a Conmebol de 1997.

Títulos: Conmebol (1997), mineiro (1995)
Outros clubes: Internacional, Parma-ITA, Reggiana-ITA, Galatasaray-TUR

24º Renato

Goleiro (1970/71)
Renato Cunha Valle
★5/12/1944

O goleiro Renato não chegava a ser uma muralha, mas quebrava bem o galho. Não era de estardalhaço, não fazia grandes acrobacias. Mas também raramente sofria gols. A defesa do Atlético, em 1971, era uma segurança. Em grande parte, graças ao goleiro.

Títulos: mineiro (1970), brasileiro (1971)
Outros clubes: Flamengo, Fluminense, Bahia

25º Guilherme

Centroavante (desde 1999)
Guilherme Cássio Alves
★São Paulo (SP), 8/5/1974

Igualar Reinaldo no coração da galera atleticana é impossível. E muita gente imaginava que seria impossível também igualar os feitos do Rei. Não foi para Guilherme. No Brasileirão 99, o centroavante do Galo marcou 28 gols, marca idêntica à de Reinaldo em 1977. Naquela época, o Rei conseguiu o recorde de gols na história do Campeonato Brasileiro. Guilherme não conseguiu tanto, mas levou o Galo à final do campeonato depois de 19 anos. Só por isso, já merece a lembrança.

Títulos: mineiro (1999/00)
Outros clubes: Marília, São Paulo, Rayo Vallecano-ESP, Vasco, Grêmio

26º Marques

Atacante (desde 1997)
Marques Batista de Abreu
★São Paulo (SP), 12/2/1973

De revelação do Corinthians, Marques passou rapidamente a promessa sem lugar em clube nenhum. Até que surgiu o Atlético. Aí, a coisa mais freqüente entre os adversários do Galo foi mandar o lateral-direito ter atenção redobrada. Marques joga só pela esquerda, mas concentra todas as atenções dos jogos nos seus pés. Pela esquerda, só dá Marques. E, com ele, só dá Atlético.

Títulos: mineiro (1999/00)
Outros clubes: Corinthians, Flamengo, São Paulo

27º Campos

Centroavante (1972-74)
Cosme da Silva Campos
★Pedro Leopoldo (MG), 21/12/1952

O Atlético já tinha passado da fase de precisar de manchetes para ser conhecido fora das fronteiras de Minas Gerais. Mais: não precisava de manchetes negativas. Aí, um centroavante do Galo foi se meter a ser o primeiro caso de doping positivo na história do Campeonato Brasileiro! Verdade que Campos, de cara limpa e jogando bola, era muito importante e talentoso. Por isso e pelo caso famoso, foi lembrado como o 27º jogador da lista do Galo.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Nacional-AM, América-SC, Caldense, Guarani, Náutico, São Bento, América-MG, Santos

28º Lacy

Ponta-direita (1967-70)
Lacy Gomes Guimarães
★Belo Horizonte (MG), 23/4/1948

Um único jogo serviu para torná-lo extremamente famoso em Minas Gerais. Um empate por 3 x 3 contra o Cruzeiro, em 1967. Os cruzeirenses saíram fazendo festa, por conseguirem o empate depois de sofrerem uma goleada por 3 x 0. Mas Lacy não teve culpa. Ao contrário. No início da partida, foi ele quem marcou duas vezes seguidas e abriu larga vantagem para o Galo. Ele não teve culpa da festa cruzeirense.

Títulos: mineiro (1970)
Outros clubes: Nacional-AM, Valeriodoce, Corinthians, Comercial-MS, Atlético-GO

29º Renaldo

Atacante (1994-96)
Renaldo Lopes da Cruz
★Cotegipe (BA), 19/3/1970

Sua grande qualidade era a velocidade. Fazia bem o estilo "se corro não penso, se penso não corro", mas andou fazendo lá seu brilhareco. Como em 1996, ano em que terminou o Campeonato Brasileiro como principal goleador, lado a lado com Paulo Nunes, do Grêmio, com 16 gols. Sua grande bobagem foi um dia pensar em sair do Galo. Foi para o La Coruña, mas não se deu bem.

Títulos: mineiro (1995)
Outros clubes: Atlético-PR, La Coruña-ESP

30º Said

Meia (1923-32)
Said Paulo Arges
★Congonhas (MG), 8/10/1935

Durante uma década inteira, Said foi o maior nome do meio-de-campo atleticano e formava com o meia Jairo e o atacante Mário de Castro, o que ficou conhecido como Trio Maldito. Em todos os tempos, é o sexto maior artilheiro da história do Galo, com 142 gols em 207 partidas.

Títulos: mineiro (1927, 1931/32)
Outro clube: Fluminense

FOTOS: EUGÊNIO SÁVIO

25º: Guilherme igualou a marca do Rei

26º: Marques quase ganhou o Brasileiro

31º Nelinho
Lateral-direito (1980-86)
Manoel Rezende de Matos Cabral
*Rio de Janeiro (RJ), 26/7/1950
Qual jogador poderia mandar a bola com um único chute para fora do Mineirão? A resposta foi dada num programa de TV dos anos 70, pelo lateral-direito Nelinho. Uma única bomba e a bola foi cair nas ruas que circundam o estádio. Agora, imagine qual a sensação dos goleiros ao verem Nelinho se preparando para cobrar uma falta. Os goleiros atleticanos sofreram muito com essa apreensão nos anos 70, época em que Nelinho jogava pelo Cruzeiro. Pois o Atlético decidiu contratá-lo em 1980. Aí, a angústia dos goleiros mudou de lado.

Títulos: mineiro (1980/81/82/83, 1985/86)
Outros clubes: Cruzeiro, Grêmio, América-RJ

31º: Nelinho assustava com seus chutes

32º Vantuir
Zagueiro (1969-79)
Vantuir Galdino Gomes
*Belo Horizonte (MG), 16/11/1949
Na verdade, na verdade, Vantuir não era lá essas coisas. Dava conta do recado, mais pela disciplina que impunha a suas atuações do que pela técnica ou pela raça que chamassem a atenção. Mas Vantuir jogou pelo Galo por dez longos anos. E foi campeão brasileiro de 1971, como titular de Telê Santana. Tem que entrar em qualquer relação dos melhores atleticanos.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970, 1976, 1978/79)
Outro clube: Grêmio

33º Olivera
Zagueiro (1983-86)
Walter Daniel Olivera
*Montevidéu (Uruguai), 16/8/1952
Olivera chegou com a fama de bater só da medalhinha para cima. Na verdade, batia daí para baixo também, sem dó, nem piedade. Mas foi esse futebol, com jeitão uruguaio, que assustava os atacantes cruzeirenses, o que mais fez sucesso com a torcida. Foram só três anos, mas de profunda segurança na zaga atleticana.

Títulos: mineiro (1983, 1985/86)
Outro clube: Peñarol-URU

34º: Buião ganhou o estadual de 70

34º Buião
Ponta-direita (1968-70)
João Bosco dos Santos
*Vespasiano (MG), 31/1/1946
Era um ponta-direita rápido, apesar do apelido que se referia ao corpo meio rechonchudo. No Atlético, viveu bons momentos, mas poucos títulos. A rigor, ganhou só um estadual, em 1970, dirigido por Telê Santana.

Títulos: mineiro (1970)
Outros clubes: Corinthians, Flamengo, Colorado-PR

35º Moacir
Volante (1988-92)
Moacir Rodrigues Santos
*Belo Horizonte (MG), 21/3/1970
Apareceu como uma das grandes revelações das escolinhas do Atlético, mostrando um futebol de toques sutis e envolventes. Armava o meio-de-campo apesar de jogar como autêntico cabeça-de-área e sabia chegar ao ataque para finalizar. Mas durou pouco na Vila Olímpica. Foi contratado pelo Corinthians e logo rumou para a Europa. Não durou muito tempo porque o sono falou mais alto do que o bom futebol.

Títulos: mineiro (1988/89, 1991)
Outros clubes: Corinthians, Sevilla-ESP, Internacional

36º Sérgio Araújo
Ponta-direita (1983-88 e 1991/92)
Sérgio Araújo de Melo
*Timóteo (MG), 12/9/1963
A velocidade era seu ponto forte e com ela ajudou a aniquilar laterais do Cruzeiro. Também foi a principal arma do time de Telê Santana, que dominou o Campeonato Brasileiro de 1987. Só que, na reta de chegada, o Galo perdeu terreno para o Flamengo, que terminou campeão. Telê foi embora e, da campanha, só sobrou Sérgio Araújo, negociado com o Flamengo.

Títulos: mineiro (1985/86, 1988, 1991)
Outros clubes: Flamengo, Fluminense, Vasco, Guarani

37º Gérson
Centroavante (1988-91)
Gérson da Silva
*Santos (SP), 23/9/1965 †Guarujá (SP), 16/9/1994
Artilheiro consagrado na Taça São Paulo de juniores de 1984, só foi ter sucesso como profissional quando chegou ao Atlético. Fez gols, destruiu em clássicos contra o Cruzeiro, mas optou por uma transferência para o Internacional, no início de 1992. Lá, conquistou a Copa do Brasil e ficou famoso por ser o primeiro jogador de futebol brasileiro com um caso de Aids comprovado. Morreu em setembro de 1994.

Títulos: mineiro (1988/89)
Outros clubes: Santos, Paulista, Guarani, Internacional

38º Ângelo
Meia (1971-78)
Ângelo Paulino de Souza
*Onça do Pitangui (MG), 31/5/1953
Revelação do Galo no Brasileirão 71, em que jogou três partidas, viveu seu melhor momento com os meninos do Galo, campeões estaduais de 1976, quebrando a hegemonia do Cruzeiro. No ano seguinte, no melhor momento de sua carreira, teve a perna fraturada num lance com Chicão, do São Paulo, na decisão do Brasileiro. Nunca mais voltou ao nível anterior.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1976)
Outro clube: Fluminense

39º Humberto Monteiro
Lateral-direito
Umberto Monteiro
* Cachoeiro do Itapemirim (ES), 30/8/1947
O lateral-direito da campanha vitoriosa no Brasileirão-71, não tinha alta técnica, mas marcava muito forte. Passou a jogar com o sobrenome porque o Galo tinha Humberto Ramos na mesma equipe.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outro clube: Desportiva-ES

40º Ronaldo
Ponta-direita (1962-72)
Ronaldo Gonçalves Drumond
* Belo Horizonte (MG), 2/8/1946
O primeiro jogador tricampeão brasileiro por clubes diferentes. Ganhou pelo Atlético em 1971, pelo Palmeiras em 1972 e 1973. Ficou mais famoso pelo gol da vitória na final do Paulistão 74, jogando pelo Palmeiras, mas deixou sua marca também no Atlético.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outros clubes: Palmeiras, Cruzeiro

41º Edivaldo
Ponta-esquerda (1982-87)
Edivaldo Martins da Fonseca
*Volta Redonda (RJ), 13/4/1962 †Boituva (SP), 14/1/1993
Foi a grande surpresa da Copa do Mundo de 1986, no México. No Atlético, havia acabado de ganhar a posição de titular, depois da transferência de Éder para a Inter de Limeira. Telê Santana gostou do que viu com a camisa 11 do Galo e o chamou para a Seleção. Era o tipo formiguinha, que fechava pelo meio para ajudar na marcação. Mas tinha um canhão no pé esquerdo.

Títulos: mineiro (1985/86)
Outros clubes: São Paulo, Puebla-MEX, Palmeiras

42º Vanderlei
Volante (1970-76)
Vanderlei Paiva
*Belo Horizonte (MG), 7/4/1946
Vanderlei era do tipo que não errava um passe e ainda marcava feito um carrapato no meio-de-campo. Toda a disciplina que Telê Santana queria no time que seria campeão brasileiro de 1971. E ainda a regularidade. De todo o elenco do Galo campeão do primeiro torneio nacional, só Vanderlei, Dario e Renato jogaram todas as 27 partidas.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outros clubes: Ponte Preta, Palmeiras

43º Humberto Ramos
Meia (1969-73)
Humberto Ramos
*Belo Horizonte (MG), 25/8/1950
Foi dele o cruzamento para Dario marcar, de cabeça, o gol do título brasileiro de 1971. Só por isso já mereceria a lembrança, mas Humberto Ramos fez o favor de entrar na história quase 30 anos depois de outra maneira. Levando o Galo de novo a uma final nacional após 19 anos. Agora como técnico.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1971)
Outros clubes: Grêmio, Colorado-PR, Coritiba, Inter de Limeira

44º Haroldo
Lateral-esquerdo (1951-58)
Haroldo Lopes da Costa
*Belo Horizonte (MG), 14/8/1930
Já era, nos anos 50, um lateral moderno, que procurava se espelhar em Nílton Santos e sua maior mania: o apoio ao ataque. Descia ao ataque quando os laterais se restringiam a marcar.

Títulos: mineiro (1954/55/56)
Outros clubes: nenhum

45º Oldair
Lateral-esquerdo (1969-72)
Oldair Barchi
*São Paulo (SP), 1/7/1939
Tinha um pé esquerdo fortíssimo, sua maior qualidade. Mas tecnicamente era um lateral discreto, que se limitava à marcação. Mesmo assim, entrou na história vestindo a camisa 6 na campanha do Brasileirão 71.
Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outros clubes: Palmeiras, Vasco, Fluminense

46º Vaguinho
Ponta-direita (1970-71)
Vagno de Freitas
*Sete Lagoas (MG), 11/2/1950)
Jogou pouco tempo no Atlético, antes de se transferir para o Corinthians. Nesse período, teve tempo para não deixar os atleticanos sentirem saudade de Lacy, Lucas e outros fenômenos da camisa 7 alvinegra. Mas, no título brasileiro de 1971, era reserva de Ronaldo.

Títulos: brasileiro (1971), mineiro (1970)
Outros clubes: Corinthians, Ponte Preta

47º Éverton
Meia (1984-88)
Éverton Nogueira
*Florestópolis (PR), 12/12/1959
Éder bateu o escanteio bem aberto, na entrada da grande área. Éverton, de cabeça erguida, viu a bola chegando e arriscou o chute. De primeira e de trivela, duas dificuldades de uma só vez. Pois a bola entrou caprichosamente no ângulo direito do goleiro do América-RN. O golaço foi só um dos que Éverton marcou pelo Galo. E que o colocaram na história.

Títulos: mineiro (1985/86)
Outros clubes: Londrina, São Paulo, Guarani, Corinthians, Nissan-JAP

48º Elzo
Volante (1984-87)
Elzo Aloísio Cordeiro
*Serrânia (MG), 22/1/1961
Volante descoberto pelo técnico Telê Santana e levado rapidamente para a Seleção Brasileira. Sua primeira convocação, no início de 1986, às vésperas da Copa do Mundo, surpreendeu toda a crítica. Mas Elzo deu conta do recado. Jogou com total determinação, foi o ponto de equilíbrio do meio-de-campo da Seleção no aspecto defensivo e foi eleito um dos melhores do Mundial. No curto período em que esteve na Vila Olímpica, ganhou dois títulos mineiros.

Títulos: mineiro (1985/86)
Outros clubes: Inter de Limeira, Palmeiras, Benfica-POR

49º Valdir
Centroavante (1997-98)
Valdir de Moraes Filho
*Rio de Janeiro (RJ), 15/3/1972
Fazer gols era com ele mesmo. Bom, pelo menos era isso o que os dirigentes do Galo diziam quando o contrataram. E foi assim mesmo, nos tempos em que Valdir jogava pelo Vasco. No Atlético, não brilhou, mas fez seus golzinhos no Brasileirão de 1997.

Títulos: Conmebol (1997)
Outros clubes: Vasco, Santos, São Paulo, Botafogo

50º Cidinho Bola Nossa
Árbitro (anos 50 a 70)
Alcebíades Magalhães Dias
*Ponte Nova (MG), 11/4/1914
Entra nesta relação porque foi durante muito tempo o 12º jogador atleticano. Claro, ele nega, mas incontáveis vezes teve que fugir das furiosas torcidas adversárias. O apelido vem de um jogo entre Atlético e Botafogo-RJ, em 19ele gritou: "A bola é nossa!".

Títulos: oficialmente, nenhum
Outros clubes: nenhum

41º: Telê levou Edivaldo à Seleção

49º: Valdir agradou no Brasileiro 97

EDUARDO MONTEIRO

Obrigado, Nílton

Garrincha dava o espetáculo, mas o ídolo dos botafoguenses era mesmo Nílton Santos. Ele só vestiu duas camisas como profissional: Botafogo e Seleção; ele pediu a contratação de Garrincha; ele foi o melhor lateral do século. Quer mais?

Cabe uma explicação do porquê de estar Nílton Santos aqui, e não Garrincha. O modestíssimo Nílton há de discordar, mas os torcedores botafoguenses mais velhos certamente sabem do que falamos: Garrincha era quem dava o show, mas o ídolo da torcida, mesmo, estava no extremo oposto do campo. Hoje parece difícil imaginar, mas era assim. E não era à toa. Basta lembrar que foi Nílton Santos um dos que primeiro pediram a contratação de Garrincha após o já célebre teste de Mané em General Severiano. Só por isso, já mereceria uma estátua.

Depois do teste, chamou o técnico Gentil Cardoso de canto e perguntou de onde havia aparecido o rapaz. "Contrata logo esse cara, senão nunca mais vou poder dormir sossegado", avisou Nílton. "Já imaginou o Garrincha em forma no Flamengo, que figura? Com aquele povão em cima, o que não ia fazer de desgraça com os outros no Maracanã?", perguntava-se o lateral alvinegro.

Foram 16 anos de ouro no Botafogo, nem sempre reconhecidos pelo clube, mas sempre pela torcida. Nílton jogava por amor, não era exigente nas negociações de salário, nem cogitava deixar General Severiano. Assinava contratos em branco, sem sequer perguntar quanto receberia por mais um período no clube. Era feliz jogando pelo Botafogo, e ainda era pago por isso! Assim ele atravessou três grandes gerações da história do Bota. Começou aprendendo com Osvaldo Baliza, Paraguaio, Pirillo, Geninho. Ganhou o título carioca de 1948.

Chegou ao auge ao lado de Garrincha, Didi, Quarentinha, Zagallo, Amarildo. Ganhou mais um bicampeonato carioca, em 1961/62, além de outro campeonato em 1957. E parou de jogar como companheiro de Roberto Miranda, Jairzinho, Gérson, na terceira geração de craques botafoguenses.

Ele chegou a General Severiano já com 22 anos, para um teste, tarde para começar no futebol profissional. Queria jogar de atacante, Carlito Rocha mandou escalá-lo na defesa. No mesmo ano já era titular da zaga (depois passaria para a lateral esquerda) e campeão carioca; dois anos depois era reserva da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1950. Sobreviveu a esse desastre e a outro, o fracasso na Copa da Suíça, em 1954. Brigou, foi expulso no jogo contra a Hungria. Mesmo assim continuou na Seleção e seria recompensado com os títulos de 1958 e 1962.

Se dependesse dos dirigentes e da torcida do Botafogo, ele continuaria por mais alguns anos, mas Nílton Santos soube a hora de parar. Para substituí-lo, o time já tinha encontrado outro grande craque, Rildo. Bons tempos, de fartura de craques. Alguém aí sabe o nome do lateral-esquerdo do Botafogo atualmente? Ou até de algum outro lateral-esquerdo que tenha passado por General Severiano depois de sua saída? Houve Marinho Chagas, além de Rildo, mas nenhum com o currículo de Nílton Santos.

De tanto talento, até Garrincha sentia um orgulho tremendo em ser amigo da Enciclopédia. A certa altura de sua vida, decidiu convidar o compadre Nílton Santos para batizar sua sexta filha, Maria Cecília. "Fui apresentado aos vizinhos todos de Pau Grande com um orgulho comovente da parte dele. Era como se só eu, ali, fosse um jogador famoso", lembra Nílton Santos, com carinho. Nílton ainda era o melhor amigo de Mané, o homem que lhe deu conselhos até o final da vida, sobre como deveria se comportar para ser mito, em vez de um simples mortal.

Como jogador, Nílton Santos era a classe em pessoa, mas não aliviava na hora da briga. Deu duas vezes em Armando Marques, uma como jogador, no Pacaembu, contra o Corinthians; e outra já como diretor de futebol, no Morumbi, contra o São Paulo, durante o Campeonato Brasileiro de 1971.

Hoje o estádio de General Severiano, que não é mais usado para jogos, tem o nome de Nílton Santos, não o de Mané Garrincha. Em junho de 1998, o velho lateral-esquerdo recebeu outra homenagem que o comoveu: foi eleito entre os 11 da Seleção Mundial do Século, anunciada em Paris antes da Copa do Mundo. Nílton recebeu o prêmio ao lado de Pelé, Carlos Alberto e Di Stefano. Até nesse momento, seu pensamento estava com o colega que também havia sido eleito: Garrincha. "Ele me deu duas Copas", gosta de afirmar. Modéstia. Por isso tudo ele está em primeiro nesta lista.

ANDRÉ FONTENELLE E PAULO VINICIUS COELHO

NÍLTON (À ESQUERDA, NO MARACANÃ, COM A BANDEIRA QUE DEFENDEU POR 16 ANOS) JOGAVA POR AMOR, NÃO POR DINHEIRO, E POR ISSO NÃO ERA EXIGENTE AO NEGOCIAR SALÁRIOS COM A DIRETORIA ALVINEGRA

1º Nílton Santos

Lateral-esquerdo (1948-64)

★Rio de Janeiro (RJ), 16/5/1925

Títulos: carioca (1948, 1957, 1961/62) e do Rio-São Paulo (1962, 1964)

Outros clubes: nenhum

Por que está em primeiro: Em 16 anos como profissional, defendeu a camisa de um único clube; jogando pelo Botafogo e pela Seleção, foi eleito o melhor jogador de sua posição de todos os tempos; pediu à diretoria do Botafogo que contratasse Garrincha depois do primeiro Mané no clube, garantindo uma década de alegrias à torcida botafoguense – e uma década de tranqüilidade para si mesmo na lateral esquerda

Nas próximas páginas:
2º Garrincha
3º Didi
4º Heleno
5º Carvalho Leite
6º Quarentinha
7º Amarildo
8º Paulinho Valentim
9º Zagallo
10º Gérson
11º Jairzinho
12º Paulo César
13º Manga
14º Maurício
15º Túlio
16º Osvaldo Baliza
17º Roberto Miranda
18º Rogério
19º Marinho
20º Mendonça
21º Alemão
22º Rildo
23º Paulinho Criciúma
24º Mauro Galvão
25º Mimi Sodré
26º Flávio Ramos
27º Nilo
28º Carlos A. Torres
29º Donizete
30º Perácio
31º Patesko
32º Leônidas
33º Sérgio Manoel
34º Basso
35º Pirilo
36º Zezé Procópio
37º Josimar
38º Gonçalves
39º Wilson Gottardo
40º Nariz
41º Geninho
42º Osmar
43º Zezé Moreira
44º Aymoré Moreira
45º Paulo Sérgio
46º Renato Sá
47º Wagner
48º Carlos A. Dias
49º Valdeir
50º Dimba

2º Garrincha

Ponta-direita (1953-65)
Manoel Francisco dos Santos
★Pau Grande (RJ), 28/10/1933 †Rio de Janeiro (RJ), 20/1/1983

Ele poderia ter sido mais um de tantos talentos perdidos no futebol brasileiro. Bastava não ter abafado no teste que fez em General Severiano, em 1953. Ou que algum médico dissesse que, com aquelas pernas tortas, ele jamais poderia ser jogador profissional. Ou que qualquer treinador da Seleção Brasileira cismasse com ele e decidisse não convocá-lo. Seria suficiente que Vicente Feola não ousasse escalá-lo contra a União Soviética, na Copa do Mundo de 1958, depois que um empate sem gols contra a Inglaterra mostrou as deficiências de nosso time.
Mas, felizmente, nada disso aconteceu. Garrincha ultrapassou todos esses obstáculos com sua única arma, o drible, e graças a isso a torcida botafoguense viveu uma das fases mais felizes de sua história.

Títulos: carioca (1957, 1961, 1962), Rio-São Paulo (1962, 1964)
Outros clubes: Corinthians, Portuguesa-RJ, Atlético Junior-COL, Flamengo, Olaria

2º: Garrincha driblou todos os obstáculos

3º Didi

Meia (1956-59 e 1960-63)
Waldyr Pereira
★Campos (RJ), 8/10/1929

O chute forte subia, dando a impressão de que passaria longe do gol, bem pelo alto. De repente, a bola caía vertiginosamente, enganava o goleiro, tocava a rede caprichosamente. A jogada conhecida como "folha-seca" era marca registrada de Didi e ajudou a Seleção nas Eliminatórias para a Copa de 1958. Didi era tão brilhante quanto a cobrança de falta que popularizou. E traiçoeiro. Quando menos se esperava, um lançamento preciso saía de seu pé direito e deixava o atacante na cara do goleiro. Ele chegou ao Botafogo em 1956, numa transferência que quase causou o rompimento de relações do Fogão com o Fluminense, onde jogava. E revolucionou a maneira de jogar do Glorioso. Afinal, o Botafogo pós-56 tinha uma coisa que nenhum outro time do Brasil possuía: Didi.

Títulos: carioca (1957, 1961/62); Torneio Rio São Paulo (1962)
Outros clubes: Madureira, Fluminense, Real Madrid-ESP, São Paulo, Sporting Cristal-PER

3º: Didi veio do Flu para se consagrar

4º Heleno

Atacante (1940-47)
Heleno de Freitas
★São João Nepomuceno (MG), 12/12/1920 † Barbacena (MG), 8/11/1959

Edmundo? Esse era fichinha. Almir, o Pernambuquinho? No máximo, um aprendiz. Perto de Heleno de Freitas, o primeiro craque polêmico do futebol brasileiro, nenhum outro aprontou tanto. Temperamento forte, chamado de Gilda pelos seus adversários, em alusão à personagem da atriz americana Rita Hayworth em filme que fez sucesso na década de 40. Surgiu no Botafogo em 1940, vindo de São João Nepomuceno, logo chegou à condição de titular. Gostava que seus companheiros executassem as jogadas com perfeição, reclamava quando alguém não lhe passava a bola e chiava muito com os juízes. Por que, então, mantê-lo no time? A resposta aparecia a cada vez que entrava em campo. Dentro da área era quase infalível. Pelo Botafogo, marcou 207 gols em 233 jogos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Boca Juniors-ARG, Atlético Barranquilla-COL, Vasco, Santos e América-RJ

5º Carvalho Leite

Centroavante (1930-40)
Carlos Dobbert de Carvalho Leite
★Rio de Janeiro (RJ), 25/6/1912

Sempre com presença marcante na área, trombando com os zagueiros e com boa visão de gol, tornou-se um dos maiores artilheiros da história do Botafogo, marcando 275 gols em 325 jogos. Foi também artilheiro do Campeonato Carioca de 1936 (16 gols), 1938 (16 gols) e 1939 (22 gols). Chegando ao Botafogo ainda com 18 anos, logo firmou-se como titular pela marcação constante de gols seu nome caiu logo no gosto da torcida. Naquele mesmo ano chegava à Seleção Brasileira e conquistava seu primeiro título pelo Botafogo. Nos anos seguintes teve participação fundamental no tetracampeonato de 1932/35.

Títulos: carioca (1930, 1932/33/34/35)
Outros clubes: nenhum

6º Quarentinha

Meia-esquerda/Ponta-esquerda (1954-64)
Waldir Cardoso Lebrêgo
★Belém (PA), 15/9/1933 †Rio de Janeiro (RJ), 11/2/1996

É o maior artilheiro da história do Botafogo, com 302 gols em 442 jogos. E, mesmo assim, era criticado. Por quê? Porque não comemorava. Talvez por serem tão corriqueiros em sua vida quanto não marcar para vários pernas-de-pau do Bonsucesso, onde foi parar em 1956 exatamente pelas críticas de não vibrar. Uau! O Botafogo quase perdeu um craque. Quase. Porque seu nome está na história.

Títulos: carioca (1957, 1961, 1962), Torneio Rio-São Paulo (1962)
Outros clubes: Paysandu-PA, Vitória-BA, Bonsucesso, Flamengo-RJ, América de Cali-COL

7º Amarildo

Meia Esquerda (1959-62)
Amarildo Tavares da Silveira
★Campos (RJ), 29/7/1940

Uma vez, ele foi tão bom quanto Pelé. A história é conhecida e todo mundo se lembra de Amarildo, o substituto do Rei na Copa do Mundo de 1962. Foi lá que recebeu, de Nelson Rodrigues, o apelido de Possesso. Para o Botafogo, Amarildo só não foi Pelé porque, naquela época, a camisa alvinegra era também vestida por Garrincha, Nílton Santos e Didi. Mas era ótimo. Drible fácil, coragem para entrar na área e encarar os zagueiros. Logo se firmou como titular do seu time e cedo sua carreira se viu premiada com títulos. Era também um jogador que estava sempre às turras com seus oponentes. De temperamento tipo pavio curto, volta e meia se envolvia em brigas com adversários. Em 1963, transferiu-se para o Milan, da Itália, e fez grande carreira por lá. Ao voltar ao Brasil, jogou pelo Vasco e encerrou sua carreira em 1972.

Títulos: carioca (1961, 1962), do Torneio Rio-São Paulo (1962)
Outros clubes: Milan-ITA, Roma-ITA, Fiorentina-ITA, Vasco

8º Paulinho Valentim

Centroavante (1956-60)
Paulo Valentim
★Barra do Piraí (RJ), 20/1/1932 †Buenos Aires (Argentina), 9/5/1984

Na decisão do Campeonato Carioca de 1957, Paulo Valentim aniquilou o Fluminense, marcando cinco gols na vitória por 6 x 2. Se não tivesse feito mais nada, já estaria registrado eternamente como um craque glorioso. Ao todo, fez 135 gols em 206 jogos, quase todos fruto de sua principal característica: a raça.

Títulos: carioca (1957)
Outros clubes: Central de Barra do Piraí-RJ, Guarani de Volta Redonda-RJ, Atlético-MG, Boca Juniors-ARG, América-MEX

9º Zagallo

Ponta-esquerda (1958-66)
Mário Jorge Lobo Zagallo
★Maceió (AL), 9/8/1931

Ele andava por aí levantando os quatro dedinhos da mão para lembrar o mundo de seus feitos. E, no entanto, era difícil encontrar alguém que negasse o valor de Zagallo. Não que fosse um gênio, de futebol exuberante e incontestável. Era uma formiguinha, apelido que sintetizava sua maneira de jogar: trabalhador incansável. Mas sempre que era preciso aparecia com sua categoria e marcando belos gols. Após encerrar sua carreira como jogador, Zagallo começou a auxiliar o Departamento Técnico do clube, e logo viu seu primeiro título como treinador em 1967, inscrevendo novamente seu nome na história.

Títulos: carioca (1961/62), Torneio Rio-São Paulo (1962, 1964, 1966)
Outros clubes: América, Flamengo

10º Gérson

Meia-armador (1964-69)
Gérson de Oliveira Nunes
★Niterói (RJ), 11/1/1941

O último jogo de Gérson pelo Flamengo foi contra o Botafogo. Estava escalado por Flávio Costa para marcar Garrincha (!). Saiu da Gávea acusado de ser o responsável pelo título do Botafogo e de indisciplina, por brigar com o técnico por lhe atribuir missão tão ingrata. Para quem teve Heleno de Freitas, um craque com fama de indisciplinado, não era nada mau. E a pecha de ter entregado o jogo ao Botafogo... Bem, para jogar no Fogão nem poderia haver melhor referência. Com o Canhotinha de Ouro, de 1964 a 1969, o Botafogo viveu uma de suas melhores fases e ganhou o bicampeonato carioca de 1967/68.

Títulos: Taça Brasil (1968), carioca (1967/68), Torneio Rio-São Paulo (1964, 1966)
Outros clubes: Flamengo, São Paulo, Fluminense

11º Jairzinho

Ponta-de-lança/Ponta-direita (1962-74 e 1981)
Jair Ventura Filho
★Duque de Caxias (RJ), 25/12/1944

Sua carreira foi meteórica. Um furacão, como o apelido que recebeu na Copa de 1970. Começou como ponta-de-lança e por vezes atuava como ponta-direita. Passou rapidamente dos juvenis, onde foi campeão carioca, para os profissionais, devido às suas fulminantes arrancadas. Impetuoso, apesar de ser criticado por jogar de cabeça baixa, soube superar todas as dificuldades, inclusive repetidas lesões. Chegou a ficar quase uma temporada inteira longe dos gramados, devido a uma séria lesão no joelho. Em 413 jogos marcou 189 gols e é o quinto maior artilheiro da história do Glorioso. De quebra, fez, de letra — e contra o Flamengo — um dos gols mais bonitos de sua carreira, na goleada de 6 x 0, em 1972. Só por aquele gol merecia sua posição nesta lista.

Títulos: carioca (1967/68), da Taça Guanabara (1967/68), do Torneio Rio-São Paulo (1964, 1966), da Taça Brasil (1968)
Outros clubes: Olympique de Marselha-FRA, Cruzeiro, Portuguesa-VEN, Noroeste, Fast Club-AM, Nacional-AM, Jorge Wilstermann-BOL

12º Paulo César

Ponta-esquerda/Ponta de lança (1967-71)
Paulo César Lima
★Rio de Janeiro (RJ), 16/6/1949

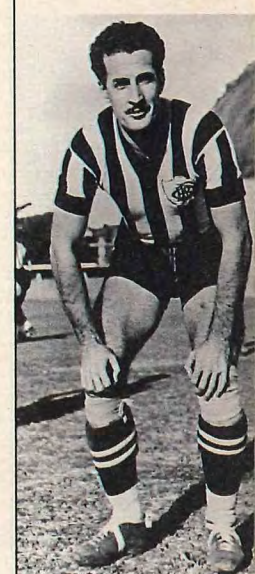
A vida de Paulo César Caju, hoje, é simbólica. Acorda tarde, vê os amigos, vai à praia, toma seu chope diariamente. Aos 51 anos, é um "bon vivant". Paulo César era assim também nos tempos de jogador. Não fosse por isso, seria, quem sabe, o quarto, o terceiro, talvez até o segundo maior da história do Fogão. Ou não. Quem sabe não tenham sido a irreverência e o jeito debochado que fizeram de Paulo César um gênio? Já no ano de sua estréia, conseguia seu primeiro título com uma participação significativa: na decisão da Taça Guanabara contra o América, em 1967, marcou os três gols do Botafogo, na virada de 3 x 2. Driblava, marcava, provocava os rivais. Certa feita, chegou a ser ameaçado de ter a perna quebrada caso insistisse em jogadas de aparente menosprezo ao adversário. Menosprezo? Não. Aquele era só o futebol de Paulo César Caju.

Títulos: Taça Brasil (1968), carioca (1967/68)
Outros clubes: Flamengo, Olympique de Marselha-FRA, Fluminense, Vasco, Grêmio e Corinthians

13º Manga

Goleiro (1959-68)
Hailton Correa de Arruda
★Recife (PE), 26/4/1937

Até hoje é considerado o melhor goleiro do Botafogo de todos os tempos. Possui excelente média no clube: jogou 442 partidas, sofreu 394 gols. Chegou ao Botafogo em 1959 e logo conquistou a torcida com seu estilo arrojado e seguro. Sem ser espalhafatoso, possuía extraordinário senso de colocação, o que fazia com que os chutes dos adversários fossem calmamente terminar em suas mãos deformadas pelo trabalho. Logo em seu primeiro ano, trouxe segurança à defesa botafoguense e confiança para os colegas. Em 1961 e 1962 conquistou o bicampeonato carioca, no supertime do Bota. Às vésperas de jogos contra o Flamengo, conta-se, ele dizia para sua esposa: "Pode ir na feira e comprar por conta que hoje é bicho certo!" Geralmente ele tinha razão.

Títulos: carioca (1961/62, 1967/68), Torneio Rio-São Paulo (1962, 1964, 1966)
Outros clubes: Nacional-URU, Internacional, Coritiba, Grêmio, Operário-MS, Barcelona-EQU

5º: Carvalho Leite jogou a primeira Copa

11º: Jairzinho fez gol de letra contra o Fla

14º Maurício

Ponta-direita (1986-87 e 1989)
Maurício de Oliveira Anastácio
★Rio de Janeiro (RJ), 9/9/1962

Foi dele o gol do título carioca de 1989, quando o Fogão quebrou um jejum de 21 anos sem títulos. Ele não precisava fazer mais nada. Mas fez: deu um sutil empurrãozinho em Leonardo que faz os rubro-negros morrerem de raiva até hoje, mas ninguém tiraria a taça do Botafogo naquele dia. Rápido e habilidoso, Maurício portou com dignidade a pesada camisa 7 alvinegra.

Títulos: carioca (1989)
Outros clubes: Bonsucesso, América-RJ, Internacional, Celta-ESP, Grêmio, Portuguesa, Hyundai-COR

15º Túlio

Atacante (1993-96 e 1998)
Túlio Humberto Pereira da Costa
★Goiânia (GO), 24/10/1968

Como esquecer Túlio? O matador goiano proporcionou a maior alegria botafoguense dos últimos 30 anos, com o gol no Pacaembu (impedido, sim senhor) que deu o sonhado título brasileiro ao Fogão. A cena de Túlio comendo a grama do estádio paulista na comemoração do gol histórico ficou gravada na memória do clube. Em sua primeira passagem pelo Bota, Túlio viveu a melhor fase de sua carreira. Fez história com muitos gols e folclore e rivalizou com Romário depois que o Baixinho retornou da Espanha para jogar pelo Flamengo. Na sua segunda passagem pelo clube, porém, já não tinha o mesmo vigor de outros anos.

Títulos: brasileiro (1995)
Outros clubes: Goiás, Sion-SUI, Corinthians, Vitória, Cruzeiro, São Caetano

RICARDO CORRÊA

15º: Túlio deu o título brasileiro de 1995

NÉLSON COELHO

21º: Alemão foi ídolo num tempo difícil

16º Osvaldo Baliza

Goleiro (1946-52)
Osvaldo Alfredo da Silva
★Tanguá (RJ), 9/10/1923

Goleiro de boa estatura (1,91 m), tinha completo domínio do gol, daí seu apelido de Osvaldo Baliza. Com suas defesas arrojadas firmou-se como titular logo ao chegar ao clube, sendo durante longo tempo absoluto na posição, participando de uma das boas fases do alvinegro, em que o time, mesmo desacreditado, conseguiu o título carioca de 48 suplantando o poderosíssimo Vasco da Gama no jogo final, vencido pelos botafoguenses por 3 x 1.

Títulos: carioca (1948)
Outros clubes: Vasco, Bahia, Sport Recife

17º Roberto Miranda

Centroavante (1962-73)
Roberto Lopes Miranda
★São Gonçalo (RJ), 31/7/1944

Foram dele os dois gols que abriram o placar, nos jogos decisivos dos Cariocas de 1967 e 1968. Em 1967, nos 2 x 1 sobre o Bangu. Em 1968, nos 4 x 0 sobre o Vasco. Durante sua carreira no clube marcou 152 gols em 351 jogos. Depois que saiu de General Severiano, não conseguiu o mesmo sucesso de antes.

Títulos: Taça Brasil (1968), carioca (1962, 1967/68), Rio-São Paulo (1964, 1966)
Outros clubes: Flamengo, Corinthians, América-RJ

18º Rogério

Ponta direita (1966-73)
Rogério Hetmanek
★Rio de Janeiro (RJ), 2/8/1948

Não estivesse machucado, poderia ser ele, e não Jairzinho, o dono da camisa 7 do Brasil na Copa de 70. Ponta habilidoso, com dribles curtos e secos, e também dono de um chute forte e com boa visão de gol, chegou ao clube na hora certa, justamente quando Jair passou a jogar pelo meio, o que lhe abriu caminho para ser titular.

Títulos: Taça Brasil (1968), carioca (1967/68)
Outros clubes: Flamengo, Santos

19º Marinho

Lateral esquerdo (1972-77)
Francisco das Chagas Marinho
★Natal (RN), 8/2/1952

Quem foi o melhor lateral-esquerdo do Fogão depois de Nílton Santos? Marinho é a resposta unânime. E talvez esse seja o único quesito em que Marinho Chagas é unânime. Ele jamais ganhou um título pelo Botafogo, era criticado – até pelo ex-goleiro Leão – por suas investidas ao ataque e por sua vida desregrada. Mas, com a bola nos pés... Por isso, é o 19º melhor da história.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Riachuelo-RN, ABC de Natal, Náutico-PE, Fluminense, Cosmos-EUA, Strikers-EUA, São Paulo, Bangu, Harlekin-ALE, Heit-EUA

20º Mendonça

Meia-armador (1975-82)
Milton da Cunha Mendonça
★Rio de Janeiro (RJ), 3/5/1956

Nos final dos anos 70 e início dos 80, a estrela solitária do Botafogo tinha nome: Mendonça. Era um ponto luminoso único em times compostos por Cremílson, Lupercínio, Jérson... Tinha total visão do campo de jogo, muita técnica e passes precisos, assinalou 118 gols, em 342 jogos, mas não ganhou nenhuma taça.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Portuguesa, Palmeiras, Santos, Internacional-SP, Grêmio, São Bento-SP

21º Alemão

Meia-armador (1982-87)
Ricardo Rogério de Brito
★Lavras (MG), 22/11/1961

Saiu Mendonça, entrou Alemão. Chegou do Fabril de Lavras, humildemente, e virou xodó da torcida, carente de títulos e ídolos no início dos anos 80. Só que durou muito pouco em Marechal Hermes, a sede da época. Sem dinheiro, o Botafogo vendeu-o poucos anos depois de sua estréia, logo após a Copa de 86. E, como Mendonça, não ganhou títulos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Fabril de Lavras-MG, Atlético de Madrid-ESP, Napoli-ITA

22º Rildo

Lateral-esquerdo (1959-67)
Rildo da Costa Menezes
★Recife (PE), 23/1/1942

O que fazer com um lateral como Rildo, se há Nílton Santos no elenco? Que se desloque Nílton Santos para a zaga. Claro, A Enciclopédia estava cansada e merecia repouso. Mas isso só foi possível porque Rildo dava conta do recado na lateral.

Títulos: carioca (1961/62), Rio-São Paulo (1962, 1964, 1966)
Outros clubes: Santos, Cosmos-EUA

23º Paulinho Criciúma

Centroavante (1988-90)
Paulo Roberto Rocha
★Criciúma (SC), 30/8/1961

Deixe o coração de lado. Agora pense: Paulinho Criciúma era um perna-de-pau com dois P maiúsculos. Agora, deixe a emoção fluir: pois que craque genial! Foi ele, afinal, quem conseguiu o que Mendonça, Alemão e um monte de Paulinhos Criciúmas menos sortudos não alcançaram: o título redentor, que devolveu a grandeza ao Fogão depois de 21 anos. Na campanha memorável que quebrou o jejum em 1989, Criciúma fez dez dos 24 gols da equipe.

Títulos: carioca (1989/90)
Outros clubes: Bangu, Internacional, Posco-COR

24º Mauro Galvão

zagueiro (1988 -90)
Mauro Geraldo Galvão
★Porto Alegre (RS), 19/12/61

Quando chegou ao Botafogo, em 1988, Mauro Galvão ainda estava em dúvida se queria se firmar como zagueiro ou volante, posição que exerceu nos tempos de Bangu. Daí para a frente, não houve mais dúvidas. Galvão foi o líder da equipe na campanha do fim da fila do Fogão, em 1989 e, como zagueiro do Botafogo, disputou sua única Copa do Mundo. O Botafogo fez bem demais a Mauro Galvão. E ele... Bem, ele fez parte da campanha de 1989.

Títulos: carioca (1989/90)
Clubes: Internacional, Bangu, Botafogo, Lugano-SUI, Grêmio, Vasco

25º Mimi Sodré

Meia-esquerda (1910-16)
Benjamin de Almeida Sodré
★Rio de Janeiro (RJ), 10/4/1892 †Rio de Janeiro (RJ), 2/2/1982

Se o hino original do Botafogo diz que o clube é campeão desde 1910 – apesar do título de 1907 – um pouco é por conta de Mimi Sodré. Ele estava lá, dando passes precisos, marcando gols importantes. Foi o primeiro jogador do Botafogo a marcar um gol pela Seleção e virou presidente do clube alguns anos depois, em 1941.

Títulos: carioca (1910, 1912)
Outros clubes: nenhum

26º Flávio Ramos

Meia-direita (1906-12)
Flávio da Silva Ramos
★Rio de Janeiro (RJ), 1889 †14/9/1967

Um dos fundadores do Botafogo, cuja primeira reunião em 12/8/1904 deu ao clube o nome provisório de Electro Club. Foi seu primeiro sócio e também seu primeiro presidente. Ainda precisava jogar? Pois jogava na meia direita um futebol de primeira, digno de colocá-lo como o 26º da lista.

Títulos: carioca (1907, 1910)
Outros clubes: nenhum

27º Nilo

Meia-direita/Centroavante (1919-23 e 1927-37)
Nilo Murtinho Braga
★Rio de Janeiro, (RJ), 3/4/1903 †5/2/1975

Levado por seu tio, Oldemar Murtinho, para o Botafogo, em 1919, deixou o clube em 1922 quando seu tio saiu do clube por motivos políticos. Mas, para não enfrentar seu time de coração, foi defender o SC Brasil, da 2ª divisão. Voltou em 1927, quando o clube começou a formar um fortíssimo time, que conquistou cinco títulos na primeira metade da década de 30. Hoje, é o sexto artilheiro da história do clube, com 185 gols em 201 jogos.

Títulos: carioca (1930, 1932/33/34/35)
Outros clubes: SC Brasil, Fluminense

28º Carlos Alberto Torres

Lateral-direito (1971)
Carlos Alberto Torres
★Rio de Janeiro (RJ), 17/7/1944

O capitão do tri ficou tão marcado por suas passagens por Santos e Fluminense que pouca gente se lembra dele no Botafogo. E daí? Passou, e bem, por General Severiano. Fez apenas 71 partidas, num período de empréstimo do Santos, e isso foi o suficente para colocá-lo em qualquer seleção dos melhores do Fogão.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Fluminense, Santos, Flamengo, Cosmos-EUA

29º Donizete

Atacante (1989-90, 1995, desde 2000)
Osmar Donizete Candido
★Prados (MG), 24/10/1968

Donizete sempre jurou amor eterno ao Botafogo, como em seu último retorno, em abril, para jogar o Carioca e o Brasileiro de 2000. E sempre aceitou propostas, saiu voando do clube, seduzido por dólares, ienes e até reais em pilhas maiores do que as que o Fogão podia oferecer. Mas como negar o óbvio? Donizete foi campeão carioca em 1990, voou para o México para receber pesos da Universidad Guadalajara, passou cinco anos por lá, voltou e... foi campeão brasileiro. Sua comemoração imitando uma Pantera, apelido que ganhou, ficou famosa. Assim como uma escultura representando o felino, que decora com gosto pra lá de duvidoso sua casa no Rio.

Títulos: brasileiro (1995), carioca (1990)
Outros clubes: Volta Redonda, São José, Universidad Guadalajara-MEX, Verdy Kawasaki-JAP

30º Perácio

Meia-esquerda (1937-40)
José Perácio
★Nova Lima (MG), 2/11/1927 †1977

Jogador de chute violentíssimo, também era um bom driblador e com certa rapidez para desenvolver as jogadas, apesar de seu porte físico avantajado. Apesar de jogar pelo clube apenas em quatro temporadas, viveu ótima fase no clube pelo qual era apaixonado. A outra paixão dele eram os automóveis, e em 1939, com a chegada das primeiras "baratinhas", carros esporte de capota arriada com o estepe colado na traseira, queria porque queria ter um carro igual. E pediu ao presidente do clube na época, João Lyra Filho, um carro daqueles. O presidente então lhe disse: "Vamos jogar contra o Flamengo. Se você fizer um gol e vencermos o jogo, você ganha o carro." Perácio fez dois gols, o Botafogo venceu por 5 x 1, e durante alguns meses, ele desfilou com a sua baratinha.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Villa Nova-MG, Palestra Itália-SP, Fluminense, Flamengo, Canto do Rio

ZEKA ARAÚJO

20º: Só faltou um título para Mendonça

ANDRÉ DURÃO

29º: Donizete é um caso de amor ao Bota

31º Patesko

Ponta-esquerda (1934-43)
Rodolpho Barteczko
★Curitiba (PR), 12/11/1910
Um dos primeiros autênticos pontas do futebol brasileiro. Tinha um drible fácil e quando partia para o gol levava sempre perigo ao adversário. Era muito veloz e possuía um excelente domínio de bola. Pelo clube jogou 238 vezes e fez 102 gols.

Títulos: carioca (1935)
Outros clubes: Grêmio, Nacional-URU

32º Leônidas

Quarto-zagueiro (1966-72)
Sebastião Leônidas
★Jerônimo Monteiro (ES), 6/4/1938
Chegou ao clube pouco depois da saída de Nílton Santos para jogar na mesma posição da Enciclopédia no fim de carreira: a quarta-zaga. Incrível como poucos notaram a diferença. Participou das campanhas de 1967 e 1968, e resolveu parar em 1972, quando já começava a sentir o peso do anos.

Títulos: Taça Brasil (1968), carioca (1967/68), do Rio-São Paulo (1966)
Outros clubes: América-MG, América-RJ

ROGÉRIO PALLATTA

33º: Sérgio Manoel honra a camisa

33º Sérgio Manoel

Meia-esquerda (1994-98 e desde 1999)
Sérgio Manoel Júnior
★Santos (SP), 2/3/1973
Em todos os momentos felizes do Botafogo na segunda metade dos anos 90, lá estava Sérgio Manoel. Ajudando a erguer a taça de campeão brasileiro de 1995, do carioca de 1997, do Rio-São Paulo, em 1998. Tem quem não goste, como o Santos, que o dispensou no início dos anos 90. O Fogão agradece. E Sérgio Manoel retribui com uma garra que honra a tradição da camisa botafoguense.

Títulos: brasileiro (1995), carioca (1997), do Rio-São Paulo (1998)
Outros clubes: Santos, Fluminense, Grêmio

IGNÁCIO FERREIRA

37º: Josimar sucumbiu ao sucesso

34º Basso

Zagueiro (1949)
Oscar Alberto Basso
★Buenos Aires (Argentina), 24/4/1922
Basso fez apenas 11 jogos pelo Botafogo, em 1949, não ganhou nenhum título e, no entanto, é sempre lembrado em eleições sobre os melhores da história do Glorioso. Veio da Argentina para o Brasil por razões políticas.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Tigre-ARG, River Plate-ARG, San Lorenzo-ARG, Internazionale-ITA

35º Pirillo

Centroavante (1947-52)
Sylvio Pirillo Cesarino
★Porto Alegre (RS), 26/7/1917 †Porto Alegre (RS), 22/4/1991
Chegou do Flamengo aos 32 anos e considerado velho para o futebol, não teve muito crédito da torcida em seus primeiros jogos. Já no primeiro jogo, quando o Botafogo foi goleado pelo São Cristóvão por 4 x 0, sua contratação foi bastante questionada. Firmou-se e, durante a magnífica campanha de 1948, atuou em 19 jogos e fez 13 gols.

Títulos: carioca (1948)
Outros clubes: Americano-RS, Internacional-RS, Peñarol-URU, Flamengo

36º Zezé Procópio

Lateral direito (1937-41)
José Procópio Mendes
★São Lourenço (MG), 12/8/1913 †Valença (RJ) 8/12/1980
Lateral-direito de boa técnica, que porém tinha um forte poder de marcação. De vez em quando, perdia a calma, transformando-se em um selvagem lutador. Dizem os jornais da época que ele carregava uma navalha por baixo da caneleira, pois tinha horror a invasões de campo e conflitos, o que acontecia com bastante freqüência naqueles anos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Villa Nova-MG, Atlético-MG, Palmeiras, São Paulo

37º Josimar

Lateral-direito (1982-87 e 1989)
Josimar Higino Pereira
★Rio de Janeiro (RJ), 19/9/1961
Começou no meio-campo do Botafogo, sendo depois deslocado para a sua definitiva posição, a lateral. Tinha uma carreira em evolução até ser convocado para a Seleção Brasileira, pela qual brilhou na Copa de 86. Na seqüência, sucumbiu à fama, devido ao seu comportamento extracampo.

Títulos: carioca (1989)
Outros clubes: Flamengo, Sevilla-ESP, Internacional, Nova Hamburgo, Bangu, Uberlândia

38º Gonçalves

Zagueiro (1990 e 1995-98)
Marcelo Gonçalves Costa Lopes
★Rio de Janeiro (RJ), 22/2/1966
Zagueiro sério, pouco violento mas muito forte na marcação, sabia impor respeito na área. Chegou em 1990, tornou-se logo um dos líderes do time. E com a conquista do bicampeonato carioca em 1990, passou a ser ainda mais respeitado, tanto por seus companheiros como pela própria torcida, que via nele uma das estrelas do time. Foi destaque também no título brasileiro de 1995.

Títulos: brasileiro (1995), carioca (1990, 1997), do Torneio Rio-São Paulo (1998)
Outros clubes: Flamengo, Santa Cruz, Universidad de Guadalajara-MEX, Internacional

39º Wilson Gottardo

Zagueiro (1987-90 e 1994-98)
Wilson Roberto Gottardo
★Santa Bárbara D'Oeste (SP), 23/5/1963
Depois do título brasileiro de 1995, viveu às turras com o ídolo Túlio. E olha que teve gente da torcida que ficou ao seu lado, contra o artilheiro. Dá para imaginar a importância e a liderança do zagueiro, apesar de ele saber, no máximo, dar bico para o mato na hora do aperto. No Fogão, ele ganhou tudo o que disputou.

Títulos: brasileiro (1995), carioca (1989/90, 1997), do Rio-São Paulo (1998)
Outros clubes: Barbarense, Guarani, Náutico, Botafogo, Flamengo, Marítimo-POR, São Paulo, Fluminense, Cruzeiro

40º Nariz

Zagueiro (1934-41)
Álvaro Lopes Cançado
★Uberaba (MG), 1912 †1984
De boa estatura e forte compleição física, também fez parte da famosa "Cavalaria" que atuou no alvinegro durante algum tempo. Foi campeão carioca de 1935, atuando em 21 dos jogos.

Títulos: carioca (1935)
Outros clubes: Atlético-MG, Fluminense

41º Geninho

Meia-direita (1940-54)
Efigênio de Freitas Bahiense
★10/10/1918
Pela habilidade e pelos passes matemáticos era apelidado de Arquiteto do Jogo. Participou de dois jogos memoráveis para o clube: o primeiro, em 10/9/1944, contra o Flamengo quando o seu time vencia por 5 x 2 e o adversário abandonou o campo aos 76 minutos de jogo; o segundo, na decisão do Campeonato Carioca de 1948, quando o Botafogo venceu por 3 x 1 e ele foi o condutor do time à vitória. Jogou 420 vezes, marcou 115 gols.

Títulos: carioca (1948)
Outro clube: Atlético-MG

42º Osmar

Quarto-zagueiro (1971-78)
Jorge Osmar Guarnelli
★Rio de Janeiro (RJ), 18/2/1952
Jogador que começou ainda bastante jovem no Botafogo, sempre primou pela boa técnica e agilidade para se impor aos adversários. Sabia desarmar com categoria e tinha jogo para qualquer situação. E ainda sabia sair jogando.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Atlético-MG, Ponte Preta

43º Zezé Moreira

Médio (1935-45)
Alfredo Moreira Júnior
★Miracema (RJ), 16/10/1908 †Rio de Janeiro (RJ), 10/4/1998
Jogador de técnica regular, que fazia prevalecer o seu porte físico, foi de grande importância para o clube, numa fase considerada de bons ventos para o Glorioso. Raçudo, brigador e quase sempre viril, não costumava perder divididas. Inteligente, gostava de orientar seus companheiros de defesa, botando ordem na casa.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palestra Itália-SP

44º Aymoré Moreira

Goleiro (1935-45)
Aymoré Moreira
★Miracema (RJ), 26/4/1912 †Salvador (BA), 26/7/1998
Excelente goleiro, apesar de sua pouca estatura para a posição, era bastante corajoso e arrojado. Freqüentemente salvava gols jogando-se aos pés dos adversários. Costumava jogar fora da pequena área, sendo um dos goleiros precursores nisso.

Títulos: nenhum
Outros clubes: SC Brasil, América, Palestra Itália-SP

45º Paulo Sérgio

Goleiro (1980-85)
Paulo Sérgio de Oliveira Lima
Rio de Janeiro (RJ), 24/7/1953
Apesar de não possuir boa altura para a posição (1,78 m), tinha bom senso de colocação, o que o facilitava quase sempre em suas defesas, e possuía também boa impulsão. Era arrojado, sem ser espalhafatoso. Teve excelentes atuações na campanha que levou o clube às semifinais do Campeonato Brasileiro de 1981.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Fluminense, Americano-RJ, América, Volta Redonda, Goiás, Vasco

46º Renato Sá

Ponta esquerda (1979)
Renato Luís de Sá Filho
★16/6/1955
Bastou um jogo para que Renato Sá passasse a fazer parte da história do clube. Em 2 de junho de 1979, o Flamengo completaria 53 jogos invictos caso não perdesse o jogo. Mas um providencial chapéu em Júnior, seguido de uma emendada potente, quebrou a invencibilidade rubro-negra, igualando-o ao Botafogo com 52 jogos invictos. Precisava mais?

Títulos: nenhum
Outros clubes: Grêmio, Vasco da Gama, Atlético-PR

47º Wagner

Goleiro (desde 1993)
Sebastião Wagner de Souza e Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 20/2/1969
Os santistas morrem de raiva dele. Dizem que só sabe fechar o gol se vir 11 camisas brancas pela frente. Os botafoguenses sabem que não é assim. Pois quantas foram as vezes que Wagner trancou a porta de casa contra Flamengo, Fluminense, Vasco... sem contar a final de 1995, contra o Santos.

Títulos: Copa Conmebol (1993), brasileiro (1995), carioca (1997), Rio-São Paulo (1998)
Outros clubes: Bangu (1990 a 1993)

48º Carlos Alberto Dias

Meia-direita (1990-92)
Carlos Alberto Costa Dias
Brasília (DF), 5/5/1967
A maior alegria que deu aos alvinegros não foi um gol ou um título. Mas sua contratação foi a vitória em uma queda-de-braço com o Flamengo, que também sonhava tirá-lo do Coritiba. Na briga, deu Fogão. Depois, ele teve seu brilho, na campanha do título estadual de 1990 e no Brasileirão 92, quando o Bota foi vice.

Títulos: carioca (1990)
Outros clubes: Coritiba, Paraná, Vasco, Kashima Antlers-JAP

49º Valdeir

Atacante (1990-92)
Valdeir Celso Moreira
★Goiânia (GO), 31/12/1967
The Flash era tão rápido, mas tão rápido, que passou feito um foguete pelo Botafogo. Chegou pelos braços de Emil Pinheiro, o bicheiro-patrono do clube em 1990. E foi embora assim que Emil decidiu parar de brincar de futebol. Mas valeu! Foi bom ver zagueiros rubro-negros, tricolores e vascaínos correndo atrás dele em vão.

Títulos: carioca (1990)
Outros clubes: Atlético-GO, Bordeaux-FRA, São Paulo

50º Dimba

Atacante (1997 e desde 1999)
Editácio Vieira de Andrade
★Planaltina (DF), 30/12/1973
Foi dele o gol do título carioca de 1997, contra o Vasco, badalado pelo melhor elenco e... por Edmundo. Pois naquela tarde de Maracanã, Dimba foi melhor do que Edmundo. O Botafogo paga um pouco o preço por isso. Até hoje tem que engolir, vez por outra, suas matadas de canela. Mas aquele dia ficou na história.

Títulos: carioca (1997)
Outros clubes: Sobradinho, Portuguesa-SP

44º: Aymoré era baixinho, mas arrojado

ROGÉRIO PALLATTA

47º: Wagner salvou o time em 1995

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Instinto de gênio

Numa família em que dois craques fazem história, um pelo São Paulo, outro pelo Corinthians, é natural que haja discordância. Mas o mais novo reconhece que gênio entre os Oliveira só havia um. E ele defendeu o Timão por seis anos

Jogou seis anos pelo Corinthians. Em 1983, chegou atrasado ao Morumbi, caminhando desde o Palácio do Governo e, mesmo assim, fez o gol da vitória de 1 x 0 sobre o Palmeiras. Um gênio.

A pergunta da moda no início dos anos 90 envolvia uma disputa entre fanáticos são-paulinos e corintianos. Quem, afinal, foi mais importante para a história do futebol? O campeão mundial Raí, do São Paulo, ou seu irmão mais velho e famoso, Sócrates? A resposta veio dos dois, da maneira mais objetiva possível, num encontro em 1997. Raí era melhor como atleta, Sócrates... "Ele era muito mais genial do que eu", avalizou o próprio Raí.

SÓCRATES NA SALA DE TROFÉUS DO TIMÃO, QUE AJUDOU A COLOCAR TRÊS TAÇAS PAULISTAS. ATÉ O IRMÃO RECONHECE SEU TALENTO

Sócrates jamais se esforçou para ser um jogador genial. Ele simplesmente era. Fumava, bebia, vivia noitadas incríveis, brigava com dirigentes pelo fim da concentração no futebol. Em 1983, para ele, tudo isso era permitido e respaldado pela Democracia Corintiana, processo político que comandou no clube.

Pouco importava se Sócrates era ou não um atleta exemplar. Até as traves do Morumbi sabiam que era loucura deixá-lo solto. O técnico Rubens Minelli decidiu escalar um jogador com a missão exclusiva de impedir que o Doutor tocasse na bola, nas semifinais do Campeonato Paulista de 1983. O escolhido foi o zagueiro Márcio Alcântara, recém-chegado do Londrina e improvisado como volante. No primeiro jogo, Márcio parecia um carrapato. Sócrates caía pelas laterais e sentia o zagueiro fungando em seu pescoço. Uma única chance, de pênalti, e Sócrates marcou o gol de empate por 1 x 1.

Mas Minelli insistiu. Achou que a estratégia havia dado certo e pediu que Márcio repetisse a dose na quarta-feira, na segunda e decisiva partida. Nessa noite, o Corinthians chegou atrasado ao Morumbi. Preso no trânsito, o ônibus que levava a delegação parou em frente ao Palácio dos Bandeirantes. Os jogadores desceram e foram a pé, correndo cerca de dois quilômetros. Atletas exemplares como Wladimir, Leão, Juninho, Biro-Biro. E Sócrates.

O Doutor fumava, bebia e ainda precisou correr dois quilômetros antes de entrar em campo. Fez o aquecimento às pressas e, quando chegou ao campo, tinha Márcio Alcântara no seu encalço. Era de se esperar uma catástrofe, se Sócrates fosse um jogador comum. Não era.

Inspirado, o Doutor começou a brincar com a situação. Deslocava-se pela direita e sentia Márcio no seu cangote. Pois então ia até a bandeirinha de escanteio. Em vez de deixá-lo em claro impedimento, Márcio o seguia até lá. Sócrates, então, saiu pela linha lateral, diante de um Márcio Alcântara perplexo. A brincadeira durou 20 minutos. No 21º, Sócrates recebeu na meia direita e, num simples giro de corpo, deixou o marcador para trás, entregue. Aí, foi só chutar e fazer o gol contra o goleiro João Marcos.

Sócrates era o tipo de jogador que irritaria o crítico mais severo, aquele que entende tudo de futebol, menos o inusitado. Daquele tipo que cobra participação constante numa partida, durante os 90 minutos sem parar. Que não permite um instante de vacilo e crava nas atuações dos jornais no dia seguinte: "dois lances brilhantes e só". Não importa se nos dois lances tenha decidido a partida, se tiver passado despercebido todo o resto do jogo. Não importa nem que não tenha havido jogo naquele resto de tempo. Só vale lutar contra os fatos quando um jogador determina o resultado da partida em um único — e mágico — momento.

Sócrates irritava esses críticos ainda mais no início da carreira, tempo em que parecia dar de ombros para sua própria genialidade. Fazia um gol daqueles que entram para a história e, no mesmo segundo de sua confecção, virava as costas e voltava caminhando para o campo de defesa. Nem sequer levantava um braço para festejá-lo. Durante um tempo, isso irritou mais do que os críticos. Deixava a Fiel inconformada e havia quem dissesse que um jogador desse tipo, sem vibração, não era digno de defender a camisa corintiana. Que ficaria melhor vestido de tricolor.

NO INÍCIO DA FASE CORINTIANA, COM A CAMISA 9 ÀS COSTAS FOI CRITICADO POR NÃO FESTEJAR OS GOLS QUE MARCAVA

O auge dessas críticas aconteceu em uma partida contra o XV de Piracicaba, no Paulistão de 1979. O Timão perdeu em casa e o vexame não passou impunemente. A Fiel tentou invadir os vestiários e bater no zagueiro Amaral. Alguém, mais indignado, também não quis poupar o Doutor. E Sócrates quase saiu escorraçado do Corinthians. Quem diria, Sócrates poderia ter deixado o Parque São Jorge como um qualquer, sem ter dado sequer um troféu aos corintianos.

O tempo passou, a Fiel se acostumou um pouco mais a seu estilo, mas, principalmente, o Doutor absorveu a alma corintiana. Quando chegou ao Parque São Jorge, em 1978, era um santista incurável. Não do tipo fanático, mas que guardava fotos da infância vestido com o uniforme que consagrou Pelé. Seis anos depois, quando fez seu último gol corintiano, contra o Goiás, pelo Campeonato Brasileiro, assumia o corintianismo mais puro. E ainda o cantava, numa pífia tentativa de transformar em afinada uma voz sem nenhum brilho: "Ser corintiano é ir além de ser ou não ser o primeiro. Ser corintiano é ser também um pouco mais brasileiro", cantava, nos versos compostos por outro corintiano, Toquinho.

Sócrates Brasileiro, como seu nome de batismo. Se ser corintiano era ser um pouco mais brasileiro, era Sócrates corintiano. O maior corintiano de todos.

LEMYR MARTINS

1º Sócrates

Meia-direita (1978-84)
Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira
★Belém (PA), 19/2/1954
Títulos: paulista (1979, 1982/83)
Outros clubes: Botafogo-SP, Fiorentina, Flamengo, Santos
Por que está em primeiro: Foi, sem dúvida, o mais genial entre todos os craques geniais que passaram pelo Parque São Jorge. E, apesar das críticas do início da passagem pelo Parque São Jorge, não saiu escorraçado de lá, como aconteceu com Rivelino. Nem perdeu pênaltis em decisões contra o Palmeiras. Ao contrário: fez dois, nos dois encontros decisivos de 1983

Nas próximas páginas:
2º Rivelino
3º Cláudio
4º Luizinho
5º Baltazar
6º Gilmar
7º Neto
8º Wladimir
9º Marcelinho
10º Neco
11º Teleco
12º Zé Maria
13º Basílio
14º Ronaldo
15º Dida
16º Servílio
17º Amílcar
18º Casagrande
19º Viola
20º Biro-Biro
21º Palhinha
22º Gamarra
23º Brandão
24º Belangero
25º Carbone
26º Del Debbio
27º Tuffy
28º Rato
29º Domingos da Guia
30º Zenon
31º Grané
32º Dino
33º Idário
34º Olavo
35º Flávio
36º Milani
37º De Maria
38º Filó
39º Vaguinho
40º Oreco
41º Mário
42º Dino Sani
43º Paulo Borges
44º Dinei
45º Vampeta
46º Zé Elias
47º Edílson
48º Amaral
49º Carlos
50º Rincón

2º Rivelino
Meia-esquerda (1965-74)
Roberto Rivellino
*São Paulo (SP), 1/1/1946

Nos anos 60, os corintianos iam ao Pacaembu um pouco mais cedo para ver os jogos do torneio de aspirantes. Não que o Timão tivesse mais chances de conquistar um troféu entre os garotos. O fato é que no time menor havia um menino mirrado que, juravam, seria o homem a dar o título redentor ao Corinthians. Em 1965, quando estreou no principal, Rivelino já era conhecido pela Fiel e pelos rivais. E passou anos mostrando talento. Títulos, nada! Rivelino talvez tenha sido o maior injustiçado da história do Parque São Jorge. Mas o fato é que o destino não foi justo com os corintianos naquele tempo e alguém teve de pagar o pato. Rivelino não merecia. Tinha talento demais para ser mal tratado e mandado embora da Fazendinha por perder um título para o Palmeiras. Mas os fatos foram impiedosos e Rivelino só pode ser eleito o segundo melhor do Timão.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Fluminense, El Helal-SAU

5º: Baltazar virou até música

7º: Neto deu o Brasileirão ao Corinthians

RICARDO CORRÊA

3º Cláudio
Ponta-direita (1945-57)
Cláudio Christovam de Pinho
*Santos (SP), 18/7/1922

O Gerente, como foi apelidado por ser o principal líder do time corintiano nos anos 40, marcou 303 gols com a camisa do Timão. Só por esse número, que o consolida como maior goleador da história corintiana, Cláudio já merecia ser considerado um mito. Mas ele fez mais. Foi o líder de uma equipe genial, que marcou mais de cem gols no início dos anos 50, que tinha Luizinho, Baltazar, Rafael, Simão, Carbone... Se não bastasse tudo isso, ele chegou ao Corinthians depois de passar pelo Palmeiras, que não percebeu o talento que tinha nas mãos.E estreou fazendo um gol olímpico. Contra o Palmeiras. Precisa mais para ser deus na história do Timão?

Títulos: Rio-São Paulo (1951, 1953/54), paulista (1951/52, 1954)
Outros clubes: Santos, Palmeiras, São Paulo

4º Luizinho
Meia-direita (1949-62 e 1964-67)
Luiz Trujilo
*São Paulo (SP), 7/3/1930 †São Paulo (SP), 17/1/1998

Diz a lenda que Luizinho não perdoava um marcador em especial. O argentino Luis Villa, além de argentino, possuía outro defeito: jogava pelo Palmeiras. E Luizinho deitava e rolava na sua frente. Aliás, sentava. Bem em cima da bola, para humilhar o pobre irmão argentino. Luizinho jogou 589 partidas pelo Corinthians e, por ele, o Pacaembu inteiro vaiou a Seleção Brasileira, às vésperas do embarque para o Mundial da Suécia. O jogo era contra o Timão e, para piorar, Luizinho não estava em campo. Vaia no "scratch". Ao todo, Luizinho marcou 74 gols. O suficiente para reservar seu lugar na história.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outro clube: Juventus

5º Baltazar
Centroavante (1947-58)
Osvaldo da Silva
*Santos (SP), 14/1/1926 †Santos (SP), 25/3/1997

O talento de Baltazar para marcar gols valeu até uma marchinha carnavalesca, composta nos anos 50. "Gol de Baltazar, gol de Baltazar, sobe o cabecinha, 1 x 0 no placar". O mais comum era vê-lo subindo solto, no meio da grande área do Pacaembu, e escorar de cabeça. Infalível. A bola ia para a rede, mansa, direta, sem pestanejar. Fosse contra qual zagueiro viesse. O mais divertido era ouvir palmeirenses e são-paulinos dizendo que Baltazar se apoiava nos beques, antes de subir, e que, só por, isso era imbatível pelo alto. Brincadeira! Baltazar era um fenômeno, que marcou 267 gols pelo Corinthians em 402 partidas. O mais importante, contra o Vasco, na decisão do Rio-São Paulo de 1953. O Corinthians fez 2 x 1. Ele marcou o primeiro, de cabeça.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outro clube: Jabaquara

6º Gilmar
Goleiro (1951-61)
Gilmar dos Santos Neves
*Santos (SP), 22/8/1930

Em 1951, logo que chegou para jogar no Corinthians, Gilmar apanhou feio. Nem tanto pelo placar histórico – 7 x 3 para a Portuguesa – quanto pelas insinuações dos dirigentes, que imaginavam que Gilmar poderia ter facilitado a vida da Lusa. Gilmar quase foi embora e o Corinthians quase perdeu o melhor goleiro de sua história. Só que Gilmar continuou, deu a volta por cima e encheu a galeria de troféus do Timão. Só foi embora dez anos depois, já taxado de velho demais para o gol do Corinthians. Uma bobagem dá para acontecer. Duas, o destino não aceita. Gilmar foi para o Santos e cansou de vencer o Timão. Acontece.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outros clubes: Jabaquara, Santos

7º Neto
Meia (1989-93)
José Ferreira Neto
*Santo Antônio da Posse (SP), 9/9/1966

Havia duas maneiras de Neto ter vida mais longa no futebol. Uma, cuidar-se e mostrar para o Timão todo o futebol da conquista do Brasileirão 90 por mais tempo. Nessa época, fez gols de todos os tipos. De falta, de longa distância, contra o goleiro Zetti. Lançando e aparecendo na grande área para matar o goleiro, como nas quartas-de-final, contra o Atlético Mineiro. "Neto ganhou o título brasileiro sozinho para o Corinthians", virou moda ouvir nos corredores do Parque São Jorge. Verdade ou mentira, Neto tinha um prazer especial por defender o Timão, seu clube do coração desde a infância. E outro prazer maior por não precisar mais vestir verde, cor de dois de seus ex-clubes, antes de chegar: Guarani e Palmeiras. Só que Neto sofria com a barriguinha saliente, teve de encerrar a carreira mais cedo.

Títulos: brasileiro (1990)
Outros clubes: Guarani, Bangu, Bellinzona-SUI, Palmeiras, Millonarios-COL, Santos, Etti Jundiaí, Italchacao-VEN

8º Wladimir
Lateral-esquerdo (1973-86)
Wladimir Rodrigues dos Santos
*São Paulo (SP), 29/8/1954

É o recordista de partidas (801) com a camisa do Corinthians e só esse fato já é suficiente para transformá-lo no maior lateral-esquerdo da história, apesar de a velha guarda jurar que Dino foi tecnicamente melhor. Foi tambémum dos líderes da Democracia Corintiana, movimento que produziu o bicampeonato paulista de 1982 e 1983, ao lado de Sócrates, Zenon, Biro-Biro & Cia. Wladimir participava de todas as decisões extracampo. E, no gramado, chamava para si a responsabilidade do jogo. Só não conseguiu levantar um título brasileiro para o Corinthians, que viria quatro anos depois de sua saída. Nas semifinais de 1984, foi eliminado pelo Fluminense, de Assis e Washington, treinado por Carlos Alberto Parreira. Mas marcou época.

Títulos: paulista (1977, 1979, 1982/83)
Outros clubes: Santo André, Central Brasileira de Cotia, Cruzeiro, Santos

9º Marcelinho
Meia (1994-97 e desde 1997)
Marcelo Pereira Surcin
*Rio de Janeiro (RJ), 1/2/1971

O Pé-de-Anjo chegou quebrando tabus e criando marcas. Na sua estréia, ao contrário do que reza a tradição, o Timão ganhou e ele fez gol, contra a Portuguesa. Era carioca, mas virou rapidamente um ídolo da Fiel e se adaptou a São Paulo com extrema facilidade. Com ele, o Corinthians conquistou o segundo título nacional de sua história – a Copa do Brasil de 1995 – e Marcelinho passou a ser reconhecido como o mais vitorioso jogador da história do Corinthians. Marcelinho é odiado pelas outras torcidas e pelos outros jogadores, como indicou pesquisa de PLACAR em maio de 2000. Mas é um fenômeno de vitórias na história do Timão. Por isso, está entre os dez eternos.

Títulos: mundial (2000), brasileiro (1998/99), Copa do Brasil (1995), paulista (1995, 1997, 1999)
Outros clubes: Flamengo, Valencia-ESP

10º Neco
ponta-esquerda
Manoel Nunes
*São Paulo (SP), 7/3/1895 †São Paulo (SP), 31/5/1977

Foi o primeiro herói da história corintiana e também o primeiro a virar estátua. Fruto de 17 anos de dedicação extrema ao preto e branco da bandeira do Corinthians. Estreou no time principal em 1913, mostrando dribles rápidos e conclusões precisas. Foi artilheiro dos campeonatos paulistas de 1914, com 12 gols, e 1920, com 24. Quando se irritava com um jogador adversário ou um árbitro, tirava a cinta e corria atrás de quem tentava prejudicar o Corinthians. Teve propostas para sair, entre elas do Fluminense. Mas jamais trocou o Parque São Jorge por dinheiro ou desafio nenhum. Morreu cinco meses antes de ver o Corinthians sair da fila de 23 anos sem títulos.

Títulos: paulista (1914, 1916, 1922/23/24, 1928/29/30)
Outros clubes: nenhum

11º Teleco
Centroavante (1934-44)
Uriel Fernandes
*Curitiba (PR), 12/11/1913

Cláudio Christovam do Pinho é o maior artilheiro da história do Corinthians, com 303 gols. Mas, proporcionalmente, ninguém jamais marcou tantas vezes quanto Teleco. No total, o goleador corintiano balançou as redes 243 vezes em 234 jogos. Quer dizer: mais de um gol por partida. Vale dizer que cada vez que um zagueiro entrava em campo para marcá-lo, já sabia que estava em apuros. E Teleco, como Neco, teve vida e amor longos pelo Corinthians. Chegou em 1934, vindo do Britânia, do Paraná, passou dez anos marcando em todos os clubes e só depois passou rapidamente pelo Santos e pelo Juventus. Mas, juntando todas as demais passagens, totaliza apenas 26 gols. Seu coração era mesmo do mais puro corintianismo.

Títulos: paulista (1937/38/39, 1941)
Outros clubes: Britânia-PR, Santos, Juventus

12º Zé Maria
Lateral-direito (1969-82)
José Maria Rodrigues Alves
*Botucatu (SP), 18/5/1949

O que pode notabilizar um corintiano, mais do que dar o sangue pelo clube? Pois Zé Maria deu e manchou o manto sagrado de vermelho na decisão do Paulista de 1979, contra a Ponte Preta. E o que pode ser mais importante do que quebrar um jejum de 23 anos para o Corinthians e ainda iniciar a jogada do gol redentor? "Para mim, isso foi mais importante do que ser tricampeão do mundo, pela Seleção Brasileira", relata Super-Zé. Zé Maria era o rei da raça e, no final de 1982, entrou em campo na decisão contra o São Paulo só para receber uma homenagem. Era sua última partida depois de 13 anos de serviços prestados no Parque São Jorge. Esse deixou muita saudade.

Títulos: paulista (1977, 1979, 1982)
Outro clube: Portuguesa

RENATO PIZZUTTO

9º: Marcelinho é fenômeno em taças

13º Basílio
Meia-direita (1975-81)
João Roberto Basílio
*São Paulo (SP), 4/2/1949

Os inimigos costumam dizer que a redenção corintiana aconteceu no pé de um cabeça-de-bagre. Nada prova mais a falta de entendimento do que é a vida corintiana do que tal observação. Pois Basílio podia não ter o requinte com a bola dominada dos monstros sagrados, mas tinha a qualidade rara dos deuses corintianos: raça. E tinha um pé-de-anjo, seu pé direito redentor. Por isso, ficou na história do Corinthians com esse apelido, antes mesmo de Marcelinho Carioca sonhar colocar seu pé direito no Parque São Jorge. Apelido para um deus, como Basílio. O homem que libertou toda uma nação e marcou o gol mais importante da história corintiana. Ah! O gol mágico aconteceu dia 13 de outubro do ano santo de 1977. Então, Basílio entra na lista como o número 13. Só para lembrar como ele deu sorte à Fiel.

Títulos: paulista (1977 e 1979)
Outro clube: Portuguesa

11º: Teleco é recordista, na média de gols

14º Ronaldo

Goleiro (1988-98)
Ronaldo Soares Giovanelli
★São Paulo (SP), 20/11/1967

Foi um deus. E pensava que era tal. Tanto que durante dez anos fez gestos públicos recriminando toda a defesa a cada falha sua. Mas falhas mesmo, teve poucas. Principalmente levando em conta que jogou com Baré, Embu e Elias a protegê-lo. Ronaldo sabia disso e, em off, fora das câmeras e microfones, admitia a dureza de jogar com zagueiros tão desprezíveis. Ronaldo também fazia questão de ressaltar suas qualidades, saltando acrobaticamente a cada vez que conseguia uma grande defesa. Durante dez anos foi assim. E, nesse período, a Fiel sabia que podia confiar nele. Por isso, virou um dos 50 deuses da lista de PLACAR.

Títulos: brasileiro (1990), Copa do Brasil (1995), paulista (1988, 1995 e 1997)
Outros clubes: Fluminense, Cruzeiro, Inter de Limeira, Portuguesa

RICARDO CORRÊA

15º: Dida segurou tudo no Mundial

15º Dida

Goleiro (desde 1999)
Nélson de Jesus Silva
★Irará (BA), 7/10/1973

Dida entra por pegar um pênalti de Anelka e evitar que Gilberto marcasse o seu, na decisão do Mundial de Clubes da Fifa, em 2000. Em tese, seria a antítese do corintiano. Frio, calculista, demasiadamente técnico, e ainda por cima enfrentou o Corinthians na decisão do Brasileiro 98, defendendo o Cruzeiro. Mas virou mito pela incrível capacidade de pegar pênaltis. E pelo título mundial.

Títulos: mundial (2000), brasileiro (1999)
Outros clubes: Vitória, Cruzeiro, Milan-ITA, Lugano-SUI

16º: Servílio era chamado de Bailarino

16º Servílio

Meia (1938-48)
Servílio de Jesus
★São Félix (BA), 15/2/1915 †São Paulo (SP), 1984

O apelido era "o Bailarino". Pois o que é que bailar tem a ver com o Corinthians? Coisa de gente delicada, pensariam os corintianos mais ferrenhos, dos anos 30. O que o bailarino tinha a ver com o Timão é que quem bailava quando ele estava em campo eram os adversários. Principalmente Palmeiras e São Paulo. De seus pés, sempre saíam os passes geniais completados por Teleco para o gol. E Servílio é um dos responsáveis pela incrível média de gols do centroavante corintiano dos anos 30.

Títulos: paulista (1938/39, 1941)
Outros clubes: Ypiranga, Galícia, Comercial

17o Amílcar

Centro médio (1913-23)
★Amílcar Barbuy

Era o centromédio corintiano dos primeiros tempos e dos primeiros títulos. Também foi o primeiro jogador alvinegro convocado para a Seleção Brasileira, em 1916. Só por ter ensinado a Seleção a ser um pouco corintiana, merece a lembrança.

Títulos: paulista (1914, 1916, 1922/23)
Outros clubes: nenhum

18º Casagrande

Centroavante (1982-84, 1985-87 e 1994)
Walter Casagrande Júnior
★São Paulo (SP), 15/4/1963

A cena ficou marcada na memória de quem estava no Pacaembu, naquela tarde de sábado, em 1993. Casagrande entrou em campo de rubro-negro, para defender o Flamengo. E o estádio inteiro explodiu, aos gritos: "Doutor, eu não me engano, o Casagrande é corintiano". Tonto de emoção e desconcerto, Casão acabou fazendo contra o gol da vitória corintiana por 1 x 0. No ano seguinte, capitulou e voltou a vestir a camisa do Timão, pela última vez em alto nível. Antes, no início de carreira, cativou a Fiel com uma demonstração de amor pelo Corinthians: marcou três gols numa goleada de 5 x 1 contra o Palmeiras. Há mais sinal de devoção?

Títulos: paulista (1982/83)
Outros clubes: Caldense, São Paulo, Porto-POR, Ascoli-ITA, Torino-ITA, Flamengo, Paulista de Jundiaí

19º Viola

Centroavante (1988-95)
Paulo Sérgio Rosa
★São Paulo (SP), 1/1/1969

Poucos, como ele, conheceram em tão pouco tempo as duas faces de ser corintiano à sua porta numa tarde de 31 de julho de 1988, em seu terceiro jogo com a camisa do Timão — o primeiro que havia começado desde o apito do árbitro. Na prorrogação, marcou o gol da vitória e do título paulista e, na festa, tirou uma camisa, atirou para a arquibancada e mostrou outra por baixo. Confiança de corintiano.
Caiu em desgraça e viveu o sofrimento do corintiano da periferia, passando cem dias sem marcar. Foi jogar no Olímpia e no São José, antes de voltar ao Timão, quatro anos depois. Só aí o sucesso voltou a sorrir e chegou à Copa do Mundo de 1994, nos Estados Unidos. Viola jogou até pelo Palmeiras, mas até isso a Fiel lhe perdoa. Afinal, ele é como a nação: maloqueiro e sofredor, graças a Deus.

Títulos: Copa do Brasil (1995), paulista (1988, 1995)
Outros clubes: Olímpia-SP, São José-SP, Palmeiras, Valencia-ESP, Santos, Vasco

20º Biro-Biro

Volante (1978-88)
Antônio José da Silva Filho
★Recife (PE), 18/5/1959

Quando chegou ao Parque São Jorge e deu de cara com o presidente Vicente Matheus anunciando a contratação de Lero-Lero, ele deve ter tido vontade de voltar na hora para o Recife. Afinal, no ano anterior havia sido campeão pernambucano pelo Sport e a torcida de sua terra tinha verdadeira adoração pelo futebol da jovem revelação. Os rivais também não podiam entender como aquele Lero-Lero, digo, Biro-Biro, conseguia jogar futebol, de tão peladeiro. Matava de canela, mas tinha a disposição dos melhores corintianos. Talvez por isso tenha sobrevivido dez anos, jogando nas mais diversas posições do elenco do Timão — da cabeça-de-área à ponta-esquerda. Ah, também porque eliminou o Palmeiras com um gol na semifinal do Paulistão 79. Isso explica boa parte de seu sucesso.

Títulos: paulista (1979, 1982/83, 1988)
Outros clubes: Sport, Portuguesa, Guarani, Coritiba

21º Palhinha

Centroavante (1977-80)
Vanderlei Eustáquio de Oliveira
★Belo Horizonte (MG), 11/6/1950

O título paulista de 1977 começou com um gol de Palhinha, no primeiro jogo decisivo contra a Ponte Preta. De nariz, no rebote do goleiro Carlos. Palhinha quebrou o nariz na jogada e não pôde participar dos dois jogos finais. Mas, no ano seguinte, lá estava ele de novo, dessa vez para mostrar outro estilo corintiano. O das tabelinhas com Sócrates. Os dois juntos mostraram que o Timão também sabe jogar com classe.

Títulos: paulista (1977 e 1979)
Outros clubes: Cruzeiro, Atlético-MG, Santos, Vasco

22º Gamarra

Zagueiro (1998-99)
Carlos Alberto Gamarra Pavón
★Assunção, Paraguai, 17/2/1971

Vá marcando em sua lista de grandes zagueiros da história do Corinthians e pense sobre quem pode ser o melhor. Daniel González, não. Murilo, dos anos 50, também não. Tem Olavo, mas esse não. Mauro, Jatobá, Paulo, Pinela? Cruzes! É, tem de ser Gamarra mesmo. O homem que não perdia uma bola e não fazia uma falta. Um fenômeno.

Títulos: brasileiro (1998), paulista (1999)
Outros clubes: Cerro Porteño-PAR, Internacional, Atlético de Madrid-ESP

23º Brandão

Centro médio (1935-46)
José Augusto Brandão
★Taubaté (SP)

O mais clássico dos médios que passaram pelo Corinthians nos anos 30 e 40, era famoso por jogar de cabeça erguida e por ter disputado a Copa do Mundo de 1938. Antes de chegar à Fazendinha, jogou pela Portuguesa, mas foi no Corinthians que conquistou toda a identificação com a torcida. Conquistou o tricampeonato paulista de 1937/38/39, o grande feito corintiano daquele período.

Títulos: paulista (1937/38/39, 1941)
Outros clubes: Portuguesa

24º Roberto Belangero

Volante (1951-59)
Roberto Belangero
★São Paulo (SP), 28/6/1928 †São Paulo (SP), 30/10/1996

O mais clássico jogador de meio-de-campo da história do Corinthians, brilhou no time dos anos 50, junto com Luizinho, Rafael, Cláudio e Baltazar. Conquistou três títulos paulistas e três do Rio-São Paulo.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outro clube: Newell's Old Boys-ARG

25º Carbone

Meia (1951-58)
Rodolfo Carbone
★São Paulo (SP), 28/10/1927

Uma carreira meteórica no Corinthians. Chegou do Juventus, onde havia se destacado como carrasco do Timão. Pois fez gols e mais gols logo depois de sua chegada. Em 1954, porém, já era reserva de Rafael. Um craque de glória bem curta.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outros clubes: Juventus, Botafogo-SP

26º Del Debbio

Lateral-esquerdo (1919-39)
Armando del Debbio
★Santos (SP), 2/11/1904 †São Paulo (SP), 8/5/1984

Raçudo, foi um dos primeiros laterais capazes de entrar na história do Timão e o melhor de sua posição até o surgimento de Wladimir, nos anos 70. Depois do Corinthians, jogou pela Lazio, da Itália.

Títulos: paulista (1922/23/24, 1928/29/30, 1937/38/39)
Outros clubes: Santos, São Bento, Lazio-ITA

27º Tuffy

Goleiro (1929-32)
Tuffy Nejen
★Santos (SP) 6/6/1899 - São Paulo (SP) 04/12/1935

Foi expulso do Santos por não ter permitido que a seleção carioca, em frente ao presidente Washington Luís, batesse um pênalti na decisão do Campeonato Brasileiro de Seleções, de 1927. Por isso, decidiu rumar para o Parque São Jorge, onde virou lenda e foi tricampeão, em 1928/29/30.

Títulos: paulista (1928/29/30)
Outros clubes: Santos, A. A. Palmeiras, Pelotas, Sírio

28º Rato

Meia e ponta-esquerda (1921-31 e 1934-36)
José Castelli
★São Paulo (SP), 10/8/1903 † São Paulo (SP), 26/9/1984

Foi um dos primeiros craques brasileiros a jogar na Itália. Foi, ganhou suas liras, mas, na volta, tinha de defender o Timão. Por isso, foi uma das lendas do Corinthians dos anos 20 e 30.

Títulos: paulista (1928/29/30)
Outro clube: Lazio-ITA

29º Domingos da Guia

Zagueiro (1944)
Domingos da Guia
★Rio de Janeiro (RJ), 24/7/1912

Poderia ter sido o maior zagueiro da história do Timão e igualado Gamarra, o herói dos anos 90. Só que chegou ao Parque São Jorge já veterano, depois de uma ótima passagem pelo Flamengo. Mesmo assim, a falta de zagueiros da história corintiana sempre o fez ser consagrado como um gênio da defesa. Até porque, apesar de já não ser o mesmo, fez boas atuações.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, Peñarol-URU, Bangu, Boca Juniors-ARG, Flamengo

ROGERIO PALLATTA

22º: Gamarra foi o maior beque do Timão

30º Zenon

Meia (1981-88)
Zenon de Souza Farias
★Tubarão (SC), 31/3/1954

Zenon chegou ao Parque São Jorge depois de ter castigado muito os corintianos. Na estréia de Palhinha, em 1977, Zenon comandou o Guarani na vitória bugrina por 3 x 0. Compensou tudo. Logo depois de sua chegada, marcou um golaço numa vitória por 1 x 0 sobre o Santos, que impediu a quebra do tabu de cinco anos. O Doutor teve poucos parceiros de tão alto nível. E foi de Zenon o passe para o Magrão fazer o gol do bi em 1983. Com a marca do Doutor: de calcanhar.

Títulos: paulista (1982/83)
Outros clubes: Hercílio Luz, Avaí, Guarani, Al Nasser-SAU, Atlético-MG, Portuguesa

JOSÉ PINTO

30º: Zenon deu o passe do gol do título de 1983

31º Grané

Zagueiro (1924-34)
Pedro Grané
★São Paulo (SP), 10/11/1897 †São Paulo (SP), 1985

As lendas do futebol fazem crescer mitos. Como o de que Eurico Lara teria morrido ao defender um pênalti cobrado por um chutador potente. A lenda fez Lara, o mitológico goleiro gremista, cruzar com Grané, numa de suas variações que viraram folclore. Nada disso é verdade, exceto a parte do chute potente de Grané. Era um canhão. Tanto que seu apelido era 420, o calibre do canhão mais potente dos anos 20. Foi um dos grandes zagueiros do Timão da época.

Títulos: paulista (1928/29/30)
Outros clubes: nenhum

32º Dino

Lateral-esquerdo (1940-44)
Osvaldo Rodolpho da Silva
★São Paulo (SP), †São Paulo (SP), 7/7/1987

O primeiro grande lateral-esquerdo da história corintiana, é apontado pela velha guarda como um jogador mais completo do que Wladimir, o eleito da posição pelos contemporâneos.

Títulos: paulista (1941)
Outros clubes: Portuguesa Santista, Vasco

35º: Flávio fez gols contra e a favor do Timão

33º Idário

Lateral-direito (1949-59)
Idário Samchez Peinado
★São Paulo (SP), 7/5/1927

Disputou 470 partidas pelo Corinthians e sempre deu provas de amor à camisa. Era a personificação da raça corintiana, numa época em que nem era preciso tanto esforço para vencer no Parque São Jorge. Afinal, o time era bom. Junto com Idário, jogavam os grandes jogadores que o Corinthians possuiu nos anos 50: Cláudio, Baltazar, Luizinho, Carbone e Simão.

Títulos: paulista (1951/52, 1954), Rio-São Paulo (1951, 1953/54)
Outro clube: Nacional

38º: Filó driblou no Brasil e na Itália

34º Olavo

Zagueiro (1952-61)
Olavo Martins de Oliveira
★Santos (SP), 9/11/1927

Chegou ao Corinthians como um jogador que havia se transformado em patrimônio do Santos e parecia jamais ser capaz de integrar a mística da camisa alvinegra. Mas conseguiu. Fez parte da geração dourada dos anos 50, levantou taças e virou símbolo de determinação, ao lado de Idário. No final da carreira, voltou a Santos e virou professor das divisões de base na Vila.

Títulos: paulista (1952, 1954), Rio-São Paulo (1953/54)
Outros clubes: Santos

35º Flávio

Centroavante (1964-69)
Flávio Almeida da Fonseca
★Porto Alegre (RS), 9/7/1944

O gaúcho Flávio passou cinco anos recebendo todos os tipos de xingamentos possíveis da torcida do Corinthians. De tanto ouvir desaforos, foi embora do Parque São Jorge em 1969, depois de marcar um dos gols que acabaram com os 11 anos de tabu com o Santos. Foi então que a Fiel percebeu o tamanho da burrada que havia feito. Nos clubes por onde passou, Flávio continuou marcando. Só que contra o Timão. A favor, foram 158.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Fluminense, Internacional, Santos, Pelotas, Jorge Wilsterman-BOL

36º Milani

Centroavante (1941 -47)
Mário Milani
★Rio de Janeiro (RJ)

Teve só uma passagem pelo Fluminense, além de seu período no Corinthians, onde foi artilheiro do Campeonato Paulista por duas vezes. Marcou época, mas só conseguiu uma taça, no Paulistão de 1941.

Títulos: paulista (1941)
Outro clube: Fluminense

37º De Maria

Ponta-esquerda (1927-30)
Alexandre De Maria
★Votorantim (SP), 26/6/1904

Durante anos, De Maria foi eleito o melhor ponta-esquerda da história do Corinthians. E olha que o homem só jogou três anos com a camisa do Timão. Como contraponto, conquistou um tricampeonato, o que dá, em média, um título a cada campeonato disputado. Um show!

Títulos: paulista (1928/29/30)
Outros clubes: Lazio-ITA, Independente-SP

38º Filó

Ponta-direita (1927-34)
Anfilogino Guarisi
★São Paulo (SP), 26/12/1905

O primeiro ponta-direita realmente driblador da história do Corinthians. Chegou ao Parque São Jorge contratado do Paulistano e passou oito anos por lá. Passou pela Lazio, mas foi no Timão que deu seus dribles mais desconcertantes.

Títulos: paulista (1929/30, 1937)
Outros clubes: Paulistano, Lazio-ITA

39º Vaguinho

Ponta-direita (1971-81)
Vagno de Freitas
★Sete Lagoas (MG), 11/2/1950

Não era muito habilidoso, nem capaz de dribles desconcertantes. Mas arrancava em velocidade e passou dez anos aprendendo a amar a camisa corintiana. Depois de oito, quando já estava bem treinado, foi jogar contra o Palmeiras e deu um show. O Corinthians venceu por 3 x 0, com um gol seu.

Títulos: paulista (1977, 1979)
Outros clubes: Atlético-MG, Ponte Preta

40º Oreco

Lateral-esquerdo (1957-62)
Valdemar Rodrigues Martins
★Santa Maria (RS), 13/6/1932 †1988

Chegou ao Corinthians ainda nos anos 50, jogou no histórico time de Luizinho e Baltazar, mas os bons tempos já haviam passado. Sua única final foi contra o São Paulo, e saiu de campo com derrota por 3 x 1. Mas Oreco era ótimo na marcação.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Internacional

41º Mário

Ponta-esquerda (1951-53)
Mário de Paula Lopes
★Rio de Janeiro (RJ), 15/11/1926

Diz a lenda que o ponta-esquerda Mário não gostava de fazer gols. Diz mais? Que não os fazia, chegando ao requinte de dar meia volta e retornar até a entrada da área para não fazê-los. Meia verdade. Mário fazia poucos — cinco em 62 partidas. Mas fazia. Como manda o figurino de um craque.

Títulos: paulista (1951/52), Rio-São Paulo (1953)
Outros clubes: Bangu, Vasco

42º Dino Sani

Volante (1966-68)
Dino Sani
★São Paulo (SP), 23/5/1932

Chegou ao Corinthians no final de carreira, mas serviu para uma coisa: para dar dignidade a um meio-de-campo cansado de ver pernas-de-pau. Com ele, o time pelo menos tinha categoria.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras, São Paulo, Milan-ITA, Boca Juniors-ARG, Comercial-SP

43º Paulo Borges

Ponta-direita (1968-70)
Paulo Luís Borges
★Laranjais (RJ), 24/12/1944

O chute veio de longe, no dia 6 de março de 1968. A bola enganou o goleiro Cláudio e entrou no ângulo. Pela primeira vez, o Corinthians conseguia vencer o Santos em 11 anos e, naquele dia, o gol de Paulo Borges serviu para abrir a contagem — Flávio fechou o placar. O ponta nunca foi um fenômeno. Mas esse gol fará com que os corintianos jamais o esqueçam.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Bangu, Palmeiras, Pontagrossense, Vasco-SE

44º Dinei

Centroavante (1990-92 e desde 1998)
Claudinei Alexandre Pires
★São Paulo (SP), 10/9/1971

Em 1991, perdeu um gol escandaloso, na frente da meta, contra o Palmeiras. Em 1999, contra o mesmo Palmeiras, nos pênaltis da Libertadores, chutou para fora. No entanto, Dinei é idolatrado pela Fiel. Tudo porque é o mais legítimo corintiano. Pelos seguidos perdões, Dinei retribuiu nas finais do Brasileiro 98.

Títulos: brasileiro (1990, 1998/99), paulista (1999) mundial (2000)
Outros clubes: Guarani, Grasshoppers-SUI, Portuguesa, Internacional, Cruzeiro, Coritiba, Inter de Limeira

45º Vampeta

Volante (desde 1998)
Marcos André Batista dos Santos
★Nazaré das Farinhas (BA), 13/3/1974

Wanderley Luxemburgo pediu a contratação de Vampeta, em 1998, para a lateral direita. Logo que chegou, porém, Vampeta o fez perceber que a lateral era pequena demais para ele e seu talento. Foi para o meio-de-campo, jogar como cabeça-de-área. Um pouco demais também. Que tal a meia? Também é pouco. Vampeta é um jogador moderno, que começa sua participação como volante, desce pela lateral e chega à grande área adversária para concluir.

Títulos: mundial (2000), brasileiro (1998/99), paulista (1999)
Outros clubes: Vitória, PSV Eindhoven-HOL, Fluminense

46º Zé Elias

Volante (1993-97)
José Elias Moedim Júnior
★São Paulo (SP), 25/9/1976

Ele estreou com a camisa do Corinthians aos 16 anos e sempre fez questão de dizer que não gostaria de jogar pelo maior rival de sua infância, o Palmeiras. Hoje, até cuida das palavras, coisa de profissional, mas seu coração continua corintiano. Não quis nem jogar pelo Flamengo, para não correr o risco de dar de frente com o Timão. Seu apelido: Zé da Fiel.

Títulos: Copa do Brasil (1995), paulista (1995, 1997)
Outros clubes: Bayer Leverkusen-ALE, Internazionale-ITA, Bologna-ITA

47º Edílson

Atacante (desde 1997)
Edílson da Silva Ferreira
★Salvador (BA), 17/9/1971

O Corinthians deve muito a ele. Em 1997, logo depois de sua chegada, marcou o gol contra o Flamengo que afastou o fantasma do rebaixamento. Mas a Fiel deve mesmo pelas embaixadinhas da final do Paulistão 99.

Títulos: mundial (2000), brasileiro (1998/99), paulista (1999)
Outros clubes: Industrial-ES, Tanabi, Guarani, Palmeiras, Benfica-POR, Kashiwa Reysol-JAP

48º Amaral

Zagueiro (1978-80)
João Justino Amaral dos Santos
★Campinas (SP), 25/12/1954

Houve dois jogadores na mesma posição e na mesma época, no Corinthians. O que havia acabado de chegar da Copa de 1978 era um gigante. Futebol clássico, assombrava pela tranqüilidade. Mas as falhas chegaram e a torcida começou a pegar no seu pé. E Amaral não teve estrutura para reencontrar o bom futebol.

Títulos: paulista (1979)
Outros clubes: Guarani, Santos, América-MEX, Universidad Guadalajara-MEX

49º Carlos

Goleiro (1983-88)
Carlos Roberto Gallo
★Vinhedo (SP), 4/4/1956

Carlos foi um sonho e uma realidade no Corinthians. Sonho nos tempos em que o Timão tinha Tobias e ele mostrava todo o seu talento no gol da Ponte Preta, grande rival dos anos 70. Demorou, mas o goleirão chegou, em 1983. O que lhe faltava era o carisma das decisões. Semanas antes de festejar seu único título: o Paulistão 88.

Títulos: paulista (1988)
Outros clubes: Ponte Preta, Fenerbahçe-TUR, Atlético-MG, Guarani, Palmeiras, Portuguesa

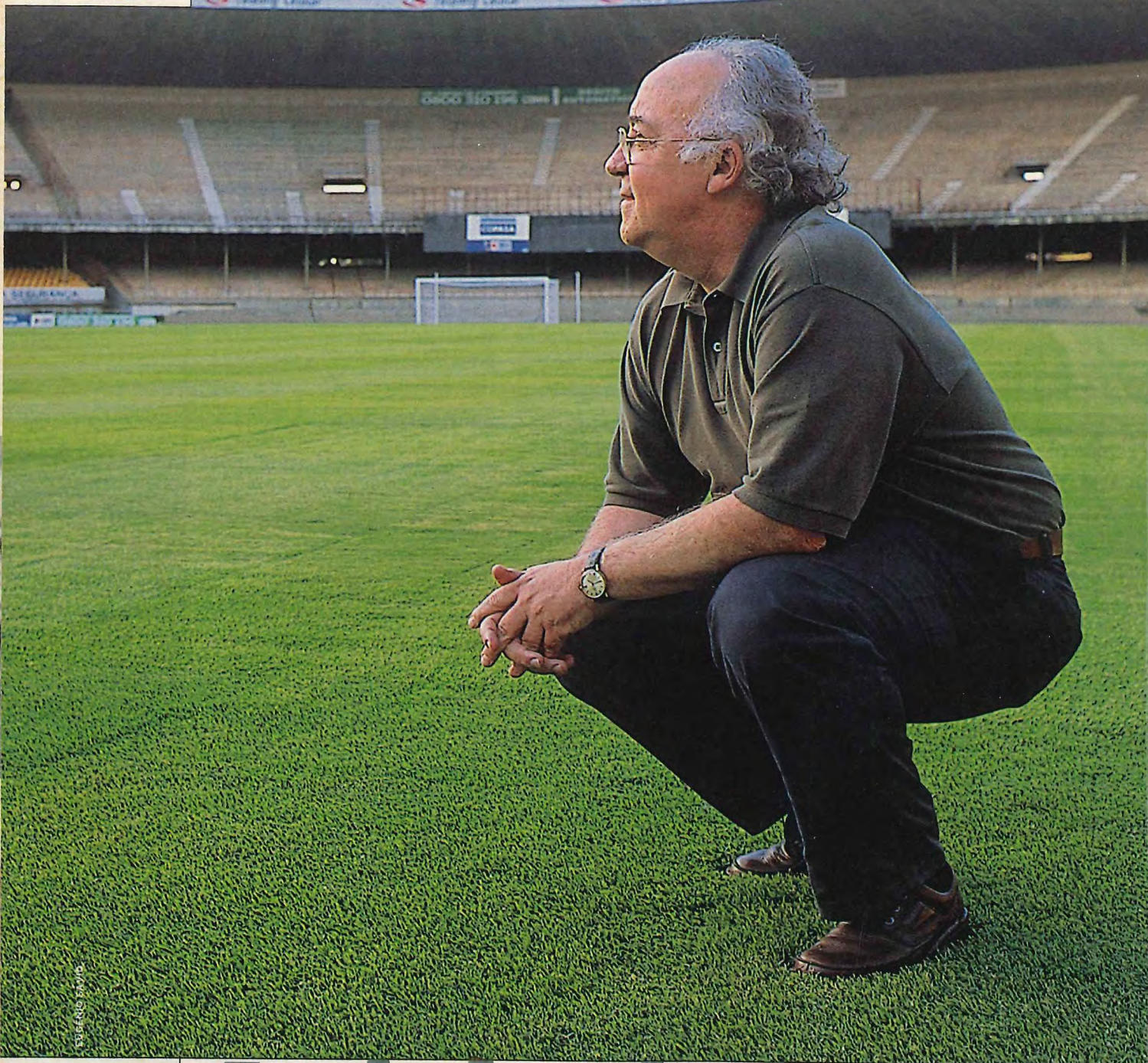
45º: Paulo Borges acabou com o tabu

50º Rincón

Meia (1997-2000)
Freddy Eusebio Rincón Valencia
★Buenaventura (Colômbia), 14/8/1966

O gigante do meio-campo, jogava tanto à frente, fazendo gols, quanto atrás, distribuindo cotovelaços. "Encontrei-me aqui", ainda dizia, lembrando os maus tratos do Palmeiras. Pois o dinheiro falou mais alto e ele trocou a Fazendinha pela Vila Belmiro. A bola que jogou o coloca entre os 50 melhores.

Títulos: mundial (2000), brasileiro (1998/99), paulista (1999)
Outros clubes: América de Cáli-COL, Palmeiras, Real Madrid, Napoli-ITA, Santos

50º: Rincón foi o capitão do Mundial

A visão do jogo

O moço que transformava um pedacinho de campo num imenso Mineirão parou de jogar precocemente por um problema num dos olhos. Logo nos olhos, que inspiravam sua maior qualidade: enxergar partidas como ninguém

Só pode ser uma grande ironia do destino. Um dos jogadores brasileiros com maior visão de jogo em todos os tempos teve de encerrar a carreira, precocemente, logo por causa de um problema num dos olhos. Essa não é a história de Tostão, apenas um capítulo, muito conhecido, mas longe de ser o mais relevante, da trajetória brilhante de um jogador singular. Que o digam os cruzeirenses!

Quando ainda era Eduardo, ou apenas Edu, Tostão ensaiava seus primeiros passos no futebol no time da Associação Esportiva Industriários, no Conjunto Habitacional do IAPI. Como era o mais mirrado e o mais novo do time, ganhou o apelido de Tostão (a moeda já era bem desvalorizada naquela época) e foi confinado a jogar na ponta-esquerda.

Lá, especializou-se ainda mais em chutar (exclusivamente) com o pé esquerdo. Com a direita, desde que machucou feio uma das unhas do pé, aos 6 anos, nem pensar. E olha que só foi superar o trauma 13 anos depois, já como jogador da Seleção Brasileira. Convencido pelo preparador físico Paulo Amaral, passou a treinar diariamente 200 chutes com o "pé cego", para tornar-se um atacante completo.

Nessa época, ele já era o maior ídolo do Cruzeiro, que montou uma verdadeira operação de guerra para tirá-lo do rival América-MG. Felício Brandi, então diretor do clube, chegou mais de uma hora atrasado ao próprio casamento só para fechar a contratação daquela pérola no mesmo dia. Levou um sabão da mulher, mas não se arrependeu. Tostão só deu glórias ao seu clube. Dois anos depois do desembarque no clube, com 16 anos, foi fundamental para consolidar a hegemonia cruzeirense em Minas Gerais. Vieram o bicampeonato em 1966 (artilheiro, com 18 gols), o tri em 1967 (artilheiro, com 20 gols), o tetra em 1968 (artilheiro, com 25 gols) e o penta em 1969 (artilheiro mais uma vez, com 14 gols). Para desespero dos atleticanos. Em 1966, de quebra, foi o maior destaque do time na conquista da Taça Brasil, com duas vitórias sobre o Santos de Pelé: 6 x 2 e 3 x 2.

Tudo corria bem para o sucessor em potencial do Rei. Até o lance fatídico em 1969, no Pacaembu, quando o zagueiro corintiano Ditão acertou um de seus bicões e a bola explodiu no olho esquerdo de Tostão. Descolamento de retina. Foi operado em Houston (Estados Unidos), voltou a jogar, mas a carreira estava comprometida.

Tostão ainda brilhou, e muito, na Copa do México, em 70, com uma função diferente: abrir espaços para os companheiros e jogar sem a bola. A sua jogada que originou o gol da vitória sobre a Inglaterra é simplesmente inesquecível.

TOSTÃO EM DOIS MOMENTOS DIFERENTES NO ESTÁDIO QUE AJUDOU A TORNAR UM PALCO AZUL: NOS ANOS 60, VIBRANDO COM UM DE SEUS GOLS (ABAIXO). E HOJE EM DIA, OLHANDO O GRAMADO EM QUE SE CONSAGROU E QUE VIROU SUA CASA

Não dava pulinhos nem se benzia quando entrava em campo, como fazia todo santo jogador, e se recusava a cosultar o pai-de-santo cruzeirense nos momentos de decisão e de dificuldade. Em vez de samba, ouvia música de protesto: Chico Buarque, Geraldo Vandré, que quase acabaram levando o ex-goleiro Raul, companheiro de quarto de Tostão, à loucura.

Mais significativo ainda: em plena ditadura, ele não se calava. Defendia a reforma agrária, a distribuição de renda, a eleição direta... Certa vez, recebeu um telefonema misterioso, dizendo que seria chamado para "esclarecimentos" em Brasília.

Cobiçado por todos os clubes do eixo Rio-São Paulo e insatisfeito com os métodos de trabalho do truculento técnico Yustrich, acabou sendo negociado pelo Cruzeiro com o Vasco, em 1972, para desespero da torcida. Foram 3,5 milhões de cruzeiros (sem trocadilho), a maior transação do futebol brasileiro até então. Mas, parecia destino, Tostão não brilhou com outra camisa.

Jogou pouco mais de um ano no Vasco. No início de 1973, enfrentava o Argentinos Juniors, mas mal desconfiava que seria a sua última partida. Uma inflamação na retina operada leva-o novamente a Houston, para mais uma cirurgia e o temido diagnóstico: Tostão não poderia mais jogar, sob o risco de ficar cego. Tinha 26 anos! Voltou a assumir o nome que ostentou apenas durante os seis primeiros anos de vida: Eduardo. Prestou vestibular para a Faculdade de Ciências Médicas, em Belo Horizonte, formou-se em Medicina em 1981 e entrou numa espécie de retiro, sem dar qualquer tipo de entrevista. Em 1984, rompeu o silêncio, curiosamente numa entrevista a PLACAR, onde hoje é colunista.

ARNALDO RIBEIRO

ESTADO DE MINAS

1º Tostão

Meia (1963-72)

Eduardo Gonçalves de Andrade
Belo Horizonte (MG), 25/1/1947

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972)

Outros clubes: América-MG, Vasco

Por que está em primeiro: Foi tecnicamente o melhor jogador que o Cruzeiro já teve em ação e, ainda por cima, levou o nome do Cruzeiro até o primeiro lugar do pódio de uma Copa do Mundo; porque até hoje, mais de 20 anos depois de abandonar o futebol por um problema de saúde, continua identificado com o clube e torna público seu amor

Nas próximas páginas:
2º Niginho
3º Dirceu Lopes
4º Piazza
5º Raul
6º Nelinho
7º Joãozinho
8º Palhinha I
9º Nininho
10º Zé Carlos
11º Jairzinho
12º Ronaldinho
13º Palhinha II
14º Roberto Batata
15º Ninão
16º Piorra
17º Abelardo
18º Evaldo
19º Perfumo
20º Procópio
21º Natal
22º Dida
23º Renato Gaúcho
24º Bengala
25º Eduardo
26º Revetria
27º Müller
28º Valdo
29º Fábio Júnior
30º Juvenal
31º Ademir
32º Neco
33º William
34º Boiadeiro
35º Careca
36º Marcelo Ramos
37º Hílton Oliveira
38º Pedro Paulo
39º Carlos A. Seixas
40º Tostão II
41º Caieira
42º Geraldão
43º Douglas
44º Aílton
45º Cleison
46º Fontana
47º Nonato
48º Paulo Roberto
49º Carlinhos
50º Elivélton

2º Niginho

Meia (1926-30, 1936-37, 1939-47)
Leonídio Fantoni
★Belo Horizonte (MG), 12/2/1912 †Belo Horizonte (MG), 5/9/1975

A família inteira era italiana. Logo, a família inteira era palestrina. Como adoravam futebol, Niginho, Ninão, Nininho, Orlando, Fernando e Benito, todos Fantoni, adotaram o Palestra Itália, que mais tarde virou Cruzeiro. Todos tiveram sua importância histórica, mas nenhum honrou tanto a camisa vermelha, verde e branca — e depois azul e branca — quanto Niginho. Um dos primeiros jogadores brasileiros a atuar no exterior (na Lazio, da Itália), Niginho também foi o primeiro cruzeirense (ops, palestrino) a jogar pela Seleção, no Sul-Americano de 1936. Convocado para a Copa do Mundo da Itália, dois anos depois, poderia ter mudado a história do futebol se tivesse jogado a semifinal contra a *Azzurra*.

Títulos: mineiro (1928/29/30, 1940, 1943/44/45)
Outros clubes: Palestra Itália-SP, Vasco, Lazio-ITA

2º: Niginho, cara de Humphrey Bogart, futebol de gênio

3º Dirceu Lopes

Meia (1963-77)
Dirceu Lopes Mendes
★Pedro Leopoldo (MG), 3/9/1946

Dizem Brasil afora que Dirceu Lopes nunca se deu bem na Seleção. Mentira. Na Seleção que conta, a do Cruzeiro dos anos 60, Dirceu Lopes era tratado por majestade. Só Tostão merecia tratamento mais especial do que ele e, mesmo assim, a conta dava empate técnico para boa parte da torcida azul. Dirceu Lopes viveu toda a fase gloriosa do Cruzeiro e, por um dia, foi melhor do que Pelé. Aliás, por dois. Nos 6 x 2 do Mineirão e nos 3 x 2 do Pacaembu, as duas partidas da decisão da Taça Brasil de 1966. Era um gênio incompreendido, que, por isso, teve poucas chances na Seleção Brasileira. Mas por pouco não foi à Copa do Mundo de 1970, testado na reta de chegada da fase de preparação, já nos tempos de Zagallo. Merecia sorte melhor vestido de amarelo, basicamente porque não recebeu chances suficientes de mostrar talento.

Títulos: Libertadores (1976), Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: Fluminense

FERNANDO PIMENTEL

5º: Raul foi um goleiraço nos anos 60

4º Piazza

Volante (1963-78)
Wilson da Silva Piazza
★Ribeirão das Neves (MG), 25/2/1943

Certamente foi o mais versátil dos deuses cruzeirenses dos anos 60. Não porque quisesse. Piazza era mesmo volante, cabeça-de-área fixo, daqueles que ficam presos à marcação. Era a posição em que atuou durante os 15 anos em que defendeu o Cruzeiro. Só que Zagallo o inventou na quarta-zaga na Copa do Mundo de 1970 e Piazza deu conta do recado. "Eu era titular da cabeça-de-área com João Saldanha e virei candidato ao corte com Zagallo. Se ele me dava uma chance na defesa, eu tinha de aceitá-la", conta hoje Piazza, 30 anos depois do tricampeonato do México. A presença na Seleção como zagueiro motivou um detalhe diferente na primeira eleição para escolha dos melhores da história do Cruzeiro, em 1982. PLACAR o escalou como zagueiro-central. Em qualquer uma das funções, Piazza é deus para os cruzeirenses.

Títulos: Libertadores (1976), Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: nenhum

5º Raul

Goleiro (1965-78)
Raul Guilherme Plassmann
★Curitiba (PR), 27/9/1944

Vanderléia era a estrela da Jovem Guarda na segunda metade dos anos 60. Era também o goleiro do Cruzeiro nessa época. Não, Raul não atendia por outro nome de acordo com os períodos do dia. Ganhou esse apelido por ser o primeiro goleiro a abandonar o preto, cinza e branco, únicas cores adotadas plelos goleiros. Em vez delas, optou pelo amarelo. Tudo porque num dia chegou ao vestiário e descobriu que havia esquecido o uniforme. Um amigo emprestou a camisa amarela, que virou sua marca. A outra característica essencial de sua carreira eram os títulos. Nisso, foi insuperável.

Títulos: Libertadores (1976), Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: São Paulo, Coritiba, Flamengo

6º Nelinho

Lateral-direito (1972-82)
Manoel Rezende de Matos Cabral
★Rio de Janeiro (RJ), 26/7/1950

Foram dez anos atormentando os goleiros do Atlético com seus chutes mortais. O problema é que, depois, Nelinho passou mais cinco enchendo a paciência dos goleiros do Cruzeiro, do outro lado, com a camisa do Atlético. Os atleticanos podem falar tudo. Que na primeira metade dos anos 80 tinham o melhor time, que ganharam o hexa e os azuis não, mas a melhor fase de Nelinho aconteceu enquanto esteve vestido de azul. Isso eles podem até tentar negar. Mas jamais conseguirão provar.

Títulos: mineiro (1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: Atlético, Grêmio, América-RJ

7º Joãozinho

Ponta-esquerda (1974-81)
João Soares de Almeida Filho
★Belo Horizonte (MG), 15/2/1954

Nenhum outro ponta dos anos 70 tinha tanta facilidade para o drible em velocidade. De tão fácil, mas tão fácil, o único jeito de pará-lo era na pancada. E pararam. Para pena do futebol, Joãozinho teve a carreira encurtada pelos pontapés de laterais. Mas não sem antes causar deleite no lado azul das arquibancadas do Mineirão. Tanto pelos dribles quanto por uma jogada de moleque, na final da Taça Libertadores de 1976. Quando o jogo estava 2 x 2, no finalzinho da decisão, Nelinho se preparava para uma cobrança de falta. Joãozinho veio por trás e cobrou com um toque sutil. Já ia levando a bronca de Nelinho e do técnico Zezé Moreira, quando os dois viram a bola tocando a rede. A molecagem valeu a primeira Libertadores ao Cruzeiro.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1974/75, 1977)
Outros clubes: Palmeiras, Internacional

8º Palhinha

Centroavante (1969-77 e 1982-85)
Vanderlei Eustáquio de Oliveira
★Belo Horizonte (MG), 11/6/1950

Antes de Luizão, na Libertadores-2000, nenhum jogador brasileiro tinha feito tantos gols quanto Palhinha numa única edição do torneio continental. Em 1976, ano santo da conquista sul-americana, Palhinha balançou as redes 13 vezes. Os gols foram decisivos para a primeira conquista azul fora do país e para Palhinha garantir que tinha lugar entre os principais jogadores brasileiros. Valeram-lhe convocações para a Seleção Brasileira, a paixão dos cruzeirenses, que ainda lembravam com saudade de Tostão, e uma transferência para o Corinthians, no final de 1977. Ah, valeram também a inclusão entre os fenômenos azuis de todos os tempos. Depois do Corinthians e de um período de curta traição — passou pelo Atlético em 1980, mas não deu ao Galo o sonhado título brasileiro daquele ano — Palhinha voltou à Toca da Raposa para acabar com a agonia de seis anos vendo os atleticanos festejando títulos mineiros. Em 1984, sob seu comando, a equipe dirigida por João Francisco foi campeã. E ainda aplicou 4 x 0 no Galo no primeiro jogo das finais.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1969, 1972/73/74/75, 1984)
Outros clubes: Corinthians, Atlético-MG, Santos, Vasco, América-MG

9º Nininho

Atacante (1928-30)
Octavio Fantoni
★Belo Horizonte (MG), 4/4/1907 †Roma (Itália), 20/1/1935

Nininho foi um dos *oriundi* (brasileiros de origem italiana) contratados pela Lazio em 1930 — o time ganhou o apelido de "Brasilazio". Irmão de Ninão, não pôde voltar ao Brasil para defender novamente o Palestra: morreu jovem, em Roma.

Títulos: mineiro (1928/29/30)
Outro clube: Lazio-ITA

10º Zé Carlos

Volante (1967-77)
José Carlos Bernardo
★Juiz de Fora (MG), 28/4/1945

O Cruzeiro dos anos 60 foi o primeiro time do Brasil a jogar com dois volantes. Quer dizer que o time era uma porcaria, e não tão bom quanto dizem as lendas e os livros de história? Nada disso. O problema é que o técnico Aírton Moreira tinha dois volantes bons demais. Um era Piazza, não por acaso titular da Seleção Brasileira de 1970. O outro era Zé Carlos, que corria feito um garoto e armava como um veterano. Os dois juntos davam segurança à defesa e saíam para o jogo com perfeição. Fizeram história.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1967/68/69, 1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: Guarani, Botafogo, Maringá, Criciúma

11º Jairzinho

Meia (1976-77)
Jair Ventura Filho
★Rio de Janeiro (RJ), 25/2/1944

Tá certo que Jairzinho já não era mais o furacão da Copa de 70 e que jogou pouco tempo na Toca da Raposa. Mas o que dizer de um mito do futebol brasileiro que se veste de azul e ainda dá de presente uma Taça Libertadores? Como esse foi o caso de Jairzinho, o homem tem que fazer parte de qualquer lista que pretenda envolver os jogadores mais importantes da história do Cruzeiro. Jairzinho liderou o time na final contra o River Plate, deu show na campanha vitoriosa de 1976.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1977)
Outros clubes: Botafogo, Olympique de Marselha-FRA, Portuguesa-VEN, Noroeste, Fast, Jorge Wilstermann-BOL

12º Ronaldinho

Centroavante (1993-94)
Ronaldo Luís Nazário de Lima
★Rio de Janeiro (RJ), 22/9/1976

Lembre bem. Naqueles tempos, Ronaldo ainda tinha joelho. E como isso é a pura verdade, quem, além do bom cruzeirense, teve o prazer de ver o Fenômeno de verdade? Aquele, inteirinho, inteirinho. Só o cruzeirense mesmo. Ah, teve também Rodolfo Rodríguez, aquele veterano goleiro que, depois de se consagrar pelo Santos, passou pelo Bahia, para acompanhar de perto uma das molecagens de Ronaldo. Numa goleada de 6 x 0 do Cruzeiro, Ronaldo esperou Rodolfo se preparar para repor uma bola e, quando ia fazer o lançamento, foi surpreendido com o menino lhe roubando a bola e fazendo o gol. Rodolfo ainda esboçou uma reclamação, mas era tarde. Depois daquela, resolveu criar gado no Uruguai. Mas era só início da curta passagem do Fenômeno pela Toca da Raposa. Em 1994, ano de sua primeira convocação para a Copa do Mundo, Ronaldo fez gols como quem troca de camisa e chegou à conquista do título mineiro, o primeiro caneco de sua carreira. Aliás, a única taça de campeonato até hoje. Sim, porque Ronaldo levantou Copas na Europa, na Espanha, na Holanda. A Copa do Mundo, a Copa América, todas competições mata-mata. Mas caneco com pontos correndo e adversários lutando rodada a rodada, Ronaldinho só tem um. Pelo Cruzeiro, é claro.

Títulos: mineiro (1994)
Outros clubes: PSV Eindhoven-HOL, Barcelona-ESP, Internazionale-ITA

13º Palhinha

Meia (1996)
Jorge Ferreira da Silva
★Carangola (MG), 14/12/1967

Não, PLACAR não se enganou. É o outro Palhinha, mesmo. Aquele que ajudou o Cruzeiro a ganhar a Copa do Brasil em 1996. Vá lá que ele não vibrasse demais com os jogos, mas tinha uma técnica fabulosa. Tantos que os são-paulinos chegaram a compará-lo a Raí. Na Toca da Raposa, os cruzeirenses, espertos, decidiram não compará-lo nem ao outro Palhinha. Cada um, cada um. O Palhinha I foi artilheiro da Taça Libertadores da América, teve sua importância histórica, imensa, aliás. O outro, veja que coisa, foi campeão da Libertadores também. E da Copa do Brasil, ganhando do Palmeiras num jogo inesquecível no Parque Antártica.

Títulos: Libertadores (1997), Copa do Brasil (1996), mineiro (1996/97)
Outros clubes: América-MG, São Paulo, Mallorca-ESP, Grêmio, Flamengo

ARMÊNIO ABASCAL

8º: Palhinha voltou para dar alegria em 1984

RODOLPHO MACHADO

10º: Zé Carlos ganhou tudo o que disputou

14º Roberto Batata
Ponta-direita (1969-76)
Roberto Monteiro
★Belo Horizonte (MG), 24/7/1949 †Belo Horizonte (MG), 13/5/1976
Era um daqueles pontas típicos da história do futebol mineiro. Daqueles que contrariam toda a lógica do futebol e marcam gols atrás de gols. Roberto Batata era um ponta goleador. E muito veloz. Tanto que atormentou todos os laterais que passaram pelo Atlético-MG nos anos 70. Eles realmente davam tudo para não precisar enfrentá-lo. Só não agradeceram nunca pela maneira como se livraram de Roberto Batata. Em 1976, ele morreu, em um acidente de carro que traumatizou Minas Gerais.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1969, 1972/73/74/75),
Outro clube: América-MG

EUGÊNIO SÁVIO

12º: Ronaldo ganhou sua primeira taça

15º Ninão
Atacante (1923-24, 1925-30 e 1936)
João Fantoni
★Belo Horizonte (MG), 24/6/1905
Ninão era um dos irmãos da família Fantoni, a mesma que revelou Niginho e Nininho. E ficou famoso por colecionar recordes. Em suas três passagens pela Toca da Raposa, somou 163 gols, número que o mantém até hoje como o maior artilheiro do Cruzeiro. Diz a lenda que marcou dez gols contra o Alpes Nogueira. E marcou mais de um gol por partida, em média — atuou 130 vezes. Além de tudo isso, marcou 43 gols no estadual de 1931, recorde até hoje.

Títulos: mineiro (1926, 1928/29/30)
Outros clubes: Avante-MG, Lazio-ITA

ZEKA ARAÚJO

19º: Perfumo trouxe raça, mas sem perder a ternura

16º Piorra
ponta-direita (1923 a 1935)
Ricardo Pieri Chiari
★Belo Horizonte (MG),31/5/1906
Piorra entrou no time do Cruzeiro por acaso. Foi assistir a um treino no Barro Preto e, na falta de um jogador, acabou entrando em campo. Nunca mais saiu. Piorra jogou durante 12 anos com a camisa tricolor do Palestra Itália, sempre girando com a bola dominada embaixo de seu pé direito.

Títulos: mineiro (1926, 1928/29/30)
Outros clubes: nenhum

17º Abelardo
Ponta-esquerda (1940-50)
Abelardo Dutra Meirelles
★Cristiano Otoni (MG), 10/11/1926
Era veloz e oportunista, do tipo que constrói grandes jogadas pela esquerda, sempre em velocidade, e dispara em linha reta em direção ao gol. Foi o nome da história cruzeirense na época da mudança de nome, de Palestra Itália para Cruzeiro.

Títulos: mineiro (1943/44/45)
Outros clubes: Palmeiras, Santos

18º Evaldo
Centroavante (1966-73)
Evaldo Cruz
★Campos (RJ), 12/1/1945
Chegou contratado do Fluminense para ser o parceiro ideal de ataque para Tostão. Foi. Era ele o dono da camisa 9, que muita gente pensa ter sido de Tostão, nos anos 60 — na verdade, Tostão jogava com a 8.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1966/67/68/69, 1972, 1973)
Outros clubes: Americano, Fluminense

19º Perfumo
Zagueiro (1971-75)
Roberto Perfumo
★Avellaneda (Argentina), 3/10/1942
Um jogador que conquistou título pelo Racing merece um crédito de confiança. Bem, a rigor, naquele tempo o Racing ganhava títulos e não era tão difícil assim levantar taças em Avellaneda. Mas os dirigentes do Cruzeiro sabiam que em Buenos Aires encontrariam um jogador de extremo talento com a bola nos pés e que, no melhor estilo argentino, sabia misturar técnica e raça como ninguém. Perfumo foi o dono da grande área celeste até 1975, quando resolveu voltar para a Argentina e defender o River Plate. Na vida, há que se fazer escolhas e algumas são mal feitas. Pois Perfumo perdeu o título da Libertadores do ano seguinte, contra o Cruzeiro, pelo River. Estava do lado errado.

Títulos: mineiro (1972/73/74/75)
Outros clubes: Racing-ARG, River Plate-ARG

20º Procópio
Zagueiro (1959-73)
Procópio Cardoso Neto
★Salinas (MG), 21/3/1939
Alguns cruzeirenses mais exigentes criaram um termo para manifestar a preocupação quando Procópio estava na jogada: procopada. É quase um sinônimo de preocupada, que valia para a torcida. Que Procópio jogava muito, todo mundo sabia. O problema é que às vezes dava a impressão de pensar que jogava mais do que de fato sabia. Mesmo assim, tomava conta da zaga cruzeirense e ficou na história pelo título da Taça Brasil. Também por marcar Pelé e irritar tanto o Rei com a marcação perfeita que teve sua perna quebrada. Tá certo, o Rei não fez por querer.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1966/67/68/69, 1972/73)
Outros clubes: Palmeiras, Fluminense, Atlético-MG

21º Natal
Ponta-direita (1962-76)
Natal Baroni
★Belo Horizonte (MG), 14/11/1945
Ficou conhecido como a Flecha Loura pela velocidade com que corria em direção ao gol. Arrancava em velocidade e ai do lateral que tentasse segurá-lo. Ia ficar na saudade. Ao todo, jogou 176 partidas com a camisa celeste, ganhou todos os títulos que imaginou. Acabou eleito o melhor ponta-direita da história do Cruzeiro em duas eleições diferentes, feitas por PLACAR em 1982 e 1994.

Títulos: Libertadores (1976), Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972/73/74/75)
Outro clube: Corinthians

22º Dida
Goleiro (1994-99)
Nélson de Jesus Silva
★Irará (BA), 7/10/1973
Quer dizer que PLACAR escala como o segundo melhor goleiro da história um homem que cuspiu no prato que comeu e foi para o Corinthians, na melhor hora da vida do Cruzeiro desde os anos 60? Se você pensa assim, avalie melhor, cruzeirense ingrato. Por que é que o Cruzeiro estava no melhor momento de sua história desde os anos 60? Porque ganhou a Copa do Brasil. Pois Dida estava lá, fechando o gol contra o Palmeiras. Porque conquistou sua segunda Libertadores. E Dida estava lá de novo, salvando tudo.

Títulos: Libertadores (1997), Copa do Brasil (1996), mineiro (1994, 1996, 1998)
Outros clubes: Vitória, Milan-ITA, Lugano-SUI, Corinthians

23º Renato Gaúcho
Ponta-direita (1991-92)
Renato Portaluppi
★Guaporé (RS), 9/9/1962
A história é parecida com a de Jairzinho. O moço jogou pouco tempo, mas deu show num período e num título específico. Ou alguém consegue esquecer os 8 x 0 que o Cruzeiro enfiou no Nacional, de Medellín, na primeira fase da Supercopa de 1992? Ou os 4 x 0 contra o Racing, na decisão? Justamente o Racing, que havia roubado do Cruzeiro o primeiro título de Supercopa, em 1988. Pois Renato fez o favor de devolvê-lo e dar o bi do falecido torneio.

Títulos: Supercopa (1992), mineiro (1992)
Outros clubes: Grêmio, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Atlético-MG, Roma-ITA

24º Bengala
Ponta-esquerda (1925-39)
Ítalo Fratezzi
★Belo Horizonte (MG), 24/5/1906
†Belo Horizonte (MG), 22/6/1980
Se fosse preciso, o ponta-esquerda dos anos 20 e 30 entrava em campo até de bengala. Com o perdão do trocadilho, é a pura verdade. Logo que chegou ao Cruzeiro, em 1925, Bengala afirmou que só sairia de lá depois de morto. Jogou até o final de sua carreira, 14 anos depois. Atuava como ponta ou meia-esquerda e foi o líder do primeiro tricampeonato, nos anos 20.

Títulos: mineiro (1928/29/30)
Outros clubes: nenhum

25º Eduardo
Ponta-direita (1969-81)
Eduardo Fernandes Amorim
★Montes Claros (MG), 30/11/1950
Houve dois tipos de Eduardo durante os 12 anos que defendeu o Cruzeiro. Um era o craque-técnico. Vestia a camisa 7 e ia para cima dos marcadores, sem dó, nem piedade. Usava um cabelo black-power e jogava futebol tão incomum quanto seu penteado. O outro é o craque-tático, formado por Zezé Moreira e outros técnicos que passaram pela Toca da Raposa. Esse entrava pelo meio-de-campo, construía jogadas com mais calma e já usava um cabelo penteado. Bem mais calmo.

Títulos: Libertadores (1976), mineiro (1972/73/74/75, 1977)
Outros clubes: Corinthians, Santo André

26º Revetria
Atacante (1977-78)
Heber Carlos Revetría
★Sanatorio (Uruguai), 27/8/1955
O uruguaio entrou para a história em 180 minutos. No segundo jogo da decisão do Mineiro de 1977, fez três gols contra o Atlético. No terceiro jogo, fez um dos gols na vitória por 3 x 1 que deu o título à Raposa. Depois, não fez mais nada. Nem precisava.

Títulos: mineiro (1977)
Outros clubes: Nacional-URU, América-MEX, River Plate-ARG

27º Müller
Atacante (desde 1998)
Luís Antônio Corrêa da Costa
★Campo Grande (MS), 31/1/1966
Sempre houve muita gente torcendo o nariz para Müller. Um dos que torciam era o técnico Levir Culpi. Um não ia com a cara do outro e Müller até amargou o banco de reservas vez ou outra devido à antipatia — por razões táticas também. Mas Levir sempre era obrigado a se render às evidências quando o jogo era para valer. E lá ia Müller de volta ao gramado. Tudo porque Müller sabia fazer todas as funções de um atacante. Cruzar com perfeição, fazer o pivô. Sua fase cruzeirense foi a mais madura. E ele se adaptou tão bem a BH que fundou sua própria igreja na cidade.

Títulos: mineiro (1999)
Outros clubes: São Paulo, Torino-ITA, Kashiwa Reysol-JAP, Palmeiras, Santos

28º Valdo
Meia (1998-99)
Valdo Cândido Filho
★Siderópolis (SC), 12/1/1964
Sua temporada no Cruzeiro foi uma lição. Lição aos paulistas que descobriram que Valdo era um grande jogador. Paulistas que mal sabiam olhar para fora do umbigo e não percebiam que longe das fronteiras de seu estado um baita jogador já arrebentava desde os primeiros tempos de Grêmio. Aqueles que mal percebiam que Valdo, com seu jeito caladão, já havia disputado duas Copas do Mundo. Jeitão mineiro.

Títulos: mineiro (1999)
Outros clubes: Grêmio, Benfica-POR, Paris Saint-Germain-FRA, Santos

29º Fábio Júnior
Centroavante (1997-98 e desde 1999)
Fábio Júnior Pereira
★Manhuaçu (MG), 20/11/1977
O que mais chamou a atenção sobre Fábio Júnior foi o corte de cabelo e o número nas costas da camisa azul. Carequinha e número 9. Igual a Ronaldinho. Verdade que ele já não era um fenômeno, até porque surgiu com 20 anos, quatro a mais do que Ronaldo, no início de carreira. Mas Fábio Júnior fez tantos gols no Brasileirão 98 que despertou o interesse da Roma. Os italianos pagaram caro e quebraram a cara. O Cruzeiro o recomprou para fazer gols. O que, afinal, é o que ele sabe de verdade. Fenômeno como Ronaldo não aparece todos os dias na Toca da Raposa.

Títulos: Libertadores (1997), mineiro (1997/98)
Outro clube: Roma-ITA

30º Juvenal
Lateral-esquerdo (1944-49)
Juvenal Francisco Dias
★Belo Horizonte (MG), 12/3/1923
Sua fama é de jamais ter utilizado o corpo para fazer um desarme. Usava mesmo a boa técnica, fundamental para qualquer bom atacante, mas raramente usada pelos beques dos anos 40. Juvenal a utilizava largamente e por isso foi o melhor zagueiro de sua época.

Títulos: mineiro (1944/45)
Outro clube: Botafogo

EUGÊNIO SÁVIO

27º: Müller não se dava bem com Levir

EUGÊNIO SÁVIO

28º: Valdo só ficou devendo um Brasileiro

31º Ademir

Volante (1988-94)
Ademir Roque Kaefer
★Toledo (PR), 6/1/1960
Ademir era do tipo que não sabe fazer um passe da sua revista até a parede. Pois mesmo assim conseguiu sobreviver seis anos com a camisa celeste. E sobreviveu a gente exigente, que viu Piazza, Dirceu Lopes, Zé Carlos, só fera jogando com as camisas 5 e 8 do Cruzeiro, as que ele vestiu — essencialmente a cinco.

Títulos: Supercopa (1991/92), mineiro (1989, 1992, 1994)
Outro clube: Internacional

32º Neco

Lateral-esquerdo (1965-71)
Manoel Caetano Silva
★Rio Casca (MG), 7/7/1940
Suas maiores qualidades eram o chute forte e o vigor na marcação. Os mais exigentes achavam pouco, mas foi o titular da lateral esquerda azul durante seis anos. E ganhou tudo nesse período.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69)
Outros clubes: Pontenovense, Villa Nova-MG, Corinthians, Londrina

33º William

Zagueiro (1964-67)
William José Assis Silva
★Mariana (MG), 25/7/1933
Zagueiro do estilo xerifão, que não tem medo de dar botinada, nem de mandar a bola para o mato na hora do aperto. Jogou apenas três anos no Cruzeiro, mas foi o titular da defesa no memorável jogo contra o Santos, no Pacaembu, na decisão da Taça Brasil de 1966. Quando Procópio fazia das suas presepadas, muitas vezes William consertava.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67)
Outros clubes: Marianense, Atlético, América-RJ

34º Marco Antônio Boiadeiro

Meia (1990-93)
Marco Antônio Ribeiro
★Américo de Campos (SP), 13/6/1965
O segredo de seu bom futebol não era a bola, mas o rio. Em toda a carreira, Boiadeiro só se deu bem onde havia um rio para pescar por perto, ou um pasto para criar umas vaquinhas. Foi bem em Ribeirão Preto e Campinas, se deu mal no Rio e no Corinthians. Em Minas, com todo o interior bem ao seu alcance, gastou a bola durante três anos.

Títulos: Supercopa (1991/92), mineiro (1990 e 1992)
Outros clubes: América-MG, Botafogo-SP, Guarani, Corinthians, Flamengo, Vasco

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

31º: Ademir sobreviveu seis anos na raça

SÉRGIO MORAES

47º: Nonato chegou a ser eleito o melhor

35º Careca

Atacante (1987-90 e 1993)
Hamilton de Souza
★Passos (MG), 27/9/1968
Quando começou, Careca era um fenômeno e colecionou convocações do técnico Carlos Alberto Silva para a Seleção Brasileira. Fazia de tudo. Gols, lançamentos, lembrava até o Careca original, aquele do São Paulo. De repente, tudo mudou e sua carreira murchou. Antes, porém, marcou o gol do título mineiro de 1990, impedindo o tri do Atlético. Só por isso merece figurar na lista.

Títulos: mineiro (1987, 1990)
Outros clubes: Sporting-POR, América-MG

36º Marcelo Ramos

Atacante (1994-96 e 1998-2000)
Marcelo Silva Ramos
★Salvador (BA), 25/6/1973
A bola veio pelo alto, o goleiro Velloso — aquele, que depois jogou no Atlético-MG — saiu mal, reclamando da luz do Parque Antártica, bem nos seus olhos. A bola caiu, bateu em suas mãos e sobrou no lugar certo: os pés de Marcelo Ramos. O chute perfeito matou o Palmeiras, em pleno Parque Antártica e garantiu o título da Copa do Brasil para o Cruzeiro.

Títulos: Libertadores (1997), Copa do Brasil (1996), mineiro (1994, 1996, 1998/99)
Outros clubes: Bahia, PSV Eindhoven-HOL, Palmeiras

37º Hílton Oliveira

Ponta-esquerda (1959-61 e 1964-71)
Hílton José de Oliveira
★Belo Horizonte (MG), 30/9/1940
Seu ponto forte sempre foi a velocidade, mesmo num tempo em que a preparação física não estava entre as prioridades das grandes equipes. Disparava em linha reta até a linha de fundo e cruzava. Um show. Depois de passagens por Fluminense e Internacional, voltou para o período mais brilhante vida do Cruzeiro.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69)
Outros clubes: Fluminense, Internacional, América-MG

38º Pedro Paulo

Lateral-direito (1963-74)
Pedro Paulo Marcelino
★Pedro Leopoldo (MG), 15/8/1945
Num tempo em que os laterais desciam pouco ao ataque, Pedro Paulo não marcava gols, mas era perfeito para cruzar bolas para Evaldo e Tostão conferirem. Essa foi sua marca nos 11 anos de Cruzeiro.

Títulos: Taça Brasil (1966), mineiro (1965/66/67/68/69, 1972/73/74)
Outro clube: Náutico

39º Carlos Alberto Seixas

Centroavante (1984-85)
Carlos Alberto Seixas
★São Paulo (SP), 15/12/1959
Centroavante que explodiu no Palmeiras de 1979, com Telê Santana, ficou doente e voltou aos bons tempos no Cruzeiro. Em 1984, liderou o time na conquista do título redentor.

Títulos: mineiro (1984)
Outros clubes: Palmeiras

40º Tostão

Meia (1981-87)
Luís Antônio Fernandes
★Santos (SP), 6/11/1957
Só por ser homônimo do maior jogador cruzeirense de todos os tempos já mereceria aparecer na lista. Afinal, por qual outro motivo os dirigentes foram buscá-lo no Mixto? Verdade que ele havia liderado seu clube em conquistas de títulos estaduais, mas importante mesmo era o nome. Até que fez bastante coisa, apesar do peso do nome famoso: liderou o Cruzeiro na conquista de 1984. Foi artilheiro do estadual duas vezes.

Títulos: mineiro (1984 e 1987)
Outros clubes: Mixto-MT, Coritiba

41º Caieira

Zagueiro (1933-40)
José João Perozzi Bonfim
★Belo Horizonte (MG), 28/5/1915 †São Paulo (SP), 24/11/1970
As montanhas de Minas escondiam o futebol de Caieira, embora todos reconhecessem nele o maior zagueiro do estado nos anos 30. Então, Caieira ia jogando partidas de seleções estaduais. Foi parar no Palestra paulista.

Títulos: mineiro (1940)
Outro clube: Palestra Itália-SP

42º Geraldão

Zagueiro (1982-87)
Geraldo Dutra Pereira
★Governador Valadares (MG), 24/4/1963
Sua posição original era zagueiro. Mas o homem fazia muitos gols. De falta, sua especialidade, ou de cabeça, em cruzamentos, principalmente depois de escanteios. Não dava mole também aos atacantes. Talvez pela fama, o Paris Saint-Germain veio buscá-lo, em 1991. Claro, não deu certo na França.

Títulos: mineiro (1984, 1987, 1990)
Outros clubes: Porto-POR, Paris Saint-Germain-FRA, América-MEX, Grêmio, Portuguesa

43º Douglas

Volante (1983-88)
William Douglas Húmia de Menezes
★Belo Horizonte (MG), 1/3/1963
Outro que entra na relação histórica basicamente por ter acabado com a agonia do hexacampeonato do Atlético. Mas tinha muito futebol. Tanto que foi convocado para a Seleção e garantiu viagem para Portugal, onde jogou alguns anos. No início de carreira chegou a ser comparado a Piazza.

Títulos: mineiro (1984 e 1987)
Outros clubes: Portuguesa, Sporting-POR, Ponte Preta

44º Aílton

Zagueiro (1983 a 1985)
José Aílton Oliveira Silva
★Laranjeiras (SE), 29/5/1956
Não primava pela técnica. Mas ter parado Reinaldo & cia., naquela campanha, o faz ser lembrado na lista histórica.

Títulos: mineiro (1984)
Outro clube: Sport

45º Cleison

Atacante (1989-94)
Cleison Édson Assunção
★Passos (MG), 27/9/1968
A maior crítica que os rivais sempre fizeram a Cleison foi que ele sempre deu pancadas demais para um atacante. Verdade. Mas não foi isso. Cleison foi um dos responsáveis pela conquista da Libertadores 97.

Títulos: mineiro (1990, 1992)
Outros clubes: Belenenses-POR, Flamengo, Atlético-MG, Grêmio, Famalicão-POR

46º Fontana

Zagueiro (1969-72)
José de Anchieta Fontana
★Santa Teresa (ES), 31/12/1940 †Vitória (ES), 10/9/1980
Há quem diga que o maior drama de Zizinho e Ademir foi não ter conquistado a taça de campeão do mundo. Não pela falta do título, absorvida desde a Copa de 50. Mas porque jogadores medianos, como Fontana, levantaram a taça. Quando isso aconteceu, ele era jogador do Cruzeiro, como Piazza e Tostão. Mas Fontana era infinitamente inferior tecnicamente.

Títulos: mineiro (1969, 1972)
Outros clubes: Vasco, Vitória-ES, Rio Branco-ES

47º Nonato

Lateral-esquerdo (1990-97)
Raimundo Nonato da Silva
★Mossoró (RN), 16/3/1968
Tecnicamente, Nonato nunca foi grande coisa. Mas jogou tanto tempo pelo Cruzeiro e ganhou tantos títulos que virou lenda. Tanto que, em 1994, numa eleição de PLACAR, foi eleito o melhor lateral-esquerdo da história azul. Tudo por causa de um futebol de toques curtos, sempre cortando para o meio-de-campo. Na posição em que o Cruzeiro menos teve brilho individual, Nonato deu conta do recado durante um longo período.

Títulos: Libertadores (1997), Supercopa (1991/92), Copa do Brasil (1996), mineiro (1992, 1994, 1996)
Outros clubes: ABC, Pouso Alegre, Fluminense

48º Paulo Roberto

Lateral-direito (1990-93)
Paulo Roberto Curtis Costa
★Viamão (RS), 27/1/1963
O grande mérito de Paulo Roberto não foi resolver o problema da lateral direita do Cruzeiro, depois da saída de Balu. Futebol ele até mostrou de boa qualidade, tanto que passou três anos como titular da camisa celeste. Mas seu mérito foi ter convencido Renato Gaúcho a jogar pelo Cruzeiro.

Títulos: Supercopa (1991/92), mineiro (1990, 1992)
Outros clubes: Grêmio, São Paulo, Santos, Vasco, Botafogo, Atlético-MG, Corinthians, Fluminense

49º Carlinhos

Ponta-direita (1981-88)
Carlos Alberto Izidoro
★Belo Horizonte (MG), 25/3/1959
Só dava Atlético em Minas Gerais e o time estrelado tinha apenas dois jogadores de talento. Um era Tostão. O outro, Carlinhos. Seu futebol não era de dribles insinuantes em direção à linha de fundo, como o dos pontas da época. Preferia cortar para o meio, armar as jogadas. E era isso o que deixava louco o lateral atleticano, Jorge Valença. O camisa 6 não sabia o que fazer para marcá-lo. Com Carlinhos, o Cruzeiro foi campeão mineiro em 1984, acabando com o longo jejum.

Títulos: mineiro (1984 e 1987)
Outros clubes: Palmeiras, Flamengo, Santos, Paraná

50º Elivélton

Ponta-esquerda (1997-98)
Elivélton Alves Rufino
★Serrânia (MG), 31/7/1971
Elivélton saiu muito cedo de Minas Gerais e foi para São Paulo cheio de si e talento. Chegou à Seleção, mas, quando o futebol começou a mixar, começou a se referir a Minas Gerais com mais carinho. Em especial, falava sobre Alfenas: "Há muitas faculdades lá. É um grande ponto facultativo", dizia. Se Minas era seu lugar, o Cruzeiro decidiu lhe dar abrigo. Bem, e foi dele o gol do título na Libertadores 97.

Títulos: Libertadores (1997), mineiro (1998/99)
Outros clubes: São Paulo, Santos, Corinthians, Palmeiras, Internacional, Grampus Eight-JAP

ARMÊNIO ABASCAL

49º: Carlinhos era talento na ponta-direita

EUGÊNIO SÁVIO

50º: Elivélton marcou o gol da Libertadores 97

EDUARDO MONTEIRO

Pele rubro-negra

Quando ele atravessava o portão da Gávea, sentia uma alegria única. A torcida do Flamengo também: o Galinho foi o maior ídolo da história do rubro-negro, na maior época da história do clube

Mais fácil que escolher Zico como o maior jogador do Flamengo em todos os tempos só mesmo eleger Pelé como atleta-símbolo do Santos. Chavões à parte, a camisa rubro-negra foi, é e será a segunda pele de Arthur Antunes Coimbra. Era muito raro, mesmo naqueles tempos românticos do futebol, um jogador se identificar tanto com um clube.

Na Gávea, o Galinho atuou por duas décadas, em duas gloriosas passagens, com uma conduta, dentro e fora de campo, simplesmente irrepreensível. É disparado o maior artilheiro do clube em todos os tempos, com nada menos do que 509 gols como profissional; de cabeça, pé direito, pé esquerdo, pênalti, falta, bicicleta, barriga e até de bumbum. "Tive 22 anos de alegria ao atravessar todos os dias o portão da Gávea", relembra, com indisfarçável emoção.

A simples opção pelo Flamengo, em 1967, já revelava traços dessa grande paixão. Zico, então aos 13 anos, mas já decidido a tornar-se profissional, teve de escolher entre o time do seu coração e o América-RJ, onde já jogavam os irmãos Edu e Antunes e onde, certamente, teria mais respaldo e facilidade. "Entre o América dos meus irmãos e a paixão de torcedor, optei pelo Flamengo", diz.

Levado ao Fla pelo radialista Celso Garcia, Zico teve de superar com muito esforço a desconfiança daqueles que o achavam mirrado demais para um jogo de machos — daí o apelido de Galinho. Esteve para ser cedido ao Vasco, mas fez um trabalho especial para ganhar altura e massa muscular e ninguém o segurou mais.

Como Pelé (mais uma vez a comparação é válida), Zico conseguiu aliar como poucos craques a habilidade e a visão de jogo de um meia estilista com o faro de gol e oportunismo de um artilheiro implacável.

Com gols, liderança e carisma, catapultou o status que o Flamengo tinha de time meramente regional. Com a camisa 10 que ninguém mais vestiu com tanto estilo, liderou o time em simplesmente quatro títulos brasileiros, além das conquistas inéditas da Libertadores e do Mundial Interclubes, ambos em 1981 — até hoje os dois maiores títulos da história do clube.

Por não ter obtido o mesmo sucesso na Seleção Brasileira (foram três Copas infrutíferas, em 78, 82 e 86), Zico foi chamado muita vezes pelos mais bairristas de "jogador de Maracanã", como se não conseguisse brilhar em outros gramados. Quando jogava em São Paulo, por exemplo, mesmo pela Seleção, era ofendido e xingado.

Pois foi no maior estádio do mundo que ele realmente se consagrou. Para não perder o costume, é o maior artilheiro do Maracanã, com 320 gols, 298 deles pelo Mengo. "Não trocaria nenhum título que ganhei pelo Flamengo por uma Copa do Mundo", assegura, como o mais fanático torcedor.

Mas a participação destacada com a camisa amarela no Mundial de 1982, na Espanha, foi a grande responsável pela saída de Zico, do Flamengo. No ano seguinte, com um punhado de dólares nos bolsos, os italianos levaram o Galinho para a Udinese, provocando uma comoção na Gávea.

Não que Zico tenha ido mal lá, pelo contrário (foi artilheiro do Campeonato Italiano), mas ele classifica esse hiato na carreira, até o retorno ao Flamengo, em 1985, como um "período de férias". Em 1986, a grande frustração de sua carreira. Depois de um longo período lutando contra contusões, a recuperação e a perda do pênalti no jogo com a França, que acabou eliminando o Brasil da Copa do México.

Zico ainda teve forças para reagir. De volta à casa e mesmo padecendo de um problema crônico no joelho, comandou o Fla na conquista do Brasileiro de 1987, com na maestria de sempre.

Quis o destino que o último jogo oficial dele com a camisa do Flamengo fosse contra o tradicional rival Fluminense, mas não no palco que ele conhecia como ninguém. A partida do dia 2 de dezembro de 1989 foi transferida do Maracanã para o pacato Estádio Municipal de Juiz de Fora, onde mais de 13 mil rubro-negros se espremeram para presenciar o adeus definitivo do mito. No bate-papo antes da entrada do time em campo disse aos seus companheiros-fãs que não queria homenagens: "O melhor presente é que todos vocês joguem com garra." E Zico, aos 36 anos, atuou como sempre.

ARNALDO RIBEIRO

ZICO (À ESQUERDA, NO ESTÁDIO ONDE REINOU POR DUAS DÉCADAS) MUDOU A HISTÓRIA DO FLAMENGO. DE CLUBE DE MASSA, MAS COM POUCOS TÍTULOS FORA DO RIO, O FLA SE TORNOU UM CLUBE DE AMBIÇÕES MUNDIAIS. E É ASSIM ATÉ HOJE

1º Zico

Meia/atacante (1971-83 e 1985-89)
Arthur Antunes Coimbra
★Rio de Janeiro (RJ), 3/3/1953
Títulos: mundial (1981), libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83 e 1987) e carioca (1972/73, 1978/79/79 Especial, 1981 e 1986)
Outros clubes: Udinese-ITA e Kashima Antlers-JAP
Por que está em primeiro: Cumpriu todas as expectativas em torno dele no início da carreira, e ainda fez mais. Pelo Flamengo, foi campeão carioca, brasileiro, sul-americano e mundial; simbolizou como ninguém a mística da camisa rubro-negra, que já entrava em campo em vantagem, com ele

SÉRGIO SADE

Nas próximas págs:
2º Zizinho
3º Leônidas
4º Dida
5º Domingos da Guia
6º Júnior
7º Romário
8º Leandro
9º Bebeto
10º Nunes
11º Biguá, Bria e Jaime
12º Vevé
13º Reyes
14º Mozer
15º Raul
16º Andrade
17º Adílio
18º Valido
19º Rondinelli
20º García
21º Rubens, Dequinha e Pavão
22º Carlinhos
23º Evaristo
24º Paulo César
25º Renato Gaúcho
26º Silva
27º Cláudio Adão
28º Pirillo
29º Tita
30º Carpegiani
31º Jorginho
32º Almir
33º Jair
34º Fio
35º Aldair
36º Perácio
37º Henrique
38º Joel
39º Gérson
40º Nelsinho
41º Moderato
42º Zinho
43º Sávio
44º Geraldo
45º Jordan
46º Figueiredo
47º Friedenreich
48º Doval
49º Borghert
50º Jadir

2º Zizinho

Meia (1939-50)
Thomaz Soares da Silva
★São Gonçalo (RJ), 14/9/1922
Entrou no time do Flamengo ao mesmo tempo que Leônidas deixava a Gávea. A substituição foi imediata. Não no comando do ataque, já que Leônidas tinha estilo mais de armação de jogadas do que de conclusão. Mas no coração da torcida, que rapidamente substituiu seu ídolo dos anos 30 por outro dos anos 40. Zizinho só deixou a Gávea por um descuido do presidente Dario de Mello Pinto, que disse ao presidente do Bangu que nenhum jogador era inegociável. "Pois então, qual o preço de Zizinho?" Se o Bangu se dispunha a pagar depois da conversa, a obrigação era vender, o que causou profunda mágoa no coração do craque: "Fui vendido como uma mercadoria", queixa-se Zizinho até hoje. Ao todo, marcou 145 gols pelo Flamengo.

Títulos: carioca (1942/43/44)
Outros clubes: Bangu, São Paulo, Audax Italiano-CHI

JORNAL DOS SPORTS
2º: Zizinho ocupou o lugar de Leônidas

3º Leônidas

Centroavante (1936-42)
Leônidas da Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 6/9/1913
Quando chegou ao Flamengo, Leônidas já estava consagrado. Ou quase. Faltava ao maior jogador brasileiro dos anos 30 a glória de defender a maior torcida do país. Ao craque mais popular, o clube mais popular. E Leônidas rapidamente virou ídolo rubro-negro. O único problema era conquistar títulos, uma dificuldade num tempo em que o Fluminense possuía a melhor equipe. Nos três primeiros anos de Leônidas, o Flamengo não conseguiu quebrar a hegemonia do tricolor, tricampeão entre 1936 e 1938. Em 1939, no entanto, deu Flamengo e Leônidas. Em 1942, deu Flamengo, de novo, mas aí o ciclo de Leônidas estava se encerrando. Brigado com o técnico Flávio Costa, acusado de estar inutilizado para o futebol com problemas no joelho e, para piorar, acusado de falsificar documentos, Leônidas foi preso e ficou fora da campanha. O Flamengo começava uma tradição de brigar com seus ídolos, que se repetiria depois com Zizinho, Jair Rosa Pinto, Bebeto, Romário. No final da carreira, magoado para sempre com os dirigentes rubro-negros, Leônidas transferiu-se para o São Paulo. Pelo Flamengo, marcou 142 gols.
Títulos: carioca (1939)
Outros clubes: Sírio e Libanês, Bonsucesso, Peñarol-URU, Vasco, Botafogo, São Paulo

AG. O GLOBO
4º: Dida foi o grande ídolo de Zico

4º Dida

Meia (1954-64)
Edvaldo Alves de Santa Rosa
★Maceió (AL), 26/3/1934
Durante muitos anos, Zico correu atrás de um mito. Chamava-se Dida e atendia pela marca de 244 gols, o recorde absoluto para um artilheiro que houvesse passado pela Gávea. Zico quebrou o recorde no início dos anos 80 e disparou. Fez 509 gols, virou o maior artilheiro, o maior mito. Mas Dida continuou no coração dos rubro-negros. Primeiro porque é ele um dos responsáveis pela formação de dezenas de heróis saídos das divisões de base do Flamengo. Gente como Reinaldo, Bebeto, até mesmo Zico. Depois pela lembrança de seus tempos de jogador. Em 1955, entrou na fogueira, no lugar de Evaristo, na decisão do Campeonato Carioca, contra o América. Marcou os quatro gols da vitória por 4 a 0 — há quem diga que um dos gols foi de Duca. Depois, jogou dez anos na Gávea, sempre dando show. Ele não está mais no topo da lista. Mas é um dos dez melhores.

Títulos: carioca (1954/55, 1963)
Outros clubes: CSA, Portuguesa

5º Domingos da Guia

Zagueiro (1937-43)
Domingos da Guia
★Rio de Janeiro (RJ), 24/7/1912 †Rio de Janeiro (RJ), 18/5/2000
O maior zagueiro da história do Brasil começou no Bangu. Nada mais anticlímax do que um craque no Bangu. Como o Flamengo demorou para se decidir, Domingos da Guia teve de fazer estágios estrangeiros: no Boca Juniors, no Peñarol, no Vasco. Depois de tanto sofrimento, Domingos da Guia tinha de valorizar mesmo o tempo que passou no Flamengo. Foi o clube que defendeu por mais tempo. No total, seis anos e três títulos, um a cada dois campeonatos disputados. Nos Fla-Flus da época, tinha sempre uma aposta com o atacante Romeu, do Fluminense. Quem perdia pagava o jantar. Romeu pagou vários.

Títulos: carioca (1939, 1942/43)
Outros clubes: Bangu, Vasco, Peñarol-URU, Boca Juniors-ARG, Corinthians

6º Júnior

Lateral-esquerdo e meia (1974-84 e 1989-93)
Leovegildo Lins Gama Júnior
★João Pessoa (PB), 29/6/1954
Só para começo de conversa, Júnior é o recordista de partidas com a camisa do Flamengo. Ao todo, foram 865 jogos, com 74 gols. Se quiser continuar argumentando, Júnior foi o campeão com maior longevidade. Era o capitão do time na conquista do Brasileirão de 1992, o último título nacional dos rubro-negros. E era o dono do time, condição diferente dos tempos de Zico, em que aceitava passivamente o papel de coadjuvante. Júnior foi tudo no Flamengo, entre 1974 e 1992. Lateral-esquerdo, zagueiro, volante, meia, coordenador do meio-de-campo. Um gênio. E, para melhorar, nunca se meteu a vestir uma camisa de outro clube brasileiro. O manto sagrado era sua pele.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83, 1992), Copa do Brasil (1990), carioca (1974, 1978/79/79 Especial, 1981, 1991)
Outros clubes: Torino-ITA, Pescara-ITA

7º Romário

Centroavante (1995-99)
Romário de Souza Farias
★Rio de Janeiro (RJ), 29/1/1966
Pense só em Romário vestindo a camisa do Vasco, no início do ano 2000, depois de jurar amor aos Flamengo. Agora pense que Romário prometeu mundos e fundos quando chegou à Gávea, em 1995, e só conseguiu dois títulos cariocas. Romário não mereceria passar nem perto da Gávea, quanto mais fazer parte de uma relação histórica. Agora lembre as dezenas de gols que fez no Maracanã, das vezes que humilhou vascaínos, tricolores e botafoguenses e de ter sido, em todos os anos de sua passagem rubro-negra, o artilheiro do Campeonato Carioca. Ou, o melhor de tudo: pense no vascaíno se remoendo de raiva, em saber se torce pelo Baixinho ou se fica se corroendo, lembrando que, no fundo, no fundo, Romário é flamenguista. Esse último critério desempata tudo. Romário é o sétimo da lista.

Títulos: carioca (1996, 1999)
Outros clubes: Vasco, PSV Eindhoven-HOL, Barcelona-ESP

8º Leandro

Lateral-direito (1979-90)
José Leandro de Souza Ferreira
★Cabo Frio (RJ), 17/3/1959
A afirmação de Telê Santana é definitiva: "Foi o maior lateral-direito que vi em ação em toda a história do futebol brasileiro." Foi, por isso, o lateral titular da Seleção Brasileira na Copa do Mundo de 1982. Foi mais: foi o lateral-direito titular do Mengão, campeão mundial interclubes em 1981. O maior Flamengo da história, o time dos sonhos de qualquer rubro-negro, tinha talento de meia-direita jogando com a camisa 2. Parou cedo, aos 31 anos, porque sofria do "mal de caubói" — pernas arqueadas. Cada partida era um suplício para ele no final da carreira. Leandro ainda tentou uma conversão para a zaga central, mas concluiu que era melhor parar deixando uma boa impressão.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83, 1987), carioca (1979, 1981, 1986)
Outros clubes: nenhum

9º Bebeto

Atacante (1983-89 e 1997)
José Roberto Gama de Oliveira
★Salvador (BA), 16/2/1964
Os primeiros quatro anos de Bebeto na Gávea foram de choramingos. Chorava pelos cantos porque não podia vestir a camisa 10, depois porque a camisa 10 lhe pesava demais às costas, porque não podia jogar na Seleção, porque jogar na Seleção era carga demais... O que o chorão mais fazia era chorar. E, por isso, tardou a ganhar o coração da galera, embora todos soubessem que ali, escondido atrás de tanto choramingo, vivia um craque. Este só apareceu na decisão da Copa União de 1987. Fez um gol por jogo, duas vezes contra o Atlético Mineiro, duas vezes contra o Internacional. O Fla foi campeão e Bebeto se eternizou. Só não ficou totalmente querido porque dois anos depois rumou para o Vasco. Foi chorando, tadinho. Mas foi. Não tivesse ido, poderia estar mais à frente na lista eterna. Depois voltou, mas a magia já não era a mesma.

Títulos: brasileiro (1987), carioca (1986)
Outros clubes: Vitória, Vasco, La Coruña-ESP, Botafogo, Cruzeiro, Toros Neza-MEX, Kashima Antlers-JAP

10º Nunes

Centroavante (1980-83)
João Batista Nunes de Oliveira
★Feira de Santana (BA), 20/5/1954
Nunes era uma espécie de Bebeto que não chorava. Quer dizer: marcava gols em decisões e, como não era de choramingos, o que Bebeto fez na Copa União de 1987, Nunes fez no Brasileirão 80 e 82, e no Mundial Interclubes. Ficou conhecido como Artilheiro das Grandes Decisões. Só que Nunes não tinha o requinte de Bebeto com a bola nos pés. Tratava a pelota sem reverência e limitava-se a metê-la para a rede, quando ela aparecia à sua frente. Num time de estrelas, como Zico, Adílio, Júnior, Leandro, Andrade, Nunes destoava. Mas conferia. Para muitos, se tivesse jogado a Copa da Espanha, em 1982, no lugar de Serginho, a história teria sido outra.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1981)
Outros clubes: Confiança, Santa Cruz, Fluminense, Botafogo, Monterrey-MEX, Náutico, Boavista-POR, Santos, Atlético-MG, Volta Redonda

11º Biguá, Bria e Jaime

Médio-direito, centro-médio, médio-esquerdo (1941-53)
Moacir Cordeiro, ★Irati (PR), 22/3/1921 †1988
Modesto Bria, ★Assunção (Paraguai), 1922 †Rio de Janeiro (RJ) 31/8/1996
Jaime de Almeida, ★São Fidélis (RJ), 28/8/1920 †Lima (Peru), 17/5/1953
Os três eram como um só e fizeram muito atacante adversário morrer de medo no início dos anos 40. Biguá principalmente. Foi o melhor lateral-direito da história rubro-negra antes de Leandro, de quem tinha estilo totalmente diferente. Em vez de avanços ao ataque e de técnica refinada, Biguá descia o sarrafo se fosse preciso. E jogava com seriedade sempre. Mas até arriscava descidas ao ataque. Bria virou técnico depois de mostrar seu estilo sóbrio nos anos 40. E Jaime era uma segurança na defesa.

Títulos: carioca (1942/43/44)
Outros clubes: Água Verde-PR (Biguá); Cerro Porteño-PAR (Bria); nenhum (Jaime)

12º Vevé

Ponta-esquerda (1941-49)
Everaldo Paes de Lima
★Belém (PA), 14/3/1918 †Rio de Janeiro (RJ), 1962
Se Vevé fez tudo o que dizem que ele fez, foi um gênio inigualável. O problema é que a grande maioria dos que o viram não está mais aí para contar. Uma das últimas testemunhas foi Flávio Costa, que morreu em 1999. O fato é que mesmo que não tenha feito tanto, Vevé foi o mais ofensivo pontas da história rubro-negra. Num time que teve Lico fechando pelo meio-de-campo em seu time mais importante, Vevé era diferente. Na campanha do tricampeonato de 1942/43/44, fez 31 gols.

Títulos: carioca (1942/43/44)
Outros clubes: nenhum

EDUARDO MONTEIRO
7º: Romário fez gols num ritmo impressionante

13º Reyes

Zagueiro (1967-73)
Francisco Santiago Reyes
★Assunção, Paraguai, 4/7/1941 †31/7/1976
Se Gamarra tivesse jogado nos anos 60 e 70, teria sido apelidado de Reyes. Paraguaio como ele, o zagueiro rubro-negro tinha a mesma qualidade do craque dos 90. "Kiko" Reyes (como era conhecido em seu país) antecipava-se com perfeição e, por isso, raramente fazia faltas. Mesmo sem ter conquistado muitos títulos foi eleito o melhor quarto-zagueiro da história rubro-negra na eleição produzida por PLACAR em 1981.

Títulos: carioca (1972)
Outros clubes: Olimpia-PAR

RICARDO BELIEL
9º: Bebeto era muito mais que um chorão

14º Mozer

Zagueiro (1979-86)
José Carlos Nepomuceno Mozer
★Rio de Janeiro (RJ), 19/9/1960

Modesto Bria fez muito pelo Flamengo dentro de campo. Mas seu melhor produto para o rubro-negro em gestão solo — longe de Biguá e Jaime — foi a descoberta de Mozer. Descobriu-o depois de saber que o Botafogo o havia dispensado, por ser magro e franzino demais para jogar. Mozer não servia para o futebol. E Modesto Bria era o papa. Então, Bria deicidiu dar uma chance a Mozer e lançou para o futebol um dos maiores beques da história do Flamengo. Seguia a linha de Reyes. Era clássico quando preciso, mas, se necessário, não dispensava uma boa pancada.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1979/79 Especial, 1981, 1986) **Outros clubes:** Benfica-POR, Olympique de Marselha-FRA

14º: Mozer aproveitou sua chance

15º Raul

Goleiro (1978-83)
Raul Guilherme Plassmann
★Curitiba (PR), 27/9/1944

Quando chegou à Gávea, em 1978, Raul já tinha 34 anos. Quer dizer que sua carreira no Rio de Janeiro seria curta, sem muito brilho, só para constar uma passagem pelo clube mais popular do Brasil. Mas Raul não se contentou com pouco. Jogou até os 40 e viveu os melhores dias da vida rubro-negra. Ficou tão marcado como goleiro do Flamengo quanto havia ficado como profissional do Cruzeiro, nos anos 60. Acabou até superando García, eleito durante anos o melhor goleiro da história rubro-negra. Hoje, Raul é o melhor. Incontestável.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1978/79/79 Especial, 1981),
Outros clubes: Coritiba, São Paulo, Cruzeiro

16º Andrade

Volante (1977-88)
Jorge Luiz Andrade da Silva
★Juiz de Fora (MG), 21/4/1957

Pensar em uma equipe com um único volante, hoje em dia, é inconcebível. Agora, imaginar que um único volante conseguia dar conta do recado e sem dar um único pontapé, aí é como acreditar em duende. Ou em Andrade. O volante do Flamengo dos anos 80 era assim e ainda saía para o jogo e organizava o ataque. Com tanto talento, Andrade devia ter jogado anos a fio na Seleção Brasileira. Pois era essa a principal queixa dos rubro-negros. Andrade só chegou à Seleção com lugar garantido quase no final da carreira.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1978/79/79 Especial, 1981),
Outros clubes: Roma-ITA, Vasco, Linhares

27º: Cláudio Adão foi uma boa aposta

17º Adílio

Meia (1976-87)
Adílio de Oliveira Gonçalves
★Rio de Janeiro (RJ), 15/5/1956

Ninguém nunca ligou muito para Adílio. Para quem tinha Zico, Adílio era até pouca coisa. Nos dias de hoje, porém, Adílio seria um luxo. Conduzia a bola com rara categoria, sempre de cabeça erguida e em velocidade. Alguns dizem que seu erro foi insistir em jogar como meia-direita, posição em que o Brasil possuía Sócrates.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1978/79/79 Especial, 1981),
Outros clubes: Coritiba, Barcelona-EQU

18º Valido

Ponta-direita (1937-44)
Agustín Valido
★Argentina, 1907 †Rio de Janeiro (RJ), 21/2/1998

Ponta quase ignorado em seu país, tornou-se um dos heróis da história rubro-negra quando foi chamado da aposentadoria para marcar o gol da decisão de 1944, na Gávea, contra o Vasco. Ele se apoiou no vascaíno Argemiro para cabecear? Talvez sim, mas isso só melhora o gostinho da conquista.

Títulos: carioca (1939, 1942, 1944)
Outros clubes: Boca Juniors-ARG, Lanús-ARG

19º Rondinelli

Zagueiro (1973-81)
Antônio José Rondinelli Tobias
★São José do Rio Pardo (SP), 26/4/1955

Um dos motivos da saída do goleiro Leão, do Vasco, foi não ter alcançado uma bola de Rondinelli, no último minuto do Campeonato Carioca de 1978, contra o Flamengo. Foi ali, no último instante, no suspiro derradeiro, que Rondinelli recebeu um apelido que o marcou pelo resto da vida: Deus da Raça.

Títulos: brasileiro (1980), carioca (1974, 1978/79/79 Especial),
Outros clubes: Corinthians, Vasco

20º García

Goleiro (1949-55)
Sinforiano García
★Puerto Pinasco, Paraguai, 22/8/1924

Se nos anos 90 a possibilidade de contratar o paraguaio Chilavert já fez até dirigente ser demitido na Gávea, o que imaginar do diretor que contratou um goleiro paraguaio nos anos 50? Naquela época, o Paraguai não tinha propriamente revelado grandes goleiros. Aí, o Flamengo inventou García. E o cara era bom. Saía do gol com desenvoltura e não dava mole para atacante vascaíno.

Títulos: carioca (1953/54/55)
Outros clubes: Cerro Porteño-PAR

21º Rubens, Dequinha e Pavão

Meia-direita (1951-54), volante (1950-60) e zagueiro (1953-59)
Rubens Josué da Costa,★Mossoró (RN), 19/3/1929 †Rio de Janeiro (RJ),31/5/1987
Ademir Nunes Ribeiro, ★São Paulo (SP), 4/11/1928
Marcos Cortez,★Santos (SP), 4/1/1930

Em tese, eles não tinham nada a ver um com o outro. Rubens era craque e jogava no meio-de-campo, mesmo setor em que Dequinha destruía, até com certo requinte, mas sem conseguir acertar passes. E Pavão era só raça na defesa. O que, então, os três fazem juntos na história do Flamengo? Fazem um lindo verso da música brasileira, composto por Wilson Batista: "O mais querido tem Rubens, Dequinha e Pavão, eu vou rezar pra São Jorge, pro Mengo ser campeão."

Títulos: carioca (1953/54/55)
Outros clubes: Atlético de Mossoró, ABC, América-PE (Dequinha); Ypiranga, Portuguesa, Vasco (Rubens); Portuguesa Santista, Santos (Pavão)

22º Carlinhos

Volante (1955-70)
Luís Carlos Nunes da Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 27/9/1968

Pelo futebol, Carlinhos ficou conhecido pelo apelido de Violino. Ganhou poucos títulos, mas o que Carlinhos tem de bom mesmo é o coração rubro-negro. E o pé quente. Na despedida, ofereceu a chuteira a uma revelação dos juvenis: Zico.

Títulos: carioca (1963, 1965)
Outros clubes: nenhum

23º Evaristo

Meia-direita (1953-58 e 1965)
Evaristo de Macedo
★Rio de Janeiro (RJ), 22/6/1933

Você certamente já ouviu alguma entrevista de Evaristo de Macedo, com tom ranzinza, em seus tempos de técnico. A grande vantagem do Evaristo jogador é que ele nem precisava falar. Bastava fazer gols. Talvez por isso o ataque rubro-negro tenha tido tanto sucesso entre 1953 e 1955. Jogava como ponta-de-lança, homem de preparação para o centroavante Índio. Mas, na maior parte das vezes, era ele mesmo quem balançava as redes rivais.

Títulos: carioca (1953/54/55)
Outros clubes: Madureira, Barcelona-ESP, Real Madrid-ESP

24º Paulo César

Ponta-esquerda (1972)
Paulo César Lima
★Rio de Janeiro (RJ), 16/6/1949

A grande imagem de Paulo César com a camisa do Flamengo foi imortalizada pelas lentes do Canal 100, documentário que passava nos cinemas dos anos 70. Paulo César disparava em velocidade, passava por toda a defesa rival, entrava na área e... bom, aí nem importa mais saber. Paulo César era assim, um gênio que não se preocupava tanto com o resultado de suas estrepulias.

Títulos: carioca (1972)
Outros clubes: Botafogo, Vasco, Fluminense, Olympique de Marselha-FRA, Grêmio, Corinthians

25º Renato Gaúcho

Ponta-direita (1986-88, 1989-91, 1993 e 1997)
Renato Portaluppi
★Guaporé (RS), 9/9/1962

A grande felicidade rubro-negra, na Copa União de 1987, deveu-se em boa parte a Renato. Principalmente pela partida contra o Atlético-MG, no Mineirão. Renato só não fez chover. Fez gol, deu passe para outro, catimbou, quase bateu nos jogadores do Atlético. O Flamengo venceu por 3 x 2. E aquele foi o jogo de Renato.

Títulos: brasileiro (1987), carioca (1986)
Outros clubes: Grêmio, Roma-ITA, Botafogo, Fluminense, Atlético-MG, Cruzeiro

26º Silva

Meia (1965/66)
Walter Machado da Silva
★Ribeirão Preto (SP), 2/1/1940

Jogou pouco tempo na Gávea, mas de tanto sucesso, ficou conhecido como "o Batuta". Tinha como principal qualidade a rara habilidade com que lidava com a bola. Conquistou o título carioca de 1965.

Títulos: carioca (1965)
Outros clubes: Racing-ARG, São Paulo, Corinthians, Santos, Vasco

27º Cláudio Adão

Centroavante (1978-80)
Cláudio Adalberto Adão
★Volta Redonda (RJ), 2/7/1955

O técnico Cláudio Coutinho queria porque queria ter Cláudio Adão no seu time. Tanto que convenceu o presidente Márcio Braga a contratá-lo, apesar de saber que o craque sofrera uma fratura na perna direita. Márcio Braga contratou-o e não se arrependeu. O centroavante foi titular na campanha do tri e seu nome virou até parte de uma versão da música "Samba Rubro-Negro", de Wilson Batista (veja 21º lugar). Nos anos 70, o clássico da MPB ficou assim: "O mais querido, tem Zico, Adílio e Adão. Eu vou rezar pra São Jorge pro Mengo ser campeão."

Títulos: carioca (1978/79/79 Especial)
Outros clubes: Santos, Fluminense, Botafogo, Vasco, Bangu, Portuguesa, Corinthians, Bahia, Cruzeiro, Benfica-POR, FK Austria-AUT, Sport Boys-PER, Alianza-PER, Al Ahli-SAU

28º Pirillo

Centroavante (1941-45)
Sylvio Pirillo
★Porto Alegre (RS), 26/7/1916 †Porto Alegre (RS), 22/4/1991

O recordista de gols em uma única edição de Carioca é Pirillo. Em 1941, sem Leônidas, Pirillo marcou 39 gols (41, segundo outras fontes). Só por isso, Pirillo já poderia ser lembrado. Mas ele foi mais: foi tricampeão e não deixou ninguém sentir saudades de Leônidas, depois de sua saída.

Títulos: carioca (1942/43/44)
Outros clubes: Americano-RS, Peñarol-URU, Internacional, Botafogo

29º Tita

Ponta e meia-direita (1977-84)
Mílton Queiroz da Paixão
★Rio de Janeiro (RJ), 1/4/1958

Tita não é melhor por ter cometido um erro estratégico. Durante boa parte da carreira, não se sentia à vontade vestindo a camisa 7, apesar de não ser propriamente um ponta-direita. No esquema criado por Cláudio Coutinho e aperfeiçoado por Paulo César Carpegiani, Tita era o homem que mais rodava. Aparecia na direita, na esquerda, no centro do ataque. Mas Tita queria ser Zico e insistia em ser colocado exclusivamente como jogador de meio-de-campo. Esse foi seu grande equívoco. Mas o futebol de alta rotatividade do início dos anos 80 guardou um lugar na história para Tita.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1980, 1982/83), carioca (1978/79/79 Especial)
Outros clubes: Grêmio, Vasco, Bayer Leverkusen-ALE, Pescara-ITA, Puebla-MEX

30º Carpegiani

Volante (1977-80)
Paulo César Carpegiani
★Erexim (RS), 17/2/1949

Nos tempos de Internacional, Carpegiani era Paulo César e jogava como ponta-de-lança. A versão carioca do meia gaúcho era de um volante de alta classe, que cuidava da proteção da defesa e chegava ao campo de ataque para marcar gols. Depois de encerrar a carreira, virou técnico e levou o Flamengo ao título mundial interclubes.

Títulos: brasileiro (1980), carioca (1978/79/79 Especial)
Outros clubes: Internacional

17º: Adílio era o Neguinho Bom de Bola

30º: A classe de Carpegiani marcou época

31º Jorginho
Lateral-direito (1983-89)
Jorge de Amorim Campos
★Rio de Janeiro (RJ), 17/8/1964
Fazer Leandro, o maior lateral-direito da história do Flamengo, mudar de posição, não é coisa para qualquer um. Pois Jorginho conseguiu. Um pouco porque Leandro não tinha mais pernas para jogar como lateral. Mas muito porque o Flamengo sabia poder confiar em Jorginho.

Títulos: brasileiro (1987), carioca (1986)
Outros clubes: América-RJ, Bayer Leverkusen-ALE, Bayern de Munique-ALE, Kashima Antlers-JAP, São Paulo, Vasco

32º Almir
Meia (1964-67)
Almir Morais de Albuquerque
★Recife (PE), 28/10/1937 †Rio de Janeiro (RJ), 6/2/1973
Teve dois grandes méritos no Flamengo. O primeiro, a conquista do Campeonato Carioca de 1965. O segundo, parar a festa do Bangu na decisão do estadual do ano seguinte. Criou uma das maiores brigas da história do Maracanã.

Títulos: carioca (1965)
Outros clubes: Vasco, Boca Juniors-ARG, Corinthians, Genoa-ITA, Fiorentina-ITA, Santos, América-RJ

33º Jair
Meia (1947-49)
Jair Rosa Pinto
★Quatis (RJ), 21/3/1921
Jair era a grande estrela da companhia do Flamengo do final dos anos 40, depois da saída de Zizinho para o Bangu. Mas uma partida contra o Vasco, uma goleada de 5 x 2 imposta pela equipe de São Januário, e pronto. O locutor Ary Barroso começou uma campanha contra Jair. Estava terminada a era Jair na Gávea.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Madureira, Vasco, Santos, Palmeiras, São Paulo, Ponte Preta

34º Fio
Centroavante (1971-73)
João Batista de Sales
★Conselheiro Pena (MG), 19/1/1945
A música de Jorge Ben faz muito mais justiça com Fio do que a bola que Deus lhe deu. "Foi um gol de anjo em que ele mostrou sua malícia e sua raça." Na verdade, Fio não tinha nem muita malícia, nem muita técnica. Tinha raça e fazia lá seus golzinhos. Mas Jorge Ben fez questão de festejar uma era em que o Flamengo tinha, no máximo, Liminha, além de Fio Maravilha. Fio decidiu processá-lo e o compositor precisou mudar o nome da música para "Filho Maravilha".

Títulos: carioca (1972)
Outros clubes: Remo, Fluminense-BA

35º Aldair
Zagueiro (1986-89)
Aldair Nascimento Santos
★Ilhéus (BA), 30/11/1965
Mozer estava machucado, Leandro não vinha bem, Zé Carlos II era a solução. Aí, surgiu Aldair, em pleno Campeonato Carioca de 1986. Na verdade, o zagueiro passou quatro anos na Gávea e a torcida raras vezes prestou atenção ao seu futebol, tantos eram os outros beques do Fla. Gente como Leandro e Edinho, titulares da Copa União de 1987. Só que Aldair é Aldair. Campeão do mundo, com a marca do Flamengo.

Títulos: brasileiro (1987), carioca (1986)
Outros clubes: Benfica-POR, Roma-ITA

36º Perácio
Meia (1940-45)
José Perácio
★Nova Lima (MG), 2/11/1927 †1977
Diz a lenda que, na Copa do Mundo de 1938, Perácio quebrou o braço do goleiro da Tchecoslováquia. O goleiro tentava apenas segurar um torpedo de Perácio. Essa era sua maior qualidade, mas não a única. Ele foi também um líder do Mengão de seu primeiro tricampeonato, em 1942/43/44.
Títulos: carioca (1942/43/44)
Outros clubes: Fluminense, Botafogo, Villa Nova-MG

37º Henrique
Centroavante (1957-63)
Henrique Frade
★Formiga (MG), 3/8/1934
Henrique não conquistou nenhum troféu em seus seis anos de Gávea. Esse é o ponto negativo de sua passagem por lá. O positivo é que Dida jamais teve um companheiro de ataque tão bom quanto ele. Eram tabelas atrás de tabelas, gols em cima de gols. Por isso, reservou seu lugar na relação histórica.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Portuguesa, Atlético-MG, Formiga, Nacional-AM

38º Joel
Ponta-direita (1951-58 e 1961-64)
Joel Antônio Martins
★Rio de Janeiro (RJ), 23/9/1934
O titular da Copa do Mundo de 1958, na ponta-direita, era Joel, não Garrincha. Tá certo, tá certo. Seria uma das maiores injustiças da história do futebol se o ponta do Botafogo não ganhasse a posição. Mas seria também um grande equívoco dizer que Joel não jogou nada. Os estilos eram diferentes e Joel preferia fechar pelo meio a arriscar o drible. Mas era muito bom.

Títulos: carioca (1953/54/55, 1963)
Outros clubes: Botafogo, Valencia-ESP

39º Gérson
Meia-esquerda (1960-63)
Gérson de Oliveira Nunes
★Niterói (RJ), 11/1/1941
Gérson teria vida longa no Flamengo, não fosse a teimosia de Flávio Costa, o técnico da época. Em vez de escalá-lo para fazer lançamentos geniais, o treinador decidiu fazer diferente. Pediu que Gérson marcasse Garrincha. Claro que Gérson levou um baile e foi escorraçado da Gávea. Nos anos seguintes, castigou o Flamengo todas as vezes que uma camisa rubro-negra lhe passou por perto. Para não guardar mágoas, entra na lista.

Títulos: carioca (1963)
Outros clubes: Botafogo, São Paulo, Fluminense

40º Nelsinho
Volante (1960-70)
Nelson Rosa Martins
★Rio de Janeiro (RJ), 8/12/1937
Durante dez anos, ele fez a mais perfeita dupla de meio-de-campo da história recente do Flamengo ao lado de Carlinhos. Os dois davam um toque de requinte ao meio do Flamengo e conquistaram juntos os títulos cariocas de 1963 e 1965.

Títulos: carioca (1963, 1965)
Outros clubes: nenhum

41º Moderato
Ponta-esquerda (1923-30)
Moderato Wisintainer
Os flamenguistas da Velha Guarda juram que Moderato Wisintainer foi um dos maiores pontas de todos os tempos. Duas vezes campeão carioca, jogou a Copa de 1930.

Títulos: carioca (1925, 1927)
Outros clubes: não disponível

42º Zinho
Meia (1986-92)
Crizam César de Oliveira Filho
★Rio de Janeiro (RJ), 13/6/1967
As finais do Brasileirão-92 estão marcadas na memória de Zinho. O dono do time, líder do elenco e melhor jogador do campeonato era Júnior. Mas foi Zinho quem ditou o ritmo da decisão contra o Botafogo. Chamou o jogo, puxou o lateral Piá para perto de si, chutou, fez lançamentos. Recebeu, fato raríssimo, nota 10 de PLACAR.

Títulos: brasileiro (1987 e 1992), carioca (1986 e 1991)
Outros clubes: Palmeiras, Yokohama Flugels-JAP, Grêmio

43º Sávio
Atacante (1993-97)
Sávio Bortolini Pimentel
★São Torquato (ES), 9/1/1974
Quando surgiu, em 1994, Sávio era a grande aposta rubro-negra. O problema é que ele, de tanto apanhar, quase precisou de uma muleta para andar. Apanhou, apanhou, apanhou... E foi embora para a Espanha. Antes, levou tapa até de Romário. E perdeu a chance de ser um pouco mais importante para a história do clube.

Títulos: carioca (1996)
Outro clube: Real Madrid-ESP

44º Geraldo
Meia (1972-76)
Geraldo Cleofas Dias Alves
★Barão de Cocais (MG), 16/4/1956 †Rio de Janeiro (RJ), 1976
O futebol de Geraldo, no início dos anos 70, deixava a certeza de que o Flamengo preparava dois jogadores foras-de-série para os anos seguintes: Zico e Geraldo. Este último era ainda melhor do que o primeiro, na opinião de muitos. Dribles insinuantes, sempre em direção ao gol, envolviam as defesas rivais. E ainda fazia gols. O talento acabou em uma boba operação de amígdalas, em 1976. Geraldo morreu. E, com ele, a esperança da torcida rubro-negra.

Títulos: carioca (1972, 1974)
Outros clubes: nenhum

45º Jordan
Lateral-esquerdo (1953-64)
Jordan da Costa
★Rio de Janeiro (RJ), 24/11/1932
Foi um dos muitos apontados pela imprensa carioca dos anos 60 como o grande marcador de Garrincha. Podia ser um consolo para a quantidade de dribles que levou de Mané. Apesar disso, Jordan era bom marcador e levantou o tricampeonato carioca. Motivo para ser lembrado.

Títulos: carioca (1953/54/55, 1963)
Outros clubes: nenhum

46º Figueiredo
Zagueiro (1981-83)
Cláudio Figueiredo Diz
★São Paulo (SP), 23/12/1960 † 20/12/1984
A morte trágica do zagueiro num acidente de avião impediu os rubro-negros de verem desabrochar um futebol que já se mostrava brilhante. Compondo a zaga com Marinho ou Mozer, Figueiredo conquistou tudo em sua breve passagem pela Gávea e pela vida.

Títulos: mundial (1981), Libertadores (1981), brasileiro (1982/83), carioca (1981)
Outros clubes: nenhum

47º Friedenreich
Centroavante (1935)
Arthur Friedenreich
★São Paulo (SP), 18/7/1892 †São Paulo (SP), 6/9/1969
Na verdade, Friedenreich jogou menos de um ano pelo Flamengo e não fez nada de muito relevante. Estava velho, em final de carreira, quase pronto para pendurar as chuteiras. Mas se um mito como Friedenreich tinha de parar, que fosse com a camisa do Mengão. Ele a vestiu. Só por isso, merece estar entre as grandes lendas da história rubro-negra.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Ypiranga, Germânia, Mackenzie, Atglas, Clube Brasil, Paysandu, Internacional, Atlético Santista, Paulistano, São Paulo, Santos, Dois de Julho, Atlético-MG

48º Doval
Meia (1970-75)
Narciso Horacio Doval
★Buenos Aires, Argentina, 4/1/1944 †Buenos Aires (Argentina), 12/10/1991
Zico deve muito a Doval. Foi por causa do meia argentino que a menina Sandra começou a visitar as arquibancadas da Gávea. Acabou conhecendo Zico, os dois se apaixonaram e se casaram. Foi também por causa de Doval que Zico vestiu a camisa 7, no início de carreira. Mas foi por causa de Zico que Doval foi embora para o Fluminense. A Gávea era pequena demais para os dois.

Títulos: carioca (1972, 1974)
Outros clubes: San Lorenzo-ARG, Fluminense, Huracán-ARG

49º Borghert
Atacante (1912-15)
Alberto Borgerth
★Rio de Janeiro (RJ)
Foi o primeiro ídolo do Flamengo. Um dos dissidentes do Fluminense que ajudaram a fundar a seção de futebol do rubro-negro, participou dos dois primeiros títulos do clube, o bi carioca de 1914/15.

Títulos: carioca (1914/15)
Outros clubes: Fluminense

50º Jadir
Volante (1952-62)
Jadir Egídio de Souza
★Rio de Janeiro (RJ), 9/4/1930 †1977
Volante clássico, participou da campanha do tricampeonato de 1953/54/55, mas não pôde jogar a decisão de 1955, contra o América — foi substituído por Servílio. Em 1962, transferiu-se para o Botafogo, mas foi lenda mesmo no Flamengo, onde viveu seus melhores dias.

Títulos: carioca (1953/54/55)
Outros clubes: Cruzeiro, Botafogo, Mallorca-ESP

AG O GLOBO

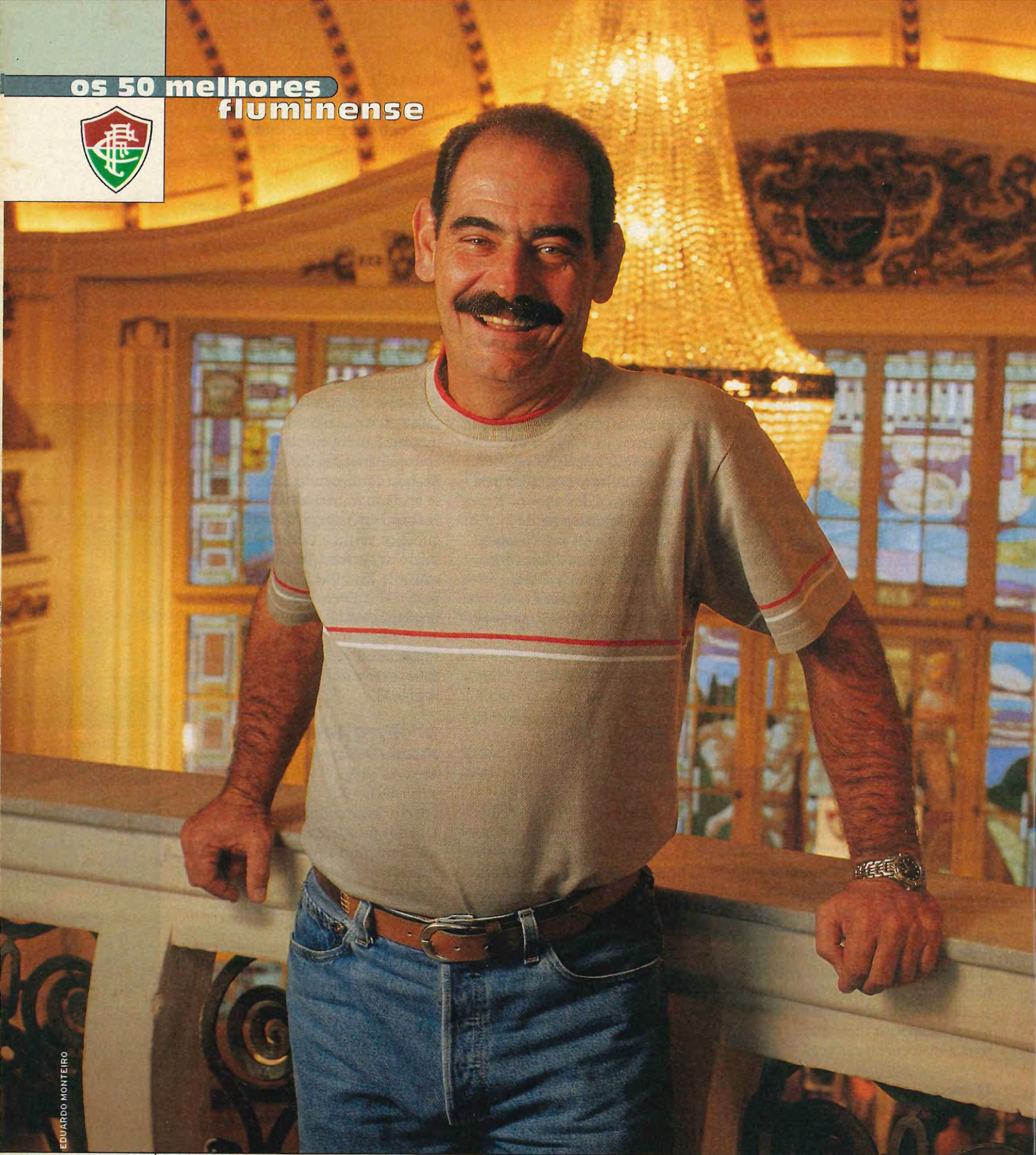
32º: Almir acabou com a final de 1966

23º: Evaristo fazia gols e ajudava a fazer

NELSON COELHO

42º: Zinho levou nota 10 em 1992

SÉRGIO MORAES

43º: Se ficasse, Sávio iria mais longe

A nobreza do Flu

O presidente do Fluminense dos anos 70, Francisco Horta, sonhava acabar com a fama de timinho. O primeiro passo: contratar o melhor jogador do Brasil. Rivelino foi tricolor por quatro anos e ganhou dois títulos. O Flu virou máquina

Aos 19 anos, Rivelino já era ídolo reconhecido por todos os corintianos como um gênio. Aos 24, era campeão do mundo pela Seleção Brasileira. Como craque que é craque não precisa provar nada para ninguém, Rivelino poderia ter passado a carreira inteira deitado em berço esplêndido apenas curtindo a fama mais do que merecida.

O destino, no entanto, não foi tão bondoso com o craque mais genial que passou pelo Parque São Jorge. Quando chegou ao Fluminense, no início de 1975, Rivelino estava na sarjeta. Expulso da Fazendinha, por ter perdido o título paulista que redimiria o Corinthians de 20 anos de fila, entregue à ira da Fiel, precisando dar a volta por cima com extrema urgência. Nada melhor do que um encontro com o presidente do tricolor da época, o juiz de direito Francisco Horta.

Horta sonhava com uma seleção histórica para o Fluminense. Um time capaz de acabar com a sina do tricolor de ser chamado de timinho. De impor respeito na entrada em campo apenas pelos nomes de seus jogadores e de conquistar os campeonatos Brasileiro e Carioca. De não sofrer como sofreu em seus tempos de jogador, com rubro-negros tirando onda porque o Flu tinha Careca, Simões, Édson, Vítor, Lafaiete.

Pois Rivelino era o homem certo para tudo isso. Nenhum rubro-negro ia se meter a besta de contestar a qualidade de Riva. E os tricolores podiam até brincar sobre Zico, chamá-lo de "craque de Maracanã" e coisas desse tipo.

Logo na chegada, Rivelino já deu o ar de sua graça. Um amistoso justamente contra o Corinthians, no sábado de carnaval. Pois Riva, cheio de raiva, meteu três no Timão, que perdeu por 4 x 1. Ficou claro, ali, que o problema na derrota para o Palmeiras, na final de 1974, não havia sido Rivelino. Podia ter sido a falta de raça, a falta de jogadores, o excesso de confiança. Nunca Rivelino. "Eu não era o sapo enterrado no Parque São Jorge", desabafou Riva, numa entrevista a PLACAR em 1994.

Esse foi só o início da história da Patada Atômica nas Laranjeiras. Depois de destruir o Timão, Rivelino destruiu Alcir, volante do Vasco campeão brasileiro de 1974. Um elástico, um único drible desconcenrtante e o volante ficou para trás, entregue. Riva entrou na área, olhou o posicionamento do goleiro e mandou a bomba.

E olhe que marcar gols nunca foi o forte de Rivelino. Ele preferia um drible do elástico, sua marca registrada, que fez os italianos perderem o sono antes da final, pensando em como evitá-lo. Ou um lançamento preciso. Nos quatro anos em que defendeu o Fluminense, Riva marcou 53 gols em 158 partidas. Quer dizer que fazia um gol a cada três vezes que entrava em campo. Em compensação, quando abaixava a cabeça já via o ponta Gil disparando pela direita. Os lançamentos, em geral, colocavam-no na cara do gol. E tantas vezes o Fluminense marcou dessa maneira...

OS VITRAIS (À ESQ.) ERAM DAS LARANJEIRAS UM POUCO MAIS NOBRES NOS TEMPOS EM QUE RIVELINO BRILHAVA COM A CAMISA TRICOLOR. EM DOIS ANOS VESTIDO PARA JOGAR NA MÁQUINA (ABAIXO), RIVA GANHOU DOIS ESTADUAIS

Rivelino só falhou na tentativa de dar o título brasileiro ao tricolor do Rio. Em 1975, chegou às semifinais contra o Internacional e perdeu. Os gaúchos tinham Falcão, Figueroa & cia. Era justificável que o Flu, em seu primeiro ano de supertime, perdesse a decisão. Em 1976, dançou contra o Corinthians, suprema humilhação para Rivelino. O Timão tinha Ruço com a camisa 10 que havia sido de Riva durante quase dez anos. Ruço marcou de meia-bicicleta e saiu mandando beijinhos para a galera. Nos pênaltis, deu Corinthians.

Se fosse em outro clube, talvez Rivelino saísse de novo escorraçado, tratado como resto, como um jogador qualquer incapaz de cumprir as promessas que sequer havia feito. Como o Fluminense é o Fluminense, Rivelino continuou mais dois anos nas Laranjeiras. Deu o bi carioca ao tricolor, festejou sua convocação para a Copa do Mundo da Argentina. E a torcida chorou sua saída em 1978, para o El Helal, da Arábia Saudita.

Rivelino é o símbolo da melhor época da história tricolor. A época em que nenhum rubro-negro, vascaíno ou botafoguense podia se referir ao time das Laranjeiras como timinho. Era uma seleção, que possuía o melhor jogador do país. E isso é suficiente para colocá-lo na história do clube mais aristocrático do Rio de Janeiro. Para o Flu, um craque como Rivelino não precisa provar nada a ninguém. Só precisa ser Rivelino.

PAULO VINICIUS COELHO

RODOLPHO MACHADO

1º Rivelino
Roberto Rivellino
Meia (1975-78)
★São Paulo (SP), 1/1/1946
Títulos: carioca (1975/76)
Outros clubes: Corinthians, El Helal-SAU
Por que ele está em primeiro: Porque o Fluminense sonhava ter o melhor jogador do Brasil desde os anos 40, quando Gentil Cardoso pediu – e conseguiu – a contratação de Ademir de Menezes. Porque Rivelino passou mais tempo nas Laranjeiras do que Ademir e deu mais títulos ao tricolor. Ganhou dois títulos estaduais e colocou o Flu entre os times mais respeitados do país. E porque os rubro-negros não podiam tachar o Flu de timinho.

Nas próximas páginas:
2º Castilho
3º Assis e Washington
4º Marcos
5º Telê
6º Welfare
7º Romerito
8º Didi
9º Tim
10º Edinho
11º Renato Gaúcho
12º Carlos Alberto
13º Preguinho
14º Samarone
15º Romeu
16º Veludo
17º Waldo
18º Denilson
19º Doval
20º Flávio
21º Branco
22º Paulo César
23º Paulo Vitor
24º Pedro Amorim
25º Pingo de Ouro
26º Cláudio Adão
27º Batatais
28º Zezé Procópio
29º Ricardo Gomes
30º Marinho
31º Gérson
32º Pinheiro
33º Altair
34º Félix
35º Hércules
36º Ademir
37º Lula
38º Pintinho
39º Gil
40º Bigode
41º Píndaro
42º Amoroso
43º Marco Antônio
44º Delei
45º Jandir
46º Mickey
47º Roni
48º Mário
49º Tato
50º Paulinho

2º Castilho

Goleiro (1947-64)
Carlos José Castilho
★Rio de Janeiro (RJ), 27/11/1927 †Rio de Janeiro (RJ), 2/2/1987

O que quer dizer leiteria, além de uma fábrica de laticínios? Para quem aprendeu português e suas gírias a partir dos anos 70, leiteria quer dizer no máximo isso mesmo. Então, por que é que se convencionou apelidar Castilho e sua incrível sorte para defender bolas impossíveis dessa estranha maneira? Sabe Deus. O fato é que leiteria virou sinônimo de Castilho. O sortudo, ou extraordinário, goleiro do Flu dos anos 50. Quando não defendia um pênalti cobrado pelos famosos da época como Ademir, Rubens, Didi e Zizinho, sua sorte fazia com que atacantes adversários perdessem gols feitos, quase sempre chutando nas traves. No Fluminense jogou 696 vezes. Dessas, não sofreu gols em 255, o equivalente a 36%.

Títulos: carioca (1951, 1959, 1964), Torneio Rio-São Paulo (1957, 1960), Copa Rio (1952)
Outro clube: Olaria

RICARDO BELIEL

3º: Assis e Washington como um só

3º Washington e Assis

Atacantes (1983-89)
Washington César Santos, ★Valença (BA), 3/11/1960
Benedito de Assis da Silva, ★São Paulo (SP), 12/11/1952

Assis era um jogador discreto da Francana. Washington, uma revelação do Galícia. Assis foi para o São Paulo, onde foi tachado de perna-de-pau, mesma pecha de Washington, no Corinthians. Foi assim até que os dois se encontraram, primeiro no Atlético-PR, depois no Fluminense, a partir de 1983. A partir daí, ficou provado: um não vivia sem o outro. Como o Casal 20, seriado americano exibido na TV Globo na época. O Flu dos anos 80 não vivia sem seu casal perfeito, apesar de ter um monte de garotos talentosos, como Branco, Ricardo Gomes e Paulinho. Assis virou especialista em matar o Flamengo nas finais de 1983 e 1984. Na campanha do tricampeonato de 1983/84/85, eles marcaram 48 dos 104 gols do Fluminense.

5º: Telê foi o primeiro craque tático

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Assis - Francana, São Paulo, Internacional, Atlético-PR; Washington - Galícia (BA), Corinthians, Internacional, Atlético-PR, Botafogo, Ferroviária (SP), Botafogo, União São João

4º Marcos

Goleiro (1914-22)
Marcos Carneiro de Mendonça
★Cataguazes (MG), 25/12/1894 †Rio de Janeiro (RJ), 19/10/1988

Já imaginou Wanderley Luxemburgo jogando no gol do Fluminense, vestido impecavelmente com seu terno e sua gravata? É difícil. Mas pense em Marcos Carneiro de Mendonça, o primeiro aristocrata da história do futebol. Nos anos 20, ele andava alinhado, entrava em campo com toda sua fleuma, esbanjava elegância. Chegou ao Fluminense em 1914, logo notabilizou-se por grandes atuações, que se repetiram nos anos de 1915 e 1916. Durante a campanha do tricampeonato carioca de 1917/18/19, só ficou fora de uma partida. Por mais que o tempo passe, ainda hoje é considerado um dos grandes goleiros da história do futebol no Brasil. Mais tarde, foi presidente do clube no período 1941/1943.

Títulos: carioca (1917/18/19)
Outros clubes: Haddock Lobo, América

5º Telê

Ponta-direita (1951-60)
Telê Santana da Silva
★Itabira (MG), 27/6/1931

"Telê é o ponteiro dos segundos." Foi a frase com a qual Mário Filho definiu Telê Santana nos anos 50. Provavelmente, algum jogador que tenha conhecido apenas Telê como técnico use a frase com outro sentido: "É mesmo, aquele chato não dava uma folga nem de um segundinho." Não, não. Mário Filho não se referia a isso. Queria dizer que Telê não parava nunca. Nem quando a bola saía pela lateral. Talvez tenha sido o primeiro craque tático do futebol brasileiro. O que não se restringia a jogar quando a bola lhe caía nos pés. O corpo franzino, porém, sempre gerou desconfiança e foi seu treinador, Zezé Moreira, um dos poucos a acreditar que ele daria jogador. Seu momento mais marcante foi na decisão do primeiro Campeonato Carioca que disputou ao chegar para o tricolor. Jogou como centroavante e marcou os dois gols da vitória. No total, fez 557 partidas pelo clube e 162 gols.

Títulos: carioca (1951, 1959), Rio-São Paulo (1957, 1960)
Outros clubes: Guarani e Vasco

6º Welfare

Centroavante (1913-1924)
Henry Welfare
★1893 †1988

Quando aquele cidadão inglês desembarcou no Brasil em 1913 jamais pensou que seria um dos grandes nomes do futebol brasileiro que ainda engatinhava. Contratado pelo Colégio Anglo Americano para ensinar Geografia e Matemática, acabou treinando no clube e começou logo a fazer parte do time. Já naquele ano participou do primeiro campeonato, e nos anos seguintes foi titular absoluto. Em 29 de setembro de 1918, veio o jogo que, segundo ele, marcou sua carreira: Fluminense e Botafogo empatavam de 1 x 1, e o tricolor precisava da vitória. O zagueiro uruguaio Monti, do Botafogo, faz uma falta perto do escanteio. Ele chega para o seu companheiro Mano, que ia cobrar a falta, e pede a bola em sua cabeça. O cruzamento sai perfeito e... gol de cabeça de Welfare. Infalível! Em 166 jogos pelo clube, marcou 163 gols, sendo hoje o terceiro artilheiro da história do tricolor.

Títulos: carioca (1917/18/19)
Outros clubes: nenhum

7º Romerito

Ponta-de-lança (1984-88)
Júlio César Romero Insfrán
★Luque (Paraguai), 28/8/1960

Nos últimos 15 anos, o que mais passou pelas Laranjeiras foram cabeças-de-bagre estrangeiros. Teve até um venezuelano, de nome Maldonado, apelidado "Maldanado". Pois cada contratação desse tipo deixou mais saudade de um paraguaio de qualidade. Romerito. "Mas por que contratar um paraguaio?", questionava parte da torcida tricolor em 1984, quando ele chegou às Laranjeiras. Porque ele era craque. Foi dele, por exemplo, o gol do título brasileiro daquele ano, na primeira partida das finais contra o Vasco. Esse gol ainda está guardado na memória da torcida tricolor: ao perceber o cruzamento para a área adversária, entrou com decisão e uma toque preciso tirou a bola do alcance do goleiro vascaíno, Roberto Costa.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1984/85)
Outros clubes: Sportivo Luqueño-PAR, Cosmos-USA, Barcelona-ESP, Puebla-MEX

8º Didi

Meia-direita (1949-56)
Waldyr Pereira
★Campos (RJ), 8/10/1929

Bola com Didi, o chute descambando para o gol, aparentemente tomando uma direção errada. Porém, ao se aproximar do gol, como num passe de mágica, a bola caía com leveza no fundo das redes. Ao pobre goleiro só restava apanhá-la, devolvê-la ao centro de campo e se preparar, quem sabe, para novas e tristes supresas. Assim era Didi no Fluminense. Chegando ao clube, vindo do Madureira, logo alcançaria o topo entre os grandes jogadores da sua época. Nessa fase, começava a experimentar os lançamentos longos, que viriam a ser o seu forte, possibilitando que alguns dos famosos atacantes tricolores como Carlyle, Marinho, Escurinho, Ambrois e Valdo marcassem muitos gols. Em 296 jogos pelo tricolor, marcou 95 gols, média considerada excelente tendo em vista que era um meio-campista.

Títulos: carioca (1951), Copa Rio (1952)
Outros clubes: Americano, Madureira, Real Madrid-ESP, São Paulo, Sporting Cristal-PER

9º Tim

Meia esquerda (1937-43)
Elba de Pádua Lima
★Rifaina (SP), 20/12/1915 †Rio de Janeiro (RJ), 7/7/1984

Jogador extremamente hábil, com uma facilidade espantosa para driblar, passar a bola e marcar gols, completou o time de paulistas que deram títulos ao Fluminense. Por sua maneira de jogar, coordenando as jogadas e fazendo o seu ataque jogar de maneira quase avassaladora, recebeu o apelido de "El Peón" da imprensa argentina, por seus jogos na Seleção Brasileira. Disse Domingos da Guia: "Em dez anos nunca o vi errar." Exagero à parte, tinha mesmo um estranho poder de atrair a bola para seus pés, e quando corria, parecia que a trazia amarrada.

Títulos: carioca (1937/38, 1940/41)
Outros clubes: Botafogo de Ribeirão Preto, Portuguesa Santista, São Paulo, Botafogo, Olaria

10º Edinho

Zagueiro (1973-82 e 1988-89)
Edino Nazareth Filho
★Rio de Janeiro (RJ), 5/6/1955

Não precisava fazer mais nada, além de um gol. Uma bomba da entrada da área, na decisão do Campeonato Carioca de 1980, acertou o canto de Mazzaropi e matou o Vasco. O gol deu ao Fluminense, em uma de suas versões "timinho", o título estadual. Naquela equipe, além de Edinho, havia Edinho, Edinho, Edinho... e um monte de garotos. Depois da Copa de 1982, o zagueiro saiu das Laranjeiras para a Udinese, da Itália, mas retornou em 1988 e 1989, no fim de carreira. Fez 358 jogos pelo Fluminense.

Títulos: carioca (1975/76, 1980)
Outros clubes: Udinese-ITA, Flamengo, Grêmio

11º Renato Gaúcho

Ponta-direita (1995-97)
Renato Portaluppi
★Guaporé (RS), 9/9/1962

O auge da forma de Renato foi no Grêmio e — melhor nem lembrar — no Flamengo, no fim dos anos 80. Que bom. Afinal, talvez tenham sido os quilinhos a mais os responsáveis por sua entrada na história do Fluminense. O gol que o consagrou e deu ao Flu o Carioca de 1995 foi marcado de barriga. E contra o Flamengo, no último minuto de uma decisão em que os rubro-negros jogavam pelo empate. Renato passou apenas duas temporadas no Flu, tempo, mas quebrou um jejum de dez anos. Depois, passou meses machucado.

Títulos: carioca (1995)
Outros clubes: Grêmio, Flamengo, Roma-ITA, Botafogo, Cruzeiro, Atletico-MG

12º Carlos Alberto

Lateral-direito/quarto-zagueiro (1964-65 e 1976)
Carlos Alberto Torres
★Rio de Janeiro (RJ), 17/4/1944

Quando começou no Fluminense, treinando para conseguir uma vaga entre os juvenis, alguém disse do lado de fora do campo: "Esse garoto ainda vai ser titular nos profissionais." Essa profecia estava apenas meio certa. Logo, logo aquele garoto se tornaria bem mais do que isso. Bastaram dois anos como titular no time tricolor para que Carlos Alberto, mais tarde "O Grande Capitão", viesse a se consagrar como um dos melhores laterais do mundo. Bastou um ano no time de cima para que ele chegasse rápido ao estrelato e, já como campeão carioca em 1964, se transferisse para o Santos. Passados 11 anos, volta ao tricolor para compor a defesa da famosa Máquina e vem bem a tempo de ainda ser campeão carioca em 1976. Carlos Alberto foi um gênio da lateral direita, num tempo em que os gênios ocupavam outros setores do campo.

Títulos: carioca (1964, 1976)
Outros clubes: Santos, Botafogo, Flamengo, Cosmos-EUA

MARCO ANTONIO CAVALCANTI

7º: Romerito fez o gol do Brasileiro 84

13º Preguinho

Centroavante (1925 e 1937-38)
João Coelho Netto
★Rio de Janeiro (RJ), 8/2/1905 †Rio de Janeiro (RJ), 1/10/1979

Símbolo do atleta tricolor, laureado em várias modalidades esportivas, teve um início de carreira bastante atribulado, pois seu pai, o poeta e escritor Coelho Neto, chefe de um clã aristocrático, o proibiu de praticar o esporte. Mas ele, com obstinação, furou o bloqueio que lhe era imposto e conseguiu ser um dos maiores exemplos de dedicação ao Flu. Em 1925, numa manhã de domingo, na praia de Botafogo, venceu o Carioca de natação e à tarde, ainda com roupas de banho, chegou às Laranjeiras para levar o Flu à vitória no Torneio Início.

Títulos: carioca (1936/37/38)
Outros clubes: nenhum

ARI GOMES

10º: Edinho jogou 358 vezes pelo Flu

14º Samarone

Ponta de lança (1965-71)
Wilson Gomes
★Santos (SP), 13/3/1946
Jogador manhoso, catimbeiro, provocador. Gostava de irritar seus adversários com inteligência, jamais se expondo para possíveis expulsões ou brigas. Tinha um excelente toque de bola e também sabia fugir das faltas adversárias. Compôs com Flávio uma dupla mortal, que levou o Fluminense ao título carioca de 1969, apesar do imenso favoritismo do grande Botafogo. No time, não fazia questão de ser estrela.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1969 e 1971)
Outros clubes: Portuguesa Santista, Corinthians

17º: Waldo marcou 314 gols

15º Romeu

Meia direita (1935-42)
Romeu Pellicciari
★Jundiaí (SP), 26/3/1911 †São Paulo (SP), 15/7/1971
Inteligente e criativo, jogava em várias posições do ataque, tinha a precisão como sua principal característica. Segundo Tim, seu companheiro de ataque no Fluminense e na Seleção Brasileira, ele levava anos sem errar um passe, tal era o virtuosismo do seu toque de bola. Foi um dos paulistas que brilharam no Fluminense dos anos 30. Pelo tricolor, jogou 201 vezes, marcando 86 gols.

Títulos: carioca (1936/37/38, 1940/41)
Outros clubes: Palestra Itália-SP, Comercial-SP

21º: Branco rodou o mundo mas voltou

16º Veludo

Goleiro (1953-56)
Caetano Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 17/8/1930 †Rio de Janeiro (RJ), 26/10/1970
Seguro, ágil, reflexos rápidos e excelente colocação, parecia adivinhar onde a bola seria jogada. Apesar de viver uma fase no clube em que o titular absoluto era Castilho, conseguiu com sua categoria se impor naturalmente e conquistar um lugar ao sol. Mesmo com esse obstáculo natural, conseguiu atuar 113 vezes pelo tricolor. Em 1954, chegou a ser trocado, por empréstimo, com o atacante uruguaio Ambrois, do Nacional. Apesar de viver a melhor fase de sua carreira no Fluminense, Veludo ficou marcado por um acontecimento insólito e que independeu de sua vontade. Ao sofrer uma goleada de 6 x 1 para o Flamengo em em 1955, teve a sua atuação questionada pelos dirigentes. Caiu em desgraça e foi negociado.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Nacional-URU, Canto do Rio, Santos, Botafogo, Atlético-MG, Botafogo, Madureira

17º Waldo

Centroavante (1954-61)
Waldo Machado da Silva
★Niterói (RJ), 9/9/1934
Waldo tinha todos os requisitos de um grande centroavante. Até as críticas por perder gols e pela falta de requinte no trato da bola. Certa vez, em Teixeira de Castro, o goleiro do Bonsucesso, Julião, ouviu um apito das arquibancadas e se posicionou para cobrar a falta. Waldo não ligou. Cutucou a bola para a rede e saiu festejando. Era um verdadeiro rompedor. Atuou em 403 jogos, marcou 314 gols.

Títulos: carioca (1959), Torneio Rio-São Paulo (1957, 1960)
Outros clubes: Valencia-ESP

18º Denílson

Médio-volante (1964-73)
Denilson Custódio Machado
★Campos (RJ), 28/3/1943
Denílson podia até ser criticado por não acertar um passe. Mas, com ele nos calcanhares, o atacante adversário também não acertava. Foi por isso que se transformou no primeiro cabeça-de-área, o jogador fixo para marcar o 10 rival. E Denílson começou a exercer essa função com uma missão nobre: parar Pelé. Na verdade, correu muito atrás do Rei, mas até o atrapalhou várias vezes.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1964, 1969, 1971)
Outros clubes: Nacional-AM, Rio Negro

19º Doval

Atacante (1976-79)
Narciso Horacio Doval
★Buenos Aires (Argentina), 4/1/1944 †Buenos Aires (Argentina), 12/8/91
Deixou o Flamengo em 1976, envolvido numa negociação à época chamada de "troca-troca", e caiu como uma luva no ataque do Fluminense, que ainda era a Máquina. Jogador de muita raça, boa técnica e raro sentido de gol, chegou na hora certa: o tricolor tentava o bicampeonato carioca. E foi justamente ele que, na final contra o Vasco, em 1976, marcou o gol da vitória e do título, a um minuto do final da prorrogação.

Títulos: carioca (1976)
Outros clubes: San Lorenzo-ARG, Flamengo, Huracán-ARG

20º Flávio

Centroavante (1969-71)
Flávio Almeida da Fonseca
★Porto Alegre (RS), 9/7/1944
Diz a lenda que um dirigente do aristocrático Fluminense dos anos 60 ficou muito bravo ao descobrir que sua filha havia se envolvido com o negro centroavante Flávio. Deu crise, os jogadores foram obrigados a entrar pelo portão dos fundos e... Flávio continuou no clube, fazendo seus gols. Como mandá-lo embora e perder um artilheiro capaz de fazer 92 gols em 115 jogos? Flávio continuou, fez gols nas campanhas dos títulos estaduais de 1969 e 1971 e da Taça de Prata de 1970. Só não marcou nessa última final, quando o herói foi Mickey. Mas ele estava sempre lá.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1969, 1971)
Outros clubes: Internacional, Corinthians, Porto-POR, Pelotas, Santos, Jorge Wilstermann-BOL

21º Branco

Lateral-esquerdo (1983-87 e 1994)
Cláudio Ibrahim Vaz Leal
★Bagé (RS), 4/4/1964
Antes de sua entrada no time principal, houve até SOS Flu, campanha de PLACAR para ajudar o Fluminense a sair da crise. Nos anos seguintes, o Flu não passou mais em branco. O lateral ajudou. Ele chegou do Rio Grande do Sul, tomou conta da lateral esquerda, chegou à Seleção Brasileira, foi tricampeão carioca. Depois, rodou o mundo, mas voltou às Laranjeiras no final de carreira para jogar no meio-de-campo.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Internacional, Porto-POR, Brescia-ITA, Genoa-ITA, Flamengo, Corinthians, Metrostars-EUA

22º Paulo César

Ponta-esquerda (1975-76)
Paulo César Lima
★Rio de Janeiro (RJ), 10/6/1949
Jogador polêmico, quando chegou para o Fluminense veio acompanhado de um descrédito quase total. Poucos, acreditavam nele como o presidente Francisco Horta. De cara, dois títulos, e um temperamento bastante mudado. Sem mais se preocupar com vedetismos, trouxe qualidade técnica e refinamento para o tricolor. Agora, em vez de jogadas de deboche, objetividade e espírito de equipe. Com ele, o clube conquistou dois títulos cariocas, chegou às semifinais do Brasileiro por duas vezes. Era peça fundamental da Máquina.

Títulos: carioca (1975/76)
Outros clubes: Botafogo, Flamengo, Olympique de Marselha-FRA, Vasco, Grêmio e Corinthians

23º Paulo Victor

Goleiro (1981-88)
Paulo Victor Barbosa de Carvalho
★Belém (PA), 7/6/1957
Dos 72 jogos da campanha do tri carioca, de 1983 a 1985, Paulo Victor só ficou fora de seis. E ainda teve gente que criticou alguns técnicos que o convocaram para a Seleção Brasileira, como Telê Santana, que fez de Paulo Victor o terceiro daposição na Copa do Mundo de 1986. O goleiro que jogou no Ceub e no Remo, antes do Flu, dava segurança à defesa. Basta lembrar que, apesar de ter jogadores como Duílio e Vica à sua frente, a defesa tricolor sempre foi das menos vazadas com Paulo Victor na meta.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: CEUB, Atlético-MG, Operário de Vargem Grande-MT, Brasília, Vitória-ES, Goiás, América-RJ, Coritiba, Sport Recife, São José-SP, Grêmio Maringá, Remo, Paysandu

24º Pedro Amorim

Ponta-direita (1939-47)
Pedro Amorim Duarte
★Senhor do Bonfim (BA), 13/10/1919
Ponta direita veloz, bastante objetivo, e que chutava muito bem e forte, até hoje é lembrado como um dos grandes heróis do bicampeonato carioca 1940/41, principalmente em 1941, quando participou de 27 dos 29 jogos do tricolor e fez 19 gols. Depois, voltou a serem 1946 e seus passes ajudaram Ademir a marcar vários gols.

Títulos: carioca (1940/41, 1946)
Outros clubes: nenhum

25º Orlando Pingo de Ouro

Meia-esquerda (1945-54)
Orlando de Azevedo Viana
★Recife (PE), 4/12/1923
O maior amigo de Telê fora dos campos. Talvez por isso, dentro deles cansou de deixar o amigo na cara do gol. Também deixou cada um dos atacantes do Fluminense em boa situação para marcar, nos 40 e 50. Um dos mais habilidosos jogadores de sua época. Em 1951, marcou no primeiro jogo da decisão contra o Bangu e ajudou o Fluminense a conquistar o título carioca.

Títulos: carioca (1946, 1951)
Outros clubes: Náutico, Atlético Mineiro, Botafogo

26º Cláudio Adão

Centroavante (1980)
Cláudio Adalberto Adão
★Volta Redonda (RJ), 2/7/1955
Um ano só. Mas Cláudio Adão, que tinha 25 anos, comandou um bando de garotos, como Robertinho, Zezé, Mário e Delei, para ganhar o Campeonato Carioca de 1980. De quebra, naquele ano, foi artilheiro do campeonato.

Títulos: carioca (1980)
Outros clubes: Santos, Flamengo, Botafogo, Vasco, Benfica, Bangu, Bahia, Cruzeiro, Portuguesa, Corinthians, Campo Grande, Ceará, Santa Cruz, Volta Redonda, Rio Branco-ES, Desportiva, FK Austria-AUT

27º Batatais

Goleiro (1936-45)
Algisto Lorenzato
★Rio de Janeiro (RJ)
Impressionava pela segurança, que ajudou o Flu a conquistar o tricampeonato de 1936/37/38. Só não é lembrado como o melhor da história porque, mais tarde, Castilho apareceu. Um dos goleiros brasileiros na Copa de 1938.

Títulos: carioca (1936/37/38, 1940/41)
Outros clubes: não disponível

28º Zezé Procópio

Lateral-direito (1937-41)
José Procópio Mendes
★São Lourenço (MG), 12/8/1913 †Valença (RJ), 8/12/1980
Um dos mais laterais mais fortes defensivamente em toda a história — nessa época, os jogadores da posição mal imaginavam que um dia poderiam avançar. Mas um dos que mais abusavam da violência também.

Títulos: carioca (1937/38, 1940/41)
Outros clubes: Villa Nova-MG, Atlético-MG, Palmeiras, São Paulo

29º Ricardo Gomes

Quarto-zagueiro (1983-88)
Ricardo Gomes Raymundo
★Rio de Janeiro (RJ), 13/12/1964
Além de tudo, era pé-quente. Em seu primeiro ano como profissional, aos 18, participou do primeiro título da campanha do tri carioca. Um pouco lento, mas compensava com técnica primorosa, amada só por quem entende: o tricolor. Ah, também fez sucesso na França, mas no Brasil havia sempre alguém capaz de contestá-lo, por não entender todo o seu requinte. Requinte é mesmo coisa de tricolor.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Benfica-POR, Paris Saint-Germain-FRA

30º Marinho

Lateral esquerdo (1978)
Francisco das Chagas Marinho
★Natal (RN), 8/2/1952
Quando chegou ao Fluminense, Marinho já não tinha o mesmo pulmão dos tempos de Botafogo. Mas compensava com técnica cada dia mais exuberante. Dominava com maestria, caía pelo meio-de-campo, descia ao ataque cada vez mais no momento certo. Nem merecia o tapa que Leão lhe deu no intervalo da partida contra a Polônia, na Copa do Mundo de 1974. Tinha a exuberância típica de um jogador do tricolor. Pena que durou pouco tempo nas Laranjeiras.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Riachuelo-RN, ABC, Náutico, Botafogo, Cosmos-EUA, Strikers-EUA, São Paulo, Bangu, Harlekin-ALE, Heit-EUA

22º: Paulo César fez parte da Máquina

29º: Ricardo deu requinte à defesa

31º Gérson

Meia-esquerda (1973-74)
Gérson de Oliveira Nunes
★Niterói (RJ), 11/1/1941

Seu único objetivo ao se transferir para o Fluminense era poder vestir a camisa do seu time de coração antes de encerrar a carreira. Se não bastasse sentir orgulho por ser Flu, ele ainda ganhou um título carioca, em 1973! O último de sua carreira. Tinha mesmo que haver um lugar reservado para ele na lista dos melhores.

Títulos: carioca (1973)
Outros clubes: Flamengo, Botafogo, São Paulo

32º Pinheiro

Zagueiro (1949-61)
João Batista Carlos Pinheiro
★Campos (RJ), 13/1/1932

Técnica não era o seu forte. Mas compensava com impulsão, força, vontade. Em parte, era responsável pela sorte do goleiro Castilho. Pelo menos nos jogos em que a bola não chegava até o gol do Fluminense, graças à sua contribuição, na entrada da grande área.

Títulos: carioca (1946, 1951)
Outro clube: Americano

33º Altair

Lateral-esquerdo (1955-71)
Altair Gomes de Figueiredo
★Niterói (RJ), 22/1/1938

Foi por acaso que Altair virou o melhor lateral da história do tricolor. Quando chegou às Laranjeiras, aos 15 anos, era quarto-zagueiro e sonhava firmar-se nessa posição. A resposta foi: não há vagas. E, se só dava para jogar na lateral, então que fosse bem. Afinal, essa era a única maneira com que ele conseguia lidar com uma bola de futebol.

Títulos: carioca (1959, 1964 e 1969)
Outros clubes: nenhum

34º Félix

Goleiro (1968-77)
Félix Mieli Venerando
★São Paulo (SP), 24/12/1937

Poucos acreditavam em Félix. Era baixinho para a posição, às vezes engolia frangos estranhos, não inspirava confiança nos jogos decisivos. E, no entanto, conquistou seis títulos nas Laranjeiras. Isso sem contar a Copa do Mundo de 1970, pela Seleção. Na pior das hipóteses, está na lista por ser um pé-de-coelho dos anos 70.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1969, 1971, 1973, 1975/76)
Outros clubes: Portuguesa, Juventus-SP

35º Hércules

Ponta-esquerda
Hércules de Miranda
★Guaxupé (MG), 2/7/1912

É o maior ponta-esquerda da história do Fluminense, eleito duas vezes por torcedores em enquetes de PLACAR. Graças, em grande parte, aos violentíssimos chutes de fora da área e aos gols espetaculares. Muito rubro-negro se protegeu ao ver Hércules se preparando para chutar.

Títulos: carioca (1940/41)
Outros clubes: Corinthians, Juventus, São Paulo

36º Ademir

atacante (1941-56)
Ademir Marques de Menezes
★Recife (PE), 8/11/1922 †Rio de Janeiro (RJ), 11/5/1996

O técnico Gentil Cardoso pediu Ademir e jurou que com ele daria um campeonato ao Fluminense. O Flu ganhou. Então, quem foi que deu o campeonato? Ademir, claro. Até o gol do título, na decisão contra o Botafogo, foi dele. Ademir passou pouco tempo nas Laranjeiras, mas merece seu lugar. A Gentil Cardoso, o Flu agradece a escolha.

Títulos: carioca (1946)
Outros clubes: Sport e Vasco

37º Lula

ponta-esquerda (196-73)
Luís Ribeiro Pinto Neto
★Arco Verde (PE), 16/11/1946

Nas rodadas finais do Campeonato Carioca de 1971, o Botafogo já festejava o título antecipado, apesar de não ter sido assegurado matematicamente. Mas houve quem sugerisse que o torneio fosse interrompido antes do seu final, tal a vantagem alvinegra. Pois o Flu reagiu, reagiu e, na decisão, Lula fez o gol do título. Para melhorar, os botafoguenses reclamam até hoje que o gol teria sido irregular. Santo ponta-esquerda.

Títulos: carioca (1971)
Outros clubes: Náutico, Internacional

38º Carlos Alberto Pintinho

meia (1973-77)
Carlos Alberto Gomes
★Rio de Janeiro (RJ), 25/6/1955

Pena que durou pouco, porque a qualidade do futebol que mostrava com a camisa do Flu era exuberante. Tanto que quando o presidente Francisco Horta decidiu montar a Máquina Tricolor, manteve Pintinho na equipe para jogar com Rivelino, Paulo César, Dirceu, Mário Sérgio... Depois de três títulos em cinco anos, passou pelo Vasco e viajou para jogar na Espanha.

Títulos: carioca (1973, 1975/76)
Outros clubes: Vasco e Sevilla-ESP

39º Gil

ponta-direita (1975-76)
Gilberto Alves
★Belo Horizonte (MG), 24/12/1950

Rivelino abaixava a cabeça. Era o sinal para Gil disparar pela ponta-direita. Verdade que pensar não era seu forte, principalmente quando estava em alta velocidade — ou uma coisa, ou outra. Mas cansou de marcar gols assim e participou da campanha do bicampeonato carioca, em 1975 e 1976.

Títulos: carioca (1975/76)
Outros clubes: Cruzeiro, Uberlândia, Comercial-MS, Botafogo, Murcia-ESP, Corinthians, Coritiba, Farense-POR

40º Bigode

Lateral-esquerdo (1945-50)
João Ferreira
†Belo Horizonte (MG), 4/4/1922

Na lista dos 50 melhores da Seleção, ele não entra nem por decreto — vai ter sempre alguém dizendo que foi o culpado pela derrota para o Uruguai, na decisão da Copa do Mundo de 50. Mas no Flu tem lugar cativo. Ótimo na marcação, era segurança pela esquerda da defesa.

Títulos: carioca (1946)
Outros clubes: Atlético-MG, Flamengo

41º Píndaro

Lateral-direito (1945-56)
Píndaro Possidonte Marconi
★Pádua (RJ), 12/3/1925

Era a segunda peça de um trio final que ficou na história — Castilho, Píndaro e Pinheiro. Com eles, os atacantes cariocas sofreram nas décadas de 40 e 50. E o Fluminense cansou de festejar, apesar de ser chamado de timinho pelos rivais. Em 1950, pediu dispensa da Seleção às vésperas da Copa do Mundo.

Títulos: carioca (1946)
Outros clubes: não disponível

42º Amoroso

Centroavante (1964-66)
José Amoroso Filho
★não disponível

O time do Fluminense de 1964 ficou famoso por dois motivos: 1) o técnico Tim; 2) os gols de Amoroso. Como o técnico Tim ficou famoso pelo esquema tático, que fazia o Flu levar sufoco em todos os jogos e vencer por 1 x 0, com gol de Amoroso, pode-se dizer que o centroavante ganhou o título sozinho para o Flu. Ele jogou dois anos nas Laranjeiras e vitimou muitas vezes o Flamengo. Em 11 Fla-Flus, marcou sete vezes.

Títulos: carioca (1964)
Outro clube: Botafogo

43º Marco Antônio

Lateral-esquerdo (1969-76)
Marco Antônio Feliciano
★Santos (SP), 6/2/1951

A técnica era refinadíssima, o futebol de primeira durou sete anos nas Laranjeiras e ajudou a conquistar seis títulos, um deles nacional. Mas o melhor de tudo é que foi ele o autor do empurrão em Ubirajara de que os botafoguenses reclamam até hoje, na final do Campeonato Carioca de 1971. Talvez essa tenha sido sua maior contribuição à nação tricolor.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1969, 1971, 1973, 1975/76)
Outros clubes: Portuguesa Santista, Vasco, Botafogo

44º Delei

Meia (1980-86)
Wanderley Alves de Oliveira
★Volta Redonda (RJ), 28/8/1959

Duro era vê-lo em campo seguidamente. Na campanha do bi carioca, de 1984, por exemplo, as lesões o tiraram da maior parte dos jogos. Mas quando estava em campo era um show. O grande condutor do meio-de-campo nos tempos em que o Flu tinha Assis, Washington e Romerito para definir as jogadas no ataque.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1980, 1983/84/85)
Outros clubes: Botafogo, Palmeiras, Belenenses-POR, Atlético-PR

45º Jandir

Volante (198-89)
Jandir Bugs
★Tenente Portela (RS), 9/1/1961

No tri dos anos 80, alguém tinha que fazer o serviço sujo. Esse era Jandir. Limpava a área e dava nos pés de Delei, o organizador, ou de Romerito, Assis e Washington, para definir. Só não foi fácil depois que eles foram embora. Agüentar 11 Jandires em campo era duro.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Grêmio

46º Mickey

Centroavante (1970-74)
Adalberto Kretzer
★Presidente Getúlio (SC), 19/3/1948

Teve um único momento de glória nos quatro anos de Laranjeiras. Aconteceu nas finais do Robertão de 1970, quando fez um gol por jogo. Marcou também na última e decisiva partida, contra o Atlético-MG, uma vitória do Flu por 1 x 0 que garantiu o primeiro título nacional ao clube das Laranjeiras. Mickey não tinha técnica e sua única qualidade era fazer gols. Mas fazia ao ponto de confundir o locutor Valdir Amaral, o mais famoso da época. Mickey comemorava com uma marca registrada: as duas mãos levantadas e os dedos em forma de V.

Títulos: Robertão (1970), carioca (1971)
Outros clubes: Caxias-SC, Moto Clube-MA, São Paulo

47º Roni

Atacante (desde 1997)
Ronieliton Pereira Santos
★Aurora do Tocantins (TO), 28/4/1977

O Flu caiu para a segunda divisão, para a terceira, foi parar no fundo do poço. Ou quase. Porque pelo menos vez ou outra um jogador convocado dava esperança à torcida tricolor: Roni. É ele a esperança do Flu de voltar a ganhar.

Títulos: Série C (1999)
Outros clubes: Vila Nova, São Paulo

48º Mário

Meia-esquerda (1977-82)
Mário Marques Coelho
★Rio de Janeiro (RJ), 24/3/1957

Dos meninos do Flu campeão carioca de 1980, Mário era o mais habilidoso. Era o homem dos lançamentos para os pontas Robertinho e Zezé. Depois, era só sair para o abraço. Chegou à Seleção Brasileira de Novos, convocado por Telê Santana.

Títulos: carioca (1980)
Outros clubes: Internacional-SP, Goiás, Vasco, Bangu

49º Tato

Ponta-esquerda (1982-87)
Carlos Alberto de Araújo Prestes
★Curitiba (PR), 17/3/1961

Vestia a camisa 11, mas ajudava a fechar o meio-de-campo para deixar Romerito jogar. Muita gente perguntava por que Paulinho, campeão mundial sub-20, não jogava naquele time do tri. Era por isso. E porque Tato era bom demais na sua função.

Títulos: carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Elche-ESP, Vasco, Santos, Sport

50º Paulinho

Ponta-esquerda (1982-88)
Paulo Roberto Ferreira Primo
Rio de Janeiro (RJ), 24/3/1964

Cansou de sentar-se no banco de reservas de Tato e só entrar em campo quando o titular estava machucado. Até que decidiu aproveitar pelo menos uma das chances. Em 1995, entrou na decisão do Campeonato Carioca, contra o Bangu, e fez o gol da vitória por 2 x 1, numa linda cobrança de falta. O gol valeu por dez anos, o tempo que o Fluminense demorou para levantar outra taça, com o gol de barriga de Renato Gaúcho.

Títulos: brasileiro (1984), carioca (1983/84/85)
Outros clubes: Corinthians, Palmeiras

ZEKA ARAÚJO
37º: Lula matou o Botafogo em 1971

FERNANDO PIMENTEL
43º: Marco Antônio tinha técnica refinada

44º: Delei saiu do time de 1984 por lesão

EDUARDO MONTEIRO
47º: Roni é a esperança do novo Tricolor

1903
GRÊMIO
FBPA

EDUARDO MONTEIRO

O puro-sangue

Podia ser no drible, na velocidade ou até mesmo no tranco. O certo é que o cavalão não perdia o páreo para seus marcadores. Ninguém na história gremista conseguiu combinar fantasia a uma realidade vencedora como Renato Portaluppi

Era uma diversão só. A torcida fazia questão de chegar ao Olímpico mais cedo para acompanhar a preliminar do time juvenil. Menos pelo jogo em si, mais pelo camisa 7. Renato Portaluppi parecia um quarto-de-milha entre os pôneis. Se fosse apenas habilidoso já sobressairia. Mas ele ainda tinha força e muita velocidade. A torcida gremista — que nunca gostou muito de frescuras, como dribles à toa — abria uma exceção a Renato. O ponteiro-direito driblava a defesa inteira, ficava na cara do gol e parecia se arrepender. Que graça teria marcar o gol ou cruzar simplesmente para o companheiro? Então ele dava uma guinada e driblava para o outro lado. Em algumas ocasiões, o gol saía. Em outras, não. A exigente torcida perdoava os excessos. Era por eles que chegava horas antes do time principal entrar em campo.

Não fazia, portanto, qualquer sentido manter Renato entre os garotos. Com 17 anos, em 1981, foi incorporado ao grupo principal. O abusado driblador não chegou a tempo de pegar uma boquinha na equipe campeã brasileira. E muitos duvidavam que Renato conseguisse uma vaga no time titular do Grêmio tão cedo. Parecia impossível sacar o ídolo Tarciso. Justamente Tarciso, um centroavante que encontrou-se na posição de ponta-direita e foi fundamental no título estadual de 1977, que quebrou um jejum de oito anos e no Brasileiro de 1981. Pois a opção Renato compensava um sacrifício tático. Tarciso voltou a ser centroavante, Renato foi para a direita e a torcida tinha do que gargalhar. Como um Garrincha criado a galeto e polenta, Renato divertia e encantava. Atordoava também dirigentes, técnicos e torcedores com seu jeito irresponsável de encarar a profissão de jogador. O gênio explosivo vinha da infância. Brigava em todas as peladas nas ruas de Bento Gonçalves, na serra gaúcha. Foi despedido da padaria porque chutava até a massa do pão. As confusões se sucediam como profissional da bola. No Campeonato Gaúcho, chegou a chutar um gandula que segurava demais a bola. Virou a noite (e muitos copos) e quase morreu em um acidente de trânsito com o lateral Paulo César, companheiro de clube e de farra. Em campo, cometia as suas burradas. Foi expulso aos 27 minutos do primeiro tempo na final do Gauchão 82. Praticamente deu o título ao Inter. O gremista gostava de fantasia, desde que o show não custasse derrota para o rival.

Era preciso indenizar o torcedor. E Renato Portaluppi pelo menos canalizou parte da energia para o bem. Jogou uma ótima Libertadores em 1983, esbanjou raça, executou o cruzamento para César fazer o gol do título. A América era azul, só faltava terminar de tingir o planeta com a mesma cor. O Hamburgo era o adversário de Tóquio. Renato aproveitou-se da característica panzer do adversário para fazer um dos gols mais importantes da história tricolor. A vítima se chamava Schroeder e, como um bom schroeder, marcava duro e estava preparado para não deixar Renato cruzar. Então o gremista ensaiou o cruzamento e cortou para trás. Quando o alemão deu por si, um novo drible já era executado e Renato estava chutando quase sem ângulo para marcar o gol do título. Gol do título? Bem, os alemães empataram no finalzinho e o jogo foi para a prorrogação. Renato precisava fazer tudo de novo. Agora o schroeder se chamava Jakobs. O ponteiro ameaçou chutar com a direita, puxou para a canhota e disparou para marcar o verdadeiro gol do título. Renato 2 x 1 Hamburgo. No fundo, o padeiro de Bento Gonçalves se comportou em Tóquio como naquelas preliminares do Olímpico. A naturalidade era tanta que Renato gritou com os companheiros durante a partida: "Olha aqui, turma, faz de conta que a gente está enfrentando o Aymoré."

Pelo que fez em Tóquio, Renato está para o Grêmio como Garrincha esteve para o bi do Brasil no Chile. Pode-se dizer que o zagueiro Aírton foi mais importante. Jogava tanto que o Grêmio topou trocá-lo por um estádio. Há quem prefira Eurico Lara, tem gente que não abre mão do bugre Alcindo ou do zagueiro De León, que suava sangue. Mas Renato foi o único que misturou fantasia a uma realidade vencedora. Anos depois as torcidas de Flamengo, Cruzeiro, Botafogo e Fluminense experimentariam sensações semelhantes. Vibrar com alguém que joga como craque e luta como um cabeça-de-bagre é a melhor recompensa possível.

SÉRGIO XAVIER FILHO

RENATO COM A CAMISA TRICOLOR QUE AJUDOU A GLORIFICAR NOS ANOS 80 (À ESQ.) E FUZILANDO O GOLEIRO DO HAMBURGO, EM 1983, DEPOIS DE DAR DOIS DRIBLES NUM SCHROEDER. ESTÁ PARA O GRÊMIO COMO GARRINCHA PARA O BRASIL

ZERO HORA

1º Renato

Ponta-direita (1981 a 1986)
Renato Portaluppi
★Guaporé (RS), 9/9/1962
Títulos: mundial (1983), Libertadores (1983), gaúcho (1985/86)
Outros clubes: Flamengo, Roma-ITA, Botafogo, Cruzeiro, Atlético-MG, Fluminense e Bangu
Por que está em primeiro:
Porque é campeão do mundo e decidiu a final em Tóquio. Porque gostava de humilhar adversários, sabia como levar a torcida ao delírio. Porque era um *bad boy do bem.* Fazia lá suas bobagens, mas logo se arrependia e compensava o Grêmio com seus dribles e gols.

Nas próximas páginas:

14º Paulo Isidoro

Meia (1980-83)
Paulo Isidoro de Jesus
★Matosinhos (MG), 3/7/1953

Foi um vencedor por onde passou. Antes de chegar ao Grêmio, já fora três vezes campeão mineiro, em 1976 e 1978/79. Ágil, habilidoso, ajudou o clube gaúcho a conquistar o seu primeiro título brasileiro, em 1981, sendo, ao lado do centroavante Baltazar, um dos grandes destaques nos dois jogos decisivos contra o São Paulo. Ficou poucos anos no clube, mas fez tanto em tão pouco tempo que jamais será esquecido. Chegara ao Rio Grande do Sul no ano anterior, 1980, mesma temporada em que ajudou a Seleção nas Eliminatórias para a Copa do Mundo. Disputou o Mundial de 1982.

Títulos: brasileiro (1981), gaúcho (1980)
Outros clubes: Atlético-MG, Santos, Guarani, XV de Jaú, Cruzeiro, Internacional-SP

RICARDO BELIEL

16º: Tarciso virou ponteiro no Grêmio

15º Milton Kuelle

Meia (1954-65)
Milton Martins Kuelle
★Porto Alegre (RS), 22/12/1933

Tinha uma movimentação tão intensa que ganhou o apelido de Formiguinha. Corria por todos os setores do campo, ajudando a defesa, liderando o meio-campo, servindo o ataque. Defendeu o Grêmio durante 11 anos e venceu nove campeonatos gaúchos. Sempre foi um exemplo da aplicação tática, tornando-se, por isso, personagem decisivo no revolucionário esquema de marcação que o técnico Foguinho impôs ao Grêmio na segunda metade dos anos 50. O Grêmio foi seu único clube, identificação tão grande que virou dirigente no Olímpico. Vestiu a camisa da Seleção em seis oportunidades.

Títulos: gaúcho (1956/57/58/59/60, 1962/63/64/65)
Outros clubes: nenhum

ÉDISON VARA

18º: Ronaldinho Gaúcho vale milhões

16º Tarciso

Atacante (1973-85)
José Tarciso de Souza
★São Geraldo (MG), 15/9/1951

Era um atacante tão veloz que ficou conhecido no Sul como o "Flecha Negra". Chegou ao Grêmio em 1973. Antes disso, como centroavante, defendeu o América, do Rio de Janeiro. No Grêmio tornou-se ponteiro, quase sempre pela direita e, em raras oportunidades, pela esquerda. Demorou a ganhar seu primeiro Campeonato Gaúcho. Só em 1977.

Títulos: gaúcho (1977, 1979/80, 1985), brasileiro (1981), Libertadores (1983) e mundial Interclubes (1983)
Outros clubes: América-RJ, Criciúma, Goiás, Cerro Portenho-PAR, Coritiba e São José-RS

17º Luiz Carvalho

Atacante (1923-28 e 1936-39)
Luiz Leão de Carvalho
★Cachoeira do Sul (RS), 1º/11/1907 †1985

Começou sua vitoriosa carreira no Grêmio em 1923, conquistando, já naquele ano, o Campeonato Metropolitano. Uma competição que venceria mais oito vezes. Ganhou, também, os campeonatos estaduais de 1931 e 1932. Ausentou-se do clube duas vezes: em 1929, para jogar no Botafogo carioca e, entre 1935 e 1937, quando vestiu a camisa do Vasco. Para os saudosistas, foi o melhor centroavante que já defendeu o Grêmio. Ganhou dois apelidos: *El Maestro*, pelo espírito de liderança e pela orientação que dava aos companheiros e campo; e Rei das Viradas, devido a uma célebre jogada que costumava executar: dominava a bola, de costas para o gol, girava o corpo e batia em direção ao gol com pontaria certeira. Foi presidente do Grêmio em 1974.

Títulos: gaúcho (1931/32), metropolitano de Porto Alegre (1923, 1925/26, 1930/31/32/33, 1938/39)
Outros clubes: Botafogo e Vasco da Gama

18º Ronaldinho Gaúcho

Atacante (desde 1998)
Ronaldo de Assis Moreira
★Porto Alegre (RS), 21/3/1980

É o melhor jogador surgido no Grêmio desde Renato Portaluppi, no início dos anos 80. Magricela e dentuço, é espetacular com a bola no pé. Em 1997, foi destaque na Seleção Brasileira Sub-17 que conquistou o Campeonato Mundial. E não parou mais. Em 1999, ganhou o Campeonato Gaúcho, foi o artilheiro da competição e destacou-se nos Grenais decisivos pelos dribles humilhantes sobre Dunga, o capitão do tetra. Na mesma temporada, foi à Copa América e, já em 2000, ao Pré-Olímpico, pela Seleção Brasileira. O assédio dos clubes europeus foi imediato e empresários que diziam representar o Leeds, da Inglaterra, chegaram a oferecer 80 milhões de reais pelo seu passe. O Grêmio não se empolgou com a proposta, sabia que tinha ouro puro em mãos. Ronaldinho combina uma série de características incomuns em grandes jogadores: talento, visão de jogo, faro de artilheiro.

Títulos: Copa Sul (1999), gaúcho (1999)
Outros clubes: nenhum

19º Vieira

Atacante (1955-67)
Leôncio Abel Vieira
★Joinville (SC), 26/3/1934 †21/10/1992

Raros jogadores ganharam tantos títulos no Grêmio quanto ele. Jogador de estilo moderno para a época (segunda metade dos anos 50, primeira dos 60), era um ponteiro-esquerdo que fazia questão de ajudar na função defensiva. Mais do que isso, Vieira era um excelente armador de jogadas e seus cruzamentos da linha de fundo eram perfeitos.

Títulos: gaúcho (1956/57/58/59/60, 1962/63/64/65/66)
Outros clubes: nenhum

20º Baltazar

Atacante (1979-81)
Baltazar Maria de Morais Jr.
★Goiânia (GO), 17/7/1959

Um dos grandes artilheiros do futebol. Surgiu no Atlético-GO e chegou ao Grêmio em 1979. Ganhou dois Gaúchos. Em 1980, marcou 28 gols, marca ainda não superada. Conhecido como Artilheiro de Deus, devido à religiosidade, marcou o único gol na final do Brasileiro de 1981. Na primeira partida daquela decisão, quatro dias antes, em Porto Alegre, perdeu um pênalti, mas sentenciou: "Deus reserva algo melhor para mim."

Títulos: brasileiro (1981), gaúcho (1979/80)
Outros clubes: Atlético-GO, Palmeiras, Flamengo, Botafogo, Celta-ESP, Atlético de Madrid-ESP, Rennes-FRA, Kyoto-JAP

21º Élton

Meia (1956-63)
Élton Fensterseifer
★Roca Sales (RS), 30/9/1937

Excelente marcador. Corria o tempo todo. Chegou ao Grêmio quando tinha 17 anos, em 1954, e ajudou o clube a conquistar sete estaduais entre 1956 e 1963. Talvez tenha sido o melhor representante do futebol de força e objetividade que o Grêmio praticava. Além da eficiência na marcação, fazia gols.

Títulos: gaúcho (1956/57/58/59/60, 1962/63)
Outros clubes: Botafogo, Internacional

22º Éder

Atacante (1977-79)
Éder Aleixo de Assis
★Vespasiano (PR), 25/5/1957

Tinha um chute fortíssimo e, nos três anos em que defendeu o Grêmio, foi um verdadeiro terror para os goleiros colorados. Fez gols em seis Grenais. O ponteiro era um ilustre desconhecido até o América-MG enfrentar o Grêmio em uma gelada noite em 1977. O América teve uma falta na intermediária, Éder foi encarregado da cobrança e a bola foi parar nas redes. O técnico Telê Santana recomendou sua contratação.

Títulos: gaúcho (1977, 1979)
Outros clubes: América-MG, Atlético-MG, Botafogo, Palmeiras, Sport, Santos, Inter de Limeira e Atlético-PR

23º Calvet

Zagueiro (1956-59)
Raul Donazar Calvet
★Bagé (RS), 3/11/1934

Foi duas vezes campeão gaúcho, nos anos de 1956 e 1959. Logo após conquistar seu primeiro título, desentendeu-se com o técnico Foguinho e retornou a sua cidade natal, Bagé. O motivo da desavença: não queria jogar de volante. Mas voltaria para ganhar o Gauchão de 1959.

Títulos: gaúcho (1956, 1959)
Outro clube: Santos

24º Joãozinho

Atacante (1962-70)
João Carlos da Silva Severiano
★Porto Alegre (RS), 26/9/1941

Era um ponta-de-lança que aliava sua boa técnica a uma intensa movimentação. Em Porto Alegre, conquistou sete campeonatos estaduais consecutivos.

Títulos: gaúcho (1962/63/64/65/66/67/68)
Outro clube: Independiente-ARG

25º André Catimba

Centroavante (1977-79)
Carlos André Avelino de Lima
★Salvador (BA), 30/10/1946

Marcou presença na história do Grêmio devido ao gol que deu o Gaúchão de 1977, acabando com a hegemonia do Inter, rival que acumulava títulos desde 1969. Não chegou a completar aquele jogo. Logo após marcar o gol no primeiro tempo, tentou dar uma cambalhota e se espatifou no chão.

Títulos: gaúcho (1977, 1979)
Outros clubes: Vitória, Guarani, Bahia, Boca Juniors-ARG

26º Oberdan

Zagueiro (1977-78)
Oberdan Nazareno Vilain
★Florianópolis (SC), 2/6/1945

Depois de uma década de sucesso no Santos, o experiente Oberdan, já com 32 anos, pensava em abandonar o futebol e dedicar-se à fabricação de mel. Mas Telê Santana o chamou para comandar o Grêmio e tentar interromper as conquistas do Inter, octacampeão estadual. Pois Oberdan, naquele 1977, anunciou que Escurinho — o cabeceador colorado que levava pânico à zaga gremista — nunca mais cabecearia. Cumpriu o prometido.

Títulos: gaúcho (1977)
Outros clubes: Santos, Coritiba

27º Assis

Meia (1988-92)
Roberto de Assis Moreira
★Porto Alegre (RS), 10/1/1971

Assis, irmão mais velho do craque Ronaldinho Gaúcho, foi uma das maiores promessas de craque da história. Aos 16 anos foi sequestrado por empresários italianos e levado para o Torino, da Itália. O Grêmio brigou pelo jogador, o trouxe de volta em troca de uma bela casa na zona sul de Porto Alegre. Ganharia a Copa do Brasil de 1989, fazendo gol na decisão, e os Campeonatos Gaúchos de 1989/90. Não chegou a confirmar o potencial esperado e foi negociado com o Sion, da Suíça.

Títulos: Copa do Brasil (1989), gaúcho (1989/90)
Outros clubes: Sion-SUI, Sporting-POR, Vasco, Fluminense, Estrela da Amadora-POR, Cosadole Sapporo-JAP, Tecos-MEX

28º Zequinha

Atacante (1974-77)
José Márcio Pereira da Silva
★Leopoldina (MG), 17/11/1949

O jogador certo na hora errada. Zequinha desembarcou no Grêmio mais perdedor da história. Enquanto o Inter de Falcão e Figueroa ia fazendo a festa, Zequinha perdeu os estaduais de 1974/75/76. Seu melhor momento se deu em 1975, quando demoliu a defesa do Inter, com dribles memoráveis e dois gols na vitória por 3 x 1 dentro do Beira-Rio.

Títulos: gaúcho (1977)
Outros clubes: Flamengo, Botafogo, São Paulo

NICO ESTEVES

20º: Baltazar achava que Deus garantia

29º Arce

Lateral-direito (1995-97)
Francisco Javier Arce Rolón
★Paraguarí (Paraguai), 2/4/1971

Foi um dos melhores laterais que já atuaram no estádio Olímpico. Peça chave no esquema de um dos times mais gloriosos da história do Grêmio, que conquistou o Brasil e a América nos anos de 1995 e 1996, Arce formava com o ponta Paulo Nunes uma dupla mortal.

Títulos: Libertadores (1995), brasileiro (1996), Copa do Brasil (1997), gaúcho (1995/96)
Outros clubes: Cerro Porteño-PAR, Palmeiras

30º Volmir

Atacante (1965-71)
Volmir Francisco de Souza
★Vacaria (RS), 5/7/1944

Era um ponteiro-esquerdo de jogadas imprevisíveis, o que lhe valeu o apelido de "Volmir Massaroca". O lateral designado para marcá-lo, por mais que estudasse seu estilo, jamais imaginaria o que poderia acontecer quando ele aparecesse na frente. Foi tetracampeão gaúcho, entre os anos de 1965 e 1968.

Títulos: gaúcho (1965/66/67/68)
Outro clube: Internacional

PISCO DEL GAISO

29º: Arce fez dupla com Paulo Nunes

31º Leão

Goleiro (1980-82)
Émerson Leão
*Ribeirão Preto (SP), 11/7/1949

Foi o goleiro que garantiu o primeiro Brasileiro do Grêmio, em 1981. Era um goleiro seguro, sempre bem colocado e de reflexos apurados. Mas, ao mesmo tempo, era polêmico e arrumava confusões constantes. Entre os companheiros recebeu o nada carinhoso apelido de Jesus Cristo, por seu jeito de culpar a defesa com os braços em forma de cruz quando tomava seus gols.

Títulos: brasileiro (1981), gaúcho (1980)
Outros clubes: São José, Palmeiras, Comercial-SP, Corinthians, Vasco

32º Roger

Lateral-esquerdo (desde 1993)
Roger Machado Marques
*Porto Alegre (RS), 25/4/1975

Foi um dos símbolos do Grêmio dos anos 90. Apesar de estar jogando há sete anos como titular do Grêmio, fez somente quatro gols. Formava com o meia Carlos Miguel a ala esquerda do time comandado pelo técnico Luiz Felipe que conquistou o título da Libertadores da América em 1995. Excelente marcador, Roger tem como característica crescer de produção em jogos decisivos. É um caso raro no futebol brasileiro. Preferiu permanecer no clube que o projetou a ir para o exterior.

Títulos: Libertadores (1995), brasileiro (1996), Copa do Brasil (1994, 1997), Copa Sul (1999), gaúcho (1995/96, 1999)
Outros clubes: nenhum

EDISON VARA

32º: Roger não quis ir para o exterior

33º Foguinho

Meia-esquerda (1929-41)
Oswaldo Rolla
*Porto Alegre (RS), 13/9/1909 †Porto Alegre (RS), 27/10/1996

Nasceu em 1909, ano do primeiro Grenal, e, aos 20 anos, chegou ao Grêmio. Tinha um chute potente e foi goleador nas conquistas dos anos 30. Foi o craque do jogo na vitória por 2 x 0, no Grenal decisivo do Campeonato Farroupilha de 1935.

Títulos: gaúcho (1931/32), metropolitano (1930/31/32/33, 1937/38/39), farroupilha (1935)
Outro clube: São José

35º: Fuscão por causa do traseiro

34º Mauro Galvão

Zagueiro (1996-97)
Mauro Geraldo Galvão
*Porto Alegre (RS), 19/12/1961

Começou a jogar futebol nas categorias de base do Grêmio, mas não foi aproveitado no clube e ainda juvenil transferiu-se para o rival Internacional onde, já aos 17 anos, tornou-se titular da equipe campeã brasileira. Aos 35 anos, foi contratado pelo Grêmio. E não é que o veteraníssimo Galvão esbanjou categoria e raça e ajudou o Grêmio a ganhar o brasileiro de 1996 e a Copa do Brasil de 1997?

Títulos: brasileiro (1996), Copa do Brasil (1997)

35º Beto Fuscão

Zagueiro (1973-77)
Rigoberto Costa
*Florianópolis (SC), 13/4/1950

Era um zagueiro bastante técnico, com facilidade para sair jogando. Seu problema foi o período em que jogou no Grêmio. Fuscão, apelido que surgiu em função do avantajado traseiro do beque, enfrentou um Inter que teimava em ganhar tudo. Mesmo assim, foi destaque da equipe durante quatro temporadas.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras, São José-SP, Ferroviária, Araçatuba, Uberaba, Tiradentes-DF

36º Noronha

Volante (1937-42 e 1953)
Alfredo Eduardo Noronha
*Porto Alegre (RS), 25/9/1918

Era um grande marcador, que dava segurança e tranqüilidade à defesa. No final dos anos 30, jogou ao lado de lendas como Luiz Carvalho e Foguinho. Conquistou três títulos metropolitanos pelo Grêmio.

Títulos: metropolitano (1937/38/39)
Outros clubes: Internacional, São Paulo, Portuguesa, Vasco

37º Tadeu Ricci

Meia (1977-78)
Mário Tadeu Ricci
*Serrana (SP), 9/4/1947

Sua passagem pelo Grêmio foi curta e marcante. Já era um veterano e estava no Flamengo quando Telê Santana recomendou sua contratação para que ajudasse o time a interromper a série de conquistas do Inter. Tadeu veio e, já na sua estréia em Grenais, fez dois gols na vitória por 3 x 0 sobre o Inter. O Grêmio ganharia aquele campeonato.

Títulos: gaúcho (1977)
Outros clubes: Comercial-SP, América-RJ, Flamengo

38º Mazzaropi

Goleiro (1983-90)
Geraldo Pereira de Matos Filho
*Além-Paraíba (MG), 27/1/1953

Foi um dos maiores colecionadores de títulos da história gremista. Chegou ao clube em 1983 para, já naquela primeira temporada, conquistar a Libertadores da América e o Mundial Interclubes. No ano seguinte foi defender o Náutico, para voltar em definitivo para o clube em 1985. Foi um líder, um grande motivador do time e até da torcida.

Títulos: mundial (1983), Libertadores (1983), gaúcho (1985/86/87/88/89/90)
Outros clubes: Vasco, Coritiba, Náutico

39º Iúra

Meia (1972-79)
Julio Titow
*Porto Alegre (RS), 4/11/1952

Catorze segundos bastaram para Iúra escrever o seu nome na história tricolor. O Grêmio deu a saída, a bola passou de pé em pé até chegar ao meia bigodudo que marcou o gol mais rápido de todos os Grenais. Foi em 1977, um ano inesquecível. Além do título gaúcho que quebrou uma escrita de oito anos, o Grêmio venceu esse clássico por 2 x 1 e ainda sapecou 4 x 0 em pleno Beira Rio pelo Campeonato Brasileiro, com dois gols de Iúra.

Títulos: gaúcho (1977, 1979)
Outro clube: Criciúma

40º Ênio Rodrigues

Zagueiro (1954-60)
Ênio Antônio Rodrigues da Silva
*Porto Alegre (RS), 10/11/1930

Começou a jogar futebol no Força e Luz, de Porto Alegre, em 1930, transferindo-se depois para o Renner. Mas em 1954 — ano em que o Renner conquistou seu histórico título regional — já estava no Grêmio, onde acumularia, entre 1956 e 1960, cinco títulos gaúchos. Era um incontestável líder da defesa tricolor, tanto que ganhou o apelido de Grande Capitão.

Títulos: gaúcho (1956/57/58/59/60)
Outros clubes: Força e Luz, Renner

41º Paulo Nunes

Atacante (1995-97 e desde 2000)
Arílson de Paula Nunes
*Pontalina (GO), 30/10/1971

Era um jogador considerado dispensável pelo Flamengo quando o Grêmio buscou-o em 1995. Rápido, oportunista, logo conquistou vaga no time titular e, ao lado de Jardel, formou uma dupla de ataque que é considerada a mais eficiente do Grêmio na década de 90.

Títulos: Libertadores (1995), brasileiro (1996), Copa do Brasil (1997), gaúcho (1995/96)
Outros clubes: Flamengo, Benfica-POR, Palmeiras

42º Sérgio Lopes

Meia (1974-70)
Sérgio Gonçalves Lopes
*Osasco (SP), 11/1/1941

Sua ligação com o futebol gaúcho começou cedo. Era juvenil no São Paulo, quando o Inter buscou-o em 1961. Deu-se bem no Sul, foi campeão estadual, mas, no ano seguinte, alegando falta de adaptação ao clima abandonou o clube. Retornou em 1964, agora para o Grêmio, onde viveu seus melhores momentos. Jogador inteligente, apelidado de "Fita Métrica" devido à precisão dos seus passes.

Títulos: gaúcho (1964/65/66/67/68)
Outros clubes: São Paulo, Internacional

43º Eurico

Lateral-direito (1976-80)
Eurico Pedro de Faria
*Ribeirão Preto (SP), 3/4/1948

Lateral seguro, eficiente na marcação e preciso nos cruzamentos. Chegou ao Grêmio em 1977, a pedido do técnico Telê Santana, para ser um dos veteranos que ajudaria o Grêmio a quebrar a série de títulos gaúchos do Inter, clube que então mandava no Rio Grande do Sul. Deu certo. Conhecido como Gaguinho.

Títulos: gaúcho (1977, 1979)
Outros clubes: Botafogo-SP, Palmeiras

44º Paulo Lumumba

Centroavante (1961-64)
Paulo Otacílio de Souza
*Aracaju (SE), 22/6/1936

O apelido, Lumumba, foi uma homenagem ao presidente do Congo Belga, hoje República Democrática do Congo, Patrice Lumumba. Começou fracassando no Grêmio e foi emprestado ao Aimoré, de São Leopoldo. Pois no Aimoré foi o goleador do estadual com 13 gols e ainda fez dois gols na vitória por 3 x 1 sobre o Inter que definiu o campeonato a favor do Grêmio. Reabilitado, voltou e ganhou os estaduais de 1963/64.

Títulos: gaúcho (1963/64)
Outros clubes: Confiança-SE, América-RN, Comercial-SP, São Paulo

45º Paulo César

Ponteiro-esquerdo (1979-83)
Paulo César Lima
*Rio de Janeiro (RJ), 16/6/1949

Esteve no Grêmio em duas oportunidades e saiu vitorioso em ambas. Em 1979, recomendado pelo técnico Orlando Fantoni, veio para ajudar o clube a conquistar o título regional, num time que tinha feras como o goleiro Manga. Sofreu com o frio, chegou a jogar sob neve em Bento Gonçalves e deixou o clube. Mas jogou demais. Voltou em 1983, exclusivamente para ajudar na decisão do Mundial.

Títulos: mundial (1983), gaúcho (1979)
Outros clubes: Botafogo, Flamengo, Olympique-FRA, Fluminense, Vasco, Corinthians

46º Marino

Ponteiro-direito (1960-65)
Marino da Silva
*São Leopoldo (RS), 21/10/1937

Em 1960 o Grêmio resolveu renovar o time e, entre outras contratações, buscou o atacante Marino, do Aimoré de São Leopoldo. Ele uniu-se a feras como Gessy, Juarez, Milton e Vieira. Ponteiro-direito de estilo tradicional, objetivo, veloz, de bons cruzamentos da linha de fundo, Marino disputaria seis campeonatos estaduais e ganharia cinco deles. Um feito fantástico para um curto período.

Títulos: gaúcho (1960, 1962/63/64/65)
Outro clube: Aimoré

47º Germinaro

Goleiro (1957-1958)
*Data e local desconhecidos †12/8/1994

De certa forma, inaugurou uma tradição que seria repetida nas décadas seguintes. Ter um goleiro argentino era quase garantia de segurança em bolas altas. A receita deu certo, pois com ele o clube ganhou os gaúchos de 1957 e 1958.

Títulos: gaúcho (1957/58)
Outros clubes: nenhum

48º Luiz Luz

Zagueiro (1935-41)
Luiz dos Santos Luz
*Porto Alegre (RS), 26/1/1909 †27/8/1989

Foi o primeiro jogador gaúcho a disputar um Mundial. No ano seguinte, foi contratado pelo Grêmio, do Americano-RS, e ganhou os metropolitanos de 1937-39. Zagueiro, ganhou o apelido de Fantasma da Área.

Títulos: metropolitano (1937/38/39)
Outros clubes: Americano-RS, Internacional, Peñarol-URU

49º Geada

Centroavante (1948-52)
Bruno Steffen
*Canoas (RS), 6/5/1921

Era um centroavante inteligente. E também predestinado. Foi o autor do gol que deu o título de 1949 para o Grêmio (1 x 0 no Grenal), numa época em que o Inter mandava no Sul. Foi expulso, o que não abalou a sua condição de herói.

Títulos: gaúcho (1949)
Outros clubes: Esperança-RS, Floriano (atual Novo Hamburgo)

50º Lima

Centroavante (1987-88 e 1992)
Adesvaldo José de Lima
*Camapuã (MS), 17/9/1963

Anunciava sonhar com gols contra o Inter. O mais surpreendente: as profecias viravam realidade. Oportunista, jogou 14 Grenais, marcou oito vezes entre os campeonatos de 1987 e 1988

Títulos: gaúcho (1987/88)
Outros clubes: Operário-MS, Corinthians, Santos, Náutico, Benfica-POR, Internacional, América-RJ, Cerro Porteño-PAR, Vitória, Farroupilha, Brasil-RS

EDISON VARA

41º: Paulo Nunes era refugo no início

NICO ESTEVES

50º: Lima sonhava e marcava

ÉDISON VARA

Asas do Falcão

Foram anos inesquecíveis. Oito títulos estaduais, três brasileiros, o Inter voava baixo. E, no comando de tudo, um volante que teimava em jogar bonito. O celeiro de ases do Beira Rio jogava conduzido pelas asas de seu maior ídolo

"Quem é aquele loirinho bom de bola?", perguntavam os torcedores precavidos que chegaram mais cedo ao Beira Rio naquele dia 17 de junho de 1972. "Parece que joga no nosso time juvenil", respondiam os colorados bem informados. O loirinho se chamava Falcão, era volante da Seleção Olímpica do Brasil que jogava contra o Hamburgo na preliminar de Brasil 3 x 3 Seleção Gaúcha. O loirinho era um carrapato na marcação, exibia uma técnica refinada e ainda marcou dois gols na vitória da Seleção Olímpica por 4 x 1.

DE TERNO E GRAVATA, VOLTA AO BEIRA RIO NAS MAIS DIVERSAS SITUAÇÕES: TÉCNICO, ANALISTA DA TV GLOBO, COLUNISTA DE PLACAR

Os torcedores demoraram mais de um ano para rever o tal loirinho. O ídolo Carbone, titular absoluto do Inter, foi vendido ao Botafogo e o técnico Dino Sani precisava encontrar um substituto para a posição. O bom senso recomendava escalar o competente reserva Tovar. Carbone protegia a zaga como poucos, Tovar era bom de lançamento, subia mais ao ataque. O loirinho, então com 19 anos, fazia as duas coisas. Dino Sani arriscou colocar o garoto em campo e, duas partidas depois, profetizou. "Joga uma barbaridade, tem tudo para se tornar um dos maiores jogadores do Brasil."

Dito e feito. Da estréia, em agosto de 1973, Falcão nunca mais tiraria a camisa titular do Inter. Mais do que isso, mostraria uma versatilidade incomum jogando ora de volante, ora de meia. Certo, teve companhia ilustre. Ao seu lado estavam Carpegiani, Batista, Caçapava, Jair, Mário Sérgio e outros. À sua frente, Claudiomiro, Flávio Minuano, Valdomiro, Lula etc. E atrás, Figueroa, Marinho Peres, Manga, Mauro Galvão ...

Só que Falcão não foi coadjuvante de ninguém. Foi protagonista, desde o princípio. Com 20 anos, elaborava frases de veterano. "Desde garoto eu cultivei um certo virtuosismo, tinha vergonha de passar uma bola quadrada. Agora, recebo e toco. O Figueroa conta que também era assim quando jogava de volante, mas aprendeu. Eu estou tentando aprender", disse a Divino Fonseca, correspondente de PLACAR nos anos 70. Desnecessário dizer que ele aprendeu rápido. Qual colorado não se lembra da tabelinha com Escurinho e Dario na semifinal do Brasileirão de 1976 contra o Atlético-MG? Há exemplo melhor do "recebo e toco" que Falcão perseguia?

Foram quatro títulos estaduais, três brasileiros, o último, em 1979, de forma invicta. Campeonatos vencidos em duas equipes distintas. A primeira, um timaço que tinha Manga, Figueroa, Falcão e Dario como espinha dorsal. O segundo, menos redondo, com garotos em início de carreira e jogadores que nunca entrariam para a galeria dos imortais da bola. Pois Falcão fez bonito no primeiro time, brilhou no segundo. No Brasileiro de 1979, destroçou o Palmeiras na semifinal. Como esquecer do gol marcado em São Paulo em uma bola dividida que poucos arriscariam o pé? Ele ainda aniquilou o Vasco na final. Até Chico Spina se tornaria gênio naquele Sport Club Falcão.

Mais do que a liderança técnica, Falcão conhecia os atalhos do futebol. Sabia que não bastava fazer a sua parte, desarmar, driblar e lançar brilhantemente. Que adiantava começar bem uma jogada se o seu companheiro iria desperdiçá-la no momento seguinte? A cabeça do futuro técnico já dava seus primeiros palpites. Entendia que cada colega merecia tratamento diferente para que a equipe vencesse. "Tem jogador que só reage à base do grito. Outros, não. Se você desse um berro para o Valdomiro, matava o velho. Já o Jair, só no grito mesmo para correr", explica.

Dizer que o loirinho deu todas as alegrias aos colorados é verdade quase absoluta. Falcão, para tristeza geral, um dia foi embora. O Inter não resistiu aos dólares da Roma e vendeu o craque em 1980. E o vendeu na pior hora. O negócio foi fechado por 2,7 milhões de dólares quando o clube se aproximava da final da Libertadores 80. E as duas partidas finais foram disputadas contra o Nacional, do Uruguai, com Falcão vendido. Por mais que o jogador tenha tentado tirar da cabeça que já era da Roma, seus companheiros sabiam, a torcida sabia, os adversários se aproveitaram. No primeiro jogo no Beira Rio, Falcão ouviu "pipoqueiro!", "vendido" e outras palavras menos refinadas. O Inter perdeu a Libertadores e seu maior craque.

NOS TEMPOS DE JOGADOR (ABAIXO) BUSCANDO A PERFEIÇÃO NO ESTILO RECEBO-E-TOCO. TOQUES DE PRIMEIRA, UMA LIÇÃO DE FUTEBOL

Mas a mágoa não durou. Pelo contrário. De repente os colorados viraram *tifosi*, torciam de forma alucinada pela Roma, pelo Rei de Roma. Vibraram com o título conquistado pelo clube romano, quebrando um jejum de 41 anos. Abriram um sorriso sincero ao constatar que Falcão fora eleito um dos três maiores estrangeiros que passaram pelo exigente futebol italiano (os outros foram Maradona e Platini). Os colorados ainda se encheram de orgulho quando brilhou na Seleção de 1982.

Com a chuteira no pé, esse catarinense de alma gaúcha fez muito. Calçando elegantes sapatos, foi dono de hotel cinco estrelas, criou uma grife de roupa e tornou-se um dos melhores analistas de futebol do país. Tem uma coluna no jornal Zero Hora, analisa jogos pela Rádio Gaúcha, é comentarista da TV Globo e lançou um livro de histórias do futebol.

Falcão ainda voltaria ao Beira Rio para ser o técnico do Inter. E voltaria outras tantas vezes ao estádio que o projetou como comentarista e colunista de PLACAR. Paulo Roberto Falcão gravou o seu nome na história colorada como o maior craque de todos os tempos. E olha que o clube ainda teve mitos como Tesourinha, Figueroa, Manga...

SÉRGIO XAVIER FILHO

LEMYR MARTINS

1º Falcão

Volante e meia (1973-80)
Paulo Roberto Falcão
★Abelardo Luz (SC), 16/10/1953
Títulos: brasileiro (1975/76, 1979), gaúcho (1974/75/76, 1978)
Outros clubes: Roma-ITA, São Paulo
Por que está em primeiro:
Quem mais poderia estar? Tesourinha não ganhou seus títulos, nem fez o Inter ser grande. Figueroa? Pois se o gringo era o grande líder da equipe e Falcão ainda se tratava de um guri mal saído da infância... Só que, mesmo assim, Falcão lhe dava broncas fantásticas e não aceitava a interferência em seu trabalho. Falcão nasceu, viveu e morrerá um deus

Nas próximas páginas:
2º Tesourinha
3º Figueroa
4º Manga
5º Oreco
6º Carpegiani
7º Taffarel
8º Claudiomiro
9º Bodinho
10º Gamarra
11º Chinesinho
12º Batista
13º Larry
14º Valdomiro
15º Nena
16º Mauro Galvão
17º Paulinho
18º Pirillo
19º Carlitos
20º Salvador
21º Lula
22º Benítez
23º Jair
24º Alfeu
25º Mário Sérgio
26º Flávio
27º Florindo
28º Caçapava
29º Dunga
30º Nílson
31º Pinga
32º Scala
33º Dario
34º Rubén Paz
35º Cláudio
36º Carlos Kluwe
37º Christian
38º Ávila
39º Aloísio
40º Escurinho
41º Marinho Peres
42º Bráulio
43º Adãozinho
44º Carbone
45º Russinho
46º Risada
47º Fabiano
48º Luis Carlos Winck
49º Jorge Andrade
50º André

2º Tesourinha

Atacante (1939-49)
Osmar Fortes Barcellos
★Porto Alegre (RS), 3/12/1921 † Porto Alegre (RS) 17/6/1979

Foi o melhor jogador do Inter nos anos 40, década em que acumulou oito títulos gaúchos e chegou à Seleção Brasileira (23 partidas). No ano de 1945 foi considerado o melhor ponta-direita da América, durante o Sul-Americano de seleções. Três anos depois, era o melhor do Brasil em sua posição, distinção conquistada através do concurso nacional "Melhoral Craque". Jogou também no Vasco de 1949 a 1952 e, por fim, no Grêmio, de 1952 a 1954, tornando-se o primeiro negro a vestir a camisa tricolor. Ganhou o apelido de Tesourinha por sua participação no bloco carnavalesco "Os Tesouras" e pela magreza. Hoje é nome de um importante ginásio esportivo de Porto Alegre.

Títulos: gaúcho (1940/41/42/43/44/45, 1947/48)
Outros clubes: Vasco, Grêmio

2º: Tesourinha foi o maior antes de Falcão

3º Figueroa

Zagueiro (1971-76)
Elias Ricardo Figueroa Brander
★Viña del Mar (Chile), 25/10/1945

Foi o capitão do Inter no período mais glorioso da história do clube, entre 1971 e 1976. Chegou a Porto Alegre em setembro de 1971, vindo do Peñarol, do Uruguai. Foi comprado por 100 mil dólares como uma resposta ao rival Grêmio, que trouxera o uruguaio Ancheta para o Olímpico. No período em que vestiu a camisa colorada Figueroa conquistou dois campeonatos brasileiros (foi autor do gol que deu o primeiro título brasileiro ao Inter), cinco Campeonatos Gaúchos e, por três anos consecutivos, foi eleito pela imprensa o maior jogador do continente. Disputou as Copas do Mundo de 1966, 1974 e 1982. Entre outros tantos prêmios, foi escolhido, recentemente, um dos zagueiros da Seleção Sul-Americana do Século XX. Jogador de técnica refinada, não se envergonhava de utilizar os métodos dos menos habilidosos. Quando necessário, abria a caixa de ferramentas e afugentava os atacantes abusados. Seu cotovelo não servia apenas para apoio na mesa. Foi assim que chegou a quebrar o nariz do centroavante Palhinha, do Cruzeiro, em 1975.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1971/72/73/74/75/76)
Outros clubes: Wanderers-URU, Peñarol-URU, Palestino-CHI, Fort Lauderdale-EUA, Colo Colo-CHI.

LEMYR MARTINS

3º: Figueroa não brincava em serviço

4º Manga

Goleiro (1974-76)
Haílton Corrêa Arruda
★Recife (PE), 26/4/1937

Em pesquisa realizada neste ano pela Federação Gaúcha de Futebol, foi eleito o melhor goleiro que já atuou no Rio Grande do Sul. Chegou ao Inter em 1974, contratado junto ao Nacional do Uruguai, clube no qual era ídolo deste 1969. No período em que ficou no Beira-Rio, foi três vezes campeão estadual e duas vezes campeão brasileiro, tornando-se personagem decisivo para que o Inter fosse considerado o melhor time brasileiro dos anos 70. Personagem folclórico, além de excepcional jogador, definia-se como um "fenômeno", auto-elogio com o qual a torcida concordava inteiramente. Era um goleiro frio e que evitava saltos espetaculares e desnecessários. Na decisão do Brasileiro de 1975, contra o Cruzeiro, barbarizou. Pegou uma incrível e tortuosa cobrança de falta de Nelinho, chegou a segurar com uma única mão um escanteio. Sua virtude estava no posicionamento e na firmeza com que segurava a bola.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1974/75/76)
Outros clubes: Sport, Botafogo, Nacional-URU, Coritiba, Grêmio, Operário-MS, Barcelona-EQU

5º Oreco

Zagueiro (1950-57)
Valdemar Rodrigues Martins
★Santa Maria (RS), 13/6/1932 †3/4/1985

Um dos melhores laterais-esquerdos do País, Oreco surgiu para o futebol no Inter de Santa Maria, clube que defendeu em 1949. No ano seguinte já estava no Inter de Porto Alegre, onde ganhou cinco títulos estaduais. Apareceu como destaque da Seleção Gaúcha que representou o Brasil e venceu o Panamericano de 1956. Já no Corinthians, foi convocado para a Seleção Brasileira, ficando na reserva de Nílton Santos durante a Copa do Mundo de 1958. Foi o único gaúcho a participar da campanha do primeiro título mundial. Na reserva, mas ainda assim histórico.

Títulos: gaúcho (1950/51/52/53, 1955)
Outros clubes: Inter-SM, Corinthians, Millonarios-COL, Toluca-MEX, Dallas Tornado-EUA

6º Carpegiani

Meia (1970 a 1977)
Paulo César Carpegiani
★Erechim (RS), 17/4/1949

É craque da seleção gaúcha de todos os tempos (pela pesquisa feita pela Federação Gaúcha de Futebol neste ano 2000). Vindo do futebol de salão, esteve para ser contratado pelo Grêmio, mas os dirigentes do Inter se anteciparam e o desviaram-no para o Beira Rio. Defendeu o Colorado de 1970 a 1977 com habilidade e agilidade suficientes para torná-lo um fora de série e levá-lo a titular da Seleção Brasileira que disputou a Copa do Mundo de 1974, na Alemanha. Pelo Inter, ganhou sete títulos gaúchos e dois brasileiros.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1970/71/72/73/74/75/76)
Outro clube: Flamengo

7º Taffarel

Goleiro (1985-90)
Cláudio André Mergen Taffarel
★Santa Rosa (RS), 8/5/1966

Taffarel, um especialista em defender pênaltis, foi o melhor goleiro do Brasil na década de 90 e manteve-se como titular da Seleção por dez anos. Ganhou a camisa 1 do Inter em 1985, então com 19 anos, mesma temporada em que chegou ao título mundial com a Seleção Brasileira de juniores. Com frieza e segurança singulares, manteve-se como goleiro incontestável do time gaúcho por cinco anos. Foi escolhido o melhor goleiro do Campeonato Brasileiro nos anos de 1987 e 1988. Foi medalha de prata nas Olimpíadas de Seul, em 1988, quando o Brasil só conseguiu chegar à final e trazer a medalha de prata graças a uma atuação antológica do goleiro, na semifinal contra a Alemanha Ocidental. E uma vitória com direito às suas famosas defesas de pênaltis.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Parma-ITA, Reggiana-ITA, Atlético-MG, Galatasaray-TUR

8º Claudiomiro

Atacante (1967-74)
Claudiomiro Estrais Ferreira
★Porto Alegre (RS), 3/4/1950

Chegou cedo ao Inter, quando tinha apenas 13 anos. Logo chamou a atenção pela estrutura física atarracada, que, mais tarde, lhe faria ganhar o apelido de Bigorna. Centroavante de grande explosão muscular, tornou-se titular dos profissionais aos 16 e ganhou seis campeonatos estaduais, o primeiro deles em 1969, ano da inauguração do Estádio Beira-Rio. Foi ele, inclusive, já com 18 anos, o autor do primeiro gol no estádio, na vitória por 2 x 1 sobre o Benfica. Apesar das eternas dificuldades para manter o peso ideal, não apenas se garantiu como titular indiscutível do Inter até o ano de 1974, como chegou à Seleção Brasileira, pela qual jogou cinco vezes, incluindo aí sua participação na Copa Roca desde 1972, quando marcou um gol. Perdeu a guerra contra a balança e encerrou a carreira cedo, aos 29 anos.

Títulos: gaúcho (1969/70/71/72/73/74)
Outros clubes: Botafogo, Flamengo, Caxias, Novo Hamburgo

9º Bodinho

Atacante (1952-59)
Nílton Coelho da Costa
★Recife (PE), 16/7/1928

Era magro, baixo, mas capaz de cabeçadas indefensáveis. Daí o seu apelido, Bodinho. Apavorava os zagueiros adversários também pela precisão de seus chutes de virada. Considerando a média de gols por partida, foi o maior artilheiro dos campeonatos gaúchos, tendo marcado no estadual de 1955 "apenas" 25 gols em 18 jogos. Uma média de 1,4 por partida. No Inter, clube onde chegou em 1952 por indicação do técnico Teté, foi meia-direita e centroavante. O curioso é que era ponta-direita antes de chegar ao colorado, época em que defendeu o Íbis de Pernambuco, o Sampaio Correa, do Maranhão, e o Flamengo, do Rio. Formou, ao lado de Larry, uma das maiores duplas de ataque da história do futebol gaúcho. Integrou a Seleção Brasileira que ganhou o Pan-Americano do México em 1956 — representada pelos gaúchos —, e marcou três gols em cinco partidas.

Títulos: gaúcho (1952/53/55)
Outros clubes: Íbis, Sampaio Correa, Flamengo, Nacional-RS

10º Gamarra

Zagueiro (1995-97)
Carlos Alberto Gamarra Pavón
★Ypacaraí, Paraguai, 17/2/1971

Por indicação do técnico Paulo César Carpegiani, chegou ao Inter em 1995, assumindo de forma rápida a condição de líder da equipe. Zagueiro que sempre se caracterizou por um estilo de jogo no qual a violência não tem vez, foi um dos principais responsáveis pela conquista do campeonato estadual de 1997, fazendo a torcida compará-lo ao maior zagueiro da história do clube, o chileno Elias Figueroa.

Títulos: gaúcho (1997)
Outros clubes: Cerro Porteño-PAR, Independiente-ARG, Benfica-POR, Corinthians, Atlético de Madrid-ESP

11º Chinesinho

Atacante (1955-58)
Sidney Colonia Cunha
★Rio Grande (RS), 15/9/1935

Foi o jogador mais jovem a integrar a Seleção Gaúcha que - tendo como base o Inter - foi campeã Pan-Americana em 1956, no México. Tinha apenas 21 anos e marcou quatro gols naquela competição. Começara a jogar no Colorado um ano antes, fazendo com maestria as funções de meia e ponta-esquerda. Em 1958, foi vendido ao Palmeiras.

Títulos: gaúcho (1955)
Outros clubes: Palmeiras, Lanerossi-ITA, Modena-ITA, Catania-ITA, Juventus-ITA

12º Batista

Meia (1976-81)
João Batista da Silva
★Porto Alegre (RS), 8/3/1955

Formou ao lado de Falcão e Jair o inesquecível meio-campo que deu ao Inter de 1979, o título invicto do Campeonato Brasileiro. Jogador raçudo, especialista em desarmar os adversários, começou a jogar futebol nas categorias inferiores do próprio Inter, passando ao grupo principal do clube em 1976, ano no bicampeonato nacional. Chegou, inclusive, a disputar a final contra o Corinthians, substituindo o ídolo Paulo César Carpegiani, que se preparava para dar adeus ao Beira Rio. Em 1982, numa negociação que agitou o Rio Grande do Sul, transferiu-se para o inimigo Grêmio, mas não obteve sucesso, sendo negociado no ano seguinte para o Palmeiras. Bem feito.

Títulos: brasileiro (1976, 1979), gaúcho (1976, 1978)
Outros clubes: Grêmio, Palmeiras, Lazio-ITA, Avellino-ITA, Belenenses-POR, Avaí

SILVIO FERREIRA

4º: Manga fechou o gol em 1975

13º Larry

Atacante (1954-62)
Larry Pinto de Faria
★Nova Friburgo (RJ), 3/11/1932

Carioca de Nova Friburgo, Larry Pinto de Faria, revelado pelo Fluminense, chegou a Porto Alegre em 9 de maio de 1954 e estreou precisamente num Grenal, em 18 de julho, fazendo um dos gols da vitória por 3 x 1. Dois meses depois, foi personagem principal na inesquecível goleada de 6 x 2 que o Inter aplicou no Grêmio, na inauguração do novo estádio do rival. No Inter, fez 23 gols e ajudou o clube a ganhar o campeonato gaúcho de 1955. Um ano depois, 1956, foi o centroavante da Seleção Gaúcha que ganhou o Pan-Americano do México. Também defendeu o Brasil nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952, num time que também tinha Vavá. Larry fez oito gols em nove jogos pela Seleção Brasileira e integra a Seleção do Inter de todos os tempos, de PLACAR.

Títulos: gaúcho (1955)
Outro clube: Fluminense

J. B. SCALCO

12º: Batista foi parar no inimigo

14º Valdomiro
Atacante (1968-80 e 1982)
Valdomiro Vaz Franco
★Criciúma (SC), 17/2/1946
Ninguém ganhou tantos títulos pelo Inter, quanto ele. Foi octacampeão gaúcho, entre 1969 e 1976, somou mais um título estadual em 1978 (fazendo os dois gols da vitória por 2 x 1 sobre o Grêmio no Grenal decisivo) e foi destaque nos três títulos brasileiros conquistados pelo clube. Fez tanto que ganhou placa no Beira-Rio, como símbolo das conquistas dos anos 70. Chegara ao Colorado em 1968, vindo do Comerciário (SC). Antes dos primeiros títulos, chegou a ser contestado e vaiado pela torcida. Em 1980, transferiu-se para o Millonarios, da Colômbia, e voltou dois anos depois para encerrar a carreira no Inter. Foi vereador e deputado estadual.

Títulos: brasileiro (1975/76, 1979), gaúcho (1969/70/71/72/73/74/75/76, 1978)
Outros clubes: Comerciário-SC, Millonarios-COL

J. B. SCALCO

14º: Ninguém ganhou mais que Valdomiro

15º Nena
Zagueiro (1942-51)
Olavo Rodrigues Barbosa
★Porto Alegre (RS), 11/7/1923
O Inter já era bicampeão do Rio Grande do Sul quando, em 1942, chegou ao clube um zagueiro que formaria com Alfeu uma dupla que os colorados mais antigos garantem ter sido a melhor de todos os tempos. Esse jogador era Nena. Desembarcou no Inter, trazido da várzea de Porto Alegre. Tinha o apelido de Cabeça de Aço: as bolas aliviadas por ele de sua área com freqüência acabavam representando perigosos contra-ataques.

Títulos: gaúcho (1942/43/44/45, 1947)
Outro clube: Portuguesa

16º Mauro Galvão
Zagueiro (1979-86)
Mauro Geraldo Galvão
★Porto Alegre (RS), 19/12/1961
Em 1979, com apenas 17 anos, tornou-se titular do Inter que conquistou, de forma invicta, o Campeonato Brasileiro. Impôs um estilo de técnica refinada ao time e, líder da equipe, ganhou quatro campeonatos estaduais.

Títulos: brasileiro (1979), gaúcho (1981/82/83, 1984)
Outros clubes: Bangu, Botafogo, Lugano-SUI, Grêmio, Vasco

J. B. SCALCO

19º: Carlitos capaz de gols impossíveis

17º Paulinho
Lateral (1950-54)
Paulo de Almeida Ribeiro
★Porto Alegre (RS), 15/4/1952
Ingressou no Inter em 1950, como lateral-direito e, desde o princípio, destacou-se pela liderança exercida sobre o resto da equipe. Foi tricampeão gaúcho, entre 1951 e 1953. O apelido, Paulinho Piranha, surgiu porque comia muito depressa, "como se fosse uma piranha", disse o colega e ex-ponteiro do Inter Luizinho.

Títulos: gaúcho (1951/52/53)
Outro clube: Vasco

18º Pirillo
Atacante (1937-39)
Sylvio Pirillo
★Porto Alegre (RS), 26/7/1916 †1991
Iniciou sua carreira no Americano, clube que teve vida curta no futebol gaúcho, mas ainda assim suficiente para fazê-lo campeão gaúcho em 1928. Chegou ao Inter em 1937. Foi um centroavante de grande qualidade, que comandou o ataque Colorado no período que antecedeu ao do inigualável Rolo Compressor. Tinha frieza, habilidade e facilidade para a posição. Fez dez gols em nove Grenais disputados. Era muito rápido e raçudo.

Títulos: gaúcho (1928)
Outros clubes: Peñarol-URU, Flamengo, Botafogo

19º Carlitos
Atacante (1938-51)
Alberto Zolin Filho
★Porto Alegre (RS), 27/11/1921
Era um ponteiro-esquerdo de enorme criatividade, capaz de fazer jogadas e gols considerados impossíveis. O mais famoso deles foi o Gol do Plano Inclinado, lance em que havia passado da bola que batera no travessão e, como única forma de ainda tentar cabecear, deixou o corpo cair para trás, fazendo com que ela batesse em sua testa e entrasse. Raçudo, em 1944 disputou o Grenal decisivo do Gauchão apenas 23 dias após ter feito cirurgia nos meniscos. Ainda assim, fez um gol aos 20 segundos do jogo e o Inter foi campeão.

Títulos: gaúcho (1940/41/42/43/44/45, 1947/48, 1950/51)
Outros clubes: nenhum

20º Salvador
Meia (1950-55)
Milton Alves da Silva
★Porto Alegre (RS), 16/10/1931 - 1979
Era um volante habilidoso, de muita técnica, mas que ficou famoso por um lance de violência: em 1954, quebrou a perna do zagueiro gremista Xisto.

Títulos: gaúcho (1950/51/52/53)
Outros clubes: Força e Luz, Peñarol-URU, River Plate-ARG

21º Lula
Atacante (1974-77)
Luís Roberto Pinto Neto
★Arco Verde (PE), 16/11/1946
Jogador polêmico, brigão, foi o ponta-esquerda do melhor Inter de todos os tempos, aquele que conquistou o bicampeonato brasileiro em 1975/76. Na época, os dirigentes justificavam suas brigas e faltas a treinos lembrando que ele incomodava dentro do clube, durante a semana, mas perturbava muito mais os zagueiros adversários durante as partidas, especialmente em jogos decisivos.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1974/75/76)
Outros clubes: Náutico, Fluminense, Palmeiras, Sport

22º Benítez
Goleiro (1977-83)
José de La Cruz Benítez Santa Cruz
★Assunção (Paraguai), 3/5/1952
Veio para o Inter em 1977, logo após ter feito uma partida espetacular pelo Paraguai, diante do Brasil, no Maracanã, pelas Eliminatórias da Copa do Mundo. Estava no auge quando, durante um amistoso em Alegrete, no interior do estado, chocou-se contra um atacante adversário e por pouco não ficou paralítico. Teve de abandonar a carreira prematuramente.

Títulos: brasileiro (1979), gaúcho (1978, 1981/82/83)
Outros clubes: Olimpia-PAR, Palmeiras

23º Jair
Atacante (1974-81 e 1984)
Jair Gonçalves Prates
★Porto Alegre (RS), 11/7/1953
Participou das campanhas que resultaram nos três títulos brasileiros conquistados pelo Inter, em 1975, 1976 e 1979. Nesse último, foi titular absoluto, formando o meio-campo ao lado de Falcão e Batista. Tinha um chute muito forte, certeiro e fazia lançamentos sempre precisos.

Títulos: brasileiro (1975/76, 1979), gaúcho (1975/76, 1978, 1981)
Outros clubes: Cruzeiro, Peñarol-URU

24º Alfeu
Zagueiro (1936 e 1938-49)
Alfeu Cachapuz Batista
★Lavras do Sul (RS), 11/6/1914 † 1/8/1990
Começou no Bagé, passou pelo Guarani da mesma cidade e de lá veio para o Inter, onde jogou a temporada de 1936. No ano seguinte foi cedido ao Grêmio Santanense e depois para o Santos. Retornou ao Colorado, em 1938, para se tornar um dos jogadores símbolos do Rolo Compressor que comandou o Rio Grande do Sul nos anos 40. O jogo que melhor simbolizou seu amor ao Inter foi o Grenal decisivo de 1944, quando o Inter venceu por 2 x 1 e ele deixou o gramado carregado, machucado. No último minuto da partida, mesmo com uma lesão no joelho, capengando, teve forças para jogar-se, esticando a perna, mandando a bola para fora e salvando o time. Chorou de dor e de orgulho naquela tarde.

Títulos: gaúcho (1940/41/42/43/44/45, 1947/48)
Outros clubes: Bagé, Guarani, Grêmio Santanense, Santos

25º Mário Sérgio
Atacante (1979-81 e 1984)
Mário Sérgio Pontes de Paiva
★Rio de Janeiro (RJ), 7/9/1950
Foi o ponta-esquerda que ajeitou o time do Inter em 1979.
Ficou conhecido no Beira-Rio como o "vesgo", devido ao estilo inconfundível: olhava para um lado, como se para lá fosse chutar a bola, mas o passe saía surpreendentemente para o lado oposto. Retornou em 1984 ao Inter, para um semestre no qual não conseguiu repetir o sucesso da primeira fase no clube.

Títulos: brasileiro (1979)
Outros clubes: Flamengo, Vitória, Fluminense, Grêmio, São Paulo, Palmeiras, Ponte Preta

26º Flávio
Atacante (1961-64 e 1975-76)
Flávio Almeida da Fonseca
★Porto Alegre (RS), 9/7/1944
Foi campeão estadual pelo Inter em 1961, único ano — entre 1956 e 1968 — em que o clube conquistou um título regional. Tinha como características principais o bom posicionamento, o oportunismo e a garra. Ficou no clube até 1964, transferindo-se depois para o Corinthians, clube que defendeu até 1969. Voltou para ganhar o Brasileiro em 1975.

Títulos: brasileiro (1975), gaúcho (1961, 1975/76)
Outros clubes: Corinthians, Fluminense, Porto-POR, Pelotas, Santos, Jorge Wilstermann-BOL

27º Florindo
Zagueiro (1951-59)
Flávio Pinho
★Nova Friburgo (RJ), 5/10/1929
Foi um zagueiro tão raçudo e vigoroso, que ganhou o apelido de Gigante de Ébano. Fez duelos inesquecíveis com o centroavante gremista da época, Juarez. Durante um Grenal, em 1956, tirou de puxeta a bola que ia entrando no gol colorado e foi aplaudido de pé.

Títulos: gaúcho (1951/52/53, 1955)
Outros Clubes: Flamengo, Nacional-RS, Botafogo

28º Caçapava
Meia (1975-79)
Luis Carlos Melo Lopes
★Caçapava do Sul (RS), 26/12/1954
O zagueiro Figueroa, capitão do Inter que conquistou o bicampeonato brasileiro em 1975/76 dizia que muito do seu sucesso se devia à presença de Caçapava à frente da zaga.
O volante era mesmo um temível cão de guarda, capaz de anular e enfurecer craques como Rivelino, com o qual travou grandes duelos.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1975/76, 1978)
Outros clubes: Corinthians

29º Dunga
Volante (1983-84 e 1999)
Carlos Caetano Bledorn Verri
★Ijuí (RS), 31/10/1963
Virou símbolo da equipe nacional que conquistou o tetra para o Brasil. Profissionalizado em 1983, participou do grupo colorado campeão gaúcho em 1983 e 1984. Ainda em 1984 transferiu-se para o Corinthians. Ao voltar, 15 anos depois, acabou marcando o gol decisivo, contra o Palmeiras, que impediu o rebaixamento do Inter para a segunda divisão. No início do ano 2000, teve o contrato rescindido pela nova direção colorada. Mostrou sua honradez ao repassar a indenização para instituições de caridade.

Títulos: gaúcho (1983/84)
Outros clubes: Corinthians, Santos, Vasco, Pisa-ITA, Fiorentina-ITA, Pescara-ITA, Stuttgart-ALE, Jubilo Iwata-JAP

30º Nílson
Atacante (1987-89)
Nílson Esídio
★Santa Rita do Passa Quatro (SP), 19/11/1965
Entrou para a história do futebol gaúcho ao marcar dois gols naquele que foi considerado o Grenal do Século, em fevereiro de 1989, vitória do Inter por 2 x 1.
Em compensação, é lembrado por outro momento na vida do clube, nem um pouco alegre: na semifinal da Libertadores de 1989, contra o Olimpia, desperdiçou um pênalti numa partida que o Inter, precisando de apenas um empate, perdeu por 3 x 2. A tragédia se consumou com a derrota nos pênaltis, por 5 x 3. O Inter estava eliminado da Taça Libertadores da América.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Sertãozinho-SP, Platinense-PR, XV de Jaú, Ponte Preta, Celta-ESP, Grêmio, Portuguesa, Corinthians, Flamengo, Fluminense, Albacete-ESP, Valladolid-ESP, Palmeiras, Vasco, Tigres-MEX, Atlético-PR, Sporting- Cristal-PER

J. B. SCALCO

26º: Flávio voltou para ser campeão

ÉDISON VARA

29º: Dunga saiu de cabeça erguida

31º Pinga
Zagueiro (1984-87 e 1992-93)
Jorge Luís da Silva Brum
★Porto Alegre (RS), 30/4/1965
Zagueiro-central de estilo técnico, habilidoso, revelado no Internacional em 1984. Naquele ano, foi vice-campeão olímpico e campeão gaúcho. Em julho de 1987, uma entrada criminosa do atacante Fernando, do Grêmio, fez com que rompesse todos os ligamentos do joelho, o que o tirou dos gramados por quatro anos.

Títulos: Copa do Brasil (1992), gaúcho (1984)
Outros clubes: São José, Ituano, Rio Branco-SP, Corinthians, Londrina, América-SP, Fortaleza, Cruzeiro-RS, Serrano-RJ

32º Scala
Zagueiro (1964-70)
Luís Carlos Scala Loureiro
★Rio Grande (RS), 31/7/1940
Após defender o Rio Grande e o Riograndense, começou sua carreira no Inter em 1964, época difícil, quando o Grêmio já era bicampeão estadual e tinha um time poderoso. De 1964 a 1968, Scala acumulou derrotas, mas ainda assim demonstrou qualidades para chegar à Seleção Brasileira. Um dia, porém, a sorte iria mudar. A vingança veio em 1969, ano da inauguração do Beira Rio, quando foi o comandante da defesa colorada.

Títulos: gaúcho (1969/70)
Outros clubes: Rio Grande, Riograndense, Botafogo, América-RN

RICARDO BELIEL

31º: Joelho acabou com Pinga

33º Dario
Atacante (1976-77)
Dario José dos Santos
★Rio de Janeiro (RJ), 4/3/1946
A missão era das mais ingratas: substituir o ídolo Flávio, centroavante que conquistara o primeiro título nacional para um clube gaúcho, em 1975. Mas se transformou logo em um ídolo da torcida e, com 16 gols, tornou-se o goleador do Brasileiro de 1976.

Títulos: brasileiro (1976), gaúcho (1976)
Outros clubes: Campo Grande, Atlético-MG, Flamengo, Sport, Ponte Preta, Paysandu, Náutico, Santa Cruz, Bahia, Goiás, Coritiba, América-MG, Nacional, XV de Piracicaba, Douradense-MS

NICO ESTEVES

34º: Rubén Paz conquistou o Rio Grande

34º Rubén Paz
Meia (1982-86)
Rubén Walter Paz Marquez
★Artigas (Uruguai), 17/7/1958
Em 1982, foi contratado pelo Inter. Em 1983, ano em que o rival Grêmio chegou ao título mundial, sua enorme habilidade o fez ser eleito — pelos técnicos dos clubes gaúchos — como o melhor jogador em atividade no Rio Grande do Sul.

Títulos: gaúcho (1982/83/84)
Outros clubes: Peñarol-URU, Racing-FRA, Racing-ARG, Genoa-ITA, Rampla Juniors-URU, Godoy Cruz-ARG, Frontera Rivera-URU

35º Cláudio
Lateral (1973-77)
Cláudio Roberto Pires Duarte
★São Jerônimo (RS), 9/5/1951
Foi o lateral-direito do período mais glorioso do Inter, quando o clube conquistou o Brasil. Com suas passadas largas, conseguia chegar com facilidade ao ataque e, como tinha um chute potente, fazia gols com alguma freqüência. Sua gagueira o fez ganhar o apelido de Gaguinho. Um problema crônico no joelho o fez parar.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1973/74/75/76)
Outros clubes: nenhum

36º Carlos Kluwe
Meia (1910-15)
Carlos Kluwe
★Bagé (RS), 3/1/1890 †16/9/1966
Foi o primeiro ídolo da torcida colorada. Médico, pecuarista, apaixonou-se pelo Inter e foi o principal responsável pela continuidade do clube quando, logo após a goleada sofrida diante do Grêmio no jogo de estréia (10 x 0), muitos pensaram em desistir. Era um grandalhão de 1,90 m, forte, que chutava a gol de qualquer distância, com pé esquerdo ou direito. Dizia que só abandonaria o futebol depois de vencer o Grêmio.

Títulos: citadino (1913/14/15)
Outros clubes: nenhum

37º Christian
Atacante (1989-92 e 1996-99)
Christian Correa Dionísio
★Porto Alegre (RS), 23/4/1975
Foi o principal artilheiro e ídolo colorado na década de 90. No Campeonato Gaúcho e no Brasileiro de 1997, revelou-se um matador nato. Foi vice-artilheiro do Brasileirão com 23 gols. Jogador de muita raça e força, representava como ninguém a vontade de vencer dentro do campo. Muito identificado com a torcida do Inter, era chamado de "Jesus Christian".

Títulos: gaúcho (1997)
Outros clubes: Marítimo-POR, Estoril-POR, Farense-POR, Paris-Saint Germain-FRA

38º Ávila
Volante (1941-47)
Oswaldo Ávila
Foi peça fundamental do Rolo Compressor dos anos 40. Volante incansável, fazia passes precisos a 40 metros de distância. Chegou ao clube em 1941, vindo de Pelotas, e antes de começar a jogar teve de passar por um rigoroso tratamento, pois estava sifilítico. Recuperou-se e ajudou o Inter a conquistar cinco estaduais. Ficou famoso por ser frequentador dos cabarés porto-alegrenses e ganhou o apelido de King Kong. Disputou 24 Grenais.

Títulos: gaúcho (1941/42/43/44/45, 1947)
Outros clubes: Pelotas, Botafogo

39º Aloísio
Zagueiro (1983-88)
Aloísio Pires Alves
★Pelotas (RS), 16/8/1963
Formou ao lado de Pinga uma das melhores duplas de zagueiros do Inter nas últimas décadas. Zagueiro ágil, frio e bastante seguro, ganhou dois títulos estaduais, em 1983 e 1984. O Inter arrependeu-se de ter vendido Aloísio para o Barcelona.

Títulos: gaúcho (1983/84)
Outros clubes: Barcelona-ESP, Porto-POR

40º Escurinho
Atacante (1970-77)
Luís Carlos Machado
★Porto Alegre (RS), 18/1/1950
É considerado um dos melhores cabeceadores que já vestiram a camisa do Inter. Costumava entrar no time no segundo tempo dos clássicos para decidi-los. Foi de uma tabela de cabeça que fez com Dario e Falcão, na semifinal do Brasileiro de 1976, contra o Atlético-MG, que surgiu aquele que é considerado um dos mais bonitos gols de toda a história colorada.

Títulos: brasileiro (1975/76), gaúcho (1970/71/72/73/74/75/76)
Outros clubes: Palmeiras, Coritiba, Barcelona-EQU, Bragantino, Caxias

41º Marinho Peres
Zagueiro (1976-78)
Mário Peres Ulibarri
★Sorocaba (SP), 19/3/1947
Foi o jogador que formou, com Figueroa, a zaga do Inter bicampeão brasileiro em 1976. Quarto-zagueiro, implantou na equipe o sistema da linha de impedimento, que aprendera durante o período que defendeu o Barcelona, da Espanha.

Títulos: brasileiro (1976), gaúcho (1976)
Outros clubes: São Bento, Portuguesa, Santos, Barcelona-ESP, Palmeiras

42º Bráulio
Meia (1965-73)
Bráulio Barbosa Lima
★Porto Alegre (RS), 4/8/1948
Um dos meias mais habilidosos que já passou pelo Internacional. Tinha uma estrutura física frágil, mas compensava isso jogando com técnica e inteligência. No final dos anos 60 e início dos 70, foi o jogador mais discutido do clube, pois os dirigentes e a torcida se dividiam entre aqueles que adoravam e queriam Bráulio no time, e os que preferiam alguém de estilo mais forte e objetivo.

Títulos: gaúcho (1969/70/71/72)
Outros clubes: Coritiba, América-RJ, Botafogo

43º Adãozinho
Atacante (1943-50)
Adão Nunes Dornelles
★Potro Alegre (RS), 2/4/1923
Em 1944, Ary Barroso escreveu a respeito de Adãozinho que tratava-se de um atacante "satânico". Foi descoberto pelo dirigente Abelard Jaques Noronha, disputando uma partida num campinho da várzea porto-alegrense. Era preguiçoso. Algumas vezes tinha de ser buscado em casa para treinar porque se recusava a sair da cama. Chegou ao Inter em 1943, para o time de aspirantes, mas, em 1944, já era titular do Rolo Compressor. Fez 18 gols em 30 Grenais.

Títulos: gaúcho (1944/45, 1947/48, 1950)
Outros clubes: nenhum

44º Carbone
Meia (1969-73)
José Luís Carbone
★São Paulo (SP), 22/3/1946
Com sua chegada ao Beira-Rio, em 1969, o Inter ganhou a força e a segurança necessária para interromper a série de campeonatos estaduais do Grêmio, que já chegava a sete. Volante de estilo viril, que tinha como característica a facilidade de executar o bloqueio, foi revelado pelo São Paulo em 1963. Estava no Metropol, de Criciúma, quando o Inter o contratou. Já na sua primeira temporada, foi eleito o melhor jogador do Gauchão.

Títulos: gaúcho (1969/70/71/72/73)
Outros clubes: São Paulo, Ponte Preta, Metropol-SC, Botafogo, Grêmio, Nacional-SP

45º Russinho
Atacante (1939-42)
David Russowski
★Cruz Alta (RS), 1/9/1917 †4/9/1958
Em 1940, quando o Rolo Compressor ganhou seu primeiro título, lá já estava Russinho, fazendo gols nos dois jogos decisivos do Gauchão contra o Grêmio Bagé. Foi ele o capitão da equipe naqueles três primeiro anos do Rolo. Jogava por amor ao futebol, já que era de família rica.

Títulos: gaúcho (1940/41/42)
Outros clubes: Grêmio

46º Risada
Zagueiro (1929-42)
Guilherme Schoereder
Dedicou 14 anos de sua vida ao Inter. Era um zagueiro polivalente, que sabia sair jogando com categoria de sua grande área. Em toda a sua história no Colorado, marcou quatro gols em Grenais em sua passagem pelo estádio dos Eucaliptos. Era o mais experiente no início do Rolo Compressor.

Títulos: gaúcho (1934, 1940/41)
Outros clubes: nenhum

47º Fabiano
Atacante (desde 1996)
Luiz Fabiano de Souza
★Rubim (MG), 18/3/1975
Apontado por muitos como o sucessor de Valdomiro, ídolo do clube nos anos 70, Fabiano é um velocista, dono de um chute potente. Revelado pelo Juventus (SP), chegou ao Beira Rio em 1996. Ganhou o Gaúcho-97 (o gol do título) e foi o responsável pelo Grenal do Brasileiro — Inter 5 x 2 no Olímpico

Títulos: gaúcho (1997)
Outros clubes: Juventus-SP

48º Luiz Carlos Winck
Lateral (1981-89 e 1991-94)
Luiz Carlos Coelho Winck
★Portão (RS), 5/1/1963
Foi o melhor lateral do Inter nos anos 80. Polivalente, quando subiu para os profissionais, aos 17 anos, passou a atuar nas duas laterais e até mesmo como volante.
Foi tetracampeão estadual, entre 1981 e 1984, e quando voltou ao clube, em 1991, ganhou mais um título. Em 1994, foi contratado pelo Inter.

Títulos: gaúcho (1981/82/83/84, 1991)
Outros clubes: Vasco, Grêmio, Corinthians, Atlético-MG, Botafogo, Flamengo e São José-RS

49º Jorge Andrade
Lateral (1967-74)
Jorge Antonio Sundin de Andrade
★Porto Alegre (RS), 23/4/1942
Lateral do Inter no período inicial de vitórias da era Beira Rio. Ganhou seis campeonatos estaduais consecutivos, entre 1969 e 1974. Jamais marcou um gol.

Títulos: gaúcho (1969/70/71/72/73/74)
Outros clubes: Cruzeiro-RS, Flamengo-RS

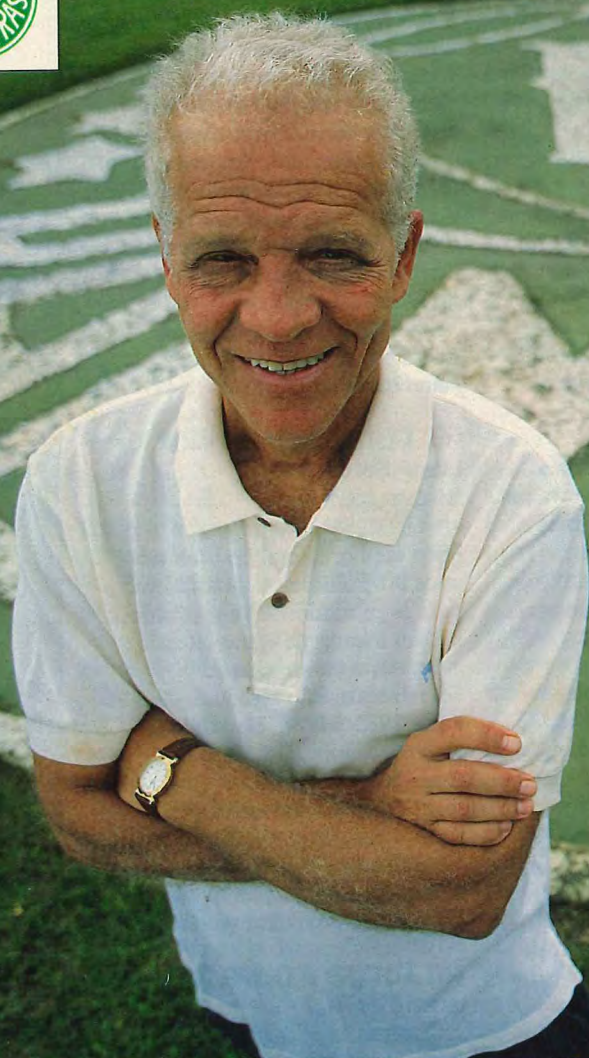
50º André
Goleiro (1992-99)
André Döring
★Venâncio Aires (RS), 25/6/1972
Mais um jogador a manter a tradição de grandes goleiros revelados no Internacional. para o Beira Rio. O estilo lembra Taffarel.

Títulos: Copa do Brasil (1992), gaúcho (1992, 1994, 1997)
Outros clubes: Cruzeiro-MG

SÉRGIO MOREIRA

37º: Cristian virou "Jesus Christian"

NICO ESTEVES

48º: Winck jogava em três posições

ALEXANDRE BATTIBUGLI

Vítima do silêncio

Nos velhos tempos, Ademir da Guia mal podia caminhar pelo bairro de Perdizes, onde reside. Hoje, anda em silêncio, sem ser incomodado, pelas mesmas ruas próximas ao Parque Antártica. Calado, como o estilo que tanto o atrapalhou

Discreto, cabisbaixo, o senhor de cabelos brancos caminha a passos lentos pelos corredores de um shopping center, na zona oeste de São Paulo. Deixa a agência do Banco do Brasil, anda cerca de 100 metros sem ser incomodado, até entrar em seu carro. O percurso é feito pelo menos uma vez por semana, nos mesmos corredores onde, nos velhos tempos, funcionava uma antiga loja de departamentos, a Sears. A diferença é que nos anos 70, quando queria andar pelo comércio, o moço tinha de andar disfarçado, colocar

COM O ESCUDO DO PALMEIRAS AO FUNDO. NO CLUBE QUE FOI SUA ETERNA PAIXÃO, VIROU ATÉ ESTÁTUA

óculos escuros ou simplesmente ficar em casa e pedir à esposa que resolvesse seus problemas bancários.

A pouco mais de 500 metros dos corredores por onde hoje passeia anônimo, o senhor de cabelos brancos costumava fazer vibrar todo o bairro que circunda o shopping center. Os torcedores do Palmeiras ajudavam a eternizar seu nome, apesar de naqueles tempos o moço já poder ser definido como a síntese do anti-marketing. Era Ademir da Guia.

O Palmeiras jogava no seu ritmo. Lento, como os passos de hoje, no shopping center. Aliás, cadenciado. Ademir não tinha pressa, talvez por saber que o destino natural de seus passos lentos, com a bola nos pés, eram as finais de campeonato e as taças, que nem fazia questão de levantar. Deixava a nobre missão de mostrar os troféus diantes das câmeras para seu colega de meio-de-campo, o capitão Dudu.

Em 16 anos de Palmeiras, Ademir deu de bandeja 11 taças para o Verdão. Mas se nem ele próprio fazia questão de tornar evidente o motivo de tantas glórias palmeirenses, por que o Brasil haveria de reconhecer nele um craque de primeira grandeza? Ademir foi passando pela carreira assim, escondido no meio das taças que ajudava a fazer o Palmeiras conquistar. Escondido de todos, menos dos palmeirenses. Esses podiam se sentir privilegiados, sentados no duro cimento das arquibancadas do Parque Antártica. Impossível que, em local tão nobre, esses não notassem a importância estratégica de Ademir da Guia. Que não notassem que todas as bolas passavam pelos pés do camisa 10 e que até os velozes pontas Edu, Nei, Gildo e Rinaldo, que pouco sabiam além de correr, esperavam que Ademir desse o sinal de que era hora de colocar velocidade na partida.

O Palmeiras daqueles tempos jogava em São Paulo, no mesmo campeonato disputado pelo Santos, de Pelé. E, no entanto, conquistou 11 troféus enquanto Ademir ensinou o caminho. O Botafogo, apontado como o grande rival do Peixe daqueles tempos, levantou três cariocas e três Rio-São Paulo nos 13 anos de Garrincha.

Mesmo assim, ninguém jamais ousou comparar a importância de Ademir da Guia para o futebol brasileiro com a de Mané Garrincha. Um pouco, pelos motivos óbvios. Mané foi bicampeão do mundo, ganhou quase sozinho o caneco no Chile, em 1962, brilhou sempre que vestiu a camisa amarela da Seleção Brasileira. Um pouco por culpa de Ademir e de seu estilo anti-marketing. Ademir jamais brigou por uma convocação, nunca disse que merecia uma chance, sempre aguardou em silêncio o reconhecimento nacional que jamais apareceu.

Até quando, enfim, conseguiu um chamado para disputar uma Copa do Mundo, na Alemanha, em 1974, aceitou passivamente a reserva no time de Zagallo. Já tinha 32 anos e recebia a última oportunidade para ser reconhecido como um dos grandes da história da Seleção. Mas sentou no banco de reservas, resignado. Não se importava nem com o fato do Brasil viver uma crise de talentos, com Pelé não estar mais entre os selecionáveis, que Zagallo escalasse o tosco Valdomiro entre os titulares, que o meio-de-campo não tivesse o brilho do final dos anos 60. Ademir continuava em silêncio, como se fosse um jogador qualquer, um garoto que recebia a grande oportunidade em seu começo de carreira profissional.

EM AÇÃO NOS ANOS 70, QUASE NO FINAL DA CARREIRA E, MESMO ASSIM, DANDO TÍTULOS E MAIS TÍTULOS A SEU TIME

Nesse mundial, jogou seus únicos 45 minutos de uma Copa do Mundo, o primeiro tempo da partida contra a Polônia, na decisão de terceiro e quarto lugares. Quando a coisa valia e o Brasil sonhava com o tetra, nada. A história, jamais confirmada por Ademir, diz que o meia do Palmeiras comeu demais no almoço, informado de que não estaria em campo na partida da tarde. E que, em seguida, recebeu a informação de Zagallo: estava escalado. Pesado pelo excesso de comida, jogou mal, saiu substituído no intervalo.

Seis meses depois, estava em campo decidindo mais um título pelo seu Palmeiras, contra o Corinthians, de Rivelino, o camisa 10 no Mundial da Alemanha. Sempre em silêncio, sempre conduzindo o Palmeiras, ditando o ritmo da partida, vencida por 1 x 0. Inconformada, a Fiel decidiu que Rivelino não servia mais para o Timão. Riva saiu no meio de um turbilhão, uma barulheira produzida por ele, pela Fiel e por quem o considerava o melhor jogador do país naqueles tempos.

Do outro lado da cidade, no bairro de Perdizes, na zona oeste, Ademir festejava quieto, sem alarde, o penúltimo de seus títulos estaduais. Comemorou em casa, com a família, sem sequer lembrar a imprensa que a conquista de seu clube impedia que o maior rival quebrasse um jejum que já atingia vinte temporadas. Em silêncio e um silêncio tão grande que hoje, 23 anos depois de ter abandonado os campos, há quem duvide que Ademir tenha sido de fato um deus do futebol. Sorte da história que ele tem a bola como sua eterna testemunha.

PAULO VINICIUS COELHO

JOSÉ PINTO

1º Ademir da Guia

Meia (1961-77)
Ademir da Guia
Rio de Janeiro (RJ), 3/4/1942
Títulos: brasileiro (1972/73), Robertão (1967, 1969), Taça Brasil (1967), paulista (1963, 1966, 1972, 1974, 1976), Rio-São Paulo (1965)
Outro clube: Bangu
Por que ele está em primeiro: Porque o Palmeiras nunca teve um jogador que unisse tão perfeitamente capacidade de conquistar títulos com classe com a bola nos pés; porque raramente se viu um jogador com tanta identificação com um clube quanto Ademir da Guia, com o Palmeiras; porque jogou 16 anos no Parque Antártica

Nas próximas págs:

2º Julinho

Ponta-direita (1959-67)
Júlio Botelho
★São Paulo (SP), 29/7/1929

Se não houvesse Garrincha, Julinho seria certamente um mito reconhecido até hoje como o maior número 7 da história do futebol brasileiro. Como é no Palmeiras, por exemplo. Julinho chegou ao Parque Antártica em 1959, depois de se consagrar na Itália, onde deu um título nacional à Fiorentina! Voltar era ponto de honra para poder jogar pela Seleção Brasileira, já que Julinho achava absurdo aceitar convocações pertencendo a um clube que o fazia jogar do outro lado do mundo. Em 1958, às vésperas da Copa do Mundo, recusou a convocação de Vicente Feola, justificando que não queria roubar lugar de um colega que jogasse dentro do Brasil. Em 1959, retornou ao time nacional em uma partida contra a Inglaterra, no Maracanã. E encarou a maior vaia da história do estádio ao ser anunciado no lugar de Garrincha. No final da partida, depois de uma atuação memorável e dois gols, Julinho saiu aplaudidíssimo. Dribles como Garrincha ele não exibia. Mas era de uma objetividade incrível. Por isso, ganhou tanto pelo Palmeiras.

Títulos: Taça Brasil (1960, 1967), Robertão (1967), paulista (1959, 1963, 1966), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Portuguesa, Fiorentina-ITA

2º: Julinho ganhou três paulistas

3º Oberdan

Goleiro (1940-56)
Oberdan Cattani
★Sorocaba (SP), 12/6/1919

Para que servem essas mãos? Oberdan Cattani nunca teve vocação para lobo mau, mas foram muitas as vezes em que se viu obrigado a responder perguntas sobre o tamanho de suas mãos. Foram elas, afinal, responsáveis por salvar o Palmeiras muitas vezes, nos anos 40 e início dos 50. "É verdade que o senhor saía do gol com uma mão só?", é a questão mais endereçada a Oberdan em toda a sua vida. É verdade, como comprovam as fotos de suas atuações. Saía na cabeça de atacantes como Leônidas, o Diamante Negro, do São Paulo, o grande nome da época. Oberdan participou do primeiro jogo do Palmeiras com o nome atual e culpa até hoje o São Paulo pela mudança de nome. "Eles queriam nos roubar o Parque Antártica", lembra Oberdan. Do Palmeiras, que freqüenta até hoje, só guarda duas mágoas. Uma do presidente Pascoal Giuliano, que, nos anos 50, lhe fechou as portas e obrigou-o a encerrar a carreira no Juventus. Outra da diretoria de hoje, que não muda o estatuto, pelo qual é proibido erguer bustos para jogadores que um dia enfrentaram o clube. Oberdan jogou pelo Juventus, contra o Palmeiras. Por isso, seu sonho está vetado. Nos jardins do Parque Antártica, só Ademir da Guia, Junqueira e Waldemar Fiúme. Oberdan, só passeando, ainda vivo.

Títulos: paulista (1942, 1944, 1947, 1950), Copa Rio (1951), Rio-São Paulo (1951)
Outro clube: Juventus

3º: Oberdan saía do gol só com uma mão

DIÁRIOS ASSOCIADOS

4º Waldemar Fiúme

Quarto-zagueiro e volante (1942-58)
Waldemar Fiúme
★São Paulo (SP), 12/10/1922 †São Paulo (SP), 6/11/1996

De tanto fazer pelo Palmeiras, Fiúme virou estátua de bronze, exposta nos jardins de entrada do clube, na zona oeste de São Paulo. Ele foi mesmo tudo no Verdão. Começou como meia-direita, nos anos 40, formando o ataque do primeiro Palmeiras campeão — com o nome atual — ao lado de Cláudio Christovam do Pinho, Villadoniga, Lima e Etchevarrieta. Passou ao meio-de-campo, nos tempos da Copa Rio, início dos anos 50. No fim de carreira, lá por 1958, estava já na quarta-zaga. Sempre com a mesma categoria. Foi por isso que recebeu o apelido de Pai da Bola e está na lista em quarto lugar, à frente de mitos como Luís Pereira.

Títulos: paulista (1942, 1944, 1947, 1950), Rio-São Paulo (1951), Copa Rio (1951)
Outros clubes: nenhum

5º Luís Pereira

Zagueiro (1968-75 e 1981-84)
Luís Edmundo Pereira
★Juazeiro (BA), 21/6/1949

O gol do título paulista de 1974 começou com Luís Pereira. Na entrada da grande área do Palmeiras, Luisão desarmou Rivelino, deixando-o sem pai, nem mãe. De Luís Pereira, o passe saiu para Jair Gonçalves e o maior zagueiro da história do Verdão completou a cena hilariante. Deu dois tapinhas na cabeça de Rivelino, como querendo avisá-lo que a quebra do jejum corintiano não poderia ser, por razões históricas, contra o Palmeiras. Luís Pereira foi o mais seguro jogador de defesa que passou pelo Parque Antártica. E o maior ídolo também. Nos anos 80, tempos de vacas magras, ele voltou para tentar ajudar o Verdão. Não conseguiu dar o título sonhado, mas diminuiu o sofrimento de alguns jogos, evitando goleadas e ainda marcando golzinhos lá na frente. Até 1984, quando falhou contra o Santos colocando para seu próprio gol um chute de Márcio Rossini que havia batido na trave. Talvez tenha sido sua primeira falha com a camisa do Palmeiras. Pois foi a última também. A diretoria tachou-o de velho, dispensou-o.

Títulos: brasileiro (1972/73), Robertão (1969), paulista (1972, 1974)
Outros clubes: São Bento, Atlético de Madrid-ESP, Flamengo, Portuguesa, Corinthians, Santo André, Central de Cotia, São Caetano

6º Djalma Santos

Lateral-direito (1958-68)
Djalma Santos
★São Paulo (SP), 27/2/1929

Nenhum outro jogador do Palmeiras vestiu a camisa da Seleção da Fifa. Foi depois da Copa do Mundo de 1962, a primeira vencida por Djalma como jogador do Verdão. De todo o time brasileiro, Djalma foi o único convocado. Pelo Palmeiras, ficou famoso tanto pelo que fazia com os pés, quanto pelo que produzia com as mãos. Eram famosos seus laterais cobrados a longas distâncias para cabeceios dos atacantes. Foi o mais vitorioso lateral-direito entre os que passaram pelo Parque Antártica.

Títulos: Taça Brasil (1960, 1967), Robertão (1967), paulista (1959, 1963, 1966), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Portuguesa, Atlético-PR

7º Romeu

Centroavante (1930-35 e 1947)
Romeu Pelicciari
★São Paulo (SP), 26/3/1911 †São Paulo (SP), 1971

Na maior goleada da história, contra o Corinthians, o Palmeiras marcou 8 x 0 e Romeu fez quatro. Nenhum outro palmeirense jamais marcou tantos gols contra o maior rival. Se Romeu Pelicciari não fosse um gênio, de toque refinado e gols espetaculares, que merecesse seu lugar na história por ser o principal símbolo do único tricampeonato da história palestrina, Romeu estaria por ter castigado tão severamente o Corinthians. É o sétimo, com méritos.

Títulos: paulista (1932/33/34)
Outros clubes: Fluminense

8º Edmundo

Atacante (1993-95)
Edmundo Alves de Souza Neto
★Niterói (RJ), 2/4/1971

Edmundo foi um caso de amor e ódio. Amado desde a chegada, em janeiro de 1993, na mais cara negociação entre dois clubes brasileiros, na época. Chegou jurando amor, saiu dois anos depois cuspindo ódio. Nenhum jogo foi tão marcante quanto um contra a Ferroviária, num sábado à tarde, no Parque Antártica. Os olhos de Edmundo brilhavam quando contava sobre uma proposta do Flamengo, que o faria jogar lado a lado com Romário. O sonho era ganhar a primeira Libertadores da história do Palmeiras. O time não respondia em campo. O 0 x 0 persistia até o finalzinho da partida, quando Edmundo deu um drible no zagueiro e bateu sem ângulo. O estádio explodiu aos gritos de "fica Edmundo, pra ser campeão do mundo". Ele bem podia ter ficado.

Títulos: brasileiro (1993/94), paulista (1993/94), Rio-São Paulo (1993)
Outros clubes: Vasco, Flamengo, Corinthians, Fiorentina-ITA

9º Jair

Meia (1950-56)
Jair Rosa Pinto
★Quatis (RJ), 21/3/1921

Jair era o capitão do Palmeiras na conquista da Copa Rio, em 1951, o título mundial que os palmeirenses reivindicam. Comandou a equipe no empate por 2 x 2 com a Juventus, que valeu o título. E ainda ajudou a colocar água no chope do tricampeonato estadual do São Paulo, em 1950.

Títulos: paulista (1950), Rio-São Paulo (1951), Copa Rio (1951)
Outros clubes: Madureira, Vasco, Flamengo, Santos, São Paulo, Ponte Preta

10º Heitor

Centroavante (1917-31)
Ettore Marcelino Domingues
★São Paulo (SP), 1898

Na sua época, era apontado como o grande rival de Friedenreich. Quer dizer que Heitor deve ter feito uns 1 200 gols, certo? A lenda até poderia ter produzido números desse tipo, mas não o fez. Heitor marcou mesmo 202 gols com a camisa do Verdão. Mas essa marca foi suficiente para torná-lo o maior goleador da história do clube, bem à frente de nomes como Leivinha, César, Mazzola, Artime, Evair... Os rivais de hoje dizem que o maior artilheiro do Palmeiras é um jogador inexpressivo para a história do futebol brasileiro? Pois foi no rebote de uma cabeçada sua que Friedenreich marcou o gol do título sul-americano de 1919.

Títulos: paulista (1920, 1926/27)
Outro clube: SC Americano

11º Evair

Centroavante (1991-94, 1999)
Evair Aparecido Paulino
★Ouro Fino (MG), 21/2/1965

Quando chegou, trocado com a Atalanta por Careca Bianchesi, houve quem dissesse que o Palmeiras estava fazendo mau negócio. Evair fez o gol do título de 1993, quebrando um jejum de 16 anos. Só por isso, já teria lugar cativo na história. Mas Evair fez muito mais. Ganhou dois brasileiros, dois paulistas e foi embora, ganhar dinheiro no futebol japonês. Mas voltou. Em 1999, para conquistar a Libertadores. Passou o ano inteiro quieto, sentado no banco de reservas, sem resmungar. E foi fundamental, mantendo em paz o ambiente da equipe. E, mais ainda, nos momentos em que jogou.

Títulos: Libertadores (1999), brasileiro (1993/94), paulista (1993/94), Rio-São Paulo (1993),
Outros clubes: Guarani, Atalanta-ITA, Yokohama Fluges-JAP, Atlético-MG, Vasco, Portuguesa, São Paulo

12º Mazzola

Centroavante (1957-58)
José João Altafini
★Piracicaba (SP), 24/7/1938

Durou pouco mais de um ano e meio a trajetória de Mazzola pelo Palmeiras, antes de se transferir para a Itália e encher os bolsos de liras. Mas, antes de partir, Mazzola precisou encher as redes dos goleiros brasileiros. O exercício de pegar os jornais da época e acompanhar jogo após jogo do Palmeiras é fascinante. Mazzola, depois Mazzola, depois Mazzola de novo. Não havia partida em que passasse em branco. Por isso, foi convocado para a Copa do Mundo de 1958 e rumou para o Milan aos 20 anos, coisa rara na época. Com o dinheiro, o Palmeiras montou o time campeão paulista de 1959.

Títulos: nenhum
Outros clubes: XV de Piracicaba, Milan-ITA, Juventus-ITA, Napoli-ITA

13º Leivinha

Meia-direita (1969-75)
João Leiva Filho
★Novo Horizonte (SP), 11/9/1949

Pelo alto, Leivinha era perfeito. Subia com estilo e cabeceava certeiro. Só um zagueiro conseguiu pará-lo pelo alto: o árbitro Armando Marques. Em 1971, Marques marcou toque de mão em uma cabeçada legal, na decisão do Paulistão, contra o São Paulo — o Tricolor ganhou aquela. Por baixo, Leivinha era ainda melhor. Tocava de primeira, envolvia os adversários, chegava com velocidade à grande área para finalizar. O zagueiro que conseguiu pará-lo? Ele mesmo, que, sem preparo físico, deixou sua carreira acabar muito antes do que poderia. Em 79, aos 30 anos, já estava no fim. Aí, escolheu o clube certo para atrapalhar: o São Paulo. outro motivo para entrar na lista.

Títulos: brasileiro (1972/73), Robertão (1969), paulista (1972, 1974)
Outros clubes: Linense, Portuguesa, Atlético de Madrid-ESP, São Paulo

8º: Edmundo não ouviu os gritos da galera

11º: Evair fez o gol do fim da agonia

FOTOS RICARDO CORRÊA

2º Julinho

Ponta-direita (1959-67)
Júlio Botelho
★São Paulo (SP), 29/7/1929

Se não houvesse Garrincha, Julinho seria certamente um mito reconhecido até hoje como o maior número 7 da história do futebol brasileiro. Como é no Palmeiras, por exemplo. Julinho chegou ao Parque Antártica em 1959, depois de se consagrar na Itália, onde deu um título nacional à Fiorentina! Voltar era ponto de honra para poder jogar pela Seleção Brasileira, já que Julinho achava absurdo aceitar convocações pertencendo a um clube que o fazia jogar do outro lado do mundo. Em 1958, às vésperas da Copa do Mundo, recusou a convocação de Vicente Feola, justificando que não queria roubar lugar de um colega que jogasse dentro do Brasil. Em 1959, retornou ao time nacional em uma partida contra a Inglaterra, no Maracanã. E encarou a maior vaia da história do estádio ao ser anunciado no lugar de Garrincha. No final da partida, depois de uma atuação memorável e dois gols, Julinho saiu aplaudidíssimo. Dribles como Garrincha ele não exibia. Mas era de uma objetividade incrível. Por isso, ganhou tanto pelo Palmeiras.

Títulos: Taça Brasil (1960, 1967), Robertão (1967), paulista (1959, 1963, 1966), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Portuguesa, Fiorentina-ITA

2º: Julinho ganhou três paulistas

3º Oberdan

Goleiro (1940-56)
Oberdan Cattani
★Sorocaba (SP), 12/6/1919

Para que servem essas mãos? Oberdan Cattani nunca teve vocação para lobo mau, mas foram muitas as vezes em que se viu obrigado a responder perguntas sobre o tamanho de suas mãos. Foram elas, afinal, responsáveis por salvar o Palmeiras muitas vezes, nos anos 40 e início dos 50. "É verdade que o senhor saía do gol com uma mão só?", é a questão mais endereçada a Oberdan em toda a sua vida. É verdade, como comprovam as fotos de suas atuações. Saía na cabeça de atacantes como Leônidas, o Diamante Negro, do São Paulo, o grande nome da época. Oberdan participou do primeiro jogo do Palmeiras com o nome atual e culpa até hoje o São Paulo pela mudança de nome. "Eles queriam nos roubar o Parque Antártica", lembra Oberdan. Do Palmeiras, que freqüenta até hoje, só guarda duas mágoas. Uma do presidente Pascoal Giuliano, que, nos anos 50, lhe fechou as portas e obrigou-o a encerrar a carreira no Juventus. Outra da diretoria de hoje, que não muda o estatuto, pelo qual é proibido erguer bustos para jogadores que um dia enfrentaram o clube. Oberdan jogou pelo Juventus, contra o Palmeiras. Por isso, seu sonho está vetado. Nos jardins do Parque Antártica, só Ademir da Guia, Junqueira e Waldemar Fiúme. Oberdan, só passeando, ainda vivo.

Títulos: paulista (1942, 1944, 1947, 1950), Copa Rio (1951), Rio-São Paulo (1951)
Outro clube: Juventus

DIÁRIOS ASSOCIADOS

3º: Oberdan saía do gol só com uma mão

4º Waldemar Fiúme

Quarto-zagueiro e volante (1942-58)
Waldemar Fiúme
★São Paulo (SP), 12/10/1922 †São Paulo (SP), 6/11/1996

De tanto fazer pelo Palmeiras, Fiúme virou estátua de bronze, exposta nos jardins de entrada do clube, na zona oeste de São Paulo. Ele foi mesmo tudo no Verdão. Começou como meia-direita, nos anos 40, formando o ataque do primeiro Palmeiras campeão — com o nome atual — ao lado de Cláudio Christovam do Pinho, Villadoniga, Lima e Etchevarrieta. Passou ao meio-de-campo, nos tempos da Copa Rio, início dos anos 50. No fim de carreira, lá por 1958, estava já na quarta-zaga. Sempre com a mesma categoria. Foi por isso que recebeu o apelido de Pai da Bola e está na lista em quarto lugar, à frente de mitos como Luís Pereira.

Títulos: paulista (1942, 1944, 1947, 1950), Rio-São Paulo (1951), Copa Rio (1951)
Outros clubes: nenhum

5º Luís Pereira

Zagueiro (1968-75 e 1981-84)
Luís Edmundo Pereira
★Juazeiro (BA), 21/6/1949

O gol do título paulista de 1974 começou com Luís Pereira. Na entrada da grande área do Palmeiras, Luisão desarmou Rivelino, deixando-o sem pai, nem mãe. De Luís Pereira, o passe saiu para Jair Gonçalves e o maior zagueiro da história do Verdão completou a cena hilariante. Deu dois tapinhas na cabeça de Rivelino, como querendo avisá-lo que a quebra do jejum corintiano não poderia ser, por razões históricas, contra o Palmeiras. Luís Pereira foi o mais seguro jogador de defesa que passou pelo Parque Antártica. E o maior ídolo também. Nos anos 80, tempos de vacas magras, ele voltou para tentar ajudar o Verdão. Não conseguiu dar o título sonhado, mas diminuiu o sofrimento de alguns jogos, evitando goleadas e ainda marcando golzinhos lá na frente. Até 1984, quando falhou contra o Santos colocando para seu próprio gol um chute de Márcio Rossini que havia batido na trave. Talvez tenha sido sua primeira falha com a camisa do Palmeiras. Pois foi a última também. A diretoria tachou-o de velho, dispensou-o.

Títulos: brasileiro (1972/73), Robertão (1969), paulista (1972, 1974)
Outros clubes: São Bento, Atlético de Madrid-ESP, Flamengo, Portuguesa, Corinthians, Santo André, Central de Cotia, São Caetano

6º Djalma Santos

Lateral-direito (1958-68)
Djalma Santos
★São Paulo (SP), 27/2/1929

Nenhum outro jogador do Palmeiras vestiu a camisa da Seleção da Fifa. Foi depois da Copa do Mundo de 1962, a primeira vencida por Djalma como jogador do Verdão. De todo o time brasileiro, Djalma foi o único convocado. Pelo Palmeiras, ficou famoso tanto pelo que fazia com os pés, quanto pelo que produzia com as mãos. Eram famosos seus laterais cobrados a longas distâncias para cabeceios dos atacantes. Foi o mais vitorioso lateral-direito entre os que passaram pelo Parque Antártica.

Títulos: Taça Brasil (1960, 1967), Robertão (1967), paulista (1959, 1963, 1966), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Portuguesa, Atlético-PR

7º Romeu

Centroavante (1930-35 e 1947)
Romeu Pelicciari
★São Paulo (SP), 26/3/1911 †São Paulo (SP), 1971

Na maior goleada da história, contra o Corinthians, o Palmeiras marcou 8 x 0 e Romeu fez quatro. Nenhum outro palmeirense jamais marcou tantos gols contra o maior rival. Se Romeu Pelicciari não fosse um gênio, de toque refinado e gols espetaculares, que merecesse seu lugar na história por ser o principal símbolo do único tricampeonato da história palestrina, Romeu estaria por ter castigado tão severamente o Corinthians. É o sétimo, com méritos.

Títulos: paulista (1932/33/34)
Outros clubes: Fluminense

8º Edmundo

Atacante (1993-95)
Edmundo Alves de Souza Neto
★Niterói (RJ), 2/4/1971

Edmundo foi um caso de amor e ódio. Amado desde a chegada, em janeiro de 1993, na mais cara negociação entre dois clubes brasileiros, na época. Chegou jurando amor, saiu dois anos depois cuspindo ódio. Nenhum jogo foi tão marcante quanto um contra a Ferroviária, num sábado à tarde, no Parque Antártica. Os olhos de Edmundo brilhavam quando contava sobre uma proposta do Flamengo, que o faria jogar lado a lado com Romário. O sonho era ganhar a primeira Libertadores da história do Palmeiras. O time não respondia em campo. O 0 x 0 persistia até o finalzinho da partida, quando Edmundo deu um drible no zagueiro e bateu sem ângulo. O estádio explodiu aos gritos de "fica Edmundo, pra ser campeão do mundo". Ele bem podia ter ficado.

Títulos: brasileiro (1993/94), paulista (1993/94), Rio-São Paulo (1993)
Outros clubes: Vasco, Flamengo, Corinthians, Fiorentina-ITA

9º Jair

Meia (1950-56)
Jair Rosa Pinto
★Quatis (RJ), 21/3/1921

Jair era o capitão do Palmeiras na conquista da Copa Rio, em 1951, o título mundial que os palmeirenses reivindicam. Comandou a equipe no empate por 2 x 2 com a Juventus, que valeu o título. E ainda ajudou a colocar água no chope do tricampeonato estadual do São Paulo, em 1950.

Títulos: paulista (1950), Rio-São Paulo (1951), Copa Rio (1951)
Outros clubes: Madureira, Vasco, Flamengo, Santos, São Paulo, Ponte Preta

10º Heitor

Centroavante (1917-31)
Ettore Marcelino Domingues
★São Paulo (SP), 1898

Na sua época, era apontado como o grande rival de Friedenreich. Quer dizer que Heitor deve ter feito uns 1 200 gols, certo? A lenda até poderia ter produzido números desse tipo, mas não o fez. Heitor marcou mesmo 202 gols com a camisa do Verdão. Mas essa marca foi suficiente para torná-lo o maior goleador da história do clube, bem à frente de nomes como Leivinha, César, Mazzola, Artime, Evair... Os rivais de hoje dizem que o maior artilheiro do Palmeiras é um jogador inexpressivo para a história do futebol brasileiro? Pois foi no rebote de uma cabeçada sua que Friedenreich marcou o gol do título sul-americano de 1919.

Títulos: paulista (1920, 1926/27)
Outro clube: SC Americano

11º Evair

Centroavante (1991-94, 1999)
Evair Aparecido Paulino
★Ouro Fino (MG), 21/2/1965

Quando chegou, trocado com a Atalanta por Careca Bianchesi, houve quem dissesse que o Palmeiras estava fazendo mau negócio. Evair fez o gol do título de 1993, quebrando um jejum de 16 anos. Só por isso, já teria lugar cativo na história. Mas Evair fez muito mais. Ganhou dois brasileiros, dois paulistas e foi embora, ganhar dinheiro no futebol japonês. Mas voltou. Em 1999, para conquistar a Libertadores. Passou o ano inteiro quieto, sentado no banco de reservas, sem resmungar. E foi fundamental, mantendo em paz o ambiente da equipe. E, mais ainda, nos momentos em que jogou.

Títulos: Libertadores (1999), brasileiro (1993/94), paulista (1993/94), Rio-São Paulo (1993),
Outros clubes: Guarani, Atalanta-ITA, Yokohama Fluges-JAP, Atlético-MG, Vasco, Portuguesa, São Paulo

12º Mazzola

Centroavante (1957-58)
José João Altafini
★Piracicaba (SP), 24/7/1938

Durou pouco mais de um ano e meio a trajetória de Mazzola pelo Palmeiras, antes de se transferir para a Itália e encher os bolsos de liras. Mas, antes de partir, Mazzola precisou encher as redes dos goleiros brasileiros. O exercício de pegar os jornais da época e acompanhar jogo após jogo do Palmeiras é fascinante. Mazzola, depois Mazzola, depois Mazzola de novo. Não havia partida em que passasse em branco. Por isso, foi convocado para a Copa do Mundo de 1958 e rumou para o Milan aos 20 anos, coisa rara na época. Com o dinheiro, o Palmeiras montou o time campeão paulista de 1959.

Títulos: nenhum
Outros clubes: XV de Piracicaba, Milan-ITA, Juventus-ITA, Napoli-ITA

13º Leivinha

Meia-direita (1969-75)
João Leiva Filho
★Novo Horizonte (SP), 11/9/1949

Pelo alto, Leivinha era perfeito. Subia com estilo e cabeceava certeiro. Só um zagueiro conseguiu pará-lo pelo alto: o árbitro Armando Marques. Em 1971, Marques marcou toque de mão em uma cabeçada legal, na decisão do Paulistão, contra o São Paulo — o Tricolor ganhou aquela. Por baixo, Leivinha era ainda melhor. Tocava de primeira, envolvia os adversários, chegava com velocidade à grande área para finalizar. O zagueiro que conseguiu pará-lo? Ele mesmo, que, sem preparo físico, deixou sua carreira acabar muito antes do que poderia. Em 79, aos 30 anos, já estava no fim. Aí, escolheu o clube certo para atrapalhar: o São Paulo. outro motivo para entrar na lista.

Títulos: brasileiro (1972/73), Robertão (1969), paulista (1972, 1974)
Outros clubes: Linense, Portuguesa, Atlético de Madrid-ESP, São Paulo

8º: Edmundo não ouviu os gritos da galera

FOTOS RICARDO CORRÊA

11º: Evair fez o gol do fim da agonia

14º Leão

Goleiro (1969-78 e 1984-86)
Émerson Leão
★Ribeirão Preto (SP), 11/7/1949

Nunca Leão falhou em um único gol que fosse. Pelo menos não na sua opinião pessoal. Na dos críticos, dá para lembrar alguns equívocos do goleiro do Verdão. Uma falha em um chute de longe de Roberto Dias, um erro na saída em um gol de Peri, para o Internacional, em 1978... Por esses erros, normais para qualquer grande goleiro, mas porque Leão sempre fazia questão de apontar outro culpado, ele jamais conseguiu superar Oberdan Cattani. Mas é o segundo melhor goleiro da história do Verdão. Com justiça.

Títulos: paulista (1972, 1974, 1976), brasileiro (1972/73), Robertão (1969)
Outros clubes: Comercial, São José, Vasco, Grêmio, Corinthians, Sport

RONALDO KOTSCHO

14º: Leão escolhia seus culpados

15º Rodrigues

Ponta-esquerda (1949-55)
Francisco Rodrigues
★Rio de Janeiro (RJ), 27/6/1925 †São Paulo (SP), 30/10/1988

Sua maior qualidade era a patada na perna esquerda, uma bomba com a qual cansou de marcar gols decisivos. Chegou em 1949, meses antes de se juntar à Seleção Brasileira que perderia a Copa do Mundo de 1950. Mas Rodrigues se redimiu pessoalmente conquistando a Copa Rio, o mundial de clubes jogado no Rio de Janeiro, em 1951.

Títulos: paulista (1950), Rio-São Paulo (1951), Copa Rio (1951)
Outros clubes: Ypiranga, Fluminense, Botafogo, Juventus

RICARDO CORRÊA

16º: Rivaldo era criticado no Verdão

16º Rivaldo

Meia (1994-96)
Rivaldo Vítor Borba Ferreira
★Recife (PE), 19/4/1972

A frase mais ouvida nas arquibancadas do Parque Antártica, quando Rivaldo jogava lá, era: "Solta a bola, Rivaldo!" Não que o craque pernambucano fosse perdulário com a bola nos pés. Mas muitos achavam que ele prendia demais, principalmente no time de 1996, veloz demais nos pés de Müller e Djalminha. Só por isso o melhor jogador do planeta em 1999 não conseguiu ir além do 16º lugar na relação dos melhrores palmeirenses da história. Porque Rivaldo marcou época e, entre outras coisas, fez o gol do título brasileiro de 1994.

Títulos: paulista (1996), brasileiro (1994)
Outros clubes: Santa Cruz, Mogi Mirim, Corinthians, La Coruña-ESP, Barcelona-ESP

17º Jorge Mendonça

Meia-direita (1975-80)
Jorge Pinto Mendonça
★Silva Jardim (SP), 6/6/1954

Durante os 16 anos de fila do Palmeiras, o nome de Jorge Mendonça estava num santuário. Havia sido ele, numa partida contra o XV de Piracicaba, em 1976, o autor do gol da última conquista. De cabeça, ele encobriu o goleiro Doná, do XV, e saiu para festejar. Nos anos seguintes, ficou marcado por lindos gols, como dois de falta, iguaizinhos, contra o Corinthians, em 1978, e por chegar estrategicamente um segundo atrasado a cada bola dividida. A fama de pipoqueiro e de ir para noitadas provocou brigas com o técnico Telê Santana. E Jorge Mendonça foi para o Vasco.

Títulos: paulista (1976)
Outros clubes: Bangu, Náutico, Vasco, Guarani, Ponte Preta, Rio Branco-ES, Colorado-PR

18º César Sampaio

Volante (1991-94 e desde 1999)
Carlos César Sampaio Campos
★São Paulo (SP), 31/3/1968

Se Jair Rosa Pinto entra na lista por ser o capitão da Copa Rio, que nem reconhecida é, o capitão da Libertadores 99 também tem de estar na lista. Sampaio também era o capitão nas conquistas do Paulista e Brasileiro, de 1993/94, quando o Verdão voltou a ser um papão de títulos. Chegou trocado com o Santos, por Ranielli e Serginho Fraldinha. Poucas vezes o Palmeiras se deu tão bem num negócio.

Títulos: paulista (1993/94), brasileiro (1993/94), Rio-São Paulo (1993), Libertadores (1999)
Outros clubes: Santos, Yokohama Flugels-JAP

19º Alex

Meia (desde 1997)
Alexsandro de Souza
★Curitiba (PR), 14/9/1977

Dizem até hoje que ele dorme demais e que por isso não é um jogador decisivo. Só que Alex é gênio, como mostrou, por exemplo, nas semifinais da Libertadores 99, quando aniquilou o River Plate, com dois gols de placa. Se o Palmeiras não tivesse Alex, talvez não tivesse chegado nem à decisão da Taça Libertadores. Aquela é uma das 50 maiores atuações de um jogador com a camisa do Palmeiras. Então, Alex é um dos 50 maiores.

Títulos: Copa do Brasil (1998), Mercosul (1998), Libertadores (1999)
Outros clubes: Coritiba

20º Valdir

Goleiro (1958-69)
Valdir Joaquim de Moraes
★Porto Alegre (RS), 23/11/1931

Valdir não podia mesmo ser o maior goleiro da história do Palmeiras. Era baixinho demais, muito menor do que Oberdan e Leão. Podia ser o melhor, mas a estatura atrapalhou bastante. Valdir tinha que jogar o triplo dos demais para aparecer o mesmo. E aparecia. Foi à Seleção Brasileira e ocupou o posto de titular do Verdão por dez anos.

Títulos: paulista (1959, 1963, 1966), Taça Brasil (1960, 1967), Rio-São Paulo (1965), Robertão (1967 e 1969), Rio-São Paulo (2000)
Outros clubes: Renner-RS

21º Chinesinho

Meia-esquerda (1958-62)
Sidney Colonia Cunha
★Rio Grande (RS), 15/9/1935

Era o mais brilhante jogador da campanha do Verdão no Supercampeonato de 1959. E foi ele quem comandou a equipe na vitória por 2 x 1 sobre o Santos, apesar de o gol da vitória ter sido marcado pelo ponta-esquerda Romeiro. Contra Chinesinho, pesa apenas o fato de ter jogado pouco tempo no Parque Antártica. Em seguida, foi para a Itália.

Títulos: paulista (1959), Taça Brasil (1960)
Outros clubes: Internacional, Lanerossi-ITA, Modena-ITA, Catania-ITA, Juventus-ITA

22º Dudu

Volante (1962-75)
Olegário Tolói de Oliveira
★Araraquara (RS), 7/11/1939

Rivelino chutou a falta da entrada da área, na final do Paulistão-74. A bola explodiu em Dudu e o capitão do Palmeiras caiu. Desmaiado, foi retirado de campo, onde passou alguns minutos. Levantou-se e caminhou de novo ao campo para marcar Rivelino. Se não bastasse isso, o Palmeiras venceu e impediu a quebra do jejum de títulos do Corinthians, que já chegava a 20 anos. O herói Dudu entrou na história pela raça, registrada em cenas como essa.

Títulos: paulista (1963, 1966, 1972, 1974), brasileiro (1972/73), Taça Brasil (1967), Robertão (1967, 1969), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Ferroviária

23º Roberto Carlos

Lateral-esquerdo (1993-95)
Roberto Carlos da Silva
★Garça (SP), 10/4/1973

Dizem que é mascarado e por isso até perdeu um pênalti na decisão do Campeonato Paulista de 1995, contra o Corinthians. Roberto Carlos até podia ser mascarado. Afinal, de 1982, quando Pedrinho saiu do Palmeiras para o Vasco, o Palmeiras teve laterais como Paulo Roberto, Abelardo, Renato Martins, Denys, Dida... Se juntar todos, não dá um Roberto Carlos.

Títulos: paulista (1993/94), brasileiro (1993/94), Rio-São Paulo (1993)
Outros clubes: União São João, Internazionale-ITA, Real Madrid-ESP

24º César

Centroavante (1965-74)
César Augusto da Silva Lemos
★Niterói (RJ), 17/5/1945

Maluco era tentar marcá-lo. Mas Maluco era também o apelido dado pela torcida ao estilo sem compromisso com que César exercia sua profissão. Fazia tantos gols quanto arrumava encrencas.

Títulos: paulista (1966, 1972, 1974), brasileiro (1972/73), Robertão (1967 e 1969), Taça Brasil (1967)
Outros clubes: Flamengo, Corinthians, Canto do Rio, Santos, Fluminense-BA, Botafogo-SP, Rio Negro-AM, Universidad Católica-CHI, Salonica-GRE

25º Zinho

Meia (1992-94 e 1997-99)
Crizam César de Oliveira Filho
★Rio de Janeiro (RJ), 17/6/1967

O gol do título paulista de 1993 foi de Evair, mas nenhum palmeirense esquece o marcado por Zinho, que abriu a goleada por 4 x 0 sobre o Corinthians. Zinho recebeu na meia direita, de pé direito. Tudo desfavorável. Chutou. A bola tocou a mão do goleiro Ronaldo, a trave direita. E gol! Graças a Zinho, o sofrimento acabou mais cedo, aos 38 minutos do primeiro tempo.

Títulos: paulista (1993/94), brasileiro (1993/94), Rio-São Paulo (1993), Copa do Brasil (1998), Mercosul (1998), Libertadores (1999)
Outros clubes: Flamengo, Yokohama Flugels-JAP, Grêmio

26º Mazinho

Meia (1992-94)
Iomar do Nascimento
★Santa Rita (PB), 8/4/1966

Diziam que o segredo daquele time bicampeão brasileiro em 1993/94 era César Sampaio. Não era. O pé silencioso, que tocava todas as bolas e armava todas as jogadas era o de Mazinho. Seu ponto mais alto foi uma partida contra o Boca Juniors, no Parque Antártica. Fez de tudo, até chutar uma bola na trave. Carlos Alberto Parreira estava no estádio e levou-o de lá para a Copa do Mundo dos Estados Unidos.

Títulos: paulista (1993/94), brasileiro (1993/94), Rio-São Paulo (1993)
Outros clubes: Vasco, Lecce-ITA, Fiorentina-ITA, Valencia-ESP, Celta-ESP

27º Tupãzinho

Centroavante (1963-69)
José Hernani da Rosa
★Bagé (RS), 17/10/1939 †São Paulo (SP), 18/2/1986

O clube soube o momento certo de contratá-lo e de dispensá-lo. Em 1969, quando já não agüentava mais as pernas, foi trocado pelo lateral-esquerdo Zeca, do Grêmio. Tupãzinho sucumbiu em Porto Alegre e Zeca foi titular do Verdão por seis anos.

Títulos: paulista (1963 e 1966), Taça Brasil (1967), Robertão (1967), Rio-São Paulo (1965)
Outros clubes: Grêmio, Bagé, Guarani de Bagé, Nacional-AM

28º Vavá

Centroavante (1962-63)
Edwaldo Izídio Netto
★Recife (PE), 12/11/1934

Quem vai à arquibancada do Parque Antártica pensando encontrar *tutti buona gente* se surpreende ao ouvir um sotaque arretado. Herança dos tempos de Vavá, os pernambucanos de São Paulo são, em grande parte, ferrenhos torcedores do Palmeiras. Vavá jogou pouco tempo e conquistou só um título, o paulista de 1963.

Títulos: paulista (1963)
Outros clubes: Vasco, Atlético de Madrid-ESP, Toros-ESP, América-MEX, San Diego-EUA

29º Velloso

Goleiro (1989-99)
Wagner Fernando Velloso
★Araras (SP), 22/9/1968

Ele entrou no time titular meio por acaso, depois de lesões de Zetti e Ivan, os titulares no final dos anos 80. Não saiu mais, exceto depois de uma crise técnica, em 1991, e de uma lesão, em 1993. Verdade que sempre havia um chato de plantão pronto para pedir o reserva a cada vez que Velloso vacilava. Mas foram dez anos pelo Palmeiras. Ele tem mais jogos do que Oberdan Cattani e é o quarto goleiro na lista histórica.

Títulos: Libertadores (1999), Mercosul (1998), brasileiro (1994), Copa do Brasil (1998), paulista (1993/94 e 1996)
Outros clubes: União São João, Santos, Atlético-MG

FOTOS ALEXANDRE BATTIBUGLI

19º: Alex é um gênio acusado de sonolento

30º Marcos

Goleiro (desde 1995)
Marcos Roberto Silveira Reis
★Oriente (SP), 3/7/1974

Marcos entrou na equipe depois que um chato pediu a saída de Velloso. Velloso estava machucado e ficou de fora de alguns jogos da Libertadores para Marcos jogar. Aí, Marcos virou santo, pegando pênaltis contra o Corinthians, nas quartas-de-final, e contra o Deportivo Cali, na final. Em 2000, na semifinal contra o Timão. A torcida sempre estará lhe devendo.

Títulos: Libertadores (1999), Copa do Brasil (1998), Mercosul (1998), paulista (1996), Rio-São Paulo (2000)
Outros clubes: nenhum

25º: Zinho e seu gol estão no coração

31º Djalminha
Meia (1996)
Djalma Feitosa Dias
★Santos (SP), 9/12/1970
Os primeiros seis meses foram avassaladores e Djalminha fazia golaço até de pênalti. A torcida respondia com um coro peculiar: "Uh! Djalminha!" Aí, o time campeão paulista dos 102 gols se desfez e Luxemburgo arrumou o apelido de "craque-celular" para Djalminha ("Quando mais se precisa dele, não funciona"). Se não fosse assim, teria um lugar mais nobre na história do Verdão.

Títulos: paulista (1996)
Outros clubes: Flamengo, Guarani, Verdy Kawasaki-JAP, La Coruña-ESP

32º Lima
Meia (1938-54)
Eduardo Lima
★São Paulo (SP), 22/8/1920
Era apelidado Garoto de Ouro pelas grandes partidas que realizou. Aos 22 anos, viveu a transformação de Palestra Itália para Palmeiras jogando pela meia esquerda, junto com craques como Villadoniga, Echevarrieta, Cláudio e Valdemar Fiúme. O Garoto de Ouro fez uma trajetória dourada no Parque Antártica, Merece estar entre os 50 melhores.

Títulos: paulista (1940, 1942, 1944, 1947, 1950), Copa Rio (1951)
Outros clubes: nenhum

J. B. SCALCO

34º: Jorginho só ganhou a fama de pé-frio

33º Edu
Ponta-direita (1969-77)
Carlos Eduardo da Silva
★São Paulo (SP), 25/10/1948
Ele não era lá muito inteligente. Mas tinha sua importância. Quando Ademir queria colocar velocidade no jogo, era para Edu que a bola era endereçada. E Edu jogou no Palmeiras durante toda a fase dourada dos anos 70. Depois, quando o calo começou a apertar, foi para o São Paulo, e até ajudou a matar o Palmeiras certa vez, dando dois passes para gols de Serginho Chulapa.

Títulos: brasileiro (1972/73), paulista (1972, 1974, 1976)
Outros clubes: Portuguesa, São Paulo, Nacional-SP

AE

38º: Djalma Dias, a classe em pessoa

34º Jorginho
Meia (1979-87)
Jorge Antônio Puttinatti
★Marília (SP), 23/8/1959
Ele foi o símbolo das vacas magras do Verdão. Em oito anos, não ganhou nem Torneio Início e ficou com fama de azarado. Chegou do Marília em 1979, onde havia conquistado o primeiro – e único – título de sua carreira, a Taça São Paulo de Juniores. Saiu do Verdão oito anos depois, após perder a final do Paulistão para a Inter de Limeira! Para sorte do Verdão, nunca foi o capitão, senão o Palmeiras não ganharia nem cara ou coroa. Ficou com fama de pé-frio, mas jogava muito e foi o ídolo de uma geração de palmeirenses.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Marília, Corinthians, Fluminense, Grêmio, Santos, Nagoya Grampus Eight-JAP

35º Eurico
Lateral-direito (1969-75)
Eurico Pedro de Faria
★Uberlândia (MG), 3/4/1948
Era o dono da lateral direita e só teve um pecado em toda a sua passagem pelo Palmeiras: não estava na final de 1974, contra o Corinthians, por suspensão. Mas era uma segurança jogando contra os grandes pontas-esquerdas de sua época. E ainda ia bem ao ataque.

Títulos: brasileiro (1972/73), paulista (1972, 1974, 1976)
Outros clubes: Botafogo-SP, Grêmio

36º Toninho
Centroavante (1976-79)
Antônio Fernandes Quintino
★Florianópolis (SC), 27/10/1952
Os rivais até diziam que Toninho não sabia jogar, o que de fato não era uma mentira absoluta. Mas Toninho tinha um raro talento para marcar gols. Fazia como quem bebe um copo d'água e, por isso, cativou a torcida palmeirense. Foi apelidado por alguns de Toninho Catarina, por ter vindo de Santa Catarina. Não ficou na história como um dos melhores por ter passado pouco tempo no Parque.

Títulos: paulista (1976)
Outros clubes: Avaí, Figueirense, América-MEX, Corinthians

37º Mirandinha
Centroavante (1985-87 e 1989-90)
Francisco Ernandi Lima da Silva
★Chaval (CE), 2/7/1959
Era tido como fominha, mas durante sua passagem pelo Parque Antártica cansou de fazer gols. O problema é que teve desentendimentos com Edmar, o outro centroavante da campanha do Paulistão 86, e isso dividiu o elenco. Esse foi um dos motivos da derrota para a Inter de Limeira.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras de São João da Boa Vista, Ponte Preta, Botafogo, Náutico, Portuguesa, Santos, Cruzeiro, Newcastle-ING, Corinthians

38º Djalma Dias
Zagueiro (1963-65)
Djalma Pereira Dias Júnior
★Rio de Janeiro (RJ), 21/8/1939 †Rio de Janeiro (RJ), 2/5/1990
Um dos beques mais clássicos da história do Verdão, passou pelo Parque Antártica por dois anos e saiu brigado, requisitando seu passe. Seu caso provocou a mudança da legislação a respeito da relação entre clubes e jogadores de futebol.

Títulos: paulista (1963)
Outros clubes: América-RJ, Atlético-MG, Santos, Botafogo

39º Ronaldo
Centroavante (1972-75)
Ronaldo Gonçalves Drumond
★Belo Horizonte (MG), 2/8/1946
O autor do gol que calou o Morumbi na final de 1974, contra o Corinthians. Ronaldo aproveitou o passe de cabeça de Leivinha e fuzilou o goleiro Buttice. No mesmo momento em que a bola entrou no gol, Ronaldo entrou na história verde. E só por isso.

Títulos: brasileiro (1972/73), paulista (1972 e 1974)
Outros clubes: Cruzeiro, Atlético-MG

40º Vágner
Zagueiro (1983-1987)
Vágner de Araújo Antunes
★Rio de Janeiro (RJ), 11/12/1954 †Curitiba (PR), 20/4/1990
Talvez tenha sido o melhor negócio da história do Palmeiras. Não por sua chegada, um tanto questionada no início, mas porque o Verdão conseguiu envolver o centroavante Reginaldo na negociação. Vágner jogou de lateral-direito, volante, lateral-esquerdo, até se firmar na quarta-zaga, onde foi uma segurança por quatro anos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Cruzeiro, Botafogo, Joinville, Internacional

41º Antônio Carlos
Zagueiro (1993-95)
Antônio Carlos Zago
★Presidente Prudente (SP), 18/5/1969
A melhor coisa dos dois anos que passou no Parque Antártica foi irritar os são-paulinos, que acusavam a Parmalat de golpe por ter contratado o jogador apenas seis meses depois de sua venda ao modesto Albacete, da Espanha. Por isso, quando vendeu Cafu, o São Paulo colocou uma cláusula na negociação avisando sobre a proibição de repassar o jogador ao Palmeiras menos de um ano depois. Não adiantou.

Títulos: brasileiro (1993/94), paulista (1993/94), Rio-São Paulo (1993)
Outros clubes: São Paulo, Albacete-ESP, Kashiwa Reysol-JAP, Corinthians, Roma-ITA

42º Nei
Ponta-esquerda (1969-79)
Elias Ferreira Sobrinho
★Nova Europa (SP), 15/8/1949
Era veloz e habilidoso e só não foi eleito nenhuma vez o maior ponta da história do Verdão porque Rodrigues Tatu foi um fenômeno. Toda a geração que acompanhou o Palmeiras dos anos 70 lembra com carinho dos duelos com Forlan, do São Paulo. Nei diz que sofria mais por causa de César, que provocava o uruguaio e ia jogar do outro lado. Nei, ponta fixo, tinha de aturar a ira do lateral o jogo inteiro.

Títulos: brasileiro (1972/73), paulista (1972, 1974, 1976)
Outros clubes: Ferroviária

43º Edu Manga
Meia-esquerda (1985-89)
Eduardo Antônio dos Santos
★Osasco (SP), 2/2/1967
O último ídolo da fase do jejum, foi o herdeiro de Jorginho no coração da torcida. E, como bom herdeiro, só ganhou o primeiro turno do Paulistão 87, que não garantia lugar nem nas finais. Caiu rápido, culpa da bebida.

Títulos: nenhum
Outros clubes: América-MEX, Corinthians, Rio Branco

44º Júnior
Lateral-esquerdo (desde 1995)
Jenílson Ângelo de Souza
★Santo Antônio de Jesus (BA), 20/6/1973
Quando Roberto Carlos deixou o Parque Antártica, muitos pensaram que se abriria uma larga avenida na lateral esquerda palestrina. Mas Júnior chegou de Salvador para salvar a pátria. Com extrema habilidade, joga não só no corredor da lateral, mas onde quer que seja necessário. Um grande jogador às vezes subestimado.

Títulos: Libertadores (1999), Mercosul (1998), Copa do Brasil (1998), Rio-São Paulo (2000)
Outro clube: Vitória

45º Pedrinho
Lateral-esquerdo (1977-82)
Pedro Luís Vicençote
★Santo André (SP), 22/10/1957
No Paulistão de 1981, o artilheiro do time foi o lateral-esquerdo. Quem era? Pedrinho, autor de meia dúzia de gols. Só? Pois é, os tempos eram difíceis, mas Pedrinho era o único capaz de livrar a cara do Verdão, junto com Luís Pereira. Só que Pedrinho cansou rápido de ser uma única andorinha no Parque Antártica e rumou para o Vasco. Hoje, é empresário de Edmundo.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, Catania-ITA, Bangu

46º Humberto
Centroavante (1952-56)
Humberto Barbosa Tozzi
★São João do Meriti (RJ), 4/2/1934 †Rio de Janeiro (RJ), 17/4/1980
Descoberto no São Cristóvão, era um centroavante do tipo trombador, de técnica limitada. Foi artilheiro do Paulistão 54 e em seguida vendido à Lazio, da Itália.

Títulos: Taça Brasil (1960)
Outros clubes: São Cristóvão, Lazio-ITA, Fluminense, Portuguesa

47º Imparato
Ponta-esquerda (1926-35)
Luiz Imparato
★ São Paulo (SP)
Ponta-esquerda legendário da história palestrina, foi tricampeão paulista na única vez em que o Palmeiras conseguiu tal feito. Não era um driblador nato, mas marcava muitos gols graças a seu bom chute.

Títulos: paulista (1926/27, 1932/33/34)
Outros clubes: nenhum

48º Bianco
Zagueiro
Bianco Spartaco Gambini
★ São Paulo (SP)
Foi o autor do primeiro gol do Palestra Itália, em uma partida contra o Savóia, de Votorantim, em 1915. Zagueiro do tipo que não aceita brincadeira, jamais perdia bolas divididas facilmente.

Títulos: paulista (1920, 1926/27)
Outros clubes: nenhum

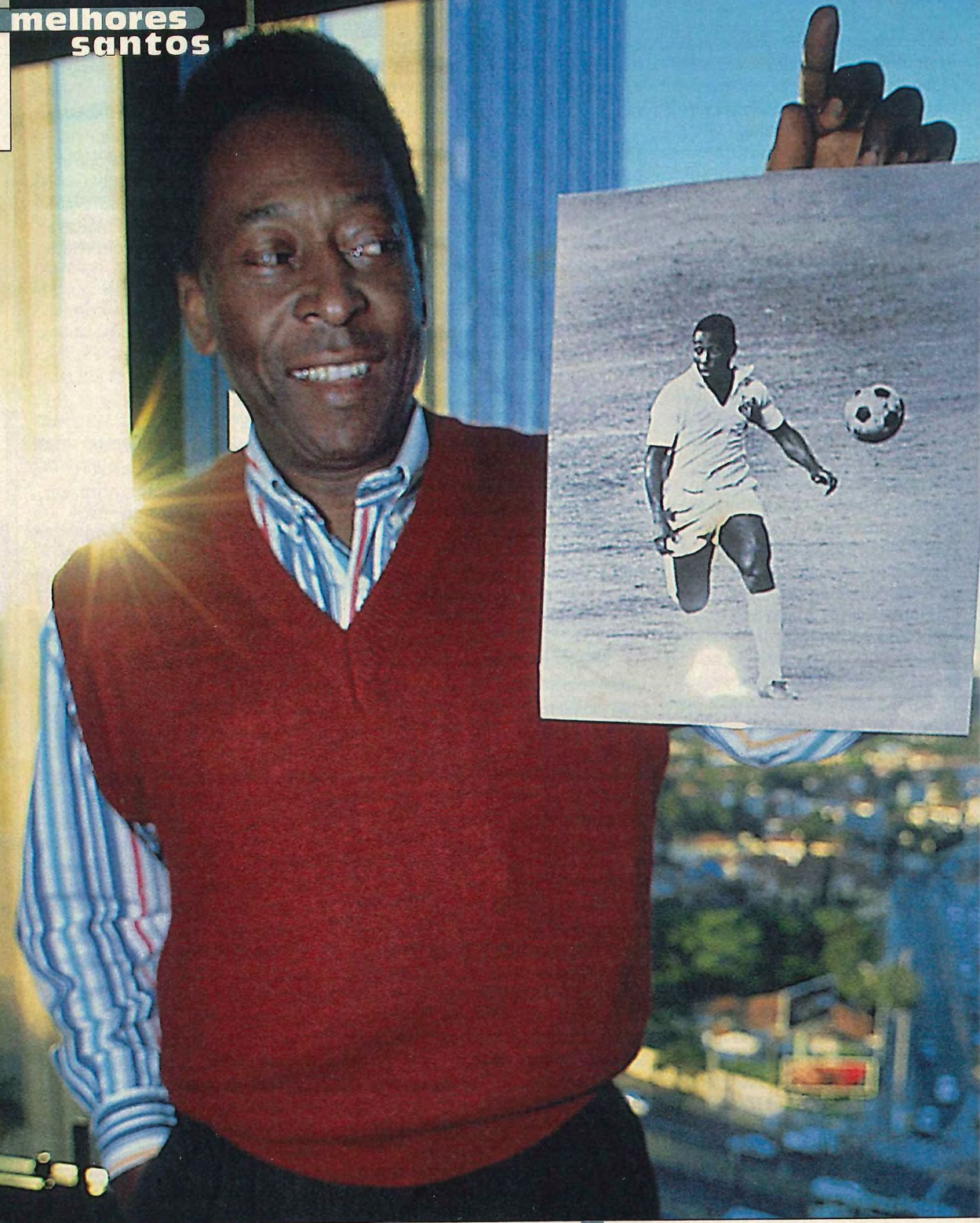
49º Junqueira
Zagueiro (1931-44)
José Junqueira de Oliveira
★Vargem Grande do Sul (SP), 26/2/1910 †São Paulo (SP), 1985
Para os mais antigos, Junqueira foi o maior zagueiro que o Palmeiras conheceu. Jogou tanto tempo e tão bem que foi o primeiro jogador palestrino a merecer um busto em bronze nos jardins do Parque Antártica, privilégio que só Waldemar Fiúme e Ademir da Guia receberam também, anos depois.

Títulos: paulista (1932/33/34, 1936, 1940, 1942, 1944)
Outros clubes: nenhum

50º Geraldo Scotto
Lateral-esquerdo (1958-68)
Geraldo Scotto
★São Paulo (SP), 11/9/1934
O maior lateral-esquerdo da história do Palmeiras, antes do aparecimento de Roberto Carlos. Passou bons momentos marcando Garrincha e muitos dizem que era ele o jogador que mais se aproximava de parar Mané.

Títulos: Taça Brasil (1960, 1967), Robertão (1967), Rio-São Paulo (1965), paulista (1959, 1963, 1966)
Outros clubes: XV de Piracicaba, São Paulo, Santos, Ponte Preta, Nacional

NELSON COELHO
41º: Antônio Carlos foi tapa no São Paulo

CACALO
45º: Pedrinho cansou de ser a única estrela

O iluminado

Não é preciso se esforçar para saber qual a maior dificuldade que um zagueiro enfrentou jogando entre 1956 e 1974. Nem qual o maior problema de um jornalista que queira escrever sobre um certo jogador, de dotes sobrenaturais

PISCO DEL GAISO

Não é preciso um esforço de pensamento para saber qual a maior dificuldade da carreira de qualquer zagueiro, cabeça-de-área ou goleiro que tenha jogado profissionalmente entre 1956 e 1974, no Brasil. Eram os tempos em que um time vestido de branco costumava entrar em campo com um jogador negro, número 10 às costas, de 1,72 m, que alguns se acostumaram a chamar de Rei. E bastava um ligeiro descuido, um segundo de vacilo, para que o zagueiro, cabeça-de-área ou goleiro tivesse sua carreira ou condição de ídolo colocada em discussão. Por um momento de desatenção, podia pagar pelo resto da vida.

Verdade também que uma atuação de bom nível podia valer a eterna lembrança de seus torcedores. Aconteceu isso com Aldemar, do Palmeiras, Vítor, do São Paulo, Denílson, do Fluminense. Todos lembrados ainda nos dias de hoje por um bom dia, um bom jogo. Na verdade, por uma partida de apagar da memória do atacante que estava do outro lado.

O fato é que nem esses moços, apontados como os de maior sucesso na arte de pará-lo, conseguiam dormir em paz quando sabiam que o adversário a enfrentar no dia seguinte era o Santos. E não por enfrentar um time sobrenatural, mas por dar de frente com um jogador especial. Um homem que, alguns juram, possuía requintes de anormalidade. De sobrenatural.

No tal segundo de vacilo, a bola podia bater na canela do zagueiro em questão e sobrar na cara do gol para o atacante sobrenatural fazer um lance de gênio. Bater em sua canela não por obra do acaso, mas por vontade de deus, o deus vestido de branco, com o número 10 às costas.

Se o segundo de vacilo fosse coletivo, lá ia o Santos mais uma vez com a vantagem na tabela, a taça nas mãos. E foram tantos os canecos conquistados por aquele time de branco, naquele período de 1956-74. O sobrenatural conquistou dez campeonatos paulistas, dos 15 de toda a história do Peixe. Coisa de outro mundo.

O fato é que tantos foram os times e jogadores que tentaram pará-lo que entraram na história somente pelas diferente maneiras de procurar fazê-lo. Como Vicente, do Belenenses e da Seleção de Portugal, na Copa do Mundo de 1966. Aos pontapés. Ou Denílson, que recebeu pela primeira vez uma camisa 5 com a ordem expressa de perseguir o moço de outro mundo por todo o campo. Um carrapato. Ou como Aldemar, que fazia de tudo para frear o ímpeto daquele jogador nota 10. Com classe.

Cada um desses teve lá seus dez minutos e fama e até hoje provocam polêmica. Afinal, quem foi seu melhor marcador? Discutível, discutível. Uma pergunta sem resposta, porque, afinal, mesmo quem tiver se dado melhor na tentativa de pará-lo terá conseguido sucesso por um ou dois lances de uma partida de futebol. E a resposta inquestionável será sempre que o atacante terá sido melhor do que o zagueiro, por melhor ou mais violento que este tivesse conseguido ser.

O rapaz podia até se dar ao luxo de deixar a modéstia de lado e ainda ser tratado como um gênio por isso. Certa vez, Armando Nogueira descreveu a primeira vez que o viu em ação e o primeiro diálogo que travou com sua majestade.

— Quem é o melhor centroavante do Brasil?
— Eu — respondeu o garoto.
— E o melhor meia-esquerda?
— Eu também.

Disse Armando Nogueira que saiu do Maracanã sem saber se acabara de conhecer um pirralho convencido ou um eleito dos céus. Pelo menos foi o que publicou em uma edição de PLACAR, comemorativa aos 50 anos do craque sobrenatural, em 1990. A resposta se se tratava de um pirralho ou eleito dos céus podia vir no depoimento de algum zagueiro.

Porque talvez só se tenha inventado uma missão tão complicada quanto a de marcá-lo um dia. A de escrever sobre Ele, quase 50 anos depois de se ter escrito o primeiro texto na tentativa de descrever o indescritível. De analisar o imponderável. De enaltecer o que já é supremo por si só: o futebol de Pelé. Se um zagueiro um dia conseguiu pará-lo? Não se tem notícia. O que se sabe é que Pelé será sempre Pelé, sinônimo de futebol.

PAULO VINÍCIUS COELHO

A FRESTA DE LUZ PASSA PELA JANELA DO ESCRITÓRIO DA PELÉ SPORTS, EM SÃO PAULO, ENQUANTO O REI OBSERVA A FOTO DE SEUS TEMPOS DE JOGADOR, COM A LUZ SOB SEUS PÉS. EM CAMPO (ABAIXO) A MESMA LUZ O SEGUIA

GERALDO GUIMARÃES

1º Pelé

Meia (1956-74)
Édson Arantes do Nascimento
★Três Corações (MG), 23/10/1940
Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Robertão (1968), paulista (1956, 1958, 1960/61/62, 1964/65, 1967/68/69, 1973), Rio-São Paulo (1959, 1963/64, 1966)
Outros clubes: Cosmos-EUA
Por que ele está em primeiro: Vale dizer que é porque o Santos viveu sua fase mais repleta de títulos enquanto Pelé vestiu-se de branco? Vale lembrar que foi com ele que o Peixe conquistou o bi mundial? Se não vale, a justificativa é simples: Pelé foi Pelé. E isso basta

Nas próximas páginas:

2º Pepe

Ponta-esquerda (1954-69)
José Macia
★Santos (SP), 25/2/1935

Pepe costuma dizer que é o maior artilheiro da história do Santos. Se Pelé marcou 1 090 gols com a camisa alvinegra do Peixe, quantos então marcou o ponta-esquerda? Ao todo, foram 405, em 750 jogos. Como, então, ele pode se gabar de ser melhor do que o Rei? "Pele é o Rei, hors-concours. Como ele não conta, sou o maior da história", diz Pepe, costumeiramente, sem um traço de ruborização. De fato, os feitos de Pepe não indicam que ele devesse ficar vermelho de vergonha por elogiar a si próprio. Primeiro, Pepe estava no título que redimiu o Santos de 20 anos de fila e Pelé não estava. Depois, teve papel fundamental na decisão que deu ao Peixe o bicampeonato mundial, contra o Milan, jogo que Pelé não disputou, por estar machucado. Por último, Pepe participou de todos os títulos de Pelé — um como seu técnico, em 1973 — e mais dois, em 1955 e 1956. Por tudo isso, Pepe é o maior da história. Bem, Pelé não conta.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Robertão (1968), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), paulista (1955/56, 1958, 1960/61/62, 1964/65, 1967/68/69)
Outros clubes: nenhum

LEMYR MARTINS

4º: Coutinho era confundido com Pelé

3º Zito

Volante (1952-67)
José Eli de Miranda
★Roseira (SP), 8/8/1932

Pelé fazia tudo certo com a bola nos pés. Mas, às vezes, dava suas deslizadas no comportamento com outros jogadores, com juízes, com seus treinadores. Como dona Celeste, a mãe do Rei, não podia estar sempre por perto, o Santos tinha Zito. Era o único jogador capaz de dar broncas públicas em Pelé, aconselhá-lo, pedir mais empenho, exigir mais dedicação, seriedade. Se Pelé estava a fim de brincar, de tripudiar com um zagueiro rival, Zito pedia calma. Se estava desligado do jogo, pensando numa namorada que deixou em algum lugar do passado, Zito exigia concentração. Por tudo isso, o camisa 5 do Peixe foi o capitão do time durante os 15 anos que jogou na Vila Belmiro. E, por isso, só Pelé e Pepe podem ser considerados mais importantes do que ele para a história do Santos.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Rio-São Paulo (1959, 1962, 1964, 1966), paulista (1955/56, 1958, 1960/62/62, 1964/65, 1967)
Outros clubes: nenhum

10º: Feitiço foi o único artilheiro antes de Pelé

4º Coutinho

Centroavante (1958-70)
Antônio Wílson Honório
Piracicaba (SP), 11/6/1943

Coutinho marcou 370 gols com a camisa do Santos. Quer dizer: 371. PLACAR localizou uma fita da TV Cultura que comprova que um gol dado a Pelé na verdade foi marcado por Coutinho. Pois quantos lances como esse não aconteceram na história? Essa dúvida permite supor que Coutinho tenha feito muito mais do que os 371 gols já contabilizados. E que tenha sido ainda mais importante para o Santos do que permite imaginar sua já vasta biografia. Só que Pelé foi Pelé e não há como negar seus feitos. Por isso, melhor pensar que Coutinho foi mesmo só Coutinho, com seus 371 gols anotados. Assim, já fez muito. Dezenas de tabelinhas memoráveis, capazes de deixar duplas de zaga caídas ao chão, estateladas. Lances que por si só já fazem de Coutinho o quarto maior jogador da história santista. Ou alguém acha que é preciso mais do que ser o melhor parceiro de Pelé em toda a sua carreira para merecer um lugar numa lista eterna?

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), do Rio-São Paulo (1959, 1962, 1964, 1966), paulista (1960/61/62, 1964/65, 1967/68/69)
Outros clubes: Vitória, Portuguesa, Saad, Atlas-MEX

5º Carlos Alberto Torres

Lateral-direito (1965-75)
Carlos Alberto Torres
★Rio de Janeiro (RJ), 17/7/1944

O Santos já tinha o melhor jogador do mundo, o melhor time do planeta, a melhor dupla de ataque. Teve o melhor goleiro da história do futebol brasileiro. Para ser completo, faltava um lateral-direito de fazer inveja. Ele só chegou em 1965, depois de um ano e um título carioca pelo Fluminense. Chegou com fama de revelação e saiu só dez anos depois, com status de mito do futebol brasileiro: Carlos Alberto Torres. Verdade que Carlos Alberto não precisou atacar muito, nem fazer muitos gols, como seus colegas de equipe. Em 445 partidas, marcou 40 gols, o suficiente para ser melhor do que Ismael, Lima e outros laterais que haviam passado pela Vila Belmiro. Foi também o último grande colega de Pelé, no Santos do início dos anos 70, que já não tinha Coutinho, Pepe, Dorval, Mengálvio... Mas o futebol que mostrou em dez anos de Vila Belmiro foi suficiente para torná-lo o quinto maior de todos os tempos.

Títulos: Robertão (1968), Taça Brasil (1965), Rio-São Paulo (1966), paulista (1965, 1967/68/69, 1973)
Outros clubes: Fluminense, Flamengo, Botafogo, Cosmos-EUA

6º Clodoaldo

Volante (1966-78)
Clodoaldo Tavares Santana
★Aracaju (SE), 26/9/1949

Qual jogador brasileiro mais se aproxima do mito alemão Franz Beckenbauer? Clodoaldo, claro. Não, a comparação não se restringe ao futebol que ambos mostraram com a bola nos pés. Beckenbauer era incomparavelmente melhor. Mas Clodoaldo, como o Kaiser, foi jogador, capitão, técnico e dirigente do clube de seu coração. Em 1978, encerrou a carreira depois de sair chorando de campo, numa decisão de primeiro turno, contra o Corinthians. Julgava um roubo o pênalti marcado por Roberto Nunes Morgado contra o Santos. Zé Maria perdeu o pênalti e Clodoaldo perdeu a carreira, atordoado pela perseguição que faziam ao Santos. "Hoje, o que me importa é ver meu Santos campeão. Depois, tanto faz", disse recentemente, ao ver o Santos se garantindo na final do Paulistão.

Títulos: Robertão (1968), paulista (1967/68/69, 1973, 1978)
Outros clubes: nenhum

7º Gilmar

Goleiro (1962-69)
Gilmar dos Santos Neves
★Santos (SP), 22/8/1930

Provavelmente, a primeira vez que um argentino se rendeu ao talento de um goleiro brasileiro foi em 1963. Até lá, os gringos viviam repetindo velhos chavões: que brasileiros não sabiam sair do gol, que engoliam frangos com freqüência, que não eram confiáveis nos momentos decisivos. Aí, Gilmar fechou o gol do Santos contra o Boca Juniors e o Peixe saiu de La Bombonera com o título de bicampeão da Taça Libertadores quase assegurado. Gilmar era elástico, confiante, seguro. Qualidades que não o deixavam dever a nenhum gringo.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1962/63/64/65), Rio-São Paulo (1962, 1964, 1966), paulista (1962, 1964/65, 1967/68/69)
Outros clubes: Jabaquara, Corinthians

8º Mauro

Zagueiro (1960-67)
Mauro Ramos de Oliveira
★Poços de Caldas (MG), 30/8/1930

O Santos não tinha muito dinheiro e precisava montar um time de primeira linha. Qual a solução? Contratar jogadores experientes, badalados, mas já em final de carreira e em fase de dispensa dos outros clubes. Verdade que isso nem sempre dá certo, como comprovam as compras recentes de Valdo, Galván, Márcio Santos. Mas Mauro era um zagueiro que se cuidava e que pensava jogar muito tempo ainda, quando chegou à Vila Belmiro. Tinha 30 anos, queria jogar pelo menos até os 35, se cuidava e tinha estilo. Jogava na experiência e estava sempre onde a bola ia, mas chegava um segundo mais cedo do que o atacante.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), paulista (1960/61/62, 1964/65, 1967), Rio-São Paulo (1962, 1964, 1966)
Outros clubes: São Paulo, Toluca-MEX

9º Edu

Ponta-esquerda (1965-76)
Jonas Eduardo Américo
★Jaú (SP), 6/8/1949

Edu brincava com a bola, como se o jogo de futebol fosse quase infantil. Em 1971, o Santos meteu 4 x 0 no Corinthians e Edu marcou o seu. Driblou o zagueiro como se tivesse a bola presa a seu pé esquerdo, olhou o goleiro Ado adiantado e tocou por cobertura. Foi ele, e não Pelé, o mais jovem brasileiro a participar de uma Copa do Mundo, na Inglaterra em 1966 — tinha 16 anos. Quatro anos mais tarde, lá estava ele de novo. E, até hoje, sua presença em seleções é histórica. Desde 1974, o Santos não possui jogadores convocados para a Seleção Brasileira. Na Alemanha, o representante do Peixe era... Edu.

Títulos: Robertão (1968), Taça Brasil (1965), paulista (1967/68/69, 1973)
Outros clubes: Corinthains, Monterrey-MEX, Nacional, São Cristóvão

10º Feitiço

Centroavante (1927-33)
Luís Matoso
★São Paulo (SP), 29/9/1901 †São Paulo (SP), 1985

Antes de Pelé, só um jogador do Santos conseguiu ser artilheiro do Campeonato Paulista três anos consecutivos. E ser artilheiro de um torneio pelo Santos, daqueles tempos, era feitiçaria. Ou coisa para Feitiço. Nos três anos de seu domínio, marcou 88 gols. De quebra, fez parte do ataque mágico do Santos de 1927, que marcou cem gols em 16 partidas.

Títulos: nenhum
Outros clubes: São Bento, Corinthians, Peñarol, Vasco, São Cristóvão

11º Araken

Meia-esquerda (1922-29 e 1935)
Araken Patuska
★Santos (SP), 17/7/1906 †São Paulo (SP), 1990

O líder do mágico ataque santista de 1927, que terminou a temporada com cem gols em 16 partidas, foi também artilheiro do campeonato daquele ano com 31 gols. Sua maior obra pelo Santos, porém, foi liderar a equipe na conquista de seu primeiro título, em 1935, depois de uma passagem pelo São Paulo da Floresta, pelo qual conquistou o Paulistão de 1931. Araken era hábil com a bola nos pés e tinha muita facilidade para o drible. Fez sete gols num jogo, o que só Pelé superou.

Títulos: paulista (1935)
Outros clubes: São Paulo, Flamengo

12º Serginho

Centroavante (1983-84, 1986 e 1989)
Sérgio Bernardino
★São Paulo (SP), 23/12/1935

Depois de terminada a era Pelé, Serginho é o jogador que mais gols marcou com a camisa do Santos. Não só em quantidade, pelas 104 vezes que balançou redes rivais. Também em qualidade. Afinal, foi dele o último gol capaz de dar um título paulista ao Santos, em 1984. Naquela partida, Serginho estava disposto a acabar com a partida, se fosse preciso: "Se eles fizessem 1 x 0, iríamos melar a partida", lembrou Serginho, em1993, em um depoimento a PLACAR. Especialista em confusões, bastaria a Chulapa dar o primeiro soco. O resto, os demais jogadores fariam. Mas o Santos teria ficado na fila por mais de 20 anos, em vez de amargar dezesseis.

Títulos: paulista (1984)
Outros clubes: São Paulo, Corinthians, São Caetano, Fenerbahçe-TUR

13º Rodolfo Rodríguez

Goleiro (1984-87)
Rodolfo Sergio Rodríguez y Rodríguez
★Montevidéu, Uruguai, 20/1/1956

Rodolfo Rodríguez chegou à Vila Belmiro muito bem recomendado. Foi Pelé, o Rei em pessoa, quem emprestou dinheiro ao Santos para contratá-lo. Um ano antes, jogando pela Seleção do Uruguai, Rodolfo havia fechado o gol contra o Brasil. Mas havia quem desconfiasse que pudesse ser num fracasso retumbante — um ano antes, o clube havia contratado Luque, campeão do mundo pela Argentina, um fiasco. Pois no Paulistão Rodolfo estraçalhou. Num único lance contra o América-SP, fez três ou quatro milagres. Na decisão, liderou o Santos para o título. Só não foi o maior goleiro porque o Peixe teve Gilmar dos Santos Neves.

Títulos: paulista (1984)
Outros clubes: Nacional-URU, Sporting-POR, Portuguesa, Bahia

JOSÉ PINTO

6º: Clodoaldo declara seu amor ao Peixe

NÉLSON COELHO

13º: Rodolfo milagroso quatro vezes

14º Antoninho
Meia (1941-54)
Antônio Fernandes
★Santos (SP), 13/8/1921
O grande craque do Santos na era imediatamente anterior a Pelé foi Antoninho. Não que isso fosse um grande mérito. O Santos não tinha muita ambição de conquistar títulos e conseguiu apenas o vice-campeonato de 1948. Mas, quando a ambição começou a aumentar, Antoninho fez a ponte da melhor maneira possível: conquistando dois títulos. Em 1955 e 1956, Antoninho liderou garotos como Pepe. Sua grande qualidade era o cabeceio, mas a aplicação contagiava os colegas.

Títulos: paulista (1955/56)
Outros clubes: nenhum

15º Giovanni
Meia (1994-96)
Giovanni Silva de Oliveira
★Belém (PA), 4/2/1972
Diziam que ele dormia. Pois uma tarde de sono de Giovanni valia por milhões de minutos de lucidez de jogadores que passaram pela Vila Belmiro nos anos 80 e 90. Que tal enumerar: Osmarzinho, Arizinho, Dino Furacão... Giovanni até dormiu um pouco na final do Brasileiro de 1995, contra o Botafogo. Não fosse por isso, poderia ter marcado um gol que lhe passou pelos pés no primeiro tempo. Chutou para fora. Mas quando não estava cochilando... Como nos históricos 5 x 2 sobre o Fluminense, no Pacaembu. Giovanni recebeu nota 10 de PLACAR, regalia distribuída a poucos craques em toda a história da revista.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Tuna Luso, Remo, Barcelona-ESP, Olympiakos-GRE

15º: Giovanni foi craque nota 10 de PLACAR

NÉLSON COELHO

NICO ESTEVES

17º: Pita estreou com gol no Timão

16º Toninho
Centroavante (1963-69)
Antônio Ferreira
★Bauru (SP), 10/8/1942 †São Paulo (SP), 26/1/1990
Quando chegou de Bauru, Toninho era garoto e tinha de se contentar com lugares distantes do gol. Jogou na ponta direita, na meia direita, na meia esquerda. Tudo, menos o comando do ataque, sua posição original. Quando os gols começaram a sair pelos pés do número 7, improvisado na posição, alguém prestou atenção em Toninho. Foi quando Coutinho começou a correr riscos.
Títulos: Taça Brasil (1964/65), Robertão (1968), paulista (1964/65, 1967/68/69)
Outros clubes: Noroeste, São Paulo

17º Pita
Meia (1978-84)
Edvaldo de Oliveira Chaves
★Nilópolis (RJ), 4/7/1958
Era o dia da estréia de Sócrates e Rui Rei pelo Corinthians. Ah, tinha também um menino fazendo seu primeiro jogo com a camisa do Santos. Mas os olhos estavam em Sócrates, que tocava de calcanhar, de primeira, e coordenava as ações do Corinthians. Até que Pita pegou na bola e lançou Juary pela direita. O garoto santista foi até a linha de fundo e cruzou para trás. Pita fuzilou. Gol do Santos.

Títulos: paulista (1978)
Outros clubes: São Paulo, Racing Strasbourg-FRA, Internacional-SP, Guarani

18º Calvet
Quarto-zagueiro (1960-64)
Raul Donazar Calvet
★Bagé (RS), 3/11/1934
Em 218 jogos pelo Santos, Calvet marcou um gol. Quer dizer que ele era uma espécie de Amaral dos tempos antigos, que mal conseguia chutar uma bola em gol?
Não, quer dizer que se tratava de um zagueiro fiel aos princípios do bom defensor. Raramente saía ao ataque. Mas poderia ter feito mais gols se tivesse mais sorte na carreira. Em 1964, aos 30 anos, rompeu o tendão de aquiles. A medicina estava na pré-história. Mais ou menos como ficou a zaga do Santos depois que Calvet parou.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64), paulista (1960/61/62, 1964)
Outros clubes: Bagé, Grêmio

19º Rildo
Lateral-esquerdo (1967-72)
Rildo da Costa Menezes
★Recife (PE), 23/1/1942
O time do Santos campeão mundial em 1962 e 1963 só podia piorar com o passar dos anos, certo? Errado. Rildo era uma das provas disso. Em vez de Dalmo, o autor do gol consagrador, contra o Milan, no Maracanã, Rildo deu um toque de classe ao time. Dalmo restringia-se a marcar e a cobrar um ou outro pênalti. Rildo descia ao ataque, marcava com vigor e com muita técnica. Com ele, o Peixe teve um lateral-esquerdo na Copa de 66.

Títulos: Robertão (1968), paulista (1967/68/69)
Outros clubes: Botafogo

20º Juary
Centroavante (1977-79)
Juary Jorge dos Santos Filho
★São João de Meriti (RJ), 16/6/1959
Juary se delicia até hoje ao contar a história. "Seu Formiga mandou jogar a bola sobre o Ivo, que estaria abaixado, arrumando o meião, na saída de bola." Juary deu a saída, tocou a Aílton Lira e disparou em velocidade. Lira lançou, como Formiga orientara e a bola passou, de fato, sobre a cabeça do volante do Palmeiras, que ajeitava a meia. Nílton Batata foi à linha de fundo e cruzou. Juary marcou aos 10 segundos. A velocidade de Juary foi marca dos Meninos da Vila, campeões paulistas de 1978.

Títulos: paulista (1978)
Outros clubes: Universidad Guadalajara-MEX, Avellino-ITA, Cremonese-ITA, Ascoli-ITA, Internazionale-ITA, Porto-POR, Portuguesa, Moto Clube

21º Ramos Delgado
Zagueiro (1966-71)
José Manuel Ramos Delgado
★Quilmes (Argentina), 26/8/1935
Na Argentina, ele era conhecido como *El Negro*, apesar da pele clara. Por lá, achavam-no escuro, quase tanto quanto Pelé. Bem, nem tanto. Mas, para um argentino, até que Ramos Delgado tinha um futebol bem mulato. O Santos não teve beque tão clássico.

Títulos: Robertão (1968), paulista (1967/68/69)
Outros clubes: Lanús-ARG, River Plate-ARG, Banfield-ARG

22º Pagão
Centroavante (1955-62)
Paulo César Araújo
★Santos (SP), 7/10/1934 †Santos (SP), 4/4/1991
Se Pagão não tivesse jogado nada, se matasse bolas na canela, ainda assim estaria em qualquer lista de craques. O cara é o ídolo de Chico Buarque, que se refere a Pagão como um símbolo do futebol romântico. Pagão, na verdade, nunca matou uma única bola na canela, como garante o testemunho de Chico. Vá lá que o grande poeta da música popular possa romancear um pouco. Mas só pela lenda — e pelo futebol que mostrou ao lado de Pelé — Pagão tem de ser lembrado no Santos.

Títulos: mundial (1962), Libertadores (1962), paulista (1955/56, 1958, 1960/61/62), Rio-São Paulo (1959)
Outros clubes: São Paulo, Portuguesa Santista

23º Jair
Meia (1955-59)
Jair Rosa Pinto
★Quatis (RJ), 21/3/1921
Jair foi, junto com Antoninho, o líder do time campeão paulista pelo Santos em 1955. Foi, junto com Pelé, o arquiteto do título de 1958. Só não conseguiu o bi em 1959, quando enfrentou seu ex-time, o Palmeiras. Mas foi um dos jogadores históricos que ensinaram aos meninos recém-chegados à Vila malícia necessária para vencer.

Títulos: paulista (1955/56, 1958), Rio-São Paulo (1959)
Outros clubes: Madureira, Vasco, Flamengo, Palmeiras, Ponte Preta, São Paulo

24º Dorval
Ponta-direita (1956-66)
Dorval Rodrigues
★Porto Alegre (RS), 26/2/1935
Dorval se gaba mais de ter sido um jogador versátil do que dos dribles desconcertantes em zagueiros rivais. Diz que até marcou Garrincha, num jogo contra o Botafogo, no Pacaembu. Mais do que isso, Dorval era a principal opção ofensiva pelo lado direito do ataque do Santos. Recebia lançamentos e partia em direção ao gol. Em 612 jogos, marcou 198 gols.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Rio-São Paulo (1959, 1963, 1964, 1966), paulista (1958, 1960/62/62, 1964/65)
Outros clubes: Racing-ARG, Atlético-PR

25º Lima
Lateral-direito (1961-72)
Antônio Lima dos Santos
★São Sebastião do Paraíso (MG), 18/1/1942
Em qualquer festa na casa de Pelé, Lima é convidado. Não, o Rei não é grato a ele pelos passes milimétricos, pelos conselhos para se dedicar ao futebol. É que Lima é cunhado do Rei do futebol e viveu muitos anos intimamente com ele. Como jogador, Lima se notabilizou como o maior quebra-galho da história. Jogava em todas e se encaixava onde houvesse vaga.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Robertão (1968), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Rio-São Paulo (1963/64, 1966), paulista (1961/62, 1964/65, 1967/68/69)
Outro clube: Juventus

26º Mengálvio
Meia-direita (1960-67)
Mengálvio Figueiró
★Laguna (SC), 17/12/1939
Chegou à Vila Belmiro para ser o sucessor de Jair Rosa Pinto. Qualquer outro, ao saber dessa informação, colocaria sua chuteirinha debaixo do braço, se encolheria num canto do vestiário e jamais mostraria futebol à altura de limpar a chuteira de Jajá. Mas Mengálvio tomou conta da camisa 8 e a torcida não sentiu falta de Jair.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Rio-São Paulo (1963/64, 1966), paulista (1960/61/62, 1964/65, 1967)
Outro clube: Aimoré

27º Almir
Meia (1962-64)
Almir Morais Albuquerque
★Recife (PE), 28/10/1937 †Rio de Janeiro (RJ), 6/2/1973
Foi ele quem meteu a cabeça na chuteira do zagueiro Maldini, do Milan, e cavou assim o pênalti que deu ao Santos o bi mundial interclubes. Foi ele quem se dopou e depois assumiu publicamente tê-lo feito para ajudar o Santos. Como não jogou de cara limpa, Almir não pode entrar acima do 27º lugar.

Títulos: mundial (1963), Libertadores (1963), paulista (1962, 1964)
Outros clubes: Vasco, Boca Juniors-ARG, Genoa-ITA, Fiorentina-ITA, Flamengo, América-RJ

28º Djalma Dias
Zagueiro (1968-72)
Djalma Pereira Dias Júnior
★Rio de Janeiro (RJ), 21/8/1939
Houve um tempo em que o Santos tinha para sua defesa Ramos Delgado e Joel Camargo e só havia uma certeza: Djalma Dias tinha que jogar, não importasse quem fosse para a reserva. O pai de Djalminha, craque do La Coruña dos anos 90, era brilhante com a bola nos pés e, ao mesmo tempo, não dava mole a atacante nenhum. Durante um tempo, Joel era titular da Seleção, mas reserva no Santos.

Títulos: Robertão (1968), paulista (1969)
Outros clubes: América-RJ, Palmeiras, Atlético-MG, Botafogo

29º Aílton Lira
Meia (1976-79)
Aílton Lira Silva
★Araras (SP), 19/2/1951
A primeira providência do técnico Formiga, ao chegar à Vila Belmiro, em 1977, foi detonar um grupo de veteranos. O comandante: Aílton Lira. "Eles não ganharam nada com nada", disse. "Mas você vai ter de correr." Lira correu, lançou, passou, fez gol de falta. No campo do América, no Rio, João Saldanha decretou: "Aí estão os meninos da Vila." Não fossem os lançamentos de Lira, não teriam sucesso Nílton Batata, Juary...

Títulos: paulista (1978)
Outros clubes: Ponte Preta, Caldense, São Paulo, Al Nasser-SAU, Guarani, União São João, Comercial, Portuguesa Santista, Itumbiara, Guará

30º João Paulo
Ponta-esquerda (1977-83)
João Paulo de Lima Filho
★São João de Meriti (RJ), 15/6/1957
Foi dele o gol que selou a vitória por 3 x 1 sobre o Guarani, nas semifinais de 1978. Mal comparando, foi como Dodô, que no último minuto aniquilou o Palmeiras, nas semifinais de 2000. Com João Paulo, o time tinha velocidade pela ponta esquerda e um chute potente de canhota, como não se via desde Pepe.

Títulos: paulista (1978)
Outros clubes: Flamengo, Corinthians, Palmeiras, São José-SP

JOSÉ PINTO

20º: Juary marcou aos 10 segundos

26º: Mengálvio manteve o nível de Jair

31º Orlando Peçanha

Quarto-zagueiro (1965-67)
Orlando Peçanha de Carvalho
★Rio de Janeiro (RJ), 20/9/1935
Passou pouco tempo na Vila Belmiro, mas foi o suficiente para manter o alto nível técnico que a equipe possuía antes, com Calvet na posição. Como o zagueiro gaúcho não podia mais jogar, vítima de ruptura do tendão de aquiles, Orlando substituiu-o à altura.

Títulos: paulista (1965, 1967)
Outros clubes: Vasco, Boca Juniors-ARG

32º Cejas

Goleiro (1970-75)
Agustín Mario Cejas
★Buenos Aires (Argentina), 22/3/1945
Foi o primeiro goleiro gringo a dar certo na Vila Belmiro e o predecessor de Rodolfo Rodríguez. Com ele, o Peixe conquistou um título paulista, em 1973, vencendo a Portuguesa numa conturbada decisão por pênaltis. Cejas, ao contrário de outros goleiros de sua terra, nem precisou catimbar. Bastou olhar fixo nos olhos dos atacantes lusos e ver as bolas saindo por todos os lados.

Títulos: paulista (1973)
Outros clubes: Racing-ARG, Huracán-ARG, River Plate-ARG, Grêmio

J.B. SCALCO

32º: Cejas fechou o gol nos pênaltis

33º Del Vecchio

Meia-esquerda (1954-59)
Emmanuelle Del Vecchio
★São Paulo (SP), 24/9/1934 †Santos (SP), 7/10/1995
Na campanha do título de 1955, que terminou com uma sina de 20 anos sem títulos, o Santos teve o artilheiro do Campeonato Paulista. Del Vecchio fez 23 gols e deixou para trás goleadores notos, como Humberto Tozzi, do Palmeiras, Gino, do São Paulo, Baltazar, do Corinthians.

Títulos: paulista (1955/56, 1958)
Outros clubes: Padova-ITA, Verona-ITA, Napoli-ITA, Milan-ITA, Boca Juniors-ARG, São Paulo, Bangu, Atlético-PR

RONALDO KOTSCHO

35º: Paulo Isidoro era chamado Tiziu

34º Nílton Batata

Ponta-direita (1977-80)
Nílton Pinheiro da Silva
★Londrina (PR), 5/11/1954
Não foi criado na Vila Belmiro, mas é o último dos Meninos da Vila, campeões de 1978, relacionados para a lista eterna do Santos. Era famoso pelos dribles e pela velocidade e foi dele o cruzamento para o gol mais rápido da campanha de 1978, marcado por Juary, contra o Palmeiras, em 10 segundos.

Títulos: paulista (1978)
Outros clubes: Atlético-PR, América-MEX

35º Paulo Isidoro

Meia-direita (1983-85)
Paulo Isidoro de Jesus
★Matosinhos (MG), 3/7/1953
Quando chegou, acabara de amargar a reserva na ponta direita da Seleção Brasileira, na Copa do Mundo de 1982. Mas, no Grêmio, seu clube anterior, vestia a camisa 8, a mesma que usou nos dois anos em que defendeu o Santos. Seu futebol rápido e de carregar a bola lhe valeu o apelido de Tiziu. E o título paulista de 1984.

Títulos: paulista (1984)
Outros clubes: Atlético-MG, Grêmio, XV de Jaú, Guarani, Cruzeiro, Inter de Limeira

36º Dalmo

Lateral-esquerdo (1960-65)
Dalmo Gaspar
★Jundiaí (SP), 19/10/1932
Só por ter marcado o gol do bicampeonato mundial, já merece a lembrança. O lance aconteceu em um pênalti duvidoso, mal marcado e que os italianos reclamam até hoje. Mas Dalmo bateu, coisa que Pepe não quis fazer naquela noite.

Títulos: mundial (1962/63), Libertadores (1962/63), Taça Brasil (1961/62/63/64/65), Rio-São Paulo (1963/64), paulista (1960/61/62, 1964/65)
Outros clubes: Guarani, Paulista

37º Sócrates

Meia-direita (1988)
Sócrates Brasileiro Sampaio de Souza Vieira de Oliveira
★Belém (PA), 19/2/1954
Fez apenas seis meses de futebol na Vila Belmiro, mas conseguiu o que outros que passaram anos não fizeram: ganhou do Corinthians. Aconteceu em novembro de 1988, o Santos não vencia há quatro anos.
Títulos: nenhum
Outros clubes: Botafogo-SP, Corinthians, Fiorentina-ITA, Flamengo

38º Cláudio

ponta-direita (1940-41)
Cláudio Christovam Pinho
★Santos (SP), 18/2/1922 †Santos (SP), 2/5/2000
Foi no começo de carreira, quando ninguém ainda havia ouvido falar nele, que o maior artilheiro da história do Corinthians deu os primeiros passos no futebol. E, para formá-lo direito, tinha de passar mesmo pela Vila Belmiro. Foram só dois anos, mas deu para aprender um pouquinho.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras, Corinthians, São Paulo

39º Cláudio Adão

Centroavante (1973-77)
Cláudio Adalberto Adão
★Volta Redonda (RJ), 2/7/1955
Houve quem o comparasse a Pelé. Aí, Cláudio Adão quebrou a perna em um lance bobo e ficou um ano parado. Nunca mais foi o mesmo, mas o Flamengo decidiu ir buscá-lo. Para o Santos, conseguiu conquistar o título paulista de 1973, quando tinha 18 anos.

Títulos: paulista (1973)
Outros clubes: Flamengo, Fluminense, Botafogo, Vasco, Volta Redonda, Sport Boys-PER, Portuguesa, Corinthians, Bahia

40º Marinho Peres

Zagueiro (1972-74)
Mário Peres Ulibarri
★Sorocaba (SP), 19/3/1947
O presidente da Portuguesa, Oswaldo Teixeira Duarte, decidiu limpar a área no Canindé.
E começou por Marinho Peres. Pois o Santos decidiu que para limpar a área na Vila Belmiro, nada melhor do que um zagueiro como ele. Os portugueses ficaram chupando o dedo.

Títulos: paulista (1973)
Outros clubes: São Bento, Portuguesa, Internacional, Barcelona-ESP, Palmeiras

41º Cláudio

Goleiro (1965-69)
Cláudio César de Aguiar Mauriz
★Rio de Janeiro (RJ), 22/8/1940 †1979
Era baixinho e extremamente criticado. Mas fechava o gol do Santos no final dos anos 60 e não deixou saudade de Gilmar dos Santos Neves. Só que sua carreira durou pouquíssimo tempo na Vila Belmiro. Não fosse por isso, poderia estar melhor na lista dos eternos.

Títulos: paulista (1968/69)
Outros clubes: Fluminense, Olaria, Bonsucesso

42º Formiga

Zagueiro (1950-56, 1959-62)
Francisco Ferreira de Aguiar
★Araxá (MG), 11/11/1930
Zagueiro clássico, chegou ao Santos em 1950 e só saiu por um breve período para defender o Palmeiras. Voltou em 1977, como técnico, e liderou o time dos meninos da Vila, campeões pela primeira vez depois da era Pelé.

Títulos: paulista (1955/56, 1960)
Outros clubes: Cruzeiro, Palmeiras

43º Urbano

Estádio e zagueiro (1912-17)
Ubano Caldeira Filho
★Santa Catarina, 9/1/1890 † 13/3/1933
No início, era um bom zagueiro da várzea, no bairro de Vila Buarque e logo chegou à Vila Belmiro, onde se tornou lenda. Tanto como beque do time dos primeiros cinco anos da história santista, como no estádio que passou a dar nome um mês depois de sua morte, em 1933. Até hoje, as homenagens não dizem respeito a Pelé, Mengálvio, Pepe... O estádio da Vila Belmiro tem o nome do primeiro benfeitor do clube.

Títulos: nenhum
Outros clubes: nenhum

44º Manoel Maria

Ponta-direita (1968 a 1973)
Manoel Maria Evangelista Barbosa dos Santos
★Belém (PA), 29/2/1948
Ponta-direita veloz, chegou do Paysandu no início de 1968, disputou 165 partidas e marcou 37 gols. Jogou ao lado de Pelé na fase final dos bons tempos santistas e teve a carreira prejudicada por um acidente de carro, em 1970, na praia do José Menino, em Santos. O acidente o fez ficar parado um bom tempo e isso prejudicou seu futebol no retorno aos campos.

Títulos: paulista (1968/69)
Outros clubes: Paysandu, Portuguesa Santista, Cosmos-EUA, Votuporanguense.

45º Paulinho

Centroavante (1989-92)
Paulo César Vieira Rosa
★Igaraçu do Tietê (SP), 28/9/1963
Sua especialidade era fazer gols no São Paulo. Se fosse só por isso, já mereceria seu lugar cativo na lista dos maiores santistas da história. Mas ficou marcado também por um incrível jogo contra o Vasco, no Maracanã, em que marcava a cada vez que Bebeto fazia para os vascaínos. No final, 3 x 3, com três gols de Paulinho. Para os tempos de vacas magras, não foi nada mal.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Votuporanguense, Fernandópolis, Atlético-PR, Figueirense, Portuguesa, Fluminense, Cruzeiro, Porto-POR

46º Negreiros

Meia (1968-73)
Walter Ferraz de Negreiros
★Santos (SP), 6/8/1946
O meia que ocupou a vaga deixada por Mengálvio no meio-de-campo do Santos brilhou durante cinco anos, mas foi sempre cobrado por não dar ao setor o mesmo talento que antes ofereciam Mengálvio e Jair Rosa Pinto. Mesmo assim, mostrava futebol de alta qualidade, a ponto de ser titular da equipe durante cinco anos. Depois, foi para o Coritiba, onde ganhou alguns títulos paranaenses. Foi um dos últimos parceiros de Pelé na fase dourada do Santos, na Vila Belmiro.

Títulos: paulista (1968/69)
Outros clubes: Coritiba

47º Sérgio

Goleiro (1988-92)
Ivanilton Sérgio Guedes
★Rio Claro (SP), 7/11/1962
Como deve se a responsabilidade de suceder Rodolfo Rodríguez com a camisa 1 do Santos? Não é para qualquer um, com isso todo mundo concorda. Pois Sérgio o sucedeu, não deixou saudade e ainda foi titular por quatro anos. Ficou defendo só um título, também pelos colegas que tinha. Mas, pelo heroísmo, merece a lembrança.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Ponte Preta, América-SP, Goiás, Cruzeiro, Internacional

48º Guga

Centroavante (1992-94)
Alexandre da Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 14/6/1964
Outro atacante do tempo das vacas magras, de muitos gols contra e poucos a favor. Mas, nessa época negra, Guga conseguiu ser artilheiro do Campeonato Brasileiro e honrar a camisa do Peixe. Também fez o gol de uma vitória por 1 x 0, sobre o Palmeiras, dentro do Parque Antártica. Esse merece.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Flamengo, Goiás, Internacional-SP, Cruzeiro

49º Athiê

Goleiro (1927 a 1934)
Athiê Jorge Coury
★Itu (SP), 1/8/1905 - Santos (SP), 1994
Foi goleiro dos anos 20 que parecia achar o Santos o prolongamento de sua casa. Tanto pensava assim que anos mais tarde ocupou a presidência por 15 anos. No período de sua gestão, havia suspeitas de sumiço de dinheiro e lendas corriam de que diretores santistas voltavam de viagens afirmando que as cotas de excursões haviam caído pela janela do avião. Athiê morreu em 1994, aos 89 anos, pedindo para sua governanta afirmar que tinha 72. Extremamente vaidoso, até os últimos meses de vida pintava o cabelo preto para esconder os fios brancos que evidenciavam a idade.

Títulos: nenhum
Outros clubes: A.A. São Bento

JOSÉ PINTO

39º: Cláudio Adão herdaria o trono do Rei

50º Joel Camargo

Zagueiro (1964-73)
Joel Camargo
★Santos (SP), 18/9/1946
Começou na Portuguesa Santista e foi um dos herdeiros de Calvet, junto com Orlando Peçanha. Tomou conta da zaga do Santos e foi titular da Seleção Brasileira, mesmo quando não conseguia se impor a Ramos Delgado e Djalma Dias na Vila Belmiro. Seu futebol era clássico.

Títulos: Robertão (1968), Taça Brasil (1964/65), paulista (1964/65, 1967/68/69), Rio-São Paulo (1964 e 1966)

LEMYR MARTINS

40º: Marinho Peres castigou a Portuguesa

ALEXANDRE BATTIBUGLI

A alma tricolor

Nos tempos do bicampeonato mundial, foi fundamental. Mas mostrou sua importância no São Paulo atual. Como na decisão do Paulistão 98, quando marcou o primeiro gol e deu o segundo de bandeja. Raí é o Tricolor em pessoa

O técnico Nelsinho Baptista vivia um grande dilema às vésperas da final do Campeonato Paulista de 1998. Escalar ou não o recém-chegado Raí, que não havia disputado nenhuma partida do torneio e retornava da França, na decisão? Como os outros jogadores, que roeram o osso durante toda a competição, iriam encarar esse privilégio? O jeito foi consultar um a um. Ninguém ousou votar contra a presença do craque. Por um motivo muito simples: Raí era e ainda é sinônimo de glória no São Paulo.

DO ALTO DO GOL, NO CENTRO DE TREINAMENTO DO MORUMBI, RAÍ É A CERTEZA DE QUE EXISTE BOLA NO SÃO PAULO

Poucos jogadores conseguiram se identificar tanto com a torcida tricolor como ele. A sua presença era um trunfo indispensável para a equipe conseguir o título e reverter a vantagem do Corinthians. "Se fosse outro jogador, poderia haver algum problema, mas como se tratava do Raí...", relembra Nelsinho.

Depois de apenas um treino com os companheiros, Raí jogou como se nunca tivesse deixado o clube. Com a camisa 23 e não com a 10, como de costume, armou as principais jogadas do time, fez o primeiro gol, numa bela cabeçada, deu o passe para o segundo e saiu carregado pelos torcedores com mais um troféu na mão.

Denilson e França, até então os ídolos daquele time, olhavam embasbacados e admirados, como verdadeiros fãs. Na volta olímpica, abraçou o garoto Fabiano e disse no ouvido dele. "Você jogou muito!" Quando viu quem era, Fabiano começou a chorar convulsivamente. "Ele acabou com o meu time. Desequilibrou. Fez a diferença", admitiu o técnico Wanderley Luxemburgo, então treinador corintiano.

Esse episódio recente resume o significado de Raí para o São Paulo: carisma, liderança e, acima de tudo, conquistas. Para o são-paulino, ele poderia encerrar a sua carreira naquele momento. Era a volta triunfal. O time não ganhava um campeonato havia quatro anos.

Mas Raí queria mais. Humilde, concordou com que Dodô continuasse vestindo a sua camisa 10. Contentou-se com a 8. Uma contusão seríssima no joelho, logo no início do Campeonato Brasileiro, em virtude de uma entrada de Wilson Gottardo, afastou-o dos campos por sete meses e nem assim foi suficiente para decretar a sua aposentadoria.

Raí queria retribuir o que o São Paulo havia feito para ele. Depois de muito esforço, com o joelho reconstruído, retornou. Era um desafio pessoal. Recuperou a forma física e justamente quando vivia novamente um grande momento, perdeu dois pênaltis na semifinal do Brasileiro de 1999, contra o Corinthians. No primeiro, chutou no canto esquerdo e Dida defendeu. No segundo, no finzinho do jogo, mudou de canto, aumentou a força e Dida pegou de novo. Mas o crédito dele é infinito. Ninguém o crucificou.

Raí não ganhou tantos títulos como Ronaldão e Müller, não desequilibrou como Careca ou Pedro Rocha, não encantou como Leônidas e Gérson, mas fez um pouco disso tudo. Por isso, pode ser considerado o craque são-paulino de todos os tempos.

Quando chegou ao clube, em 1987, vindo do Botafogo-SP, era apenas o irmão de Sócrates, que também começou no clube de Ribeirão Preto. As comparações eram inevitáveis e ele sentiu. Tímido, ao contrário do irmão, demorou a se encontrar, mas o técnico Cilinho acreditava piamente nele. Trocou-o de posição, tirando-o do ataque e dando-lhe a incumbência de armar as jogadas do time. Deu resultado. Um ano depois, Raí já era o capitão do time, que havia perdido Müller, Silas e Pita e companhia ilustre, e acabou com a pecha de jogador frio e lento que o acompanhava.

Ganhou o Paulista de 1989 e não parou mais. A chegada do técnico Telê Santana significou um salto de qualidade na carreira de Raí. Os dois se encaixaram perfeitamente.

EM 2000, DEPOIS DE SER COBRADO PARA ABANDONAR O FUTEBOL, DEU A VOLTA POR CIMA E LIDEROU O TRICOLOR NO PAULISTÃO

Telê fez de Raí a sua voz dentro de campo.

Estimulou-o a comandar reuniões semanais com os demais atletas, em churrascarias, para discutir os problemas profissionais e pessoais de cada um.

Dentro de campo, forçou-o a treinar cabeçadas, faltas e o ensinou a jogar mais próximo à area. Ser goleador. Aparecer como elemento-surpresa. Com Telê, Raí ganhou dois Campeonatos Paulistas, um Campeonato Brasileiro, duas Taças Libertadores e o Mundial Interclubes, em Tóquio, num jogo memorável com o Barcelona. Fez os dois gols da vitória de 2 x 1.

O primeiro, de barriga, após passe de Müller, aparecendo como elemento-surpresa. O segundo, numa cobrança de falta exaustivamente ensaiada. Não por acaso, assim que a bola entrou, correu, se desvencilhando de quem viesse pela frente, com o olhar fixo, para comemorar com Telê no banco. Ganhou todos os prêmios de melhor em campo e o reconhecimento internacional. Acabou se transferindo para o Paris Saint-Germain, onde também marcou época e virou ídolo.

Naquela altura, Raí se consagrava também como o melhor jogador do Brasil. "Depois disso, passaram a me tratar como o irmão do Raí", afirma Sócrates. Na Seleção Brasileira, ele nunca conseguiu o mesmo brilho. Ostenta o título de campeão mundial no currículo, mas foi apenas um figurante nos Estados Unidos, em 1994. Foi titular até o intervalo da terceira partida, contra a Suécia, ficou fora dos dois jogos seguintes e voltou no intervalo da semifinal, novamente contra os suecos. Mas teve futebol muito fraco. Os são-paulinos, porém, pouco se importam.

ARNALDO RIBEIRO

ALEXANDRE BATTIBUGLI

1º Raí

Meia (1987 a 1993 e desde 1998)
Raí Souza Vieira de Oliveira
Ribeirão Preto (SP), 15/5/1965
Títulos: mundial (1992), Libertadores (1992/93), brasileiro (1991), paulista (1987, 1989, 1991/92, 1998)
Outros clubes: Botafogo-SP, Ponte Preta, Paris Saint-Germain-FRA
Por que está em primeiro: Porque foi campeão mundial pelo tricolor, marcou os dois gols na decisão contra o Barcelona e fez, de pênalti, o gol da vitória de 1 x 0 sobre o Newell's Old Boys, na finalíssima da Libertadores. Porque suas vitórias aumentaram muito a quantidade de torcedores são-paulinos, especialmente jovens

Nas próximas págs:

2º Leônidas
3º Careca
4º Pedro Rocha
5º Canhoteiro
6º Friedenreich
7º Gérson
8º Müller
9º Darío Pereyra
10º Serginho
11º Zizinho
12º Roberto Dias
13º Rui, Bauer e Noronha
14º Poy
15º Toninho
16º Sastre
17º Cafu
18º Mauro
19º Oscar
20º Zetti
21º Cerezzo
22º Pita
23º Gino
24º Zé Sérgio
25º Leonardo
26º Chicão
27º Waldir Peres
28º Palhinha
29º Jurandir
30º Ricardo Rocha
31º Renato
32º Antônio Carlos
33º Denílson
34º Mário Sérgio
35º Bellini
36º Friaça
37º De Sordi
38º Sérgio
39º Juninho
40º Silas
41º Dino Sani
42º Muricy
43º Pagão
44º Paraná
45º Terto
46º Marinho Chagas
47º Forlan
48º Ronaldão
49º Sidney
50º França

2º Leônidas

Centroavante (1942-50)
Leônidas da Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 6/9/1913

Diziam que ele estava acabado quando chegou ao São Paulo, em 1942, aos 29 anos. Mesmo assim, 72 018 pessoas pagaram ingresso para assistir à estréia dele, um empate em 3 x 3 com o Corinthians no Pacaembu. O tablóide "A Hora" publicou que o São Paulo havia comprado "um bonde de 200 contos", insinuando que o clube tinha sido vítima de um conto-do-vigário, comprando um jogador velho e bichado. Pois em oito temporadas no São Paulo Leônidas conquistou cinco títulos paulistas, encantou a torcida com suas bicicletas, a ponto de uma delas ter sido imortalizada em forma de estátua no memorial do clube no Morumbi.

Títulos: paulista (1943, 1945/46, 1948/49)
Outros clubes: Sírio e Libanês, Bonsucesso, Peñarol-URU, Vasco, Botafogo, Flamengo

2º: Leônidas era um bonde de cinco taças

3º Careca

Centroavante (1983-87)
Antônio de Oliveira Filho
★Araraquara (SP), 5/10/1960

Se a torcida mais jovem de São Paulo é a do tricolor, parte disso se deve a Careca. Ou ao time que comandou, entre 1985 e 1986. Os Menudos, campeões paulistas em 1985, tinham ainda Müller e Silas, mas o gênio da companhia era Careca. No Paulistão, foi artilheiro com 23 gols. No Brasileiro do ano seguinte, o time já não era tão veloz e envolvente, mas mantinha os mesmos jogadores, um pouco mais tarimbados. E Careca, cada dia melhor, foi de novo o goleador do torneio com 25 gols, um a mais do que Evair, seu rival do Guarani. O problema é que Careca já estava badalado demais, depois de ser o melhor jogador brasileiro na Copa do Mundo de 1986. O Napoli, que já tinha Maradona e sonhava possuir os dois maiores craques do planeta, veio ao Brasil buscá-lo. E Careca foi embora, mas não sem antes dar seu último toque de gênio: no último minuto da prorrogação, contra o Guarani, fuzilou o goleiro Sérgio Nério e levou a decisão do Brasileiro para a decisão por pênaltis. Foi assim que o tricolor garantiu seu segundo título nacional.

Títulos: brasileiro (1986), paulista (1985)
Outros clubes: Guarani, Napoli, Kashiwa Reysol, Santos, São José-RS

NICO ESTEVES

3º: Careca pagou a aposta do São Paulo

4º Pedro Rocha

Meia-esquerda (1970-78)
Pedro Virgílio Rocha Franchetti
★Salto (Uruguai), 3/12/1943

El Verdugo costuma agradecer ao São Paulo a cada vez que se lembra a paciência da torcida, que esperou um ano até que mostrasse seu futebol de verdade: "O time confiou em mim", observa. Pois o São Paulo também festeja por ter sabido aguardar. Pedro Rocha foi o mais genial dos craques que passaram pelo Morumbi nos anos 70 e não há torcedor que o tenha visto jogar naquela época que não compare sua importância histórica à de Raí. Isso, apesar de Raí ter dado o primeiro título mundial ao tricolor e Pedro Rocha ter vivido em um período de vacas um pouco menos gordas. Aliás, foi a chegada de Rocha (ao lado da de Gérson) o motivo do início da volta por cima de um time antes mais preocupado em comprar tijolos para a construção de seu estádio do que jogadores. Rocha e Raí têm outra coisa em comum, além das palavras dos torcedores: ambos adoravam atropelar o Palmeiras. Pelo tricolor, fez 393 jogos, 109 gols.

Títulos: brasileiro (1977), paulista (1971, 1975)
Outros clubes: Peñarol-URU, Coritiba, Palmeiras, Bangu

5º Canhoteiro

Ponta-esquerda (1955-6363)
José Ribamar de Oliveira
★Coroatá (MA), 24/9/1932 †São Paulo (SP), 16/8/1974

Sobrou pouca gente para contar os feitos de Canhoteiro com a camisa do São Paulo. Um deles é o historiador do clube, Agnelo di Lorenzo, que costuma lembrar do ponta tricolor distribuindo laranjas com os pés para os colegas e fazendo embaixadas com uma moeda até colocá-la no bolso. E o que dizem os que o viram jogando é que fazia tudo o que Garrincha fazia pela direita. E ainda colocava a bola onde queria, com maior maestria do que Mané. Que se deixe o exagero de lado, o homem era mesmo um gênio. E só não foi à Copa do Mundo de 1958 porque Feola tinha em Pepe um canhão fabuloso e em Zagallo uma formiguinha, capaz de cumprir vários papéis dentro de campo. A Seleção perdeu o que talvez tenha sido o maior ponta-esquerda da história do futebol. O São Paulo não. No tricolor, jogou 415 partidas e fez 102 gols.

Títulos: paulista (1953, 1957)
Outros clubes: nenhum

6º Friedenreich

Atacante (1930-35)
Arthur Friedenreich
★São Paulo (SP), 18/7/1892 †São Paulo (SP), 1969

Friedenreich jogou, na verdade, na primeira fase do São Paulo. A que sucedeu o Paulistano, papão de títulos da era amador, e durou de 1930 a 1935. A presença daquele mulato, filho de alemães, valeu um título ao São Paulo da Floresta, o Paulista de 1931. E valeu 93 gols com a camisa branca, vermelha e preta. Verdade que ele já estava no final de carreira. Mas foi a chance de a imprensa que acompanharia futebol até o final dos anos 60 assistir ao primeiro mito dos campos brasileiros. E o primeiro mito, claro, tinha de passar pelo tricolor.

Títulos: paulista (1931)
Outros clubes: Ypiranga, Germânia, Mackenzie, Atlas, Clube Brasil, Paysandu, Internacional, Atlético Santista, Paulista, Santos, Dois de Julho, Atlético-MG, Flamengo

7º Gérson

Meia-esquerda (1969-73)
Gérson de Oliveira Nunes
★Niterói (RJ), 11/1/1941

A chegada ao Morumbi de Gérson foi um divisor de águas. Antes, a paz era total nos treinos e a turbulência completa quando a equipe entrava em campo. O São Paulo já não conquistava um campeonato sequer há 13 anos. Depois de Gérson, quando a equipe entrava em um gramado, a tranqüilidade e certeza da vitória era total. Mas, nos bastidores, nem tanto. Gérson é acusado, por exemplo, de ter dificultado a vida de Pedro Rocha em seus primeiros tempos no tricolor. O ambiente ao redor dele nunca foi perfeito. Mas compensava pelos títulos. Gérson marcou 12 gols em 93 jogos.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: Flamengo, Botafogo, Fluminense

8º Müller

Atacante (1984-88, 1991-94 e 1996)
Luís Antônio Corrêa da Costa
★Campo Grande (MS), 31/1/1966

Müller foi três em um no São Paulo. Nas três fases que passou pelo Morumbi, o jogador emprestou um estilo diferente ao clube. Quando o descobriu, o São Paulo achou um foguete. Merecia uma funilaria, uma lanternagem, é verdade, trabalho bem feito pelo técnico Cilinho. E Müller, que saía na cara do gol a cada lançamento de Pita, marcou 23 gols no Paulistão 85. Em 1988, o tricolor vendeu-o ao Torino, da Itália, e recomprou-o três anos mais tarde. Müller ainda era um avião, que jogava mais pelo setor esquerdo do campo, por orientação de Telê Santana. De consumidor, passou a fornecedor. Eram seus os passes milimétricos para gols de colegas. Mas, em 1995, o avião quis voar para o Japão, para jogar pelo Kashiwa Reysol. Voltou de novo no segundo semestre de 1996. Para tê-lo de volta, o São Paulo pagou pelo avião e pelo foguete, mas ficou com um teco-teco. Müller já estava desinteressado do tricolor.

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1992/93), Supercopa (1993), brasileiro (1986, 1991), paulista (1985, 1987, 1991/92),
Outros clubes: Torino-ITA, Kashiwa Reysol-JAP, Palmeiras, Santos, Cruzeiro

9º Darío Pereyra

Zagueiro (1977-88)
Alfonso Darío Pereyra Bueno
★Sauce (Uruguai), 19/10/1956

Nenhum zagueiro na história do São Paulo soube aliar tão bem técnica refinada com instinto assassino, típico dos beques de fazenda. Darío jogava de cabeça erguida, com sobriedade que poderia fazê-lo ser confundido com um Beckenbauer, por exemplo. Mas ai do atacante que imaginasse poder intimidá-lo ou humilhá-lo. Darío sabia como poucos entrar forte. Nos dias de decisão, não fazia a barba, para ficar com cara de mau. Funcionava. Em doze anos de Morumbi, Darío perdeu apenas três das nove finais que disputou.

Títulos: brasileiro (1977, 1986), paulista (1980/81, 1985, 1987)
Outros clubes: Nacional-URU, Flamengo, Palmeiras, Matsushita-JAP

10º Serginho

Centroavante (1974-83)
Sérgio Bernardino
★São Paulo (SP), 23/12/1953

Há quem não entenda a importância de Serginho na história do futebol. Pois basta uma informação para compreender. Chulapa é o maior artilheiro da história de um clube que teve Leônidas, Careca, Raí, Pedro Rocha, Gérson, Gino... Fez 242 gols. Serginho ainda tinha outras utilidades. Como catimbar, mesmo quando não podia estar em campo. Na final do Brasileirão 77, suspenso, foi ao Mineirão de helicóptero, levado pela diretoria do tricolor, e ficou sobrevoando o estádio, deixando a dúvida se havia ou não uma liminar para que entrasse em campo. Não entrou, mas o São Paulo foi campeão.

Títulos: paulista (1975, 1980/81)
Outros clubes: Marília, Santos, Corinthians, Portuguesa Santista, São Caetano, Jabaquara

11º Zizinho

Meia-direita (1957)
Thomaz Soares da Silva
★São Gonçalo (RJ), 14/9/1922

Até hoje, quando o São Paulo contrata um jogador consagrado, em fim de carreira, alguma voz sai do fundo do baú para afirmar: "É a tradição do tricolor. Sempre que um veterano chega, sai como campeão". Verdade que foi assim com Falcão e Cerezzo, mas a história se deve unicamente a Zizinho. Quando chegou, em 1957, tinha já 35 anos e prestes a encerrar a vitoriosa carreira. Mas precisava de um título paulista, que veio em uma partida incrível contra o Corinthians, vencido por 3 x 1. A maior vitória de Zizinho no tricolor, no entanto, foi receber o cumprimento e a homenagem de Pelé, que ainda hoje diz ter sido ele o maior jogador que viu em ação.

Títulos: paulista (1957)
Outros clubes: Flamengo, Bangu, Audax Italiano-CHI

12º Roberto Dias

Quarto-zagueiro (1959-73)
Roberto Dias Branco
★São Paulo (SP), 7/1/1943

Quando entrou em campo pela primeira vez com a camisa titular do Tricolor, Roberto Dias já sentiu o que tinha pela frente. O São Paulo já não era o grande clube, interessado em títulos. Era um clube preocupado com seu estádio e que só contratava pernas-de-pau. Pois virou histórica a frase de um técnico que chegou ao Morumbi pelos anos 60, questionado sobre a chance de dar um título em breve ao clube: "Dêem-me dez Dias". Dez jogadores como Roberto Dias. Não existiam.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: CEUB, Nacional-SP, Dom Bosco-MT

13º Rui, Bauer e Noronha

Médio-direito, centromédio e médio-esquerdo
Rui Campos, ★São Paulo (SP), 2/2/1922
José Carlos Bauer, ★São Paulo (SP), 21/11/1925
Alfredo Eduardo Noronha, ★Porto Alegre (RS), 25/9/1918

De tanto repetir, parece mesmo um nome só: Ruibauerenoronha. Por isso, PLACAR não teve como separar os três. Talvez porque dentro de campo fossem mesmo como um único jogador e, mesmo como uma extensão do campo, em frente à grande área. Na verdade, um título do tricolor veio sem o trio completo. Noronha jogava com Zezé Procópio e Zarzur. Mas não pegava bem, nem era sonoro: Zezé Procópio, Zarzur e Noronha. Não. Não estava à altura da tradição tricolor. Melhor assim: Ruibauerenoronha, campeões em 1945, 1946, 1948, 1949...

Títulos: paulista (1945/46, 1948/49). Noronha também foi campeão paulista em 1943.
Outros clubes: nenhum (Rui); Portuguesa, São Bento, Botafogo (Bauer); Grêmio, Internacional, Portuguesa, Vasco (Noronha)

SEBASTIÃO MARINHO

7º: Gérson foi um divisor de águas

SÉRGIO BEREZOVSKY

9º: Darío não fazia a barba nas finais

14º Poy

Goleiro (1948-63)
José Poy
★Rosário (Argentina), 16/4/1926 †São Paulo (SP), 8/2/1996

Quem diz que amor e dinheiro são irreconciliáveis? Pois Poy dá o exemplo. Em entrevista a PLACAR, em 1992, jurou amor eterno ao tricolor. E explicou como a paixão surgiu: "Pedi 4 mil para o técnico Vicente Feola, que sonhava me tirar do Rosario Central, meu clube na Argentina. Ele falou que eu ganharia 5 800. Me apaixonei na hora." E se apaixonou a ponto de viver no Brasil e torcer pelo tricolor até a morte. Em 1992, na mesma entrevista a PLACAR, posou para uma foto segurando um pôster do São Paulo, afirmando que torceria pelos brasileiros na final do Mundial Interclubes. Foi demitido do cargo de técnico da Portuguesa.

Títulos: paulista (1948/49, 1953, 1957)
Outros clubes: Rosario Central-ARG

15º: Toninho é o único penta paulista

15º Toninho

Centroavante (1970-73)
Antônio Ferreira
★Bauru (SP), 10/8/1942 †São Paulo (SP), 26/1/1990

É o único jogador a conquistar cinco títulos paulistas seguidos, entre 1967 e 1969. Mas três deles foram pelo Santos; o importante para o São Paulo é que os dois últimos foram no Morumbi. O que vale ainda mais é Toninho (que não à toa ganhou o apelido de Guerreiro) ter sido o primeiro artilheiro de campeonato com a camisa do tricolor em 14 anos e um dos heróis da quebra do jejum de 13 anos.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: Noroeste, Santos

RICARDO CORRÊA

17º: Cafu não foi perdoado por parte da torcida

16º Sastre

Meia-direita (1943 a 1946)
Antonio Sastre
★Lomas de Zamora, Argentina, 27/4/1911 †Buenos Aires, Argentina, 23/11/1987

Em seu primeiro ano de tricolor, em 1943, marcou seis gols na goleada por 9 x 0 sobre a Portuguesa Santista. Sastre foi o grande comandante do time no Paulistão de 1943, a primeira grande conquista da história do tricolor.

Títulos: paulista (1943, 1945/46)
Outros clubes: Independiente-ARG, Gimnasia La Plata-ARG

17º Cafu

Lateral-direito (1989-94)
Marcos Evangelista de Moraes
★São Paulo (SP), 19/6/1970

Tem são-paulino que não perdoa Cafu por um dia ter vestido a camisa do Palmeiras. Mas tem são-paulino que não consegue. Para os que precisam de um motivo para perdoá-lo, ai vai um bom: o dia 5 de dezembro de 1992. Naquela tarde, Cafu detonou e justamente o Palmeiras. Fez um golaço, de fora da área, saiu voando para pegar uma bola de cabeça e deixar Raí na cara do gol, sofreu um pênalti e deu o passe para outro gol. Tem palmeirense que não perdoou Cafu, quando ele foi jogar pelo Verdão. Mas tem palmeirense que não consegue desculpar o maior lateral-direito da história do tricolor.

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1992/93), Supercopa (1993), brasileiro (1991), paulista (1989, 1991/92)
Outros clubes: Zaragoza-ESP, Juventude, Palmeiras, Roma-ITA

18º Mauro

Zagueiro (1948-60)
Mauro Ramos de Oliveira
★São Paulo (SP), 30/8/1930

Ele entrou no time em 1948, quando os titulares de três posições da defesa eram Rui, Bauer e Noronha. À primeira vista, não teria a menor chance de conquistar uma posição entre os titulares. Pois não é que, ao entrar no time de vez, ninguém notou diferença. Mauro era bom demais e foi titular numa linha média que formava ao lado de Pé-de-Valsa e Alfredo, na campanha do título de 1953. Quatro anos depois, novo título, mas só um havia sobrevivido na linha média: Mauro. Os outros eram Dino Sani e Riberto.

Títulos: paulista (1953, 1957)
Outros clubes: Santos

19º Oscar

Zagueiro (1980-87)
José Oscar Bernardi
★Monte Sião (MG), 20/6/1954

Era uma espécie de Bellini moderno. Aquele que os que não prestavam atenção tinham na conta de um zagueiro de pura técnica. Não era. Seu forte era jogar sério, decidido, sem perder divididas. Mas, educado, não apelava e passava a impressão de um moço de linhagem. Jogou muito no São Paulo, mas jogava ainda mais quando vestia a camisa da Seleção Brasileira.

Títulos: brasileiro (1986), paulista (1980/81, 1985)
Outros clubes: Ponte Preta, Cosmos-EUA, Nissan-JAP

20º Zetti

Goleiro (1989-97)
Armelino Donizetti Quagliato
★Porto Feliz (SP), 10/1/1965

Se não fosse Zetti e suas defesas de pênaltis na final da Libertadores, em 1992, contra o Newell's Old Boys, e o São Paulo não seria nem uma vez campeão mundial. Não teria chegado nem à decisão de seu primeiroMundial Interclubes, em dezembro daquele ano, contra o Barcelona, em Tóquio. Quanto mais a duas finais seguidas. Nos oito anos em que jogou no Morumbi, ele fez diferença e chegou a lembrar o santista Rodolfo Rodríguez, fazendo quatro milagres seguidos em uma partida contra a Universidad Catolica, do Chile. Chegou desacreditado, depois de uma lesão que provocou seu afastamento do Palmeiras. Mas logo tomou conta da posição. Virou lenda do Morumbi e só saiu quando já estava num período descendente de sua carreira.

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1992/93), Supercopa (1993), brasileiro (1991), paulista (1991/92)
Outros clubes: Toledo, Guarani, Palmeiras, Santos, Fluminense

21º Toninho Cerezzo

Meia (1992-94)
Antônio Carlos Cerezzo
★Belo Horizonte (MG), 21/4/1956

É uma daquelas contratações produzidas pela passagem de Zizinho, nos anos 50. Cerezzo chegou em 1992, aos 38 anos, foi um dos melhores na primeira final de mundial, contra o Barcelona, e o melhor na segunda, contra o Milan. Esse fez valer a tradição.

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1993), Supercopa (1993), paulista (1992)
Outros clubes: Atlético-MG, Sampdoria-ITA, Roma-ITA, Cruzeiro

22º Pita

Meia (1984-88)
Edvaldo Oliveira Chaves
★Nilópolis (RJ), 4/8/1958

A melhor coisa da passagem de Pita pelo São Paulo foi poder sacanear santistas. Na negociação, o Peixe cedeu o meia em troca de Zé Sérgio, já combalido, e Humberto. Incrível: os alvinegros da Vila Belmiro pensaram ter levado vantagem na negociação. Até que Pita foi fazendo seus lançamentos perfeitos, o São Paulo tinha começado a ganhar títulos, e a fila do Santos foi crescendo...

Títulos: brasileiro (1986), paulista (1985, 1987)
Outros clubes: Santos, Racing Strasbourg-FRA, Guarani, Inter de Limeira

23º Gino

Centroavante (1952-64)
Gino Orlando
★São Paulo (SP), 3/9/1929

O centroavante campeão paulista de 1953 e 1957 pelo São Paulo não era um craque. Longe disso. Como Serginho Chulapa, notabilizou-se pelos gols que marcou e pelo oportunismo na grande área. Marcou época.

Títulos: paulista (1953, 1957)
Outros clubes: XV de Jaú, Palmeiras, Juventus

24º Zé Sérgio

Ponta-esquerda (1976-83)
José Sérgio Presti
★São Paulo (SP), 8/3/1957

O árbitro Dulcídio Wanderley Boschillia apitou o início da partida e Zé Sérgio partiu para cima do lateral Perivaldo, do Palmeiras. Dribla pra lá, dribla pra cá e lá ia camisa verde bailando, prestes a cair ao chão, estatelado. Antes que isso acontecesse, Perivaldo mandou o pontapé. Cartão vermelho em tempo recorde: 40 segundos. De tanto apanhar, Zé Sérgio sofreu graves lesões e diminuiu seu tempo de futebol de alto nível. Na verdade, havia só uma outra maneira de parar Zé Sérgio. Mas, mesmo que o zagueiro tivesse porte de arma, dificilmente conseguiria autorização para matar.

Títulos: brasileiro (1977), paulista (1980/81)
Outros clubes: Santos, Vasco, Nissan-JAP

25º Leonardo

Lateral-esquerdo e meia-esquerda (1990/91 e 1993/94)
Leonardo Nascimento de Araújo
★Niterói (RJ), 5/9/1969

Como Leonardo começou como lateral-esquerdo, pouca gente se dava conta de como funcionava o São Paulo de 1991. Ronaldão vestia a camisa 5 e caía pelo lado esquerdo, protegendo a lateral. Leonardo se mandava para o ataque, fechava pelo meio, armava a equipe. Os técnicos e times rivais só perceberam isso anos depois, quando o mesmo jogador voltou ao Brasil vestindo a 10. Pois quem inventou o jogador versátil que joga hoje no Milan foi o tricolor.

Títulos: mundial (1993), Supercopa (1993), brasileiro (1991)
Outros clubes: Flamengo, Valencia-ESP, Kashima Antlers-JAP, Paris Saint-Germain-FRA, Milan-ITA

26º Chicão

Volante (1975-80)
Francisco Jesuíno Avanzi
★Piracicaba (SP), 30/1/1949

Nos tempos em que não havia técnica, havia Chicão. Foi com ele que o tricolor atropelou o Atlético-MG, na decisão do Campeonato Brasileiro de 1977. Literalmente. Chicão passou por cima e quebrou a perna do meia Ângelo, do Galo. Time por time, os mineiros eram melhores. Mas o São Paulo tinha Chicão.

Títulos: brasileiro (1977), paulista (1975)
Outros clubes: Ponte Preta, Atlético-MG, Santos, Mogi Mirim, Barbarense

27º Waldir Peres

Goleiro (1973-82)
Waldir Peres Arruda
★Garça (SP), 2/2/1951

Em 1977, na base da catimba, Waldir Peres fez três jogadores do Atlético-MG perderem pênaltis, na decisão que valeu ao São Paulo seu primeiro Brasileiro. Em 1981, adiantou-se em outro pênalti e foi dar de cara com Baltazar. Na volta, Baltazar chutou para fora.

Títulos: brasileiro (1977), paulista (1975, 1980/81)
Outros clubes: Ponte Preta, América-RJ, Guarani, Corinthians, Portuguesa

28º Palhinha

Meia (1992-96)
Jorge Ferreira da Silva
★Carangola (MG), 14/12/1967

O "outrista" (termo criado por Luís Fernando Veríssimo) é aquele que sempre acha que o grande nome de um jogo não foi aquele escolhido por todos. Aquele que diz que Maradona foi melhor que Pelé, que o irmão bom era Edu, e não Zico, que Palhinha era melhor que Raí. Tinha desses, nos tempos do bi mundial. Verdade que o "outrista" é quase sempre um chato. Mas Palhinha jogou muito mesmo. Tanto que está entre os deuses eleitos por PLACAR.

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1992/93), Supercopa (1993), paulista (1992)
Outros clubes: América-MG, Cruzeiro, Flamengo, Grêmio, Botafogo-SP

RONALDO KOTSCHO

19º: Oscar jogava sério sempre

29º Jurandir

Zagueiro (1962-71)
Jurandir de Freitas
★Marília (SP), 12/11/1940

Um Dias. Se havia um jogador digno de atuar pelo São Paulo dos anos 60, além de Roberto Dias, esse era Jurandir. Clássico, mas sem enfeitar, dava segurança à defesa tricolor na campanha do bicampeonato paulista de 1970 e 1971. Era o único que poderia fazer os treinadores da época solicitarem nove Dias na chegada, em vez de dez, como ficou conhecida a lenda do tricolor daquela época.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: Marília, Comercial-SP, Amparo

30º Ricardo Rocha

Zagueiro (1989-91)
Ricardo Roberto Barreto da Rocha
★Recife (PE), 11/9/1962

Tinha uma rocha no meio do caminho dos adversários do São Paulo, no início dos anos 90: Ricardo. Com ele, o tricolor não dava trégua e ganhou o Brasileirão 91. E poderia ter vencido também em 1990, não fosse a teimosia de Telê Santana, que o barrou para escalar o inexperiente Ivan.

Títulos: paulista (1989), brasileiro (1991)
Outros clubes: Santa Cruz, Guarani, Sporting-POR, Real Madrid-ESP, Santos, Vasco, Flamengo, Fluminense

JOSÉ PINTO

27º: Waldir Peres fazia milagres rindo

31º Renato
Meia-direita (1980-84)
Carlos Renato Frederico
★Morumbaga (SP), 21/2/1957

Em 1980, quando foi contratado pelo São Paulo, foi o maior investimento feito por um clube brasileiro — na época, 11 milhões de cruzeiros. Só o gol que abriu a vitória na final do Paulistão 81, contra a Ponte, já valeu o investimento. Recebeu o cruzamento perfeito de Getúlio, subiu mais do que a boa dupla de zagueiros da Ponte Preta, formada por Juninho e Nenê. E cabeceou forte, certeiro. Viveu cinco anos no São Paulo e só foi acusado de nunca ter aprendido a chutar. Mesmo assim, fez gols e mais gols com a camisa tricolor.

Títulos: paulista (1980/81)
Outros clubes: Guarani, Botafogo, Atlético Mineiro, Ponte Preta, Nissan-JAP

32º Antônio Carlos
Zagueiro (1990-92)
Antônio Carlos Zago
★Presidente Prudente (SP), 18/5/1969

Só não está à frente na lista por um erro estratégico: preferiu, por livre e espontânea vontade, trocar o tricolor pelo Albacete, da Espanha! Apesar da passagem brilhante, é só o 32º da lista.

Títulos: paulista (1991), brasileiro (1991), Libertadores (1992)
Outros clubes: Albacete-ESP, Palmeiras, Kashiwa Reysol-JAP, Corinthians, Roma-ITA

ALEXANDRE BATTIBUGLI

33º: Denilson fez Arce bailar à sua frente

33º Denilson
Atacante (1994-98)
Denilson de Oliveira
★São Bernardo do Campo (SP), 24/8/1977

O que faltou em seu currículo foram os títulos — ganhou uma Copa Conmebol em 1994 e um Paulistão, em 1998, em que Raí foi decisivo. Mas os são-paulinos riram tanto vendo Arce bailar nos seus pés que merece a lembrança.

Títulos: Conmebol (1994), paulista (1998)
Outros clubes: Betis-ESP

34º: Mário Sérgio era chamado Vesgo

34º Mário Sérgio
Meia (1981-82)
Mário Sérgio Pontes de Paiva
★Rio de Janeiro (RJ), 7/9/1950

Em 1981, o tricolor meteu 6 x 2 no Palmeiras e Mário Sérgio fez um de letra. Só para humilhar os palmeirenses, ele está entre os melhores do São Paulo.

Títulos: paulista (1981)
Outros clubes: Vitória, Flamengo, Fluminense, Botafogo, Talleres-ARG, Internacional, Ponte Preta, Grêmio, Palmeiras, Bellinzona-SUI, Bahia

35º Bellini
Zagueiro (1963-68)
Hideraldo Luís Bellini
★Itapira (SP), 7/6/1930

Quando Mauro saiu, para o Santos, era preciso encontrar um zagueiro à altura. Saía um campeão do mundo, nada melhor do que outro. Bellini não jogou muito, mas livrou a cara de um time cheio de Cecílios Martínez, Sabinos e Faustinos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, Atlético-PR

36º Friaça
Ponta-direita (1949)
Albino Friaça Cardoso
★Porciúncula (RJ), 20/10/1924

Foi artilheiro do Campeonato Paulista de 1949, com 24 gols. Passou rapidamente pelo tricolor, mas marcou época.

Títulos: paulista (1949)
Outros clubes: Vasco, Ponte Preta

37º De Sordi
Lateral-direito (1953-65)
Nílton De Sordi
★Piracicaba (SP), 14/2/1931

Conta-se que em toda a sua carreira chutou apenas duas vezes a gol. Nas duas, contra Fluminense e Corinthians, a bola bateu na trave. Em compensação, talvez nunca tenha perdido um desarme. Até o aparecimento de Cafu, era o melhor da história do tricolor, na posição.

Títulos: paulista (1953, 1957)
Outros clubes: XV de Piracicaba

38º Sérgio
Goleiro (1970-73)
Sérgio Vágner Valentim
★Chavantes (SP), 22/5/1945

Foi um dos primeiros goleiros canonizados pela torcida, tantos eram os milagres que fazia. São Sérgio começou no São José, mas foi no Morumbi que se consagrou. Foi bicampeão paulista em 1970/71 e em 1972, quando o São Paulo foi vice-campeão, o time tomou apenas sete gols em 22 jogos, até hoje recorde do Campeonato Paulista.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: São José

39º Juninho
Meia (1993-95)
Osvaldo Giroldo Júnior
★São Paulo (SP), 22/2/1973

Durante dois anos, Juninho ouviu a mesma conversa fiada. Era jogador para entrar no decorrer do jogo, no lugar de algum atleta cansado, para aproveitar a defesa do outro lado, também cansada. Se começasse jogando, não funcionava. E Juninho entrava e resolvia, entrava e resolvia de novo. De tanto ouvir a mesma conversa, um dia aproveitou uma boa atuação na Seleção Brasileira — desde o início — e aceitou o convite para defender o Middlesbrough, da Inglaterra. Jogou por lá durante dois anos, foi para o Atlético de Madrid, voltou para o Middlesbrough. Durante três anos de sucesso de Juninho na Europa, nada de títulos do tricolor. E Juninho arrebentando. Melhor com ele jogando desde o início.

Títulos: mundial (1993), Supercopa (1993), Conmebol (1994)
Outros clubes: Ituano, Middlesbrough-ING, Atlético de Madrid-ESP

40º Silas
Meia (1984-88)
Paulo Silas do Prado Pereira
★Campinas (SP), 27/8/1965

Era o símbolo dos Menudos — apelido do time campeão paulista de 1985 — junto com Müller. Fazia lançamentos e não errava passes. Nos juniores, ele era o dono da camisa 10 e Müller, seu reserva. Chegou à Seleção, mas seu nível caiu antes do amigo. Foi campeão argentino pelo San Lorenzo. Joga no Atlético-PR.

Títulos: brasileiro (1986), paulista (1985, 1987)
Outros clubes: Sporting-POR, Cesena-ITA, Sampdoria-ITA, Vasco, Internacional, Santos, San Lorenzo-ARG, Kyoto-JAP, Atlético-PR

41º Dino Sani
Volante (1955-61)
Dino Sani
★São Paulo (SP), 23/5/1932

Um dos mais clássicos jogadores brasileiros que já vestiram a camisa 5. Não dava pontapés, não se preocupava em marcar, mas em fazer lançamentos. Foi campeão paulista em 1957, mas não jogou a final, substituído por Sarará.

Títulos: paulista (1957)
Outros clubes: Palmeiras, Corinthians, Boca Juniors-ARG, Milan-ITA

42º Muricy
Meia (1973-77)
Muricy Ramalho
★São Paulo (SP), 30/11/1955

Era técnico e veloz, mas as lesões prejudicaram e encurtaram sua carreira. Nos anos 90, foi auxiliar-técnico de Telê Santana e depois treinador. Bom, melhor não falar dessa parte.

Títulos: brasileiro (1977), paulista (1975)
Outros clubes: Guarani, América-RJ, Puebla-MEX

43º Pagão
Centroavante (1962-65)
Paulo César Araújo
★Santos (SP), 7/10/1934 †Santos (SP), 4/4/1991

Em 1963, o tricolor meteu 4 x 1 no Santos no primeiro tempo e o time adversário fugiu de campo, com Pelé e tudo. O tricolor era um timinho, mas tinha Pagão. Só por esse dia, vale sua lembrança. Era o jogador dos sonhos do compositor Chico Buarque, que morou em Santos nos tempos em que o centroavante jogava na Vila Belmiro. Para o compositor carioca, Pagão simbolizava o futebol bem jogado.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Santos, Portuguesa Santista

44º Paraná
Ponta-esquerda (1965-74)
Ademir de Barros
★Campinas (SP), 21/3/1942

Teve duelos ótimos com Eurico, lateral do Palmeiras.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: São Bento, Tiradentes, Operário-MS, Colorado-PR, Londrina, Francana, Barra Bonita

45º Terto
Ponta-direita (1969-76)
Tertuliano Severiano dos Santos
★Recife (PE), 29/12/1946

Seu ponto forte eram os arranques em linha reta, em direção à linha de fundo. Chegava com facilidade impressionante, mas a mesma facilidade não aparecia sempre no momento de fazer o cruzamento. Falhava demais nesse fundamento, o que irritava um pouco a torcida, acostumada ao bom futebol do outro ponta, Paraná, que jogava pela esquerda. Mas Terto participou das campanhas do São Paulo no bicampeonato paulista de 1970 e 1971, assim como do título paulista de 1975. As taças garantiram sua presença na lista.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: São Bento, Tiradentes, Operário-MS, Colorado-PR, Londrina, Francana, Barra Bonita

46º Marinho Chagas
Lateral-esquerdo (1981-82)
Francisco das Chagas Marinho
★Natal (RN), 8/2/1952

Quando chegou ao Morumbi, Marinho já estava no fim de carreira e sem fôlego para muita coisa. Mas teve futebol para ajudar o tricolor a chegar ao título paulista de 1981. Pelo futebol que mostrou, entra na relação.

Títulos: paulista (1981)
Outros clubes: Riachuelo-RN, ABC-RN, Náutico-PE, Fluminense, Cosmos-EUA, Strikers-EUA, Bangu, Harlekin-ALE, Heit-EUA

47º Forlan
Lateral-direito (1970-73)
Pablo Justo Forlan Lamarque
★Mercedes, Uruguai, 14/7/1956

Típido lateral uruguaio, destacava-se pela pancada de pé direito e pela violência como marcava os pontas adversários. Em especial, a um do Palmeiras: Nei. Esse apanhou como poucos na história do futebol paulista e reclama até hoje do seu colega de clube, César, que provocava Forlan e corria para o lado oposto do campo. Quem apanhava era só o ponta.

Títulos: paulista (1970/71)
Outros clubes: Wanderers-URU, Peñarol-URU

48º Ronaldão
Zagueiro (1985-93)
Ronaldo Rodrigues de Jesus
★São Paulo (SP), 19/6/1965

Só pela evolução que mostrou dos tempos em que começou a carreira até ser eleito um dos melhores nas duas finais de mundiais de clubes, Ronaldão merece figurar entre os históricos do São Paulo

Títulos: mundial (1992/93), Libertadores (1992/93), brasileiro (1986, 1991), paulista (1987, 1989, 1991/92)
Outros clubes: Rio Preto, Kashiwa Reysol-JAP, Flamengo, Santos, Ponte Preta

49º Sidney
Ponta-esquerda (1984-87)
Sidney José Tobias
★São Paulo (SP), 20/8/1963

Veloz, teve uma carreira tão rápida quanto seu futebol. Fez gol na final do Paulistão 85, foi campeão brasileiro em 1986. chegou à Seleção Brasileira. Mas sua decadência foi meteórica. Tão meteórica que cheirou mal.

Títulos: brasileiro (1986), paulista (1985)
Outros clubes: Flamengo, Santos, Marítimo-POR

50º França
Centroavante (desde 1995)
Françoaldo Sena de Souza
★Codó (MA), 2/3/1976

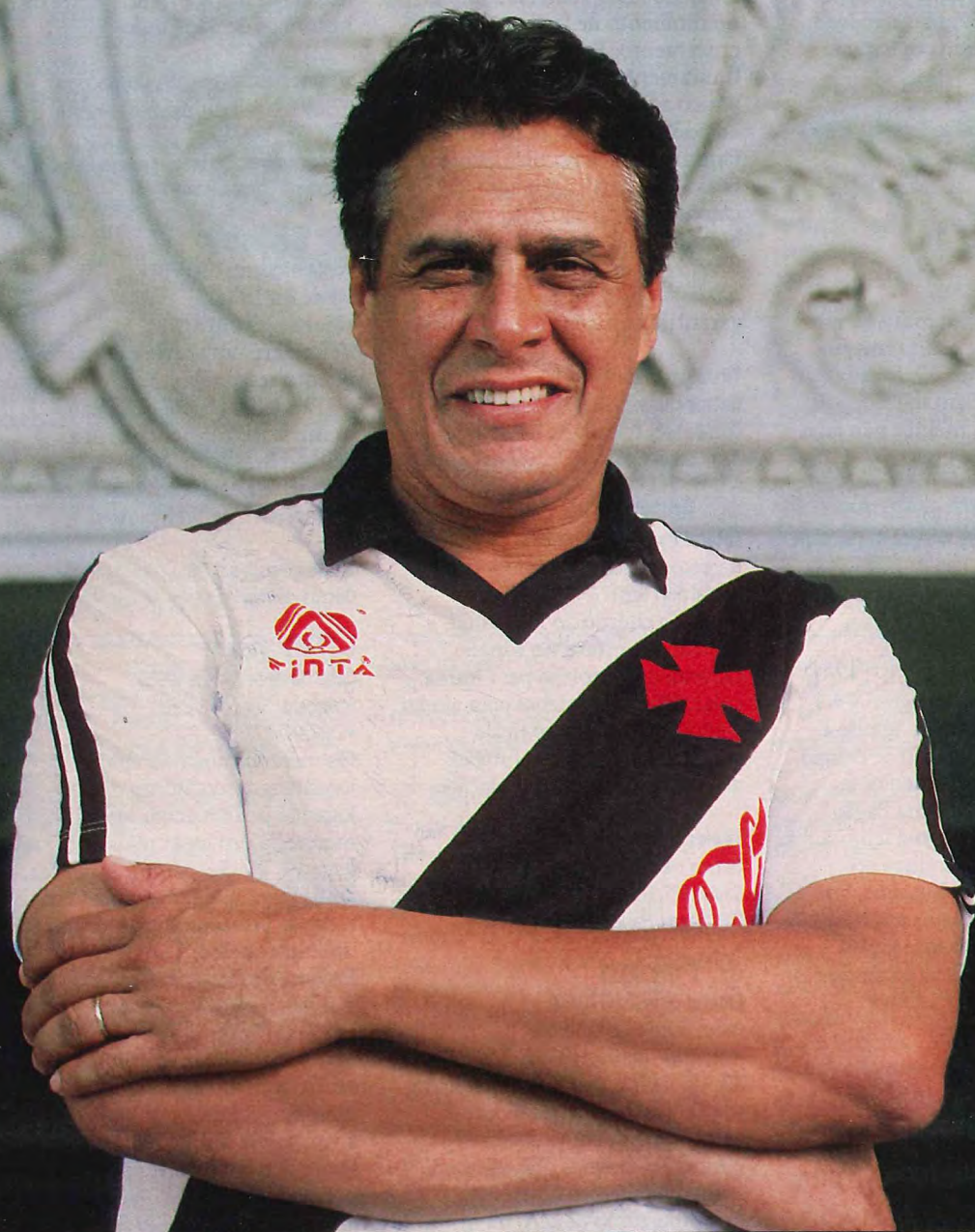
Os meninos que não viram jogadores como Sidney e Friaça jogando podem achar que França mereceria um lugar mais nobre na lista dos 50 são-paulinos. No caso do tricolor, que tem craques em todas as posições, duro é encotrar um lugar melhor para França. Embora os fatos mais recentes da história do São Paulo até permitam especular sobre qual será a importância histórica do centroavante daqui a dez anos, por exemplo. Foi dele o gol que fechou a vitória por 3 x 1 e deu ao São Paulo o título paulista de 1998, por exemplo. É dele o título de artilheiro no Paulistão 2000, o último do século. Como França ainda não terminou sua participação no futebol, pode subir com o decorrer dos anos. Por enquanto, ocupa só a 50ª posição.

Títulos: paulista (1998)
Outros clubes: XV de Jaú

FOTOS NELSON COELHO

40º: Silas foi símbolo dos Menudos

NELSON COELHO

48º: Ronaldão evoluiu e virou exemplo

O ídolo triste

Quem o viu nas peladas de várzea em Duque de Caxias não podia imaginar que aquele menino desajeitado seria o maior artilheiro da história do Vasco e o quarto maior artilheiro da história do futebol brasileiro

EDUARDO MONTEIRO

Meu tio apontou para o campinho de terra no Corte Oito e disse:
— Roberto começou a jogar aqui.
Para logo em seguida emendar:
— Era ruim que dava dó...

Fiquei imaginando um moleque, grandalhão para sua idade, matando a bola com a canela numa pelada de Duque de Caxias. Como aquele improvável centroavante ia se tornar o maior artilheiro da história do Vasco, o maior artilheiro da história do Campeonato Brasileiro e o maior artilheiro da história do clássico Vasco x Flamengo?

Talvez fosse esse um dos motivos de Roberto ser tão amado. Ele não era tão impressionante quanto Ademir, não era tão infalível quanto Romário, não era tão habilidoso quanto Edmundo. Mas sabia o quanto tinha lhe custado chegar até ali, e que precisava provar a cada domingo por que vestia a 10 do Vasco.

Roberto era um centroavante de sorriso cheio de dentes, mas triste. As más fases, as vaias da torcida, as críticas da imprensa o abatiam. Quando Jurema, seis anos mais velha, entrou em sua vida, a torcida recusou-se a aceitar o relacionamento, como um pai que rejeita a futura nora. Roberto sofreu. Como sofreria em muitas outras ocasiões. Quando foi posto na reserva na Copa de 1978 (em boa hora o almirante Heleno Nunes fez respeitar a hierarquia e mandou Coutinho escalá-lo). Quando fracassou no Barcelona, em 1980 (foram apenas oito jogos, dois gols). Quando ficou de fora da Seleção de Telê para a Copa do Mundo de 1982 (por fim acabou chamado para o lugar de Careca, mas assistiu à eliminação do Brasil das arquibancadas do Sarriá). Quando foi emprestado à Portuguesa, em 1989, e teve que enfrentar o Vasco em São Januário (não fez gol). Quando ganhou passe livre e o Vasco não fez força para impedi-lo de ir para o Campo Grande, em 1991. E, principalmente, quando Jurema não resistiu à longa espera na fila por um transplante de rim, em 1984.

Para cada uma dessas tristezas, porém, Roberto fez a torcida sorrir muitas outras vezes. Desde seu primeiro gol no Maracanã, contra o Internacional, que lhe valeu o apelido depois incorporado ao nome, até sua despedida, em 1993. Momentos como os cinco gols contra o Corinthians, no Brasileiro de 1980, mostrando ao Barcelona tudo o que estava perdendo; o chapéu em Osmar Guarnelli (seguido de gol, claro) na dramática partida contra o Botafogo pela Taça Guanabara de 1976; a artilharia de dois Campeonatos Brasileiros, em 1974 e 1984; as duas empolgantes vitórias, com gols seus, nos dois primeiros jogos da final do estadual de 1981 (principalmente a segunda, quando a torcida do Flamengo já comemorava o título); o passe na medida para Tita fazer o gol do título carioca de 1987.

ROBERTO (À ESQUERDA, EM SÃO JANUÁRIO) TEM O SORRISO FÁCIL, MAIS TRISTE. FORAM MUITOS OS PROBLEMAS QUE O ABALARAM DURANTE A CARREIRA: O FRACASSO NO BARÇA, A RESERVA NA COPA E, SOBRETUDO, A MORTE DE JUREMA

Todo vascaíno de pelo menos 30 anos se lembra disso. E cada um daquela geração tem suas lembranças de infância ligadas ao ídolo. Por exemplo, eu. Abri uma caderneta de poupança Letra só para ganhar um autógrafo de Roberto na agência Copacabana (depois perdi a poupança e o autógrafo). Colecionei o Futebol Card de Roberto ("seu prato preferido é o que cozinha sua mulher", dizia o texto). Masquei incontáveis chicletes até sair a figurinha dele no álbum da Copa de 82 (deixaram de propósito para distribuí-la nos últimos lotes).

Quando Roberto se despediu do futebol, em 1993, a torcida do Vasco experimentou um sentimento novo. Já não se lembrava mais como era o mundo sem ele. Ao lado de Dinamite, no time do Vasco, desfilou uma geração de atacantes. Quando ele estreou, o centroavante titular era Tostão. Quando parou, era Edmundo! Um jogador que trocou passes com Tostão e Edmundo tem alguma coisa de especial. E, entre os dois, Roberto dividiu o ataque vascaíno com Jorginho Carvoeiro, Dé, Jair Pereira, Ramon, Paulinho, Jorge Mendonça, Cláudio Adão, Silvinho, Amauri, César, Marquinho, Paulo Egídio, Rômulo, Romário (surpresa, ele era melhor que Roberto), Sorato, Bebeto e Valdir, entre outros. Nada mau. Em todo esse período, vestiu a camisa 10 (por isso Romário teve que se consagrar com a 11). E se hoje, aos 46 anos, Roberto pedir para entrar no jogo de domingo que vem, a camisa 10 é dele. Porque quando dizem que Romário, Edmundo, Juninho são ídolos, não é excesso de nostalgia dizer que a garotada não sabe o que é ídolo, não.

ANDRÉ FONTENELLE

RICARDO BELIEL

1º Roberto Dinamite

Atacante (1971-93)
Carlos Roberto Dinamite de Oliveira
★Duque de Caxias (RJ), 13/4/1954
Títulos: brasileiro (1974), carioca (1977, 1982, 1987/88, 1992)
Outros clubes: Barcelona-ESP, Portuguesa-SP, Campo Grande
Por que está em primeiro lugar:
Foi o último a jogar somente por amor à camisa. Numa época em que trocar de time virou coisa normal, defendeu o Vasco durante 22 anos. Quando saiu, foi a contragosto. Decidiu incontáveis jogos perdidos para o Vasco. Metia medo no Flamengo numa época em que o Flamengo é que metia medo em todo mundo

Nas próximas páginas:
2º Ademir
3º Barbosa
4º Bellini
5º Vavá
6º Edmundo
7º Romário
8º Danilo
9º Andrada
10º Carlos Germano
11º Chico
12º Mauro Galvão
13º Almir
14º Orlando Peçanha
15º Ely
16º Mazinho
17º Maneca
18º Jorge
19º Juninho
20º Brito
21º Fausto
22º Jaguaré
23º Pascoal
24º Felipe
25º Geovani
26º Augusto
27º Domingos da Guia
28º Rafanelli
29º Jair Rosa Pinto
30º Tesourinha
31º Ricardo Rocha
32º Leônidas
33º Silva
34º Mazzaropi
35º Heleno
36º Dunga
37º Rubens
38º Acácio
39º Jorginho
40º Ipojucan
41º Russinho
42º Dirceu
43º Bismarck
44º Tita
45º Paulinho
46º Sorato
47º Cocada
48º Bebeto
49º Denner
50º Eurico Miranda

2º Ademir

Atacante (1942-46, 1948-56)
Ademir Marques de Menezes
★Recife (PE), 8/11/1922 †Rio de Janeiro (RJ), 11/5/9196

Quantos Ademires que hoje são cinqüentões ganharam esse nome em homenagem a ele?
Durante anos, a discussão entre a velha e a nova guardas de cruzmaltinos era quem havia sido o maior jogador da história do Vasco: Ademir ou Roberto. A celeuma só foi em parte diminuída pelas conquistas dos anos 90, sem um, nem outro. Na briga com Roberto pesa, a favor do Queixada, o título sul-americano, conquistado pelo Vasco no Chile, em 1948. A favor de Roberto, há o videoteipe, que expôs seus gols todos os domingos de sua carreira, na telinha. Pois quantas foram as proezas de Ademir com a camisa do Vasco nos tempos pré-televisão?
Ademir ainda era vascaíno de coração, razão pela qual retornou a São Januário em 1948, dois anos depois de conquistar o título carioca pelo Fluminense.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1948/49, 1952, 1954, 1956),
Outros clubes: Sport Recife, Vasco, Fluminense

2º: Ademir veio do Recife para vencer

3º Barbosa

Goleiro (1944 a 1962)
Moacir Barbosa
★Campinas (SP), 27/3/1921 †Praia Grande (SP) 31/3/2000

Muita gente lembra Barbosa apenas por causa do gol de Ghiggia na final da Copa de 50. Menos a torcida vascaína. Pelo Vasco, ninguém conquistou mais títulos, dada sua longevidade. Em São Januário, jogou 494 partidas e levou 582 gols. Depois dele, nunca um goleiro vascaíno pisou a grande área da Seleção em uma Copa do Mundo. Amargurado, antes de morrer, Barbosa queixou-se por pagar sua pena há quase 50 anos enquanto a maior do sistema penal brasileiro é de trinta. Em 1958, conquistou sua última glória: o título carioca.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1947, 1949/50, 1952, 1958), Rio-São Paulo (1958)
Outros clubes: Ypiranga, Santa Cruz, Bonsucesso e Campo Grande

3º: Barbosa ganhou seis títulos cariocas

4º Bellini

Zagueiro (1952-63)
Hideraldo Luís Bellini
★Itapira (SP), 7/6/1930

Nos anos 50, as garotinhas — alguma delas poderia até ser sua avó — saltitavam ao ver Bellini, o capitão brasileiro na primeira conquista de Copa do Mundo, em 1958. O zagueiro do Vasco tinha pinta de galã, o que combinaria com um futebol técnico, sem chutões, de alta categoria, certo? Errado. Nos dez anos que vestiu a camisa cruzmaltina, Bellini dava chutão pro mato, se fosse preciso, batia namedalhinha de atacante e provavelmente nunca olhou para a cara da sua avó. É que Bellini era a imagem da seriedade. E do Vasco.

Títulos: carioca (1952, 1956, 1958), Torneio Rio-São Paulo (1958)
Outros clubes: Esportiva Sanjoanense, Vasco, São Paulo e Atlético-PR

5º Vavá

Atacante (1952-58)
Edwaldo Izídio Netto
★Recife (PE), 12/11/1934

Não tinha uma técnica insuperável, mas se consagrou como um dos centroavantes mais perigosos e raçudos do futebol brasileiro. Começou no Sport Recife e, seguindo a linha de sucesso dos pernambucanos em São Januário, foi contratado pelo Vasco para, anos mais tarde, suceder o conterrâneo Ademir Menezes. No Rio, ganhou dois títulos cariocas e um Rio-São Paulo. Na Seleção, estreou como amador nas Olimpíadas de Helsinque, em 1952. Depois, ganhou o apelido de Leão da Copa, pelo bi mundial de 1958 e 1962.

Títulos: carioca (1956, 1958), do Torneio Rio-São Paulo (1958).
Outros clubes: Sport Recife, Vasco, Atlético de Madrid-ESP, Palmeiras, Toros-MEX, América-MEX, San Diego-MEX

6º Edmundo

Atacante (1991-93, 1996-97 e desde 1999)
Edmundo Alves de Souza Neto
★Rio de Janeiro (RJ), 2/4/1971

No mesmo final de semana, o Vasco ia estrear no Brasileiro e na Taça São Paulo de Juniores. Era o ano de 1992 e um tal Edmundo estava na concentração dos juniores. Inconformado, o técnico Nelsinho mandou chamá-lo: "Você vai para São Paulo, mas para pegar o Corinthians, pelo Brasileiro", ordenou. Edmundo viajou e passou a ser festejado como a grande revelação daquele ano. De lá para cá, foi amado e odiado pelos cruzmaltinos. Odiado por vestir a camisa do Flamengo, durante uma curta passagem, em 1995. A pergunta hoje é se a torcida prefere tê-lo ou a Romário. Se o desempate for em identificação com o Vasco, a resposta está na boca da galera: "Ah, é Edmundo!"

Títulos: brasileiro (1997), carioca (1992)
Outros clubes: Vasco, Palmeiras, Flamengo, Corinthians, Fiorentina-ITA

7º Romário

Atacante (1985-88 e desde 1999)
Romário de Souza Farias
★Rio de Janeiro (RJ), 29/1/1966

Dizem que sete é conta de mentiroso. Pois Romário é o sétimo na relação dos maiores craques da história do Vasco sem jamais ter contado uma única mentira sobre seus feitos. É de fato o grande jogador dos anos 90, talvez o principal goleador depois de Pelé, o mais polêmico e vencedor de seu tempo. Por que, então, Romário é apenas o sétimo da lista? Pois pense bem: o que de mais claro Romário deu ao Vasco foi o bicampeonato carioca de 1987/88, quando fazia o lado direito das arquibancadas do Maracanã morrer de rir com os dribles em Leandro e Zé Carlos, do Flamengo. Poderia ser um deus consagrado, imortal, melhor que Roberto só por isso, não podia? Pois então, por que é que foi vestir a camisa do Flamengo e tripudiar em cima da galera cruzmaltina? E ainda por cima jurar amor eterno ao Fla e a todo o Império do Mal. Romário voltou, é verdade, e até matou um pouco da raiva ao aniquilar o Mengão na final da Taça Guanabara de 2000, com três gols. Por isso e por não ter evitado que o Mengão ganhasse nos seus cinco anos na Gávea — os rubro-negros ganharam só dois míseros títulos estaduais — está perdoado pelos vascaínos. Mais uma vez.

Títulos: carioca (1987/88)
Outros clubes: PSV Eindhoven-HOL, Barcelona-ESP, Flamengo, Valencia-ESP

8º Danilo

Apoiador, (1945-53)
Danilo Alvim
★Rio de Janeiro (RJ), 3/2/1920 †16/5/1996

Outra vítima da tragédia da Copa de 1950 no Maracanã. "O Príncipe" foi um dos apoiadores mais geniais do Brasil e fez fama com a camisa do Vasco, por quem disputou 305 partidas e marcou 11 gols (ele preferia servir os companheiros). Na Seleção Brasileira, Danilo também foi maravilhoso. Entre 1945 e 1953, disputou 27 partidas e marcou duas vezes. Sofreu com a derrota de 50, mas foi sempre um vencedor. Aos 19 anos, foi atropelado e sofreu dezenas de faturas nas duas pernas. Recuperou-se, passou pelo Canto do Rio e, indicado por Ondino Vieira, passou a integrar o Expresso da Vitória a partir de 1946.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1947, 1949/1950, 1952)
Outros clubes: América, Canto do Rio, Botafogo

9º Andrada

Goleiro (1969-75)
Edgardo Norberto Andrada
★Rosario (Argentina), 2/1/1939

Nunca aquele lance será esquecido. No Maracanã lotado, jogavam Vasco e Santos. O rei bate o pênalti. A bola ainda toca na mão do argentino antes de entrar. O estádio enlouquece. Estirado, o goleiro esmurra o gramado. Ele não queria, mas entrou para a história do futebol como o arqueiro do gol 1 000. O rótulo pegou, mas Andrada não foi só isso. Com a camisa do Vasco, disputou grandes jogos e fez defesas fantásticas, como na decisão do Brasileiro de 1974. O Milongueiro, apelido que ganhou por causa do seu jeito catimbeiro, ficou em São Januário de 1969 a 1975. E, com certeza, jamais será esquecido.

Títulos: brasileiro (1974), carioca (1970)
Outros clubes: Rosario Central-ARG, Vasco, Vitória, Colón-ARG

10º Carlos Germano

Goleiro (1991-99)
★Carlos Germano Schwambach
Domingos Martins (ES), 14/8/1970

Num tempo em que ninguém esquenta lugar nos clubes, Germano virou exceção. Goleiro titular do Vasco em praticamente toda a década de 90, foi peça importante num time vitorioso e se tornou, depois de Barbosa, e junto com o apoiador Luisinho, o maior colecionador de títulos em São Januário. Descoberto por um olheiro do clube na Copa Gazetinha, em Vitória, sucedeu Acácio em 1991 e só deixou o Vasco para jogar no Santos em fevereiro de 2000. Discreto, sóbrio e seguro, o grande momento de Carlos Germano foi na decisão do Campeonato Brasileiro de 1997, contra o Palmeiras, quando ele fez grandes defesas e evitou que os paulistas comemorassem o título dentro do Maracanã.

Títulos: Libertadores (1998), brasileiro (1997), carioca (1992/93/94, 1998), Torneio Rio-São Paulo (1998)
Outro clube: Santos

11º Chico

Atacante (1943-53)
Francisco Aramburu
★Uruguaiana (RS), 7/1/1922 †Porto Alegre (RS), 1/10/1997

Só não teve a valorização que merecia pelo azar de ter feito parte do time que perdeu a final da Copa de 50, no Maracanã, contra o Uruguai, naqueles inesquecíveis 2 x 1. O gaúcho Chico fez carreira no Vasco como o melhor ponta-esquerda que o clube já teve em sua história. Era dono de um chute fortíssimo, curiosamente, tanto de direita quanto de esquerda, tinha um cruzamento mortal e uma velocidade impressionante. Os adversários costumavam se encolher e se agachar na hora dos seus chutes. Entendia-se como poucos com Ademir Menezes. No Vasco, onde chegou após breve passagem pelo Grêmio, jogou dez anos, entre 1943 e 1953.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1947, 1949/50, 1952)
Outros clubes: Ferrocarril-RS, Grêmio e Vasco

12º Mauro Galvão

Zagueiro (desde 1997)
Mauro Geraldo Galvão
★Porto Alegre (RS), 19/12/1961

Ninguém dava a ele muito tempo de "vida" no Vasco quando ele foi contratado. Mauro Galvão começou a carreira em 1979, no Internacional, e só chegou ao Vasco em 1997, aos 35 anos. Nesses 18 anos, o Vasco bem que tentou: Donato, Daniel González, Fernando, Quiñónez. Ufa! Se juntarem todos os zagueiros que passaram por São Januário durante a carreira de Galvão, pré-Vasco, é difícil encontrar um que se compare. Chegou e foi logo entrando na história, ganhando o terceiro Brasileiro da história cruzmaltina, em 1997, e a Libertadores de 1998. No ano seguinte, marcou o gol da vitória por 1 x 0 sobre o Bangu que garantiu o título estadual.

Títulos: Libertadores (1998), brasileiro (1997), carioca (1998)
Outros clubes: Internacional, Bangu, Botafogo, Lugano-SUI, Grêmio

13º Almir

Atacante (1957-60)
Almir Morais Albuquerque
★Recife (PE), 28/10/1937 †Rio de Janeiro (RJ), 6/2/1973

Na reta de chegada do Carioca de 1958, Vavá foi negociado com o futebol espanhol. A grande estrela da companhia, o homem que poderia ser decisivo com seus gols, estava fora. O susto poderia tomar conta dos vascaínos, não soubessem eles que havia outro jogador fora-de-série, dando seus primeiros passos em São Januário: Almir. O problemático Pernambuquinho, como ficou conhecido, era genial. Ganhou praticamente sozinho o Rio-São Paulo de 1958, com uma vitória de 5 x 1 sobre a Portuguesa, e chegou a ser convocado para a Copa do Mundo daquele ano. Inexperiente, acabou cortado. Depois sua carreira se perdeu em confusões. Um desperdício imenso de talento.

Títulos: carioca (1958), Rio-São Paulo (1958)
Outros clubes: Sport Recife, Vasco, Corinthians, Boca Juniors-ARG, Fiorentina-ITA, Genoa-ITA, Santos, Flamengo, América

RICARDO CORRÊA

7º: Romário só errou ao vestir outra camisa

EDUARDO MONTEIRO

12º: Mauro Galvão não vai parar nunca?

14º Orlando Peçanha
Zagueiro (1955-61, 1969-70)
Orlando Peçanha de Carvalho
★Rio de Janeiro (RJ), 20/9/1935

Era o parceiro de Bellini, formando uma dupla de zagueiros forte, clássica e considerada a melhor de todos os tempos do Vasco. Tinha uma técnica impecável e usava o recurso da antecipação como poucos, assim como se colocava com maestria na área. Começou a carreira em São Januário e retornou em 1969 para pendurar as chuteiras.

Títulos: carioca (1956, 1958), Rio-São Paulo (1958)
Outros clubes: Boca Juniors-ARG, Santos

15º Ely
Zagueiro (1944-55)
Ely do Amparo
★Paracambi (RJ), 14/5/1921

Alto (1,90 m), vigoroso e simples, era um zagueiro determinado e que empregava o lema "bola pro mato, que o jogo é de campeonato". Seus maiores duelos foram contra os rubro-negros Pirillo, Perácio e Zizinho. Pela Seleção Brasileira, foi outro personagem da tragédia de 50 e também foi ao Mundial de 54, na Suíça.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1947-1949/50, 1952)
Outros clubes: Canto do Rio, Sport Recife

16º: Mazinho encantou desde os juniores

16º Mazinho
Lateral-esquerdo (1985-90)
Iomar do Nascimento
★Santa Rita (PB), 8/4/1966

Prata da casa (jogou com Romário no time de juniores, onde já encantava a torcida nas preliminares), foi titular do Vasco durante cinco anos seguidos. Primeiro, no meio-campo; depois, como lateral-esquerdo, posição em que foi lançado por Joel Santana na Taça Guanabara de 1987 e na qual chegou à Seleção — disputou as Copa de 90 e 94. Seu grande dia com a camisa do Vasco foi num clássico contra o Botafogo, em 1988, quando marcou dois golaços de fora da área.

Títulos: brasileiro (1989), carioca (1987/88)
Outros clubes: Lecce-ITA, Fiorentina-ITA, Palmeiras, Valencia-ESP, Celta-ESP

21º: Fausto era tão bom que o Barcelona levou

17º Maneca
Apoiador (1946-53, 1955)
Manuel Marinho Alves
★Porto da Barra (BA), 28/1/1926 †1961

Mais um órfão vascaíno da Copa de 50. Maneca era um craque, que chegou a São Januário em 1946 e logo ganhou status de ídolo. Era meio-campo, mas atuava também como ponta-direita e centroavante. Tinha uma habilidade fora de comum, dribles curtos e uma ótima visão para lançamentos. Quem o viu jogar garante que foi um dos jogadores mais habilidosos da história do futebol brasileiro. Mas a torcida o amava por outro motivo: era especialista em marcar contra o Flamengo.

Títulos: sul-americano (1948); carioca (1947, 1949/50, 1952)
Outros clubes: Galícia, Bahia, Bangu

18º Jorge
Lateral-esquerdo (1946-54)
Jorge Dias Sacramento
★Salvador (BA), 22/10/1927

Lateral-esquerdo do Expresso da Vitória, era um ótimo marcador que empolgava os vascaínos pela raça. No ataque, porém, não era muito eficiente e raramente fazia gol. Mas, assim mesmo, era adorado pela torcida, tal a sua dedicação dentro de campo. Sua resistência e fôlego chamavam a atenção de todos.

Títulos: carioca (1945, 1947, 1949/50, 1952)
Outro clube: Bangu

19º Juninho
Apoiador (desde 1995)
Antônio Augusto Ribeiro Reis Júnior
★Recife (PE), 30/1/1975

Juninho é o clássico exemplo de que jogador pernambucano faz sucesso em São Januário. Em 1995, ele chegou ao Vasco como contrapeso, numa negociação na qual o clube desejava mesmo era o maranhense Leonardo. O amigo não vingou e ele virou Reizinho.

Títulos: Libertadores (1998); brasileiro (1997); carioca (1998); Rio-São Paulo (1999)
Outro clube: Sport Recife

20º Brito
Zagueiro (1959-66; 1968-69)
Hércules Brito Ruas
★Rio de Janeiro (RJ), 9/8/1939

Zagueiro vigoroso, jogou no Vasco numa época de vacas magras, a década de 60, na qual o clube não conquistou nenhum título importante. Assim mesmo, destacou-se e ganhou o respeito dos torcedores, com suas atuações sérias e sem firulas. Um dos seus pontos fortes era a impulsão acima da média.

Títulos: Rio-São Paulo (1966)
Outros clubes: Internacional, Flamengo, Botafogo, Cruzeiro, Corinthians

21º Fausto
Apoiador (1929-31, 1933-34)
Fausto dos Santos
★Codó (MA), 28/1/1905 †28/3/1939

Um maestro em campo. Assim era o maranhense Fausto, apoiador que, na Copa de 30, jogou tanto que ganhou o apelido de Maravilha Negra, dado pelos uruguaios. Foi o único jogador brasileiro que escapou do fracasso naquele Mundial. Encantava os vascaínos pela elegância, visão de jogo e liderança. Raramente fazia gol. Até o surgimento de Zizinho, foi o melhor meio de campo da história do futebol brasileiro.

Títulos: carioca (1929, 1934)
Outros clubes: Bangu, Barcelona-ESP, Young Fellows-SUI, Nacional-URU, Flamengo

22º Jaguaré
Goleiro (1928-31)
Jaguaré Bezerra de Vasconcelos
★Rio de Janeiro (RJ), 1900 - † Santo Anastácio (SP,) 1940

Se hoje as bravatas do paraguaio Chilavert são decantadas, houve um goleiro tão polêmico e ousado no passado do Vasco. Chamava-se Jaguaré e fazia a torcida do Vasco delirar com defesas com apenas uma mão, deboche contra os atacantes e dribles nos adversários. Um dia, o Vasco saiu em excursão à Europa e Jaguaré ficou por lá. Não conseguiu se firmar no Barcelona, onde disputava vaga com o ídolo local Noguès. Foi pocurar emprego em Marselha e encantou os franceses com suas defesas.

Títulos: carioca (1929)
Outros clubes: Barcelona-ESP, Olympique de Marselha-FRA, Corinthians

23º Pascoal
Atacante (1922-32)
Pascoal Silva Cinelli
★Rio de Janeiro (RJ), 1902 †data desconhecida

Um dos primeiros ídolos do Vasco, dedicou toda sua vida ao clube. Foi descoberto no cais do porto pelo técnico uruguaio Ramón Platero e decolou para uma década de glórias. Era ponta-direita, mas chutava com as duas pernas e cabeceava como poucos. Foi o herói do título de 1929 e ganhou o apelido de Trem de Luxo, por causa da rapidez com que levava a bola. Nunca foi esquecido pelos vascaínos mais antigos.

Títulos: carioca (1923/24, 1929); carioca da segunda divisão (1922)
Outros clubes: nenhum

24º Felipe
Lateral-esquerdo (desde 1996)
Felipe Jorge Loureiro
★Rio de Janeiro (RJ), 2/9/1977

Felipe sempre esteve no centro da polêmica. Falam que é mascarado. Esnobe. Mas todos reconhecem: joga demais. Lateral-esquerdo de origem, também atua no meio-campo. Apesar da "máscara", foi o grande jogador do Vasco na final do Mundial interclubes, em 1998. Compensa certa lentidão com uma habilidade inacreditável para prender a bola em seus pés e passes de grande precisão. Seu espírito de vencedor é fantástico: a cabeça é que às vezes não ajuda.

Títulos: Libertadores, brasileiro (1997), carioca (1998), Rio-São Paulo (1999)
Outros clubes: nenhum

25º Geovani
Apoiador (1981-88, 1992-93)
Geovani Faria da Silva
★Vitória (ES), 6/4/1964

Descoberto na Desportiva de Vitória, em 1981, foi cobiçado por Vasco e Flamengo. Acabou em São Januário, ainda com 16 anos. Enquanto conquistava o Mundial de Juniores, em 1983, como maestro da Seleção, se firmava em São Januário, onde conquistou cinco cariocas e ganhou o apelido de Pequeno Príncipe. Poderia ter ido mais longe, não fosse uma certa lentidão. Mesmo assim, conquistou cinco títulos estaduais em São Januário. Mas nunca conquistou, por exemplo, uma convocação para Copa do Mundo. No Campeonato Italiano, também fracassou, talvez por ter ido para o clube errado, o mediano Bologna. Na Alemanha, não fez escolha melhor: o Karlsruher. Acabou voltando para São Januário para ganhar mais dois títulos estaduais. Coisa que parecia fácil quando ele estava em campo.

Títulos: carioca (1982, 1987/88, 1992/93)
Outros clubes: Desportiva, Bologna-ITA, Karlsruher-ALE, Serra-ES

26º Augusto
Lateral-direito (1945-54)
Augusto da Costa
★Rio de Janeiro (RJ), 22/10/1920

Jamais o Vasco levou um gol por falha de Augusto. O depoimento é dos torcedores que o viram jogando nos anos 40 e 50. Seu forte era a marcação e aliderança, que o transformou no grande capitão do Expresso da Vitória. Nem a derrota na Copa de 50 abalou o prestígio de Augusto, cuja única grande frustração é não ter levantado a Jules Rimet no Maracanã. Pelo Vasco, porém, cansou-se de erguer taças.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1947, 1949/50, 1952)
Outro clube: São Cristóvão

27º Domingos da Guia
Zagueiro (1934)
Domingos Antonio da Guia
★Rio de Janeiro (RJ), 24/7/1912 †18/5/2000

O maior zagueiro brasileiro da história jogou apenas 12 vezes pelo Vasco, menos do que pela Seleção Brasileira, quando se montou um supertime em São Januário, logo após a oficialização do profissionalismo. Depois, trocou São Januário pelos pesos do Boca Juniors, da Argentina. Só que foram as 12 partidas do futebol mais luminoso as que um zagueiro já mostrou em São Januário. Ao lado de Leônidas da Silva, conquistou facilmente o título carioca. Ele merecia um lugar na lista.

Títulos: carioca (1934)
Outros clubes: Bangu, Nacional-URU, Boca Juniors-ARG, Flamengo, Corinthians

28º Rafanelli
Zagueiro (1943-47)
Ramón Rafanelli

Zagueiro argentino, chegou ao Vasco em 1943 e formava, ao lado de Augusto, a base da retaguarda do Expresso da Vitória. Catimbeiro, não era brilhante, mas jogava com simplicidade. Foi afastado da final do Sul-Americano de Clubes, em 1948, por Flávio Costa, que temia que ele se intimidasse contra os compatriotas do River Plate.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1945, 1947)
Outro clube: Santa Fé-ARG

29º Jair
Apoiador (1944-46)
Jair Rosa Pinto
★Quatis (RJ), 21/3/1921

Podia ter tido um destino semelhante ao de Romário. Como o Baixinho, foi jogar no Flamengo depois da passagem por São Januário e bem poderia ter irritado os cruzmaltinos a ponto de nunca mais ser lembrado na relação dos melhores. Só que, numa decisão, em 1949, a galera rubro-negra acusou-o de ter facilitado as coisas na goleada vascaína por 5 x 2. Ary Barroso, rubro-negro fanático e locutor de rádio, teria até queimado a camisa rubro-negra de Jair (episódio que o jogador ainda hoje desmente). Dá-lhe, Jair, São Januário é tua casa. Entra na lista pelos chutes fortes, pelos títulos, pela presença no velho Expresso da Vitória.

Títulos: carioca (1945)
Outros clubes: Madureira, Flamengo, Palmeiras, Santos, São Paulo, Ponte Preta

30º Tesourinha
Atacante (1950-51)
Osmar Fortes Barcellos
★Porto Alegre (RS), 3/12/1921 †1979

Maior ídolo do futebol gaúcho nos anos 40, Tesourinha foi contratado, num negócio milionário para época, em 1950. Já estava no fim de carreira, mas assim mesmo brilhou, conquistando o Campeonato Carioca daquele ano. Só era parado com pontapés dos adversários.

Títulos: carioca (1950)
Outros clubes: Internacional, Grêmio

24º: Felipe só precisa pôr no lugar a cabeça

25º: Geovani poderia ter ido mais longe

31º Ricardo Rocha
Zagueiro (1994-95)
Ricardo Roberto Barreto da Rocha
★Recife (PE), 11/9/1962
Chegou ao Vasco de olho numa vitrine para garantir seu lugar na Copa do Mundo de 1994. Não só conseguiu como virou ídolo rapidamente, a ponto de ter sido eleito um dos melhores zagueiros da história em uma pesquisa de PLACAR, em 1994, à frente até de Bellini.

Títulos: carioca (1994)
Outros clubes: Santo Amaro, Santa Cruz, Guarani, Sporting-POR, São Paulo, Real Madrid-ESP, Santos, Fluminense, Newell's Old Boys-ARG, Flamengo

32º Leônidas
Atacante (1934)
Leônidas da Silva
★Rio de Janeiro (RJ), 6/9/1913
Ficou apenas três meses, tempo suficiente para muita gente esquecer que um dia teve o privilégio de jogar em São Januário e para conquistar o Campeonato Carioca, em 1934. Como um autêntico ídolo, tinha de marcar época no Vasco.

Títulos: carioca (1934)
Outros clubes: Sírio e Libanês, Bonsucesso, Peñarol-URU, Botafogo, Flamengo, São Paulo

ALCIR CAVALCANTI

31º: Rocha foi o vascaíno no tetra do Brasil

33º Silva
Atacante (1970-83)
Wálter Machado da Silva
★Ribeirão Preto (SP), 2/1/1940
Silva, o Batuta, era um centroavante técnico, habilidoso e que sabia concluir. Inteligente, jogou os três últimos anos da carreira no Vasco, acabando, em 1970, com um jejum de 12 anos sem títulos regionais. Assim, ele deixou sua marca em São Januário e nesta lista.

Títulos: carioca (1970)
Outros clubes: São Paulo, Botafogo-SP, Corinthians, Flamengo, Barcelona-ESP, Santos, Racing-ARG

37º: Rubens foi ídolo no Vasco e no Flamengo

34º Mazzaropi
Goleiro (1974-78, 1980-83)
Geraldo Pereira de Matos Filho
★Além Paraíba (MG), 27/1/1953
Sucessor de Andrada, era baixinho, mas extremamente ágil, e com estrela foi o herói em dois títulos importantes da história do Vasco. Em 1976, defendeu dois pênaltis, cobrados por Zico e Geraldo, e o Vasco venceu o Flamengo na conquista da Taça Guanabara.

Títulos: carioca (1977, 1982)
Outros clubes: Coritiba, Grêmio

35º Heleno
Atacante (1949)
Heleno de Freitas
★São João de Nepomuceno (MG), 12/12/1920 †1959
Bonito, pinta de galã, temperamental, craque...Esse era Heleno de Freitas. Foi ídolo no Botafogo durante quase uma década, mas só no Vasco conseguiu ser campeão, em 1949.

Títulos: carioca (1949)
Outros clubes: Fluminense, Botafogo, Boca Juniors-ARG, Atlético Junior de Barranquilla-COL, Santos, América-RJ

36º Dunga
Apoiador (1987)
Carlos Caetano Bledorn Verri
★Ijuí (RS), 31/10/1963
Foi apenas um semestre, mas Dunga deixou uma marca inesquecível com sua garra: o título carioca de 1987. Depois ele seria capitão da Seleção na conquista do tetra, nos Estados Unidos. No coração dos vascaínos, ele ainda era jogador do clube da Cruz de Malta.

Títulos: carioca (1987)
Outros clubes: Internacional, Corinthians, Santos, Pisa-ITA, Fiorentina-ITA, Pescara-ITA, Stuttgart-ALE, Jubilo Iwata-JAP

37º Rubens
Apoiador (1957-59)
Rubens Josué da Costa
★São Paulo (SP), 4/11/1928 † Rio de Janeiro (RJ), 31/5/1987
O Doutor Rúbis, ex-ídolo na Gávea, teve uma grande passagem pelo Vasco em 1958, quando ajudou na conquista do Super-Super Campeonato Carioca), num time que contava com Almir Pernambuquinho e o capitão Bellini. Era um gênio.

Títulos: carioca (1958)
Outros clubes: Ypiranga, Portuguesa, Flamengo, Prudentina

38º Acácio
Goleiro (1982-91)
Acácio Cordeiro Barreto
★Campos (RJ), 20/1/1959
Ainda no Serrano, ele fechou o gol contra o Flamengo. Claro, foi parar no Vasco. Grandalhão (1,87 m e 88kgs), entrou na reta final do Campeonato Carioca de 1982, substituindo Mazzaropi, e garantiu o título na decisão contra o Flamengo (1 x 0, gol de Marquinho), graças a uma defesa espetacular num chute à queima-roupa de Zico. E na final do Brasileiro de 1989, então? No final do jogo, uma defesa sua com a ponta do dedo garantiu o título na decisão contra o São Paulo, na casa do adversário.

Títulos: brasileiro (1989), carioca (1982, 1987/88)
Outros clubes: Serrano, Tirsense-POR

39º Jorginho Carvoeiro
Ponta-direita (1972-75)
Jorge Vieira
★Castelo (ES), 1954-13/7/1977
Um herói que durou pouco. Jorginho Carvoeiro chegou a São Januário, contratado ao Bangu. Meses depois, ganhava uma dividida do goleiro Vítor, do Cruzeiro, e com o gol vazio garantia o primeiro título brasileiro do clube.

Títulos: brasileiro (1974)
Outro clube: Bangu

40º Ipojucan
Atacante (1946-57)
Ipojucan Lins Araújo
★Maceió (AL), 3/6/1926 †19/6/1978
Um craque acima de qualquer suspeita. Criado dentro do Vasco, encantava pela técnica, pela facilidade em marcar gols (fez 225 em 413 jogos). É o quarto maior artilheiro da história do Vasco.

Títulos: sul-americano (1948), carioca (1947, 1949/50, 1952)
Outros clubes: Portuguesa

41º Russinho
Atacante (1924-31)
Moacir Siqueira de Queiroz
Parceiro de Pascoal no primeiro grande ataque do Vasco dos anos 20, seu grande momento aconteceu no dia 26 de abril de 1931, quando marcou quatro gols na goleada de 7 x 0 sobre o Flamengo.

Títulos: carioca (1923/24, 1929)
Outros clubes: nenhum

42º Dirceu
Apoiador (1977-78, 1988)
Dirceu José Guimarães
★Curitiba (PR), 15/6/1952 †15/9/1995
O nômade Dirceu chegou ao Vasco em 1977, trocado por outro ponta-esquerda, Luís Carlos. Nessa temporada, fez atuações espetaculares e, com a camisa 9, formou um grande meio de campo, ao lado de Zé Mário e Zanata.

Títulos: carioca (1977, 1988)
Outros clubes: Coritiba, Botafogo, Fluminense, América-MEX, Atlético de Madrid-ESP, Napoli-ITA, Como-ITA, Avellino-ITA, Verona-ITA, Ascoli-ITA, León-MEX, Yucatán-MEX

43º Bismarck
Apoiador (1987-93)
Bismarck Barreto Faria
★São Gonçalo (RJ), 11/9/1969
Revelado em São Januário, conquistou quatro títulos cariocas e um brasileiro. Surgiu em 1987, mas foi ano seguinte que decolou de vez, fazendo gols importantes em clássicos contra Flamengo e Fluminense. Seu grande momento no Vasco foi o gol de empate nas finais do estadual de 1988, abrindo o caminho para a virada em cima do Flamengo. Mas nunca convenceu inteiramente a todos. Pelo menos aqui no Brasil, porque no Japão foi várias vezes campeão e virou herói.

Títulos: brasileiro (1989), carioca (1987/88, 1992/93)
Outros clubes: Verdy Kawasaki-JAP, Kashima Antlers-JAP

44º Tita
Atacante (1987, 1989-90)
Milton Queiroz da Paixão
★Rio de Janeiro (RJ), 1/4/1958
Prata da casa do Flamengo, virou herói do Vasco ao marcar, com um chute forte, de pé direito, o gol da vitória que deu o título carioca em 1987. Sua comemoração, cobrindo o rosto com a camisa vascaína, depois viraria um lugar-comum entre atacantes do mundo inteiro. Os torcedores do Vasco se lembram que anos antes Tita já tinha dado outro título ao clube, só que vestindo a camisa rubro-negra. Foi em 1977, quando perdeu um pênalti na decisão do segundo turno, dando a taça ao adversário. Por tudo isso, valeu, Tita!

Títulos: carioca (1987)
Outros clubes: Flamengo, Grêmio, Internacional, Bayer Leverkusen-ALE, Pescara-ITA, León-MEX, Monterrey-MEX

45º Paulinho
Lateral-direito (1954-63)
Paulo de Almeida Ribeiro
★Porto Alegre (RS), 15/4/1932
Lateral extremamente firme na marcação, Paulinho de Almeida arriscava pouco e errava menos ainda. Veio do Internacional de Porto Alegre. Estava tão bem no Vasco que era dado como nome certo para a Copa do Mundo da Suécia. Uma fratura na perna frustrou seu sonho. De Sordi e Djalma Santos foram os convocados.
Títulos: carioca (1956, 1958)
Outro clube: Internacional

46º Sorato
Atacante (1988-92, 1997-98)
Aguinaldo Luís Sorato
★Araras (SP), 6/4/1969
Ótimo cabeceador, despontou no Vasco ao marcar gols importantes na reta final do Campeonato Carioca de 1988 e, principalmente, ao fazer o da vitória de 1 x 0 sobre o São Paulo, no Morumbi, que garantiu o segundo Brasileiro da história do clube.

Títulos: brasileiro (1989, 1997), carioca (1988, 1998)
Outros clubes: Palmeiras, Cruzeiro, Bangu, Santa Cruz, Botafogo, Comercial-SP, Gama, América-RJ

47º Cocada
Lateral-direito (1988-89)
Luís Edmundo Lucas Correia
★Campo Grande (MS), 16/4/1961
Ficou para a história em três minutos: entrou no finzinho da decisão do Carioca de 1988, fez o gol do título, fuzilando Zé C arlos, e foi expulso na briga que se seguiu. O irmão de Müller nunca mais fez nada pelo Vasco. Nem seria necessário.

Títulos: carioca (1988)
Outros clubes: Operário-MS, Flamengo, Guarani, Americano, Santa Cruz, Fluminense

48º Bebeto
Atacante (1989-92)
José Roberto Gama de Oliveira
★Salvador (BA), 16/2/1964
Grande ídolo do Flamengo, foi "roubado" pelo Vasco em 1989, numa das transações mais polêmicas do futebol brasileiro. Virou ídolo em São Januário e ganhou o Brasileiro daquele ano. Só que em 1996 preferiu voltar ao Flamengo, em vez do Vasco. Se arrependeu, mas era tarde. Mesmo assim, entra na lista.

Títulos: brasileiro (1989)
Outros clubes: Vitória, Flamengo, La Coruña-ESP, Sevilla-ESP, Botafogo, Cruzeiro, Vitória, Toros Neza-MEX, Kashima Antlers-JAP

50º Denner
Atacante (1994)
Denner Augusto de Souza
★São Paulo (SP), 2/4/1971 †Rio de Janeiro (RJ), 15/4/1994
Promessa de craque, foi revelado pela Portuguesa e veio para o Vasco em janeiro de 1994. Todos apostavam que ele seria um grande ídolo do clube na década de 90, mas, três meses depois da chegada, morreu num acidente de carro na Lagoa Rodrigo de Freitas. Antes disso, porém, encantou a torcida com lampejos de genialidade que prenunciavam um gênio do futebol brasileiro. Sua morte abalou o time, que por pouco não perde o tricampeonato. Foi o único título da carreira de Denner.

Títulos: carioca (1994)
Outros clubes: Portuguesa, Grêmio

50º Eurico Miranda
Todo-poderoso (desde 1986)
Eurico Ângelo de Oliveira Miranda
★Rio de Janeiro (RJ), 7/6/1944
Ele usa métodos (ponhamos delicadamente) polêmicos. Mas os vascaínos sabem: pelo Vasco, com ele, vale tudo. Então, entra na lista.

Títulos: Libertadores (1998), brasileiro (1989, 1997), carioca (1987/88, 1992/93/94, 1997), Rio-São Paulo (1998)
Outros clubes: está brincando?

ANTONIO C. NAFALDA

44º: Tita deu dois títulos ao Vasco

ORLANDO KISSNER

48º: Bebeto voltou para a Gávea. Aí...

os 10 melhores américa-rj

IGNÁCIO FERREIRA

1º: Luisinho será sempre lembrado

1º Luisinho
Centroavante (1973-74, 1980-84 e 1985-87)
Luís Alberto da Silva Lemos
★Rio de Janeiro (RJ) 3/10/1951
Tudo bem, tudo bem. Por que eleger Luisinho o melhor da história americana se ele só ganhou duas taças, ainda assim turnos de campeonato (a Taça Guanabara de 1974 e a Taça Rio de 1982)? Mas quem marcou tantos gols pelo clube ou conseguiu tamanha identidade com a galera? Quem, afinal, levou o América até sua única semifinal de Brasileiro? Tudo obra de Luisinho, o Tombo, o Maluco, o Luisinho do América. Por justiça, o maior de todos os americanos. E, além de tudo, torcedor eterno do clube.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Flamengo, Palmeiras

2º Edu
Meia (1964-74)
Eduardo Antunes Coimbra
★Rio de Janeiro (RJ), 5/2/1947
Tem muito americano que afirma com certeza: Edu foi o melhor jogador da família Coimbra. Quer dizer que foi muito melhor do que Zico. E que vai ter gente dizendo que era também melhor do que Luisinho. O fato é que o América tem dois craques de primeira grandeza no seu time dos 50 históricos.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, Flamengo, Boca Jniors

3º Pompéia
Goleiro (1956-60)
José Valentim da Silva
★Itajubá (MG), 26/9/1933 †Rio de Janeiro (RJ), 1998
O apelido era Ponte Aérea, e nem por percorrer todas as semanas o percurso entre o Rio e São Paulo, como o ponta-esquerda Osvaldo, do Flamengo, na mesma época. Pompéia era o chamado goleiro-voador, recebia todos os méritos por isso e todos os deméritos também. Foi campeão em 1960.

Títulos: carioca (1960)
Outros clubes: Atlético de Itajubá, São Paulo de Itajubá, Bonsucesso

4º Jorge
Lateral-direito (1956-66)
Jorge de Souza
★Rio de Janeiro (RJ), 20/7/1939
Por que um bendito lateral que conseguiu no máximo uma passagem pelo Flu, que tinha técnica duvidosa, por que é que esse cidadão tem lugar na história do América? Se você não sabe, ou não é americano ou precisa de uma boa aula de história. Jorge marcou o gol do título estadual de 1960.

Títulos: carioca (1960)
Outros clubes: Fluminense, Portuguesa-RJ

5º Danilo
Volante (1938-40)
Danilo Alvim
★Rio de Janeiro (RJ), 3/12/1920 †Rio de Janeiro (RJ), 16/5/1996
É possível que Danilo Alvim tenha sido o melhor jogador que já vestiu a camisa do América, sob o aspecto técnico. Clássico, elegante, jogou a Copa de 1950 e ficou na história com o apelido de "O Príncipe".

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco

6º Osvaldinho
Atacante (1919-29)
Osvaldo Mello
★16/5/1906 †6/8/1962
O grande herói dos títulos cariocas de 1922 e 1928 foi o primeiro grande herói do clube, num tempo em que o América tinha grande torcida e era temido como qualquer grande. Para seu azar, porém, em 1929 o time perdeu o título para o Vasco (0 x 5) e ele foi acusado de entregar o jogo. Uma injustiça imensa com um grande craque.

Títulos: carioca (1922, 1928)
Outros clubes: -

7º Elói
Meia (1982)
Francisco das Chagas Elói
★Andradina (SP), 1/2/1955
Ele foi o craque na última grande conquista americana, a Taça dos Campeões, torneio tapa-buraco durante os preparativos da Seleção para a Copa de 82.

Títulos: Taça dos Campeões (1982)
Outros clubes: Andradina, Araçatuba, Juventus, Portuguesa, Internacional-SP, Santos, Vasco, Genoa-ITA, Botafogo

8º Djalma Dias
Zagueiro (1959-63)
Djalma Pereira Dias Júnior
★Santos (SP), 21/8/1939 †Rio de Janeiro (RJ), 2/5/1990
Um fenômeno de tranqüilidade com a bola, na grande área americana, ainda ajudou o time a ganhar o estadual, em 1960.

Títulos: carioca (1960)
Outros clubes: Palmeiras, Atlético-MG, Santos

9º Ivo
Volante (1973-76)
Ivo Wortmann
★Porto Alegre (RS), 10/3/1949
Ivo entra na lista como representante da brilhante geração de 1974, a de Alex, Orlando e Bráulio, entre outros.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Grêmio, Palmeiras

10º Calazans
Ponta-direita (1960-64)
José Alves Calazans
★Salvador (BA), 20/10/1934
Outro que entra na lista por ter participado da memorável campanha de 1960.

Títulos: carioca (1960)
Outros clubes: Bangu, Fluminense

os 10 melhores atlético-pr

1º: Sicupira foi campeão em 1970

1º Sicupira
Meia (1970-75)
Barcímio Sicupira Júnior
★Lapa (PR), 10/5/1944
Uma única informação é capaz de resumir a história de Sicupira no Atlético-PR. Foi ele o principal jogador do Furacão na conquista do título estadual de 1970, quebrando um jejum de doze anos sem títulos. Antes dele, vários outros jogadores tentaram ganhar o campeonato sem sucesso. Bellini, Dorval... Craques, em tese, muito mais importantes para a história do futebol do que Sicupira. Os cabelos esvoaçantes eram sua marca registrada.

Títulos: paranaense (1970)
Outros clubes: Coritiba, Ferroviário, Botafogo-SP, Botafogo

2º Caju
Goleiro (1933-50)
Alfredo Gottardi
★Curitiba (PR), 14/1/1915
Até o nome do centro de treinamento do Atlético, em Curitiba, é simbólico: CT do Caju. Homenagem ao primeiro goleiro paranaense convocado para a Seleção e dono do maior número de títulos que um jogador conquistou em sua passagem pelo Furacão. A convocação para a Seleção aconteceu em 1942.

Títulos: paranaense (1934, 1936, 1940, 1943, 1945)
Outros clubes: nenhum

3º Djalma Santos
Lateral-direito (1968-72)
Djalma Santos
★São Paulo (SP), 27/2/2929
Houve dois momentos diferentes na carreira de Djalma no Atlético. Um, em 1968, quando perdeu a decisão do Paranaense para o Coritiba. Outro, em 1970, ano em quando deu ao Atlético o título estadual depois de doze anos.

Títulos: paranaense (1970)
Outros clubes: Portuguesa, Palmeiras

4º Jackson
Meia (1939-58)
Jackson Nascimento
★Paranaguá (PR), 24/8/1924
Foi Jackson, com o time dos anos, quem deu origem ao apelido de Furacão, do Atlético. Jackson comentava: "O Atlético em que joguei não ficava devendo nada àquele Corinthians", dizia, referindo-se ao Timão do início dos anos 50.

Títulos: paranaense (1940, 1943, 1945)
Outros clubes: Corinthians

5º Assis e Washington
Atacantes (1982)
Benedito de Assis da Silva, ★São Paulo (SP), 12/11/1952, e Washington César Santos, ★ Valença (BA) 03/11/1960
Depois do título de Sicupira, em 1970, o Atlético precisou passar por mais doze anos de provação. Mais doze anos de sofrimento, sem títulos e, ainda por cima, vendo o Coritiba deitar e rolar, dentro e fora do estado. Até que Washington e Assis chegaram.

Títulos: paranaense (1982)
Outros clubes: Francana, São Paulo, Internacional, Fluminense (Assis); Galícia (BA), Corinthians, Inter, Fluminense, Botafogo, Ferroviária (SP), Botafogo, União São João (Fluminense)

6º Oséas e Paulo Rink
Centroavante e Ponta-de-lança (1996-97)
Oséas Reis dos Santos, ★Salvador (BA), 14/5/1971 e Paulo Roberto Rink, ★ Curitiba (PR), 21/2/1973
Se Assis e Washington formavam o Casal 20, apelido que receberam ao chegar ao Fluminense, Paulo Rink e Oséas eram o Casal 10. Levaram o Atlético às finais do Brasileiro 96.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Galícia, Ponte Vedra, Uberlândia, Palmeiras, Cruzeiro (Oséas); Bayer Leverkusen, Santos (Paulo Rink)

7º Bellini
Zagueiro (1968)
Hideraldo Luiz Belini
★Itapira (SP), 21/6/1930
Ele já estava no final de carreira e poderia ter marcado apenas por ser um mito do futebol brasileiro com a camisa rubro-negra. Mas, mesmo já com 38 anos, Belini jogou muito pelo Atlético e marcou época na Baixada.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, São Paulo

8º Nílson Borges
Ponta-esquerda (1968-74)
Nílson Borges
★São Paulo (SP), 16/12/1941
O forte de Nílson Borges não era chegar à linha de fundo, efetuar cruzamentos. Ao contrário, sua principal característica era fechar pelo meio-de-campo. Uma espécie de Zagallo do Atlético.

Títulos: paranaense (1970)
Outros clubes: Bahia

9º Roberto Costa
Goleiro (1978-80, 1981-83 e 1987)
Roberto Costa Cabral
★ Santos (SP), 8/12/1954
Não era muito alto (1,85 m), mas fechava o gol. Foi Bola de Ouro de PLACAR em 1983, quando quase ganhou o Brasileiro.

Títulos: paranaense (1982/83)
Outros clubes: Flamengo-MG, Santos, Coritiba, Vasco, Internacional, Taguatinga, Caldense

10º Lucas
Centroavante (desde 1999)
Lucas Severino
★ Ribeirão Preto (SP), 3/1/1979
Centroavante de forte presença na área, mas de boa técnica, tem como principal qualidade sair da grande área para iniciar jogadas.

Títulos: nenhum
Outro clube: Botafogo-SP

os 10 melhores bahia

ORLANDO KISSNER

1º: Bobô foi campeão brasileiro

1º Bobô

Meia-direita (1984-89)

Raimundo Nonato Tavares da Silva

★Senhor do Bonfim (BA), 28/1/1962

Os baianos diziam que aquele time era o trio elétrico de Bobô e Osmar — alusão ao mais famoso trio elétrico dos carnavais baianos dos anos 80, formado por Dodô e Osmar. O Sul maravilha morria de rir. Aí, Bobô foi chegando, o Bahia comendo pelas beiradas até que bateu no Inter na final do Brasileiro de 1988. Pronto! A Bahia fez Carnaval, graças a Bobô.

Títulos: brasileiro (1988), baiano (1986/87/88)
Outros clubes: Catuense, São Paulo, Flamengo, Fluminense, Corinthians, Internacional

2º Carlito

Centroavante (1949-61)

★Local e data desconhecidos
†Salvador (BA), 1980

O maior goleador do clube em todos os tempos. Jogou 12 anos e marcou 23 vezes. Participou de todas as grandes conquistas do Bahia dos anos 50, inclusive a Taça Brasil de 1959, ano em que já não ocupava o posto de titular. Mas, até hoje, é lembrado como um dos deuses da história do clube.

Títulos: baiano (1949/50, 1952, 1954, 1956, 1958/59/60/61), da Taça Brasil (1959)
Outros clubes: nenhum

3º Marito

Ponta-direita (1953-62)

Mário da Nova Bahia

★BA 16/5/1932

Marito foi Bobô antes mesmo do herói tricolor dos anos 90 ter nascido. Se a Taça Brasil era o Campeonato Brasileiro da época, então Marito foi o responsável pelo título nacional do Bahia. A torcida o comparava a Garrincha.

Títulos: Taça Brasil (1959), baiano (1954, 1956, 1958/59/60/61/62)
Outros clubes: nenhum

4º Charles

Centroavante (1987-91)

Charles Fabian Santos

★Itapetinga (BA), 12/4/1968

Na Copa América de 1989, a Seleção passou maus bocados na Fonte Nova. Tudo porque Sebastião Lazaroni decidiu não escalar Charles. Charles do Gol, como dizia um locutor esportivo da época, foi o parceiro de ataque de Bobô na campanha do Brasileirão 88. Depois, teve seu passe comprado por Maradona.

Títulos: baiano (1987/88)
Outros clubes: Cruzeiro, Boca Juniors-ARG, Flamengo

5º Roberto Rebouças

quarto-zagueiro (1965 e 1969-78)

Roberto Rebouças

★BA, 10/4/1939 †Salvador (BA), 27/11/1994

Começou como ponta-esquerda, mas encontrou seu futebol na zaga. Foi o mais clássico jogador de defesa do tricolor, e virou símbolo da equipe dos anos 70, heptacampeã estadual.

Títulos: baiano (1971, 1973/74/75/76/77/78/79)
Outros clubes: nenhum

6º Baiaco

volante (1967-80)

Edvaldo dos Santos

★São Francisco do Conde (BA), 7/7/1949

Houve um jogador na Bahia que primava pela marcação. Era uma espécie de Dunga, que comandou o tricolor no hepta de 1973-79.

Títulos: baiano (1970/71, 1973/74/75/76/77/78/79)
Outros clubes: nenhum

7º Beijoca

centroavante (1969-71, 1975-78, 1980-82)

Jorge Augusto Ferreira de Aragão

★Salvador (BA), 23/4/1954

Ai do zagueiro que se deixasse influenciar pelo nome do centroavante que vinha pela frente. Beijoca? Que nada. Era capaz de diabruras, como disparar cotoveladas inesperadas. E, principalmente, de gols. Nos anos 70, o Bahia permitia sua saída, mas não conseguia ficar muito tempo longe.

Títulos: baiano (1970/71, 1978, 1981/82)
Outros clubes: São Domingos, Fortaleza, Sport, Flamengo, Catuense, Vitória, Londrina, Leônico, Sergipe, Mogi Mirim, Guará

8º Nadinho

goleiro (1958-67)

Leonardo Cardoso

★BA 24/8/1930

O goleiro titular na Taça Brasil de 1959, jogou a Libertadores de 1961 e só abandonou o gol do tricolor em 1967. Ao todo, fez 339 jogos e sofreu 316 gols. A galera da Fonte Nova jura: quando ele estava na meta, não passava nadinha.

Títulos: Taça Brasil (1959), baiano (1958/59/60/61/62, 1967)

9º Douglas

Meia-direita (1972-80)

Douglas da Silva Franklin

★Barretos (SP), 7/9/1949

Havia dois craques no Santos do início dos anos 70. E só um tinha a chance de jogar pelo Bahia. Azar de Pelé. Douglas foi heptacampeão e Pelé... Bem, Pelé só teve chance de levantar mais um caneco, em 1973, antes de encerrar a carreira.

Títulos: baiano (1973/74/75/76/77/78/79)
Outro clube: Santos

10º Úeslei

Meia-direita (1991-93 e desde 1998)

Úeslei Raimundo Pereira

★Salvador (BA), 19/4/1972

Parece incrível, mas ele já está entre os maiores artilheiros da história do clube. E continua jogando.

Títulos: baiano (1993/94)
Outros clubes: São Paulo, Guarani, Flamengo, Vitória

os 10 melhores coritiba

1º: Fedato vale mais que os campeões de 1985

1º Fedato

Zagueiro (1939-58)

Aroldo Fedato

★Ponta Grossa (PR), 16/10/1924

O maior jogador da história do Coxa era um zagueiro que, sozinho, ganhou quase tantos títulos estaduais quanto o rival Atlético em toda a sua história. Foram dez campeonatos paranaenses em 19 anos. O Furacão ganhou 17 desde os anos 20. Fedato foi mito pela raça, pela técnica, mas, principalmente, pelo amor que demonstrava à camisa coxa-branca. É sempre lembrado como o grande deus da história do Coritiba. Mais do que qualquer campeão brasileiro de 1985.

Títulos: paranaense (1939, 1941/42, 1946/47, 1951/52, 1954, 1956/57)
Outros clubes: Botafogo

2º Duílio Dias

Centroavante (1954-64)

Duílio Dias

★Ponta Grossa (PR), 2/10/1927 †Curitiba (PR), 3/10/1991

Talvez Duílio tenha sido o mais tosco dos centroavantes do Coritiba em toda a história. Talvez. Porque certamente foi também o mais importante. O único capaz de anotar 30 gols em uma única temporada, em 1960.

Títulos: paranaense (1954, 1956/57, 1959/60)
Outros clubes: Operário-PR

3º Miltinho

Meia (1949-61)

Hamilton Guerra

★Curitiba (PR), 17/9/1927

Se fosse preciso pular no pescoço do adversário para sair de campo com a vitória, Miltinho o faria. Se fosse pelo Coxa, então, mais ainda. Raras vezes na história coxa-branca houve jogadores que conseguissem misturar tão bem técnica e raça.

Títulos: paranaense (1951/52, 1954, 1956/57, 1960)
Outros clubes: Palmeiras

4º Paquito

Centroavante (1969 a 1973)

José Martins Manso

★Ribeirão do Sul (SP), 25/9/1946

Atacante que formou grande dupla com Tião Abatiá, foi tricampeão estadual entre 1971 e 1973.

Títulos: paranaense (1971/72/73)
Outros clubes: União Bandeirante, Colorado, Santa Cruz, Maringá, Matsubara

5º Zé Roberto

Centroavante (1971-74)

José Roberto Marques

★São Paulo (SP)

Antes do Coritiba, jogou pelo Atlético. Como também fez sucesso no Coritiba, deixou a torcida satisfeita e saiu do Couto Pereira com o perdão garantido. Certa vez, foi descoberto numa noitada por dirigentes. Prometeu dois gols num Atletiba e cumpriu.

Títulos: paranaense (1971/72/73/74)
Outros clubes: Atlético-PR, Corinthians

6º Lela

Ponta-direita (1983-87)

Reinaldo Felisbino

★Bauru (SP), 17/4/1962

Com suas perninhas curtas e suas acrobacias para comemorar os gols, Lela se tornou rapidamente uma figura querida da torcida no Coritiba. Já era o principal ídolo dos coxas quando participou da campanha vitoriosa do Brasileiro 85. Depois dela, decaiu.

Títulos: brasileiro (1985), paranaense (1986)
Outros clubes: Fluminense, Internacional

7º Krüger

Meia (1966-76)

Dirceu Krüger

★Curitiba (PR)

Krüger morreria pelo Coritiba. Dito assim, parece exagero. Mas o fato é que ele quase morreu mesmo pelo Coritiba. Em 1970, contra o Água Verde, marcou um gol, mas um choque com o goleiro Leopoldo deixou-o com as alças intestinais rompidas. De tão grave, Krüger chegou a receber a extrema-unção.

Títulos: paranaense (1968/69, 1971/72/73/74/75/76)
Outros clubes: nenhum

8º Dirceu

Meia (1972-74)

Dirceu José Guimarães

★Curitiba (PR), 15/6/1952 †Rio de Janeiro (RJ), 15/9/1995

A escolinha do Coritiba jamais produziu um jogador com tanta qualidade e que tivessem tanto sucesso fora das fronteiras do Paraná. Dirceu saiu do Coritiba pouco antes da Copa de 1974.

Títulos: paranaense (1972/73)
Outros clubes: Botafogo, Vasco, Fluminense, América-MEX, Ascoli-ITA, Atletico de Madrid-ESP, Napoli-ITA, Como-ITA, Avellino-ITA, Verona-ITA

9º Oberdan

Zagueiro (1976)

Oberdan Nazareno Villain

★Florianópolis (SC), 2/6/1945

Zagueiro que virou mito em Curitiba pela grande participação na defesa coxa.

Títulos: paranaense (1976)
Outros clubes: Santos, Grêmio

10º Tostão

Meia (1981-87)

Luís Antônio Fernandes

★Santos (SP), 6/11/1957

Os tempos de Tostão com a camisa do Coritiba não foram gloriosos. Mas ele teve uma grande contribuição: ganhou o título estadual de 1989. Não fosse essa façanha e o Coxa teria ficado 13 e não dez anos na fila. Pelo serviço prestado, merece a lembrança.

Títulos: paranaense (1989)
Outros clubes: Mixto-MT, Cruzeiro

os 10 melhores guarani

J. B SCALCO

1º: Careca foi o goleador do time, em 1978

1º Careca

Centroavante (1978-82)

Antônio de Oliveira Filho

★Araraquara (SP), 5/10/1960

Na primeira vez que o Brasil ouviu falar em Careca, o menino já era um fenômeno. Acabara de ser revelado por Carlos Alberto Silva, técnico mineiro contratado da Caldense. E, aos 17 anos, saiu fazendo gols com facilidade inacreditável. Em 27 partidas, marcou 13 gols e foi o artilheiro da equipe, junto com o meia Zenon.

Títulos: brasileiro (1978)
Outros clubes: São Paulo, Napoli-ITA, Kashiwa Reysol-JAP, Santos, São José-RS

2º Zenon

Meia (1976-80)

Zenon de Souza Farias

★Tubarão (SC), 31/3/1954

O país já conhecia Zenon desde 1976. No final de um jogo contra o Palmeiras, ele marcou um golaço. Em 1978, apenas confirmou o seu futebol de lançamentos precisos e cobranças de falta perfeitas.

Títulos: brasileiro (1978)
Outros clubes: Hercílio Luz-SC, Avaí, Corinthians, Atlético-MG, Portuguesa, São Bento

3º Jorge Mendonça

Meia (1980-82)

Jorge Pinto Mendonça

★Silva Jardim (SP), 6/6/1954

Em 1981, Jorge Mendonça foi artilheiro do Paulista com 38 gols. Pelo Guarani. Desde Pelé, só ele conseguiu superar os 30 gols em uma temporada de Paulistão.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Bangu, Náutico, Palmeiras, Vasco, Ponte Preta, Rio Branco-ES, Colorado-PR, Ponte Preta

4º Amoroso

Atacante (1994-96)

Márcio Amoroso dos Santos

★Brasília (DF), 5/7/1974

Já fazia oito anos que o Guarani não chegava às semifinais de um Brasileiro. O time de 1994 era de garotos, como o campeão em 1978. E só não ganhou o Brasileiro porque Amoroso se machucou.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Verdy Kawasaki-JAP, Flamengo, Udinese-ITA, Parma-ITA

5º Neto

Meia (1983-87)

José Ferreira Neto

★Santo Antônio da Posse (SP), 9/9/1966

Nos tempos de juvenil, Neto saía do Brinco de Ouro, passava na barraquinha em frente ao estádio Brinco de Ouro, pedia um refrigerante e um pastel. Neto até teve seus bons momentos. Mas como um jogador com seu imenso talento pode ter sido só o quinto melhor da história do Bugre? A explicação: os pastéis e refrigerantes que mandou ver.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Bangu, Bellinzona-SUI, Palmeiras, Corinthians, Millonarios-COL, Atlético-MG, Etti Jundiaí

6º João Paulo

Ponta-esquerda (1984-88)

Sérgio Donizetti Luiz

★Campinas (SP), 9/7/1964

Até hoje os bugrinos reclamam de um lance na final do Brasileirão 86, contra o São Paulo. João Paulo passou pelo zagueiro Vágner Basílio e caiu. O árbitro mandou a jogada prosseguir. Roubo!

Títulos: nenhum
Outros clubes: Bari-ITA, Vasco, Bahia, União São João, Corinthians

7º Renato

Meia (1976-80)

Carlos Renato Frederico

★Morungaba (SP), 7/3/1945

O único crime da vida de Renato foi ter jogado pela Ponte Preta no final da carreira. Certo, era um tremendo pé-mucho, tinha um chutinho desproporcional ao seu talento. Mas, em 1978, pelo Brasileirão, marcou dez gols em 31 partidas e só não fez mais do que Careca e Zenon.

Títulos: brasileiro (1978)
Outros clubes: São Paulo, Botafogo, Atlético-MG, Nissan-JAP, Ponte Preta

8º Djalminha

Meia (1993-94)

Djalma Feitosa Dias

★Santos (SP), 9/12/1970

Djalminha foi o maior negócio da vida de Beto Zini no Guarani. Seis meses depois de sua chegada, vendeu-o por 5 milhões de dólares para o futebol japonês. Djalminha foi, não acertou, e voltou quase de graça seis meses depois.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Flamengo, Verdy Kawasaki-JAP, Palmeiras, La Coruña

9º Evair

Centroavante (1985-88)

Evair Aparecido Paulino

★Ouro Fino (MG), 21/2/1965

O Matador dos tempos de Palmeiras só se consagrou no Parque Antártica porque aprendeu tudo antes no Brinco de Ouro.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Atalanta-ITA, Palmeiras, Yokohama Flugels-JAP, Atlético-MG, Portuguesa, Vasco

10º Amaral

Zagueiro (1974-78)

João Justino Amaral dos Santos

★Campinas (SP), 25/12/1954

O grande azar de Amaral foi ter deixado o Brinco de Ouro meses antes da conquista do Campeonato Brasileiro. Foi para o Parque São Jorge, seduzido por uma proposta corintiana. Azar o dele.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Corinthians, America-MEX, Universidad Guadalajara-MEX, Santos

os 10 melhores náutico

1º: Bita marcava todos nos 60

1º Bita

Centroavante (1963-66 e 1968)

Sílvio Tasso Lassalvia

★Recife (PE), 11/8/1942

Foi o grande centroavante do Náutico, papão de títulos em Pernambuco nos anos 60. Até parecia o Sport dos anos 90, que não dava chance nem aos rubro-negros, nem aos tricolores. O Náutico foi heptacampeão pernambucano para deleite do ex-ministro Gustavo Krause, timbu coroado e sacramentado. Mas Bita saiu na melhor hora, a da Taça Brasil de 1967. O Náutico chegou até a final contra o Palmeiras. Perdeu, mas foi heróico. Tanto que Bita precisou voltar no ano seguinte para disputar a Taça Libertadores, imagine. O Náutico, na Libertadores! Coisa que os garotos de hoje em dia criticariam, dizendo ser um absurdo da CBF. Um time da Segunda Divisão. Pois o Náutico era grande, de verdade. Porque era o Náutico de Bita.

Títulos: pernambucano (1962/63/64/65/66, 1968/69)
Outros clubes: Santa Cruz, Nacional-URU

2º Lula

Goleiro (1963-68)

Luís dos Santos Costa

★Maceió (AL), 16/1/1942

Era o goleiro do Náutico na campanha do hepta dos anos 60 e da Taça Brasil perdida para o Palmeiras. Chamou a atenção e foi para o Corinthians.

Títulos: pernambucano (1962/63/64/65/66, 1968/69)
Outros clubes: Santa Cruz, Nacional-URU

3º Baiano

Meia (1983-87)

Valmeci José Margon

★Vila Velha (ES), 14/5/1952

Baiano era tão bom, mas tão bom, que precisou passar pelo Arruda e pela Ilha do Retiro. Os rivais não se conformavam que um só jogador conseguisse marcar tantos gols. E, ainda por cima, vestir a camisa timbu. Pois Baiano foi um dos maiores artilheiros do Brasil em todos os anos do princípio da década de 80.

Títulos: pernambucano (1984/85)
Outros clubes: Rio Branco-ES, Santa Cruz, Fluminense, Central, Sport

4º Vasconcelos

Meia (1973 a 1976)

★Severino Vasconcelos Barbosa

Era o grande jogador do Náutico dos anos 70. Tão grande que o Palmeiras o queria a todo custo. O Verdão fez de tudo para levá-lo e aceitou até levar um garoto de contra-peso: Jorge Mendonça. Vasconcelos foi esquecido.

Títulos: pernambucano (1974)
Outros clubes: Palmeiras

5º Jorge Mendonça

Meia (1973-75)

Jorge Pinto Mendonça

★Silva Jardim (SP), 6/6/1954

O Náutico não conquistava títulos desde o heptacampeonato dos anos 60. Aí, Jorge Mendonça entrou em ação, junto com Vasconcelos.

Títulos: pernambucano (1974)
Outros clubes: Bangu, Palmeiras, Vasco, Guarani, Ponte Preta, Rio Branco-ES, Colorado

6º Nado

Ponta-direita (1960-65)

José Rinaldo Tasso

★Olinda (PE), 15/1/1939

Como Bita, viveu sua grande fase junto com o Náutico do heptacampeonato estadual. Mas conquistou títulos até 1965, quando o Vasco se interessou pelo seu passe. Fracassou em São Januário e voltou.

Títulos: pernambucano (1962/63/64/65/66, 1968/69)
Outros clubes: Vasco

7º Orlando Pingo de Ouro

Meia (1943-45)

Orlando de Azevedo Viana

★Recife (PE), 4/12/1923

O melhor amigo de Telê fora dos campos era também o melhor jogador do Náutico dos anos 40. Jogou pouco tempo nos Aflitos.

Títulos: pernambucano (1945)
Outros clubes: Fluminense, Atlético-MG, Santos

8º Gena

Atacante (1963-68)

Genival Costa de Barros Lima

★Recife (PE), 11/05/1943

Centroavante, fazia a maior parte dos gols da campanha do hepta.

Títulos: pernambucano (1945)
Outros clubes: Fluminense, Atlético-MG, Santos

9º Neneca

Goleiro (1973-76)

Hélio Miguel

★Recife (PE), 18/12/1947

Goleiro, registrou pelo Náutico o recorde de invencibilidade de um goleiro (1 636 minutos) no Brasil.

Títulos: pernambucano (1974)
Outros clubes: Guarani

10º Bizu

Centroavante (1989-92)

Cláudio Tavares Gonçalves

★São Vicente (SP), 18/9/1960

Pelo Palmeiras, ele pediu até para mudar de nome para ver se dava sorte. Fez o gol de inauguração do placar eletrônico e, meses depois, um raio caiu sobre o placar destruindo-o. Marcou só quatro gols, os dois primeiros no dia 28 de outubro, dia de São Judas Tadeu, o santo das causas impossíveis. Pois no Náutico só não fez chover.

Títulos: pernambucano (1989)
Outros clubes: Caxias, Palmeiras

os 10 melhores ponte preta

1º: Dicá era temível na hora das faltas

1º Dicá
Meia (1966-72 e 1976-84)
Oscar Salles Bueno Filho
★Campinas (SP), 13/7/1947

O mais completo jogador da história da Ponte Preta, começou lá mesmo no Moisés Lucarelli, mas teve uma passagem pelo Santos e pela Portuguesa. Foi vice-campeão paulista pela Ponte Preta, em 1970, e depois, chegou às finais de 1977, 1979 e 1981.

Títulos: segunda divisão paulista (1969)
Outros clubes: Portuguesa, Santos

2º Oscar
Zagueiro (1974-79)
José Oscar Bernardi
★Monte Sião (MG), 20/6/1954

A última imagem de Pelé jogando com a camisa do Santos tem um mito da Ponte em campo: Oscar. Para os ponte-pretanos, famosos por revelar grandes zagueiros, Oscar é como o Pelé da camisa 3. Jogou seis anos e formou a maior equipe da história da Macaca.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Cosmos-EUA, São Paulo, Nissan-JAP

3º Carlos
Goleiro (1974-83)
Carlos Roberto Gallo
★Vinhedo (SP), 4/4/1956

Carlos ficou com fama de azarado. Pudera. Na Ponte, no Corinthians e na Seleção, nada ganhou. Mas marcou por seu talento.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Corinthians, Fenerbahçe-TUR, Atlético-MG, Portuguesa, Palmeiras

4º Bruninho
Lateral-direito (1942-57)
Bruno Morelli
★Campinas (SP), 1/5/1925

Numa recente eleição para escolher a seleção de todos os tempos da Ponte Preta, só um jogador foi eleito entre os que não atuaram no esquadrão dos anos 70: Bruninho. Uma questão de amor. O moço jogou 15 anos no Moisés Lucarelli, disputou 570 partidas e marcou 75 gols.

Títulos: nenhum
Outros clubes: nenhum

5º Roberto Pinto
Meia (1969-70)
Roberto Pinto
★Mendes (RJ), 24/9/1937 †Rio de Janeiro (RJ), 3/12/1998

Seu tio, Jair Rosa Pinto, também já havia registrado seu nome na história da Macaca. Mas Roberto Pinto, de futebol infinitamente inferior ao tio famoso, foi melhor pelo menos nesse quesito. Para o futebol brasileiro, Jair foi melhor. Para a Ponte Preta, Roberto Pinto foi mais importante.

Títulos: segunda divisão paulista (1969)
Outros clubes: Vasco, Fluminense

6º Sabará
Ponta-direita (1950-51)
Onofre Anacleto de Souza
★Campinas (SP), 18/6/1931

O primeiro produto exportação da escolinha da Ponte Preta foi Sabará. Da Ponte, onde jogou por dois anos, rumou para ganhar títulos e mais títulos pelo Vasco.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Vasco, Deportivo Italia-VEN

7º Juninho
Zagueiro (1977-83)
Alcides Fonseca Júnior
★Olímpia (SP), 29/8/1958

Ainda garoto, Juninho aprendeu a conviver com a melhor escola de zagueiros do país. Juninho teve a chance depois das transferências de Oscar para o Cosmos e Polozzi para o Palmeiras. E aproveitou.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Corinthians, Juventus, Cruzeiro, São José

8º Rui Rei
Centroavante (1975-77)
Rui Rei de Araújo
★Carrolista (RJ), 17/1/1953

Quem colocou o centroavante Rui Rei na história foi o árbitro Dulcídio Wanderley Boschillia. Aconteceu ao expulsar o jogador no início da decisão do Paulista 77. Até hoje, corre que o centroavante estaria vendido para o Corinthians, clube para o qual, coincidentemente, foi no ano seguinte. O fato é que Rui Rei era um grande artilheiro e poderia ter marcado época exclusivamente pelo futebol. Em vez disso, deixou dúvidas sobre seu caráter.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Corinthians, Flamengo, Portuguesa, Botafogo, Portuguesa-RJ, Cestal-POR, Bilbao-ESP

9º Waldir Peres
Goleiro (1969-73)
Waldir Peres Arruda
★Garça (SP), 2/2/1951

O primeiro produto da fantástica fábrica de goleiros da Ponte. Carlos podia ser melhor tecnicamente. Mas Waldir era mais sortudo.

Títulos: nenhum
Outros clubes: São Paulo, América-RJ, Guarani, Portuguesa, Corinthians

10º Odirlei
Lateral-esquerdo (1976-82)
Odirlei Magno
★Curitiba (PR), 28/3/1952

O melhor lateral-esquerdo da história da Ponte deu conta do recado na marcação de Vaguinho e ainda subiu ao ataque, nas três partidas decisivas do Paulistão 77.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Portuguesa, Bangu, Santa Cruz, Comercial, Velo Clube, Marília, Atlético-MG, União Barbarense, Linense

os 10 melhores portuguesa

1º Djalma Santos
Lateral-direito (1949-58)
Djalma Santos
★São Paulo (SP), 27/2/1929

A dúvida sobre quem foi o melhor jogador da história da Lusa desaparece quando se responde uma pergunta. Quem ganhou mais títulos? Foi Djalma Santos, venceu dois Rio-São Paulo nos anos 50. Em 1952, sob o comando de Osvaldo Brandão, formou a maior equipe que a Lusa já possuiu: Muca, Nena e Noronha; Djalma Santos, Brandãozinho e Ceci; Julinho, Renato, Nininho, Pinga e Simão. Outro bom critério para determinar o melhor da história: Djalma foi campeão do mundo quando defendia a Lusa.

Títulos: Rio-São Paulo (1952)
Outros clubes: Palmeiras, Atlético-PR

2º Denner
Meia (1988-93)
Denner Augusto de Souza
★São Paulo (SP), 2/4/1971 †Rio de Janeiro (RJ), 19/4/1994

Quem o via jogar no Pacaembu, com seu corpo negro e seus dribles verticais, podia se perguntar como era ver Pelé ali mesmo, décadas antes. Denner viveu às turras com a direção da Lusa durante cinco anos, querendo sair a todo custo para um clube que lhe pagasse mais. Foi para o Vasco, mas morreu em um acidente de carro.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Grêmio, Vasco

3º Julinho
Ponta-direita (1949-55)
Júlio Botelho
★São Paulo (SP), 29/7/1929

Do mesmo quilate de Djalma Santos. Conseguiu ser campeão pela Portuguesa, famosa por nunca levantar canecos.

Títulos: Rio-São Paulo (1952)
Outros clubes: Juventus, Fiorentina-ITA, Palmeiras

4º Pinga
Ponta-esquerda (1948-53)
José Lázaro Robles
★São Paulo (SP), 11/2/1924 †Campinas (SP), 8/5/1996

Outro que entrou na história por obra e graça do técnico Osvaldo Brandão, o homem do comando da Lusa campeã do Rio-São Paulo 52.

Títulos: Rio-São Paulo (1952)
Outros clubes: Juventus, Vasco

5º Enéas
Ponta-de-lança (1972-80)
Enéas de Camargo
★São Paulo (SP), 18/3/1954 †São Paulo (SP), 27/12/1988

Quando não cochilava em campo, era um gênio. Tanto que jogou oito anos na Lusa e sobreviveu até à degola comandada pelo presidente Osvaldo Teixeira Duarte, em 1972. Morreu em acidente de carro.

Títulos: paulista (1973)
Outros clubes: Bologna-ITA, Palmeiras

6º Brandãozinho
Volante (1950-58)
Antenor Lucas
★Campinas (SP), 9/6/1925

Este é da mesma linhagem de Djalma Santos. Num time absolutamente desacostumado às conquistas, Brandãozinho levantou dois canecos importantes: os Rio-São Paulo de 1952 e 1955.

Títulos: Rio-São Paulo (1952, 1955)
Outros clubes: Francana, Portuguesa Santista

7º Ivair
Ponta-esquerda (1963-69)
Ivair Ferreira
★Bauru (SP),27/1/1945

Era negro como Pelé, saiu de Bauru como o Rei e, por isso, passou a ser chamado de "O Príncipe". Mas a sorte dos jogadores dos anos 50 não acompanhou Ivair. Em 1964, na decisão do Campeonato Paulista, contra o Santos, foi derrubado pelo lateral Ismael dentro da área. Seria pênalti, mas o árbitro preferiu não marcar. Deu em vice

Títulos: nenhum
Outros clubes: Corinthians, Fluminense

8º Jair da Costa
Ponta-direita (1960-62)
Jair da Costa
★Santo André (SP), 9/7/1940

Uma vez revelado na Lusa, como Julinho, Jair da Costa chamou rapidamente a atenção dos dirigentes de clubes italianos. E transferiu-se para a Internazionale, de Milão. Na Lusa, quase foi campeão paulista em 1960.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Internazionale-ITA, Roma-ITA, Santos

9º Servílio
Centroavante (1959-62)
Servílio de Jesus Filho
★São Paulo (SP), 15/10/1939

Filho do Bailarino, o Servílio pai, do Corinthians dos anos 30, Servílio só não recebeu o mesmo apelido no Canindé, apesar de mostrar a mesma classe.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Palmeiras, Corinthians, Atlas-MEX, Valencia-VEN, Nacional-SP, Paulista-SP

10º Rodrigo
Meia (1995-97)
Rodrigo Fabri
★Santo André (SP), 15/1/1976

Outro bailarino, também não exclusivamente pelo futebol que mostrou em campo. Na decisão do Brasileiro de 1996, viu o Grêmio marcar o gol do título cinco minutos antes da Lusa conseguir a taça histórica.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Flamengo, Real Madrid-ESP, Santos, Valladolid-ESP

1º: Djalma foi campeão do mundo na Lusa

os 10 melhores santa cruz

1º: Tará marcou nove vezes num só jogo

1º Tará
Centroavante (1940-45)
Humberto Viana
★Recife (PE)
Até hoje o centroavante mais respeitado da história do futebol pernambucano, Tará viveu até a morte botando banca sobre seus feitos. Não importava nem que o craque pernambucano mais respeitado fora do estado fosse Orlando Pingo de Ouro, com passagem pelo Fluminense. "Certa vez, Gentil Cardoso veio até Recife para me convencer a me transferir para o Fluminense. Não fui porque não quis", dizia o centroavante. Tará ficou famoso ao marcar nove gols em um único jogo, pelo Náutico, numa goleada de 21 x 3 sobre o Flamengo-PE. Mas foi pelo Santa que demonstrou mais amor.

Títulos: pernambucano (1940)
Outro clube: Náutico

2º Givanildo
Volante (1969-75, 1978-79)
Givanildo José de Oliveira
★Recife (PE), 8/8/1948
Era o grande líder do penta pernambucano no início dos anos 70. Coordenava todas as ações do meio-de-campo e ainda marcava.

Títulos: pernambucano (1969/70/71/72/73, 1978/79)
Outros clubes: Corinthians, Sport, Fluminense

3º Nunes
Centroavante (1976-78)
João Batista Nunes
★Feira de Santana (BA), 20/5/1954
Qual outro centroavante do Santa chegou à Seleção e ainda marcou o gol da vitória em uma partida contra a Alemanha? Nunes conseguiu esse feito quando era jogador do Santa.

Títulos: pernambucano (1976, 1978)
Outros clubes: Confiança, Santa Cruz, Fluminense, Botafogo, Monterrey-MEX, Náutico, Boavista-POR, Santos, Atlético-MG, Volta Redonda

4º Ramon
Atacante (1973-75)
Ramon da Silva Ramos
★Serinhaém (PE), 12/3/1950
Foi artilheiro do Brasileirão 73 e seguiu para São Januário, para fazer dupla com Roberto. No início de 74, cobrou Zagallo: queria seu lugar na Seleção Brasileira.

Títulos: pernambucano (1973)
Outros clubes: Sport, Vasco, Guarani, Ceará

5º Zé do Carmo
Volante (1985-88)
José do Carmo Silva
★Recife (PE), 22/8/1961
Outro jogador revelado pelo Santa para o Brasil inteiro. Certa vez, em um jogo contra o Central-PE, marcou de letra um golaço que passou para todo o país e foi eleito o gol mais bonito do domingo, no programa Fantástico, da TV Globo. Um ano depois, desembarcava em São Januário, para o Vasco.

Títulos: pernambucano (1986/87)
Outros clubes: Vasco

6º Aldemar
Zagueiro (1952-58)
★Rio de Janeiro (RJ), 1935 - Recife (PE), 1977
Nos seus tempos de Palmeiras, foi considerado um dos grandes marcadores de Pelé. No Santa, foi campeão pernambucano de 1957 e apontado como o grande jogador da equipe, o que o levou ao futebol paulista. Morreu pobre, atropelado, em Recife.

Títulos: pernambucano (1957)
Outros clubes: Vasco, Palmeiras

7º Zequinha
Volante (1954-58)
José Ferreira Franco
★Recife (PE), 18/11/1934
Assim que chegou ao Palmeiras, Ademir da Guia teve como primeiro companheiro de meio-de-campo um pernambucano arretado. Baixinho, quem o olhasse de longe pensaria que poderia intimidá-lo. Mas Zequinha, apesar do 1,66 m, era bravo. Lutava como um leão dentro de campo, não se entregava nunca e ganhou o título pernambucano de 1957.

Títulos: pernambucano (1957)
Outros clubes: Palmeiras

8º Rinaldo
Ponta-esquerda
Rinaldo Luís Dias Amorim
★Jurema (PE), 19/2/1941
Ponta veloz, seguiu a linhagem de Aldemar e Zequinha e seguiu para o Palmeiras. Mas, antes de se transferir, conseguiu mais títulos do que seus dois predecessores. Conquistou os títulos pernambucanos de 1960 e 1963. Por isso, entrou na história do Santa Cruz.

Títulos: pernambucano (1960, 1963)
Outros clubes: Auto Esporte-PB, Treze, Náutico, Palmeiras

9º Pio
Ponta-esquerda (1973-74)
Osmar Alberto Volpe
★Araraquara (SP), 15/11/1945
Ponta veloz, tinha uma bomba no pé esquerdo. Famoso por um grande gol contra o Palmeiras, no Parque Antártica.

Títulos: pernambucano (1973)
Outros clubes: Ferroviária, Palmeiras

10º Henágio
Meia (1985 a 1987)
Henágio Figueiredo dos Santos
★Aracaju (SE), 10/12/1961
Pintou no início dos anos 80, foi campeão em 1985 e depois fez carreira no Sul, jogando no Flamengo e Guarani. Mas brilhou mesmo no Santa.

Títulos: pernambucano (1985)
Outros clubes: Sergipe, Flamengo, Guarani

os 10 melhores sport

1º Raúl Bettancourt
Meia (1959-63)
Raúl Higino Bettancourt Ferraro
★Montevidéu (Uruguai), 11/1/1930
A crítica especializada do Recife é unânime em apontar: Raul Bettancourt foi o melhor jogador da história do Sport. Trata-se de um craque uruguaio, bicampeão pernambucano, em 1961 e 1962, que dava as cartas no time rubro-negro, nos anos 60.

Títulos: pernambucano (1961/62)
Outros clubes: Danubio-URU, Wanderers-URU

2º Jackson
Meia (1997/98)
Jackson Coelho Silva
★Codó (MA), 23/7/1973
Seu grande mérito foi levar o Sport até as quartas-de-final do Campeonato Brasileiro de 1998. Naquela fase, o técnico do Santos, Émerson Leão, deu-se ao luxo de escalar dois jogadores só para parar Jackson. E ainda assim ele brilhou.

Títulos: pernambucano (1997/98)
Outros cluhges: Maranhão, Mogi Mirim, Goiás, Comercial-SP, Palmeiras, Cruzeiro

3º Dario
Centroavante (1974-76)
Dario José dos Santos
★Rio de Janeiro (RJ), 4/3/1946
Foi em 1976, pelo Campeonato Pernambucano, que Dario reservou seu lugar na história do Sport. Marcou dez vezes na goleada de 14 x 0 sobre o Santo Amaro.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Campo Grande, Atlético-MG, Flamengo, Sport, Internacional, Ponte Preta, Paysandu, Náutico, Santa Cruz, Bahia, Goiás, Coritiba, América-MG, Nacional-AM, XV de Piracicaba, Douradense

4º Ribamar
Meia (1987-88)
Ribamar José Diniz
★Curitiba (PR), 10/11/1962
Foi o técnico Émerson Leão quem recuperou Ribamar para o futebol, depois de uma pífia passagem pelo Santos: saiu execrado depois de ter um pênalti defendido pelo palmeirense Martorelli. Leão e Ribamar foi um caso de amor à primeira vista. Todos diziam que Ribamar não passava de um jogador médio. Mas Leão confiava no contrário e teve sua recompensa com o meia sendo o principal jogador da campanha do título brasileiro de 1987.

Títulos: brasileiro (1987), pernambucano (1988)
Outros clubes: Pinheiros-PR, Santos, Palmeiras, Corinthians

5º Givanildo
Volante (1980-82)
Givanildo José de Oliveira
★Recife (PE), 8/8/1948
O terceiro tri da história do Sport teve um líder em campo: Givanildo. O homem que havia feito parte dos grandes times do Santa nos anos 70, tinha de dar um basta àquela festa cobra-coral. E levantar taças e mais taças na Ilha do Retiro. Foi o que fez.

Títulos: pernambucano (1981/82)
Outros clubes: Corinthians, Santa Cruz, Fluminense

6º Manga
Goleiro (1957-59)
Hailton Corrêa Arruda
★Recife (PE), 26/4/1937
Começou na Ilha do Retiro. Foi lá, vestido de rubro-negro, que Manga aprendeu os grandes segredos do futebol brasileiro.
Títulos: pernambucano (1958)
Outros clubes: Botafogo, Grêmio, Internacional, Nacional-URU, Coritiba, Operário-MS, Barcelona-EQU

7º Ademir de Menezes
Centroavante (1942-43)
Ademir Marques de Menezes
★Recife (PE), 8/11/1922 †Rio de Janeiro (RJ), 11/5/1996
Outra descoberta do futebol de Pernambuco. De família tradicional rubro-negra, saiu do Sport para o Vasco e ficou consagrado como o grande nome do Expresso da Vitória.

Títulos: pernambucano (1942/43 e 1955)
Outros clubes: Vasco, Fluminense

8º Leonardo
Atacante (1994-95 e desde 1998)
Leonardo Pereira da Silva
★Picos (PI), 13/6/1974
Quando o Vasco contratou o meia Juninho, em 1995, na verdade queria Leonardo. E Leonardo foi para São Januário. Só que Juninho, revelado na Ilha do Retiro, se deu bem por lá. E Leonardo rodou, mas acabou voltando para a Ilha.

Títulos: pernambucano (1994, 1998/99)
Outros clubes: Vasco, Palmeiras, Corinthians, Picos

9º Marco Antônio
Zagueiro (1987-88)
Marco Antônio Paes dos Santos
★Araraquara (SP), 28/8/1963
O Sport ganhou o Brasileiro de 1987 contra o Guarani, por 1 x 0. Gol de quem? Dele. Na defesa, ele não dava muita garantia. Mas o gol o colocou na história.

Títulos: brasileiro (1987), pernambucano (1988)
Outros clubes: Ferroviária, Palmeiras, Corinthians, Inter de Limeira

10º Biro-Biro
Volante (1977)
Antônio Jopsé da Silva Filho
★Recife (PE), 18/5/1959
Biro-Biro era tão bom, mas tão bom, que jogou só um campeonato pelo Sport. E ganhou. Foi o título estadual de 1977, meses antes de sair de Recife para o Corinthians.
Títulos: pernambucano (1977)
Outros clubes: Corinthians, Portuguesa, Guarani, Coritiba

1º: Raúl Bettancourt ainda hoje é lembrado

1º: Mário Sérgio levava zagueiros e barbeiros à loucura

1º Mário Sérgio

Meia (1972)
Mário Sérgio Pontes de Paiva
★Rio de Janeiro (RJ), 7/9/1950

Mário Sérgio chegou a Salvador com um craque-problema. Ainda garoto, arrumou encrenca com o técnico Yustrich, no Flamengo. Como com o "Homão" não havia segunda chance, foi repassado ao Vitória. Lá, ganhar títulos era extremamente difícil. Os rubro-negros não ganhavam nada havia sete anos e o Bahia parecia ser o grande papão. Pois Mário Sérgio conseguiu o que parecia impossível. Foi campeão baiano em 1972.

Títulos: baiano (1972)
Outros clubes: Flamengo, Fluminense, Botafogo, Talleres-ARG, Internacional, Grêmio, São Paulo, Palmeiras, Ponte Preta, Bahia, Bellinzona-SUI

2º Petkovic

Meia (1997-98)
Dejan Petkovic
★Belgrado (Iugoslávia), 10/9/1972

Pet, como a torcida o chamava no Barradão, demorou mesmo para se adaptar ao calor de Salvador. Reclamava, precisava de doses cavalares de água, mas, depois de adaptado, virou ídolo.

Títulos: Copa Nordeste (1999), baiano (1998)
Outros clubes: Estrela Vermelha-IUG, Real Madrid-ESP, Sevilla-ESP, Racing Santander-ESP, Venezia-ITA, Flamengo

3º Bebeto

Atacante (1983-97)
José Roberto Gama de Oliveira
★Salvador (BA), 16/2/1964

Quando o Brasil o conheceu, ele havia jogado só uma ou outra partida pelo Vitória, o suficiente para que o Flamengo o levasse. Bebeto só voltou 14 anos depois, como campeão do mundo, para participar do Brasileiro. O bastante para fazer história.

Títulos: nenhum
Outros clubes: Flamengo, Vasco, La Coruña-ESP, Sevilla-ESP, Botafogo, Kashima Antlers-JAP

4º Dida

Goleiro (1992-93)
Nélson de Jesus Silva
★Irará (BA), 7/10/1973

Dida ganhou até um título estadual, em 1992, coisa que dezenas de outros ídolos não conseguiram. Foram só dois anos, mas ele ainda levou o rubro-negro até a final do Brasileiro. Um gênio como ele precisava estar em uma seleção do Leão.

Títulos: baiano (1992)
Outros clubes: Cruzeiro, Milan-ITA, Lugano-SUI, Corinthians

5º Osni

Ponta-direita (1972-73)
Osni Lopes
★Campinas (SP), 13/7/1952

Era parceiro de Mário Sérgio na campanha do título baiano de 1972 e causava furor pela ponta direita. Mas o futebol não era a única característica que fazia os grandes clubes prestarem atenção em Osni. Na época, era o jogador mais baixo do futebol brasileiro — 1,56 m.

Títulos: baiano (1972)
Outros clubes: Bahia, Flamengo, Dom Bosco-MT

6º Ricky

Centroavante (1985-86)
Richard Tady Oweboriki
★Port Harcourt (Nigéria), 16/7/1961

O primeiro jogador africano a fazer sucesso no Brasil foi ele. Foi chamado de Rei pela galera do Vitória e deu ao rubro-negro um título estadual depois de cinco anos.

Títulos: baiano (1985)
Outro clube: Boavista-POR

7º Alex Alves

Atacante (1997-99)
Alexandro Alves do Nascimento
★Campo Formoso (BA), 30/12/1974

Alex Alves pegou a bola no meio-de-campo, contra o Corinthians, no Brasileirão 93. Passou por um, por outro, por mais um. Entrou na grande área, e tocou, com capricho. O radialista Mílton Neves não perdeu a chance da comparação: "Se esse moço jogar todo dia assim vai ser o novo Pelé." Não foi, Mílton, mas encantou.

Títulos: baiano (1992)
Outros clubes: Palmeiras, Portuguesa, Juventude

8º Quarentinha

Centroavante
Waldir Cardoso Lebrêgo
★Belém (PA), 15/9/1933
†Rio de Janeiro (RJ), 11/2/1996

Quarentinha já havia se consagrado no futebol brasileiro jogando pelo Botafogo, quando foi defender o Vitória, em Salvador. Conquistou títulos e fez gols, numa época em que os rubro-negros até que se davam bem contra o Bahia.

Títulos: baiano (1964/65)
Outros clubes: Botafogo, Bonsucesso, Paysandu, América de Cali-COL

9º André

Centroavante (1972-75)
Carlos André Avelino de Lima
★Salvador (BA), 30/10/1946

Foi dele o gol do título do segundo turno de 1972, que levou o Vitória para a decisão, na prorrogação contra o Bahia no Grêmio ganharia o apelido Catimba.

Títulos: baiano (1972)
Outros clubes: Guarani, Grêmio, Bahia, Argentinos Juniors-ARG

10º Romenil

Zagueiro (1961-67)
Romenil Gonçalves
★Salvador (BA)

O maior zagueiro da história do Vitória tinha um estilo peculiar. Metia a bola para o mato se fosse preciso, como autêntico beque de fazenda. Espetáculo, uma ova.

Títulos: baiano (1964/65)
Outros clubes: nenhum